

THE NEW YORK TIMES BESTSELLER

FREDRIK BACKMAN

A minha avó pede desculpa

«Uma homenagem deliciosa
ao poder das histórias.»

Booklist





~ e-Livros.SITE, e-Livros.WIN ~



© Henric Lindsten

Fredrik Backman nasceu em 1981, na Suécia, e foi colunista e *blogger* antes de se aventurar como romancista. O seu romance de estreia, *Um homem chamado Ove*, é *bestseller* do *The New York Times* e deu origem a um filme, cujo *remake* será produzido e protagonizado por Tom Hanks.

A minha avó pede desculpa é o seu primeiro livro na Porto Editora.

A minha avó pede desculpa

Fredrik Backman

Publicado em Portugal por

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Lisboa

Email: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:

Min mormor hälsar och säger förlåt

© Fredrik Backman, 2013

Tradução: Elsa T. S. Vieira

Design da capa: © Alan Dingman

1.^a edição em papel: abril de 2018



Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto
Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-67622-1

*Para o macaco e a rã.
Por uma eternidade de dez mil histórias.*

Tabaco

Todas as crianças de sete anos merecem ter um super-herói. É mesmo assim. Quem não concordar precisa de um exame à cabeça.

Pelo menos, é o que acha a Avozinha de Elsa.

Elsa tem sete anos, a caminho dos oito. Sabe que não é lá muito boa nisto de ter sete anos de idade. Sabe que é diferente. O diretor da escola diz que ela tem de «entrar na linha» para poder alcançar «uma melhor integração com os seus pares». Alguns adultos descrevem-na como sendo «muito madura para a idade». Elsa considera que isso é apenas outra maneira de lhe chamar «terrivelmente chata para a idade»: regra geral, só lho dizem quando ela os corrige por pronunciarem mal *déjà vu* ou por não saberem a diferença entre «há» e «à». Isto costuma acontecer normalmente com os que têm a mania de que são espertos e daí o comentário «madura para a idade» acompanhado do sorriso forçado na direção dos pais dela. Como se Elsa tivesse uma deficiência mental ou os humilhasse por não ser completamente burra aos sete anos. É por isso que não tem amigos além da Avozinha – todas as outras crianças de sete anos da sua escola são tão idiotas como as crianças dessa idade costumam ser. Na escola, Elsa é a única criança diferente.

A Avozinha diz que ela não devia dar importância às palavras desses anormais. Afinal, todas as melhores pessoas são diferentes – basta pensar nos super-heróis. Ao fim e ao cabo, se os superpoderes fossem normais, toda a gente os teria.

A Avozinha tem setenta e sete anos de idade, a caminho dos setenta e oito. Também não tem muito jeito para ter a idade que tem. Vê-se que é velha porque a sua cara parece papel de jornal enfiado dentro de sapatos molhados, mas nunca ninguém a acusa de ser madura para a idade. «Atrevida», comentam às vezes as pessoas com a mãe de Elsa, com ar bastante preocupado ou bastante zangado, enquanto a Mamã suspira e pergunta quanto deve pelos estragos. Ou quando os cigarros da Avozinha fazem disparar os alarmes de incêndio no hospital e ela começa a vociferar que «tem de ser tudo tão politicamente correto hoje em dia» enquanto os seguranças a obrigam a apagar o cigarro. Ou daquela vez em que fez um boneco de neve mesmo por baixo da varanda de Britt-Marie e Kent e o vestiu com roupas de adulto para parecer que uma pessoa tinha caído do telhado. Ou daquela vez em que uns homens de ar muito seletos e óculos começaram a tocar às campainhas porque queriam falar sobre Deus, Jesus e o Céu, e a Avozinha se pôs na varanda, com o roupão aberto a esvoaçar, e disparou sobre eles com a sua arma de *paintball* – Britt-Marie não conseguia decidir se estava mais irritada com a arma de *paintball* ou com o facto de a Avozinha não ter nada vestido por baixo do roupão, mas por via das dúvidas apresentou queixa das duas coisas à polícia.

É por isto, pensa Elsa, que as pessoas acham a Avozinha atrevida para a idade.

Também julgam que a Avozinha é louca, embora na verdade ela seja um génio. Simplesmente, é também um bocadinho doida. Foi médica, ganhou prémios, vários jornalistas escreveram artigos sobre ela e esteve nos sítios mais terríveis do mundo quando todas as outras pessoas de lá saíam. Salvou vidas e combateu o mal em todos os cantos da Terra. Tal como os super-heróis.

Porém, um dia, alguém decidiu que ela estava demasiado velha para salvar vidas, embora Elsa tenha fortes suspeitas de que aquilo que na realidade queriam dizer era que ela era «demasiado louca». A Avozinha refere-se a esse alguém como «Sociedade» e diz que só não pode continuar a fazer incisões em pessoas porque hoje em dia tudo tem de ser politicamente correto. Que, na realidade, o principal problema foi a Sociedade levar demasiado a sério a proibição de fumar nos blocos operatórios; e quem é que consegue trabalhar nessas condições?

Assim, agora passa a maior parte do tempo em casa, a dar cabo do juízo de Britt-Marie e da Mamã. Britt-Marie é a vizinha da Avozinha, a Mamã é a mãe de Elsa. Britt-Marie também é vizinha da mãe de Elsa, porque a mãe de Elsa vive ao lado da avó de Elsa. Como é óbvio, Elsa, que vive com a mãe, vive ao lado da Avozinha. Exceto fim de semana sim, fim de semana não, quando fica com o Papá e com Lisette. E, claro, George também é vizinho da Avozinha, porque vive com a Mamã. É um bocado confuso.

Seja como for, voltando ao assunto: salvar vidas e dar com as pessoas em doidas são os superpoderes da Avozinha. O que talvez faça dela uma super-heroína um pouco *disfuncional*. Elsa sabe o que significa porque procurou a palavra na Wikipédia. As pessoas da idade da Avozinha descrevem a Wikipédia como «uma enciclopédia, mas na *net*», ao passo que Elsa descreve as enciclopédias como «a Wikipédia, mas analógica». Elsa, que procurou «disfuncional» em ambos os sítios, sabe que significa que alguma coisa não está a funcionar como devia. O que é uma das suas características preferidas na Avozinha.

Exceto talvez hoje. Porque é uma e meia da manhã e Elsa, que está bastante cansada, gostaria mesmo de voltar para a cama. Só que isso não vai acontecer porque a Avozinha atirou cocó a um polícia.

É complicado.

Elsa olha em volta da pequena sala retangular e boceja com a boca tão aberta que parece que está a tentar engolir a própria cabeça.

– Eu *avisei-te* para não saltares a cerca – murmura, olhando para o relógio.

A Avozinha não lhe responde. Elsa tira do pescoço o cachecol dos Gryffindor e coloca-o no colo. Nasceu no dia a seguir ao dia de Natal, há sete anos, quase oito. No mesmo dia em que uns cientistas alemães registaram a emissão de radiação gama mais forte de sempre, proveniente de um magnetar acima da Terra. Um magnetar é uma espécie de estrela de neutrões, seja lá isso o que for. O nome faz lembrar a Elsa o do Megatron, o vilão dos

Transformers, algo que os imbecis que não leem literatura de qualidade suficiente consideram ser «um programa para crianças». Na realidade, os Transformers são robôs, mas, se olharmos para eles de forma académica, podem também enquadrar-se na categoria de super-heróis. Elsa interessa-se muito tanto pelos Transformers como pelas estrelas de neutrões, e imagina que uma «emissão de radiação gama» deve ser mais ou menos como daquela vez em que a Avozinha entornou *Fanta* no *iPad* de Elsa e tentou secá-lo na torradeira. A Avozinha diz que o facto de ter nascido num dia como esse torna Elsa especial. E que ser especial é a melhor maneira de se ser diferente.

A Avozinha está entretida a distribuir pequenos montinhos de tabaco em cima da mesa de madeira à sua frente, e a enrolá-los em mortalias finas para fazer cigarros.

– Eu disse que te avisei para não saltares a cerca!

A Avozinha solta uma fungadela desdenhosa e procura um isqueiro nos bolsos do sobretudo demasiado grande. Não parece estar a levar nada disto muito a sério, sobretudo porque nunca parece levar nada a sério. Exceto quando quer fumar e não encontra um isqueiro.

– Era uma cercazinha tão pequena, por amor de Deus! – exclama com desenvoltura. – Não é motivo para tanta confusão.

– Não me venhas com «por amor de Deus»! Tu é que atiraste merda à polícia.

– Para de me azucrinar. Pareces a tua mãe. Tens lume?

– Tenho sete anos!

– Durante quanto tempo vais continuar a usar essa desculpa?

– Até deixar de ter sete anos?

A Avozinha resmunga qualquer coisa que parece ser: «Não é crime perguntar, pois não?», e continua a remexer nos bolsos.

– Na verdade, acho que não se pode fumar aqui – informa Elsa, agora mais calma, enfiando o dedo no rasgão comprido no cachecol dos Gryffindor.

– Claro que se pode fumar. Abrimos uma janela.

Elsa olha para as janelas, desconfiada.

– Não me parece que estas janelas sejam das que abrem.

– Porque não?

– Têm grades.

A Avozinha lança um olhar furioso às janelas, aborrecida. E depois, a Elsa.

– Então agora nem sequer se pode fumar numa esquadra da polícia? Valha-me Deus. É como viver no livro *1984*.

Elsa boceja outra vez.

– Emprastas-me o teu telemóvel?

– Para quê?

– Para ver uma coisa.

– Onde?
– *Online*.
– Investes demasiado tempo nessa coisa da *internet*.
– Queres dizer «gastas».
– Desculpa?
– Não se usa a palavra «investir» nesse sentido. Não dirias: «Investi duas horas a ler *Harry Potter e a Pedra Filosofal*», pois não?

A Avozinha revira os olhos e passa-lhe o telemóvel.

– Já ouviste falar na menina que explodiu porque pensava de mais?

O polícia que entra na sala com passo arrastado parece muito, muito cansado.

– Quero ligar ao meu advogado – exige a Avozinha imediatamente.

– Quero ligar à minha mãe! – exige Elsa com a mesma rapidez.

– Nesse caso, quero ligar ao meu advogado *primeiro*! – insiste a Avozinha.

O polícia senta-se em frente delas e mexe num pequeno monte de papéis.

– A tua mãe vem a caminho – diz a Elsa, com um suspiro.

A Avozinha solta uma exclamação dramática, daquelas de que só ela é capaz.

– Porque é que lhe ligou? Está maluco? – protesta, como se o polícia tivesse dito que ia deixar Elsa na floresta aos cuidados de uma alcateia de lobos. – Ela vai ficar furiosa!

– Temos de chamar a guardiã legal da criança – explica o polícia com toda a calma.

– *Eu* também sou a guardiã legal da criança! Eu sou a *avó* da criança! – exclama a Avozinha fora de si, soerguendo-se da cadeira e agitando o cigarro apagado de forma ameaçadora.

– É uma e meia da manhã. Alguém tem de tomar conta da menina.

– Sim, eu! *Eu* estou a tomar conta da menina! – explode ela.

Com um gesto abrangente, o polícia abarca toda a sala de interrogatório, esforçando-se por manter um tom amistoso, embora sem grande sucesso.

– E como acha que isso está a correr até agora?

A Avozinha parece um pouco ofendida.

– Bom... estava a correr tudo muitíssimo bem até o senhor começar a perseguir-me.

– Entrou de forma ilegal num jardim zoológico.

– Era uma cercazinha *minúscula*...

– Não há assaltos «minúsculos».

A Avozinha encolhe os ombros e faz um gesto largo com a mão por cima da mesa, como se achasse que a conversa já se prolongara tempo de mais. O polícia repara no cigarro e fita-o, desconfiado.

– Oh, vá lá! Posso fumar aqui, não posso?

Ele nega, abanando a cabeça com ar severo. A Avozinha inclina-se para a frente, fita-o nos olhos e sorri.

– Não pode abrir uma exceção? Nem mesmo para uma velhinha?

Elsa dá uma cotovelada na Avozinha e começa a falar-lhe na língua secreta. A Avozinha e Elsa têm uma língua secreta, como todas as avós devem ter com os netos; a lei assim o exige, segundo a Avozinha. Ou, se não exige, devia exigir.

– Para com isso, Avozinha. É... é ilegal namoriscar com polícias.

– Quem disse?

– Bom, a polícia, em primeiro lugar! – responde Elsa.

– A polícia existe para os *cidadãos* – sussurra a Avozinha. – Eu pago os meus impostos, sabes?

O polícia olha para elas como qualquer pessoa olharia para uma criança de sete anos e uma velha de setenta e sete que começaram a discutir numa língua estranha, numa esquadra da polícia, a meio da noite. A Avozinha pestaneja de forma sedutora e aponta mais uma vez para o cigarro com expressão suplicante, mas, quando o agente abana a cabeça, recosta-se na cadeira e exclama em língua normal:

– Por favor, esta coisa do politicamente correto! Hoje em dia, neste raio de país, é pior do que o *apartheid* para os fumadores!

– Como se escreve isso? – pergunta Elsa.

– O quê? – A Avozinha suspira, tal como faria qualquer pessoa que tivesse o mundo inteiro contra si, apesar de pagar impostos.

– Essa coisa do *apartheid* – esclarece Elsa.

– A-p-p-a-r-t-e-i-d – soletra a Avozinha.

De imediato, Elsa procura a palavra no Google, usando o telemóvel da Avozinha. São precisas algumas tentativas: a Avozinha sempre foi terrível a soletrar. Entretanto, o polícia explica que decidiram deixá-las sair em liberdade, mas que a Avozinha será chamada numa data posterior para explicar o assalto e «outras agravantes».

– Que agravantes?

– Bom, conduzir ilegalmente, para começar.

– Ilegalmente? Como assim? O carro é meu! Não preciso de autorização para conduzir o meu próprio carro, pois não?

– Não – responde o polícia com toda a paciência –, mas precisa de uma carta de condução.

A Avozinha levanta as mãos, exasperada. Acaba de se lançar em mais uma tirada sobre «esta sociedade Big Brother» quando Elsa bate com o telemóvel em cima da mesa.

– Não tem NADA a ver com isso do *apartheid*!!! Comparaste não poder fumar com o *apartheid* e não é a mesma coisa. Nem de LONGE!

A Avozinha agita a mão, resignada.

– O que eu queria dizer era... sabes, mais ou menos como isso...

– Nem pouco mais ou menos!

- Era uma metáfora, por amor de Deus...
- Uma metáfora de porcaria!
- Como é que sabes?
- WIKIPÉDIA!

A Avozinha vira-se para o polícia com ar derrotado.

- Os seus filhos também são assim?

O polícia parece ficar pouco à vontade.

- Nós... não deixamos as crianças navegarem na *net* sem supervisão...

A Avozinha estica os braços para Elsa, num gesto que parece querer dizer: «Estás a ver?» Elsa abana a cabeça e cruza os braços com determinação.

- Avozinha, pede desculpa por teres atirado cocó ao polícia e podemos ir para casa – pede na língua secreta, embora dê para perceber que ainda está irritada com a história do *apartheid*.

- Desculpa – pede a Avozinha na língua secreta.
 - Ao polícia e não a mim, sua anormal.
 - Não vou pedir desculpa a fascistas. Pago os meus impostos. E *tu* é que és uma anormal.
- Agora amuou.

- Quem diz é quem é.

E ficam ambas sentadas, de braços cruzados, ignorando-se ostensiva e mutuamente, até que a Avozinha acena com a cabeça na direção do polícia e diz, em língua normal:

- Importa-se de informar a mimada da minha neta que, se insistir nesta atitude, bem pode ir a pé para casa?

– Comunique à minha avó que vou para casa com a Mamã e *ela* é que vai a pé! – riposta Elsa de imediato.

- Explique-LHE que...

O polícia levanta-se sem uma palavra, sai da sala e fecha a porta atrás de si, como se tencionasse ir para outra divisão esconder a cara numa almofada grande e fofa e gritar com todas as suas forças.

- Estás a ver o que fizeste? – acusa a Avozinha.
- Eu? Foste TU!

Por fim, aparece uma mulher-polícia corpulenta com olhos verdes penetrantes. Não parece ser a primeira vez que se cruza com a Avozinha, porque sorri daquela forma cansada, tão típica das pessoas que conhecem a Avozinha, antes de lhe pedir:

- Tem de se deixar destas coisas. Temos criminosos a sério com que nos preocuparmos.

A Avozinha resmunga: «Vocês é que têm de se deixar destas coisas» e, por fim, deixam-nas ir para casa.

Enquanto esperam pela mãe no passeio em frente da esquadra, Elsa enfia os dedos no rasgão do cachecol, que atravessa o emblema dos Gryffindor. Tenta com todas as suas forças

não chorar, ainda que sem sucesso.

– Oh, deixa lá, a tua mãe consegue remendar isso – assegura-lhe a Avozinha em tom falsamente animado, dando-lhe uma palmadinha no ombro.

Elsa ergue o rosto para ela, ansiosa.

– E, se calhar... podemos dizer à tua mãe que o cachecol se rasgou quando estavas a tentar impedir-me de trepar a cerca dos macacos.

Elsa assente e passa de novo os dedos pelo cachecol. Não se rasgou quando a Avozinha estava a trepar a cerca. Rasgou-se na escola, quando três miúdas mais velhas, que odeiam Elsa sem que ela compreenda bem porquê, a apanharam à saída do refeitório e lhe bateram, rasgando-lhe o cachecol e enfiando-o na sanita. Os seus risos de troça ainda ecoam na cabeça de Elsa. A Avozinha vê a expressão dos seus olhos e inclina-se para a frente antes de sussurrar na língua secreta:

– Um dia, levamos essas imbecis da tua escola para Miamas e atiramo-las aos leões!

Elsa limpa os olhos com as costas da mão e tenta sorrir.

– Não sou estúpida, Avozinha – murmura. – Sei que fizeste estes disparates todos esta noite para eu me esquecer do que aconteceu na escola.

A Avozinha dá um pontapé nas pedrinhas do chão e pigarreia.

– Não queria que este dia te ficasse na memória por causa do que aconteceu ao cachecol. Portanto pensei que, em vez disso, podias recordá-lo como o dia em que a tua Avozinha assaltou um jardim zoológico...

– E fugiu de um hospital – acrescenta Elsa com um sorriso.

– E fugiu de um hospital – confirma a Avozinha, sorrindo.

– E atirou cocó a um polícia.

– Na verdade, era terra! Ou quase só terra.

– Suponho que modificar memórias é um bom superpoder.

A Avozinha encolhe os ombros.

– Quando não conseguimos livrar-nos do mau, temos de o enterrar por baixo de mais *boazices*.

– Essa palavra não existe.

– Eu sei.

– Obrigada, Avozinha – agradece Elsa, encostando a cabeça ao braço dela.

A Avozinha assente com a cabeça, murmurando:

– Somos cavaleiras do reino de Miamas; temos de cumprir o nosso dever.

Porque todas as crianças de sete anos merecem super-heróis.

E quem não concordar precisa de um exame à cabeça.

2

Macaco

A Mamã foi buscá-las à esquadra. Via-se que estava muito zangada, conquanto parecesse controlada e serena, e nem sequer levantou a voz, porque a Mamã é tudo o que a avó de Elsa não é. Elsa adormeceu quase assim que pôs o cinto de segurança. Quando entraram na autoestrada, já estava em Miamas.

Miamas é o reino secreto de Elsa e da Avozinha. É um dos seis reinos na Terra-de-Quase-Acordar. A Avozinha, que é boa a inventar coisas, criou-a quando Elsa era pequena, a Mamã e o Papá tinham acabado de se divorciar e Elsa ficara com medo de dormir porque lera qualquer coisa na *internet* sobre crianças que morriam durante o sono. Assim, quando o Papá se fora embora e andavam todas tristes e cansadas, todas as noites Elsa saía de casa pé ante pé e atravessava o patamar, descalça, até ao apartamento da Avozinha; depois, ela e a Avozinha entravam no grande roupeiro que nunca parava de crescer, semicerravam os olhos e lá iam elas.

Não é preciso fechar os olhos para chegar à Terra-de-Quase-Acordar, como aliás o próprio nome indica. Basta estar *quase* a dormir e naqueles últimos segundos, quando os olhos se estão a fechar e as neblinas cruzam a fronteira entre aquilo que pensamos e aquilo que sabemos, então partimos. Entramos na Terra-de-Quase-Acordar montados em animais de nuvem, que são a única forma de lá chegar. Os animais de nuvem entram pela porta da varanda da Avozinha, pegam nela e em Elsa e, depois, voam cada vez mais e mais alto, até Elsa conseguir ver todas as criaturas mágicas que vivem na Terra-de-Quase-Acordar: os enantes e os arrependedores, o Agoreen e os wurses, os anjos-da-neve e os príncipes, princesas e cavaleiros. Os animais de nuvem pairam sobre as intermináveis Florestas Negras, onde vive Coração-de-Lobo e todos os outros monstros, e depois descem, entre as cores vivas e ofuscantes, através dos ventos suaves, até aos portões da cidade do reino de Miamas.

É difícil perceber se a Avozinha é um bocadinho estranha por passar demasiado tempo em Miamas, ou se Miamas é um bocadinho estranho porque a Avozinha passa lá demasiado tempo. Mas é daí que vêm todos os contos de fadas espantosos, monstruosos e mágicos da Avozinha.

A Avozinha nota que o reino se chama Miamas há uma eternidade de pelo menos dez mil contos de fadas, mas Elsa sabe que a Avozinha só inventou esse nome porque, quando era pequena, Elsa dizia «mijama» em vez de «pijama». Só que a Avozinha insiste que nunca inventou nada disso, que Miamas e os outros cinco reinos da Terra-de-Quase-Acordar são reais; aliás, são muito *mais* reais do que o mundo em que vivemos, onde agora «toda a gente acha que é economista, só bebe leite sem lactose e está sempre a arranjar confusões». A Avozinha não tem muito jeito para viver no mundo real. Tem regras a mais. Ela faz batota

quando joga Monopólio; conduz *Renault* na faixa dos autocarros; rouba aqueles sacos amarelos do IKEA; não fica atrás da linha quando está à espera das malas no tapete rolante do aeroporto. E, quando vai à casa de banho, deixa a porta aberta.

No entanto, conta as melhores histórias de sempre e, por isso, Elsa consegue perdoar-lhe algumas falhas de personalidade.

Segundo a Avozinha, todos os contos de fadas que prestam para alguma coisa vêm de Miamas. Os outros cinco reinos da Terra-de-Quase-Acordar dedicam-se a outras ocupações: Mirevas é o reino onde se guardam os sonhos, Miploris é o reino onde se armazenam todas as mágoas, Mimovas é de onde vem a música, Miaudacas é de onde vem a coragem, e Mibatalos é o reino onde foram criados os guerreiros mais corajosos, aqueles que lutaram contra as temíveis Sombras na Guerra Sem Fim.

Miamas, contudo, é o reino preferido de Elsa e da Avozinha, porque é onde a profissão de contador de histórias é considerada a mais nobre de todas. Aí, o dinheiro é a imaginação; em vez de se pagar qualquer coisa com moedas, paga-se com uma boa história. As bibliotecas não são conhecidas como tal e sim como «bancos», e todos os contos de fadas valem uma fortuna. A Avozinha gasta milhões todas as noites: histórias repletas de dragões e *trolls*, reis, rainhas e bruxas. E Sombras. Todos os reinos imaginários têm de ter inimigos terríveis – na Terra-de-Quase-Acordar, esses inimigos são as Sombras que querem matar a imaginação. E, já que estamos a falar de Sombras, temos de referir Coração-de-Lobo. Foi ele que derrotou as Sombras na Guerra Sem Fim. Ele foi o primeiro e o maior super-herói de que Elsa ouviu falar.

Elsa foi armada cavaleira em Miamas; pode montar os animais de nuvem e ter a sua própria espada. Nunca mais voltou a ter medo de adormecer desde que a Avozinha começou a levá-la para lá todas as noites. Porque em Miamas ninguém acha que as raparigas não podem ser cavaleiras; as montanhas tocam no céu, as fogueiras nunca se apagam e ninguém tenta rasgar-lhe o cachecol dos Gryffindor.

Claro que a Avozinha também acrescenta que em Miamas ninguém fecha a porta quando vai à casa de banho. Na Terra-de-Quase-Acordar, a política de portas abertas é mais ou menos uma obrigação legal em todas as situações. Elsa, porém, tem quase a certeza de que, neste ponto, ela está a descrever outra versão da verdade. É o que a Avozinha chama às mentiras: «outras versões da verdade». Assim, na manhã seguinte, quando Elsa acorda numa cadeira no quarto da Avozinha no hospital, a Avozinha está na casa de banho com a porta aberta, a contar à mãe de Elsa, que aguarda do lado de fora, outra versão da verdade. Não está a correr lá muito bem. Afinal, a verdade verdadeira é que, a noite passada, a Avozinha fugiu do hospital, Elsa escapuliu-se do apartamento onde a Mamã e George dormiam, foram as duas até ao jardim zoológico em *Renault* e a Avozinha saltou a cerca. Elsa admite para si própria que, agora, parece de facto um pouco irresponsável ter feito tudo isto com uma

criança de sete anos, a meio da noite.

A Avozinha, cujas roupas estão caídas num monte no meio do chão e ainda cheiram, literalmente, a macaco, está a dizer que, quando estava a saltar a cerca da jaula dos macacos e o guarda lhe gritou, pensou que ele podia ser um «violador letal» e foi por isso que começou a atirar-lhe lama, a ele e ao polícia. A Mamã abana a cabeça de forma muito controlada e contrapõe que a Avozinha está a inventar. A Avozinha não gosta quando as pessoas acham que ela está a inventar e recorda à Mamã que prefere a expressão, muito menos depreciativa, «realidade alternativa». A Mamã, é claro, discorda, mas controla-se. Porque ela é tudo o que a Avozinha não é.

– Esta é uma das piores coisas que já fizeste – lança a Mamã em tom acusador na direção da casa de banho.

– Não sei porquê, mas custa-me a acreditar nisso, minha querida filha – responde a Avozinha lá de dentro, soando despreocupada.

A Mamã responde listando de forma metódica todos os sarilhos que a Avozinha já arranjou. A Avozinha replica que ela só está a ficar enervada porque não tem sentido de humor. A Mamã contrapõe que a Avozinha devia parar de agir como uma criança irresponsável. A Avozinha pergunta-lhe então:

– Sabes onde é que os piratas estacionam os carros?

Quando a Mamã não responde, a Avozinha grita da casa de banho:

– Numa gAAARRRRagem!

A Mamã suspira, leva os dedos às têmporas e fecha a porta da casa de banho. Isto deixa a Avozinha muito, muito, muito zangada, pois não gosta de se sentir fechada quando está na casa de banho.

A Avozinha já se encontra no hospital há duas semanas, mas quase todos os dias foge para ir buscar Elsa à escola e levá-la a comer gelados, ou então vão a casa quando a Mamã não está e espalham água com sabão no patamar para deslizarem. Ou assaltam jardins zoológicos. Basicamente, aquilo de que a Avozinha se lembra na altura, seja lá o que for. A Avozinha não considera nada disto como uma «fuga» no verdadeiro sentido da palavra, porque, na opinião dela, para contar como uma fuga tem de haver algum aspeto de desafio básico – um dragão, uma série de armadilhas ou, pelo menos, uma muralha com um fosso de tamanho respeitável. A Mamã e o pessoal do hospital não concordam com ela neste ponto.

Uma enfermeira entra no quarto e, em voz baixa, pede à Mamã para lhe falar. Dá-lhe um papel e a Mamã escreve qualquer coisa, devolve-o e a enfermeira sai. A Avozinha já teve nove enfermeiros e enfermeiras diferentes desde que foi internada. Com sete, recusou-se a cooperar, e os outros dois recusaram-se a cooperar com ela, um deles porque a Avozinha mencionou que ele tinha um «belo rabo». A Avozinha insistiu que era um elogio ao rabo e não ao enfermeiro, pelo que não era preciso ficar todo ofendido. Foi então que a Mamã pediu a Elsa para pôr os *headphones*, mas, mesmo assim, ela ouviu a discussão sobre a diferença

entre «assédio sexual» e «apreciação básica de um rabo perfeitamente espetacular».

A Mamã e a Avozinha discutem muito. Discutem desde que Elsa se lembra. Sobre tudo e mais alguma coisa. Se a Avozinha é uma super-heroína disfuncional, então a Mamã é uma super-heroína perfeita e completamente funcional. A interação delas é mais ou menos como a de Ciclope e Wolverine nos X-Men, costuma considerar Elsa, e sempre que tem esse tipo de pensamento deseja que houvesse alguém por perto que compreendesse o que ela quer dizer. As pessoas à volta de Elsa não leem suficiente literatura de qualidade e, decididamente, não compreendem que os livros de banda desenhada dos X-Men se enquadram nessa categoria. A esses filisteus, Elsa explicaria, muito devagar, que os X-Men são de facto super-heróis, mas primeiro, e acima de tudo, são mutantes, e existe uma certa diferença académica. Seja como for, sem querer entrar em minúcias, os poderes de super-herói da Avozinha e da Mamã têm sentidos opostos. Como se o Homem-Aranha, um dos super-heróis preferidos de Elsa, tivesse um antagonista chamado Homem-Escorregador, cujo superpoder fosse não conseguir subir sequer para cima de um banco. Mas no bom sentido.

Em resumo, a Mamã é a ordem e a Avozinha é o caos. Uma vez, Elsa leu que «o Caos é vizinho de Deus», mas a Mamã retorquiu que, se o Caos se tivesse mudado para o andar de Deus, era apenas por já não aguentar mais ser vizinho da Avozinha.

A Mamã tem arquivos e agendas para tudo, e o seu telemóvel toca uma musiquinha quinze minutos antes de ela ter uma reunião. A Avozinha escreve as coisas de que tem de se lembrar nas paredes. E não só quando está em casa: em qualquer parede, onde quer que se encontre. Não é um sistema perfeito, porque para se lembrar de determinada coisa teria de estar exatamente no sítio onde a escrevera. Quando Elsa lhe chamou a atenção para esta falha, a Avozinha respondeu, indignada: «Mesmo assim, o risco de eu perder a parede da cozinha ainda é menor do que o risco de a tua mãe perder aquele telefone detestável!»

Elsa lembrou-lhe então que a Mamã nunca perdia nada. A Avozinha revirou os olhos e suspirou. «Pois não, mas a tua mãe é a exceção, claro. Isto só se aplica a... enfim, a pessoas que não são perfeitas.»

A perfeição é o superpoder da Mamã. Não é tão divertida como a Avozinha, mas, por outro lado, sabe sempre onde está o cachecol dos Gryffindor de Elsa. «Nada está realmente perdido a menos que a tua mãe não o consiga encontrar», costuma ela sussurrar ao ouvido de Elsa, enquanto lhe enrola o cachecol ao pescoço.

A mãe de Elsa é a chefe.

«Mais do que um emprego, um estilo de vida», costuma observar a Avozinha em tom de troça.

A Mamã não é uma pessoa que se acompanhe, é uma pessoa que se segue. Por outro lado, a avó de Elsa é mais o tipo de pessoa que se evita em vez de seguir, e nunca encontrou um cachecol em toda a sua vida.

A Avozinha não gosta de chefes, o que é um especial problema neste hospital já que,

aqui, a Mamã é ainda mais chefe. De facto, aqui ela é *mesmo* a chefe.

– Estás a exagerar, Ulrika, por amor de Deus! – grita a Avozinha através da porta da casa de banho no exato momento em que aparece outra enfermeira. A Mamã volta a escrever em papéis e menciona alguns números, com um sorriso controlado; a enfermeira devolve o sorriso com ar nervoso. E depois fica tudo em silêncio dentro da casa de banho durante muito tempo e a Mamã, de repente, parece ansiosa, como costuma acontecer quando tudo à volta da Avozinha fica silencioso durante demasiado tempo. Em seguida, fareja o ar e abre a porta. A Avozinha está sentada na sanita, nua, com as pernas cruzadas. Agita o cigarro fumegante na direção da Mamã.

– Então? Um bocadinho de privacidade, se faz favor!

A Mamã esfrega de novo as têmporas, respira fundo e pousa a mão na barriga. A Avozinha fita-a com ar grave e aponta para a barriga dela com o cigarro.

– Já sabes que o *stress* não é bom para o meu novo neto. Lembra-te de que agora estás a preocupar-te por dois!

– Não fui eu que me esqueci – responde a Mamã num tom severo.

– *Touché* – resmunga a Avozinha, inalando profundamente.

(Esta é uma daquelas palavras que Elsa compreende sem ser preciso saber o que significa.)

– Nem te passou pela cabeça como isso é perigoso para o bebé, já para não falar na Elsa? – pergunta a Mamã, apontando para o cigarro.

– Não fiques tão aflita! As pessoas fumam desde a alvorada dos tempos e sempre nasceram bebés saudáveis. A tua geração esqueceu-se de que a humanidade viveu durante milhares de anos sem testes às alergias e parvoíces desse género, antes de vocês aparecerem e começarem a achar-se muito importantes. Quando vivíamos em cavernas, achas que passavam as peles de mamute pelo programa de lavagem a elevadas temperaturas?

– Já tinham cigarros nessa altura? – pergunta Elsa.

– Não comeces tu também – avisa a Avozinha.

A Mamã põe a mão na barriga. Elsa não sabe se o faz porque o Meiinho está a dar pontapés ou por querer tapar-lhe os ouvidos. A Mamã é também a mãe do Meiinho, mas o pai do Meiinho é George, por isso o Meiinho é meio-irmão ou meia-irmã de Elsa. Ou será, quando nascer. E será um humano de tamanho normal; meio-irmão, sim, mas não meia-pessoa de forma alguma, segundo garantiram a Elsa. Houve alguns dias de confusão antes de ela compreender a diferença.

«Para uma miúda tão esperta, às vezes consegues ser muito burrinha», comentou a Avozinha quando Elsa lhe colocou esta questão. E a seguir discutiram durante três horas, o que era quase um novo recorde para elas.

– Só queria mostrar-lhe os macacos, Ulrika – murmura a Avozinha enquanto apaga o cigarro no lavatório.

– Não tenho energia para isto... – responde a Mamã em tom resignado, embora mantenha uma postura perfeita. Depois, sai para o corredor onde assina uma folha de papel coberta de números.

A Avozinha, na realidade, não queria mostrar os macacos a Elsa. Tinham discutido ao telefone na noite anterior sobre se havia uma certa espécie de macaco que dormia em pé. De acordo com a Wikipédia, a Avozinha estava errada. Elsa contara-lhe o que acontecera na escola e o que lhe tinham feito ao cachecol, e foi então que a Avozinha decidiu que iam ao jardim zoológico, e Elsa escapuliu-se de casa enquanto a Mamã e George dormiam.

A Mamã desaparece no corredor, com o telemóvel encostado ao ouvido, e Elsa trepa para cima da cama da Avozinha para poderem jogar Monopólio. A Avozinha rouba dinheiro do banco e, quando Elsa a apanha, rouba também a peça em forma de carro para poder fugir. Passado algum tempo, a Mamã volta, com ar cansado, e diz a Elsa que têm de ir para casa porque a avó precisa de descansar. Elsa abraça a Avozinha durante muito, muito tempo.

– Quando voltas para casa? – pergunta.

– Talvez amanhã! – anuncia a Avozinha em tom alegre.

Porque é isso que responde sempre. Afasta o cabelo dos olhos de Elsa e, quando a Mamã desaparece de novo no corredor, faz uma cara muito séria e diz na língua secreta:

– Tenho uma missão importante para ti.

Elsa acena, porque a Avozinha atribui sempre as suas missões na língua secreta, falada apenas pelos iniciados na Terra-de-Quase-Acordar. Elsa executa-as sempre. Porque é isso que um cavaleiro de Miamas tem de fazer. Tudo exceto comprar cigarros ou fritar carne, que é onde Elsa traça o seu limite. Ambas as coisas a deixam agoniada. Até os cavaleiros têm de ter certos princípios.

A Avozinha inclina-se e pega num grande saco de plástico que está no chão ao lado da cama. Não tem cigarros nem carne. Apenas doces.

– Tens de dar os chocolates ao *Nosso Amigo*.

Elsa demora alguns segundos a perceber a que amigo está ela a referir-se. E depois olha para a Avozinha, alarmada.

– Enlouqueceste? Queres que eu MORRA?

A Avozinha revira os olhos.

– Deixa-te de disparates. Estás a dizer-me que uma cavaleira de Miamas tem medo de completar uma demanda?

Elsa lança-lhe um olhar ofendido.

– Muito maduro da tua parte, ameaças-me com isso.

– Muito maduro da tua parte, usares a palavra «maduro».

Elsa tira-lhe o saco de plástico da mão. Está cheio de pequenos pacotinhos de chocolates *Daim*.

– É importante que desembrulhes cada pedaço antes de lho dares – avisa a Avozinha. –

Caso contrário, ele ficará irritado.

Elsa espreita para dentro do saco com má cara.

– Mas ele não me conhece...

A Avozinha solta uma risada pelo nariz, tão alto que parece que está a assoar-se.

– Claro que conhece! Por amor de Deus. Basta dizeres que a tua avozinha manda cumprimentos e pede muita desculpa.

Elsa ergue as sobrancelhas.

– Desculpa porquê?

– Por não lhe levar doces há uma data de dias – responde a Avozinha, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Elsa olha de novo para o saco.

– É irresponsável mandares a tua única neta numa missão destas. É uma loucura. Ele pode matar-me!

– Deixa-te de coisas.

– Deixa-te tu de coisas!

A Avozinha sorri e Elsa não consegue deixar de sorrir também. A Avozinha baixa o tom de voz.

– Tens de dar o chocolate ao *Nosso Amigo* em segredo. A Britt-Marie não pode ver. Espera até eles estarem na reunião de moradores, amanhã à noite, e vai lá sem ninguém dar por ti.

Elsa assente, embora morra de medo de *Nosso Amigo* e continue a achar muito irresponsável mandar uma criança de sete anos numa missão tão perigosa. Mas a Avozinha agarra-lhe nos dedos indicadores e aperta-os nas suas mãos, como de costume, e é difícil ter medo quando alguém faz isso. Abraçam-se outra vez.

– Até à próxima, ó valente cavaleira de Miamas – sussurra-lhe a Avozinha ao ouvido.

A Avozinha nunca diz «adeus», apenas «até à próxima».

Enquanto Elsa veste o casaco, ouve a Mamã e a Avozinha a falarem sobre o «tratamento». A Mamã pede então a Elsa para pôr os *headphones*. E ela assim faz. Os *headphones* estavam na sua lista de Natal o ano passado e, na altura, Elsa deixou bem claro que a Mamã e a Avozinha deviam comprá-los a meias, porque assim é que era justo.

Sempre que a Mamã e a Avozinha começam a discutir, Elsa levanta o volume e finge que elas são atrizes num filme mudo. Elsa é o tipo de criança que aprendeu bem cedo que a vida é mais fácil quando podemos escolher a nossa própria banda sonora.

A última coisa que ouve é a Avozinha a perguntar quando é que pode ir buscar *Renault* à esquadra. *Renault* é o carro da Avozinha. A Avozinha conta que o ganhou num jogo de póquer. Obviamente, devia ser «um» Renault, mas Elsa aprendeu que o carro era um Renault quando era demasiado pequena para compreender que havia outros da mesma marca.

Portanto continua a dizer só *Renault*, como se fosse um nome.

É um nome muito adequado: o *Renault* da Avozinha é velho, enferrujado e francês; quando ela mete uma mudança, faz uma barulheira desgraçada, como um velho francês com tosse. Elsa sabe disso porque, como a Avozinha às vezes conduz *Renault* enquanto fuma e come um *kebab*, só pode manobrá-lo com os joelhos, e, nessas alturas, pisa a embraiagem e grita: «AGORA!», e Elsa tem de meter a mudança.

Tem saudades de fazer isso.

A Mamã diz à Avozinha que não pode ir buscar *Renault*. A Avozinha protesta que o carro é seu; a Mamã recorda-lhe que é ilegal conduzir sem carta de condução. A Avozinha, tratando a Mamã por «minha menina», observa que tem cartas de condução de seis países diferentes. A Mamã pergunta, em tom controlado, se um desses países é, por acaso, aquele onde vivem, e a Avozinha amua enquanto uma enfermeira lhe tira sangue.

Elsa espera junto do elevador. Não gosta de agulhas, quer estejam a ser espetadas no seu braço ou no da Avozinha. Senta-se a ler *Harry Potter e a Ordem da Fénix* no *iPad* pela décima segunda vez. É o livro de que gosta menos da série de Harry Potter, por isso é que o leu tão poucas vezes.

Só quando a Mamã a vem buscar e estão prestes a descer para o carro é que Elsa repara que deixou o cachecol dos Gryffindor do lado de fora do quarto da Avozinha, no corredor. Por isso, corre para o ir buscar.

A Avozinha está sentada na beira da cama, de costas para a porta, a falar ao telefone. Não a vê, e Elsa percebe que está a falar com o advogado; está a dar-lhe instruções sobre o tipo de cerveja que quer que ele lhe traga da próxima vez que vier ao hospital. Elsa sabe que o advogado lhe traz cerveja escondida dentro de grandes enciclopédias. A Avozinha afirma que precisa das enciclopédias para a sua «pesquisa», mas, na realidade, são ocas por dentro, com buracos em forma de garrafa de cerveja. Elsa tira o cachecol do cabide e abre a boca para chamar a Avozinha quando ouve a voz dela encher-se de emoção enquanto diz, ao telefone:

– É a minha neta, Marcel. Deus abençoe aquela cabecinha. Nunca conheci uma criança tão boa e tão inteligente. A responsabilidade tem de ser dela. É a única capaz de tomar a decisão certa.

Após um instante de silêncio, a Avozinha prossegue em tom determinado:

– Eu SEI que ela é uma criança, Marcel! Mas é muito mais inteligente do que os outros idiotas todos juntos! E o testamento é meu, e tu és o meu advogado. Faz o que te mando.

Elsa está parada no corredor, de respiração suspensa. A Avozinha continua:

– Porque não quero contar-lhe ainda! Porque todas as crianças de sete anos merecem ter os seus super-heróis! – Só nesta altura é que Elsa se vira e se afasta em silêncio, com o cachecol dos Gryffindor húmido de lágrimas.

A última coisa que ouve a Avozinha dizer ao telefone é:

– Não quero que a Elsa saiba que eu vou morrer porque todas as crianças de sete anos

merecem ter super-heróis, Marcel. E um dos superpoderes dos heróis devia ser nunca ter cancro.

3

Café

Há sempre qualquer coisa especial na casa de uma avó. Nunca nos esquecemos do seu cheiro.

Este é um prédio, de uma maneira geral, normalíssimo. Tem quatro andares e nove apartamentos, e todo o edifício cheira à Avozinha (e a café, graças a Lennart). Tem também um conjunto de regras bem claras afixado na parede da lavandaria comum, com o título: «PARA O BEM-ESTAR DE TODOS», com a palavra «bem-estar» sublinhada duas vezes. E um elevador que está sempre avariado, caixotes do lixo separados para reciclagem no pátio, uma bêbada, um animal muito grande e, claro, uma avozinha.

A Avozinha vive no último andar, em frente da Mamã, de George e de Elsa. O apartamento da Avozinha é tal qual o da Mamã, só que muito mais desarrumado, porque o apartamento da Avozinha é como a Avozinha, e o apartamento da Mamã é como a Mamã.

George vive com a Mamã, o que nem sempre é fácil, pois significa que vive também ao lado da Avozinha. Ele tem barba, um chapéu muito pequeno e é obcecado com *jogging*, para o qual insiste em vestir calções por cima das calças de fato de treino. Cozinha em inglês; por isso, quando lê as receitas pronuncia *pork* em vez de «porco». A Avozinha nunca lhe chama «George», apenas «Falhado», o que deixa a Mamã furiosa; no entanto, Elsa sabe por que razão a Avozinha o faz. Só quer que Elsa saiba que está do lado dela, aconteça o que acontecer. É isso que uma avó faz quando os pais da sua neta se divorciam, arranjam novos companheiros e, de repente, comunicam à sua neta que vem um meio-irmão a caminho. O facto de a Mamã ficar irritada é, do ponto de vista da Avozinha, apenas um bónus.

A Mamã e George não querem saber se o Meinho é um meio-rapaz ou uma meia-rapariga, apesar de ser fácil descobrir. É sobretudo importante para George, que se refere sempre ao Meinho como «ele/ela», para não «encurrular a criança numa identidade de género». Da primeira vez, Elsa percebeu «identidade de génio». Acabou por ser uma tarde muito confusa para todos os envolvidos.

O Meinho vai chamar-se Elvir ou Elvira, decidiram a Mamã e George. Quando Elsa contou isto à Avozinha, esta ficou a olhar para ela.

«ELV-ir?»

«É a versão de Elvira para rapaz.»

«Mas... *Elvir*? Estão a pensar mandá-lo para Mordor para destruir o anel ou quê?» (Isto foi pouco depois de a Avozinha ter visto os filmes todos de *O Senhor dos Anéis* com Elsa, porque a mãe afirmara categoricamente que Elsa não os podia ver.)

Elsa sabe que a Avozinha não detesta o Meinho. Nem sequer George, na verdade. Só fala assim porque é a Avozinha. Uma vez, Elsa disse à Avozinha que odiava George e que,

às vezes, também odiava o Meinho. É muito difícil não amar alguém capaz de nos ouvir fazer uma declaração tão horrível e mesmo assim ficar do nosso lado.

No apartamento por baixo da Avozinha vivem Britt-Marie e Kent. Gostam de ter coisas, e Kent, em particular, aprecia partilhar quanto é que tudo custou. Quase nunca está em casa porque é um empresário, ou «Kenpresário», como gosta de dizer em tom alto e divertido a pessoas que não conhece. E, se as pessoas não se riem logo, repete-o ainda mais alto. Como se o problema fosse a audição dos outros.

Britt-Marie está quase sempre em casa, por isso Elsa presume que ela não é uma empresária. A Avozinha chama-lhe «uma chatarrona a tempo inteiro que será a eterna cruz da minha existência». Tem sempre um ar de quem acabou de enfiar o bombom errado na boca. É ela que afixa os cartazes na lavandaria a lembrar: «PARA O BEM-ESTAR DE TODOS.» O bem-estar de todos é muito importante para Britt-Marie, embora ela e Kent sejam as únicas pessoas do prédio com máquina de lavar e de secar roupa no seu apartamento. Uma vez, depois de George lavar e secar uma máquina de roupa, Britt-Marie subiu as escadas e pediu para dar uma palavrinha à mãe de Elsa. Trazia na palma da mão uma bolinha de algodão azul, retirada do filtro da máquina de secar, que estendeu para a Mamã como se fosse um pintainho acabado de nascer, dizendo: «Acho que te esqueceste disto quando secaste a tua roupa, Ulrika!»

E, quando George explicou que na realidade era ele o responsável por tratar da roupa, Britt-Marie olhou para ele e sorriu, embora o sorriso não parecesse muito genuíno. Depois, observou: «Oh, que moderno!» Sorriu com ar bem-intencionado à Mamã, deu-lhe a bola de algodão e continuou: «Para o *bem-estar de todos*, neste condomínio limpamos o filtro depois de usarmos a máquina, Ulrika!»

Na verdade, o condomínio ainda não está formalmente constituído. Mas vai estar, como Britt-Marie faz questão de recordar. Ela e Kent vão tratar disso. E no condomínio de Britt-Marie será muito importante cumprir as regras. É por isso que ela é a antagonista da Avozinha. Elsa sabe o que significa «antagonista», como saberia qualquer pessoa que lesse literatura de qualidade.

No apartamento em frente de Britt-Marie e Kent vive a mulher da saia preta. Quase nunca a veem, exceto quando, pela manhã bem cedo e ao final do dia já tarde, percorre à pressa a distância entre a porta do prédio e a porta do apartamento. Usa sempre saltos altos e uma saia preta engomada na perfeição, e fala muito alto para um fio branco pendurado da orelha. Nunca diz «olá» e nunca sorri. A Avozinha diz que a saia dela está demasiado bem engomada e que «se eu fosse o tecido da roupa daquela mulher morreria de medo de me amarrotar».

Por baixo do apartamento de Britt-Marie e de Kent vivem Lennart e Maud. Lennart bebe pelo menos vinte cafés por dia e tem sempre um ar de orgulho triunfante quando a máquina do café está ligada. É a segunda pessoa mais simpática do mundo e é casado com Maud. Maud é a pessoa mais simpática do mundo e tem sempre bolachinhas acabadas de fazer. Vivem com *Samantha*, que está quase sempre a dormir. *Samantha* é uma cadela *bichon frisé*, mas Lennart e Maud falam com ela como se não fosse. Um exemplo: quando Lennart e Maud bebem café em frente de *Samantha*, não dizem que estão a beber «café», chamam-lhe uma «bebida de crescidos». A Avozinha diz que eles não são bons da cabeça, mas Elsa acha que são apenas simpáticos. E têm sempre sonhos e abraços – os sonhos são uma espécie de bolo; os abraços são só abraços normais.

Em frente a Lennart e Maud vive Alf. É motorista de táxi e usa sempre um blusão de cabedal por baixo de uma camada de irascibilidade. Os sapatos dele têm solas finas como papel vegetal porque não levanta os pés do chão quando anda. A Avozinha diz que ele tem o centro de gravidade mais baixo do raio do universo inteiro.

No apartamento por baixo de Lennart e Maud vive o menino da síndrome com a mãe. O menino da síndrome é um ano e poucas semanas mais novo do que Elsa, e nunca fala. A mãe dele está sempre a perder coisas. Os objetos parecem chover-lhe dos bolsos como acontece nos desenhos animados, quando o bandido é revistado pela polícia e o monte de coisas que lhe tiram dos bolsos acaba por ser maior do que ele. Tanto o menino como a mãe têm olhos muito bondosos, e nem mesmo a Avozinha antipatiza com eles. O menino está sempre a dançar. Vive a sua existência através da dança.

No apartamento ao lado deste, do outro lado do elevador que nunca funciona, vive o Monstro. Elsa não sabe qual é o seu verdadeiro nome, mas chama-lhe assim porque toda a gente tem medo dele. Até a Mamã, que não tem medo de nada neste mundo, lhe dá um empurrãozinho para andar mais depressa quando passam pelo apartamento. Nunca ninguém vê o Monstro porque ele nunca sai durante o dia. Kent acha bem: «Pessoas como ele não deviam poder andar à solta! Mas é o que acontece quando as autoridades querem ser boazinhas. Neste maldito país, as pessoas recebem cuidados psiquiátricos em vez de irem presas!»

Britt-Marie já escreveu várias cartas ao senhorio a exigir que o Monstro seja despejado, em virtude da sua firme convicção de que «atrai consumidores de substâncias para o prédio». Elsa não sabe bem o que isso significa, e acha que Britt-Marie também não. Um dia perguntou à Avozinha, que só ao fim de um bom bocado lhe respondeu: «Há coisas em que não devemos meter-nos.» E estamos a falar de uma avó que combateu na Guerra Sem Fim, a

guerra contra as Sombras na Terra-de-Quase-Acordar, e que conheceu as criaturas mais aterrorizadoras alguma vez sonhadas numa eternidade de dez mil contos de fadas.

É assim que se mede o tempo na Terra-de-Quase-Acordar: em *eternidades*. Como não há relógios na Terra-de-Quase-Acordar, o tempo é medido de acordo com a forma como nos sentimos. Se parece ter passado uma eternidade, dizemos «uma eternidade inferior», e se parece ter passado mais ou menos duas dúzias de eternidades, dizemos «uma eternidade absoluta». A única coisa que é mais do que uma eternidade absoluta é a eternidade de um conto de fadas que, por sua vez, é uma eternidade de eternidades absolutas. E a espécie mais longa de eternidade que existe é a eternidade de dez mil contos de fadas, o maior número que há na Terra-de-Quase-Acordar.

Seja como for, voltando ao assunto: no rés do chão do prédio onde todas estas pessoas vivem há uma sala de reuniões, onde se fazem as reuniões de moradores uma vez por mês. É um pouco mais frequente do que na maioria dos prédios, mas os apartamentos são arrendados e Britt-Marie e Kent querem mesmo que todos os residentes, por «processo democrático», peçam ao senhorio que lhes venda o prédio para poderem tornar-se proprietários dos seus apartamentos. E, para isso, são precisas reuniões de moradores. Porque mais ninguém no prédio quer de facto ser o proprietário do apartamento onde vive. A parte democrática do processo democrático é aquela de que Britt-Marie e Kent gostam menos, passe a redundância.

Como é óbvio, as reuniões de moradores são muitíssimo aborrecidas. Primeiro, toda a gente discute sobre o que estavam a discutir na última reunião, depois olham todos para as respetivas agendas e discutem qual a data da próxima reunião, e então a reunião acaba. Mas hoje Elsa tem de lá ir porque precisa de saber quando é que a discussão começa, para que ninguém repare quando ela sair.

Chega cedo. Kent ainda não está lá porque chega sempre atrasado. Alf também ainda não apareceu, porque chega sempre à hora certa. Maud e Lennart estão sentados à grande mesa; na copa, Britt-Marie e a Mamã discutem por causa do café. *Samantha* dorme no chão. Maud empurra uma grande lata na direção de Elsa. Lennart está sentado ao lado dela, à espera do café. Entretanto, vai bebendo golinhos de uma garrafa-termo que trouxe consigo. É importante para Lennart ter café de reserva disponível enquanto espera pelo café fresco.

Britt-Marie está encostada ao balcão da cozinha na copa, com as mãos cruzadas sobre a barriga, num gesto de frustração, enquanto olha de maneira tensa para a Mamã. A Mamã está a fazer café. Isto deixa Britt-Marie nervosa porque acha que seria melhor esperarem por Kent. Britt-Marie acha sempre que seria melhor esperarem por Kent, mas a Mamã não gosta muito de esperar. Prefere assumir o controlo. Britt-Marie sorri à Mamã.

- Está tudo a correr bem com o café, Ulrika?
- Sim, obrigada – responde a Mamã secamente.
- Se calhar devíamos esperar pelo Kent, não?

– Oh, acho que conseguimos fazer café sem o Kent – responde a Mamã em tom amável. Mais uma vez, Britt-Marie aperta as mãos sobre a barriga. Sorri com ar bem-intencionado.

– Bom, claro, faz o que achares melhor, Ulrika. Como sempre.

A Mamã faz um ar de quem está a contar mentalmente até um número de três algarismos e continua a medir as colheres de café.

– É só café, Britt-Marie.

Britt-Marie acena para indicar que compreende a situação e sacode uma poeira invisível da saia. Há sempre uma poeira invisível nas saias de Britt-Marie, que apenas ela consegue ver e que tem mesmo de sacudir.

– O Kent faz sempre um café muito bom. Toda a gente acha.

Maud está sentada à mesa com ar preocupado. Não gosta de conflitos. É por isso que faz tantas bolachas e bolos: é muito mais difícil haver conflitos quando há bolachinhas.

– Bom, ainda bem que tu e a pequena Elsa cá estão hoje. Estamos todos muito... contentes – diz Britt-Marie.

A Mamã responde com um «hum-hum» paciente. Mais uma colher de café medida. Mais uma poeira sacudida.

– Quer dizer, deve ser difícil arranjares tempo para a pequena Elsa, uma vez que és uma pessoa tão ambiciosa em termos de carreira. Todos compreendemos isso.

Após ouvir esta tirada, a Mamã começa a deitar as colheres de café para a máquina como se estivesse a ter fantasias de o atirar à cara de Britt-Marie, ainda que de forma perfeitamente controlada.

Britt-Marie aproxima-se da janela, afasta uma planta e continua, como se estivesse a pensar em voz alta:

– E o teu companheiro é tão compreensivo, não é? Por ficar em casa a cuidar dos assuntos domésticos. É assim que se diz, não é? *Companheiro*? Muito moderno, pelo que sei. – E sorri de novo. Com ar bem-intencionado. Sacode mais uma poeira e acrescenta: – E não há nada de errado nisso, claro. Absolutamente nada.

Alf entra, muito maldisposto, com o blusão de cabedal com o logótipo do táxi no peito. Tem na mão um jornal vespertino. Olha para o relógio. São sete em ponto.

– Dizia «sete horas» no raio do bilhete – resmunga para ninguém em particular.

– O Kent está um bocadinho atrasado – explica Britt-Marie. Sorri e cruza de novo as mãos sobre a barriga. – Tem uma conferência muito importante com a Alemanha – continua, como se Kent se estivesse a reunir com toda a população alemã.

Quinze minutos mais tarde, Kent entra de rompante na sala, com o casaco a esvoaçar à sua volta como uma capa, aos gritos para o telefone:

– *Ja*, Klaus! *Ja*! Falarremos nisso na reunião em Frrrankfurt!

Alf ergue os olhos do jornal, aponta para o relógio e murmura:

– Espero que não tenhamos causado nenhum inconveniente por termos chegado a horas.

Kent ignora-o, bate palmas com ar entusiasmado na direção de Lennart e Maud e sugere, com um sorriso:

– Vamos então começar? Hã? Não estamos aqui para fazer meninos, pois não? – Vira-se depressa para a Mamã e aponta para a barriga dela com uma risada. – Pelo menos, mais do que já cá temos! – Como a Mamã não se ri, Kent aponta de novo para a barriga dela e repete: «Pelo menos, mais do que já cá temos!» em voz mais alta, como se o nível de decibéis não fosse bem o ideal da primeira vez.

Maud oferece bolachas. A Mamã serve café. Kent bebe um gole, faz uma pausa e anuncia que está muito forte. Alf despeja a chávena toda de uma vez e murmura:

– Mesmo bom!

Britt-Marie bebe um golinho e apoia a chávena na palma da mão antes de dar o seu veredicto:

– Pessoalmente, acho que está um pouco forte. – Lançando um olhar furtivo à Mamã, acrescenta: – E estás a beber café, Ulrika, apesar de estares grávida. – Porém, antes que a Mamã tenha tempo de responder, justifica-se: – Não que faça algum mal, obviamente! Obviamente que não!

Kent declara aberta a reunião e toda a gente discute durante duas horas sobre aquilo que fora discutido na reunião anterior. E é então que Elsa se escapa sem ninguém dar por isso.

Sobe as escadas em bicos de pés até ao primeiro andar. Olha de viés para a porta do Monstro, mas acalma-se quando se lembra de que ainda há luz do dia lá fora. O Monstro nunca sai de casa enquanto é dia.

Depois olha para a porta do apartamento ao lado do Monstro, o que não tem nome algum na caixa do correio. É aí que vive o *Nosso Amigo*. Elsa para a alguma distância e sustém a respiração, porque tem medo de que ele parta a porta e saia por entre os destroços, e tente fechar-lhe as mandíbulas sobre a garganta se a ouvir aproximar-se demasiado. Só a Avozinha lhe chama *Nosso Amigo*; todos os outros se referem a ele como «O Cão». Sobretudo Britt-Marie. Elsa não sabe se ele é ou não agressivo, mas nunca viu um cão tão grande em toda a sua vida. Quando ele ladra atrás da porta, é como levar um soco no estômago.

Porém, só o viu uma vez, no apartamento da Avozinha, poucos dias antes de ela adoecer. Não imagina uma situação em que tivesse sentido mais medo, nem mesmo se enfrentasse uma Sombra, cara a cara, na Terra-de-Quase-Acordar.

Era sábado e a Avozinha e Elsa iam a uma exposição sobre dinossauros. Foi na manhã em que a Mamã pôs o cachecol dos Gryffindor para lavar sem lhe dizer nada e obrigou Elsa a levar outro cachecol – um verde, cor de vômito. A Mamã sabe que Elsa detesta verde. Por vezes, não tem empatia nenhuma, aquela mulher.

O *Nosso Amigo* estava deitado na cama da Avozinha, como uma esfinge em frente a uma pirâmide. Elsa parou no corredor, fascinada, a olhar para aquela cabeça preta gigantesca e

para os olhos aterrorizadores como dois poços sem fundo. A Avozinha tinha saído da cozinha e estava a vestir o casaco como se fosse a coisa mais natural do mundo ter o maior cão à face da Terra deitado na sua cama.

«O que é... aquela coisa?», sussurrou Elsa. A Avozinha continuou a enrolar o cigarro e respondeu com indiferença: «É o *Nosso Amigo*. Se não lhe fizeres mal, também não te fará mal a ti.»

Era fácil falar, considerou Elsa; como havia ela de saber o que provocaria uma criatura daquelas? Uma vez, uma das raparigas da escola batera-lhe porque ela tinha «um cachecol feio». Aparentemente, fora tudo o que Elsa lhe fizera, e apanhara por isso.

Assim, Elsa ficou parada onde estava, com o cachecol habitual para lavar e, no seu lugar, um cachecol feio escolhido pela mãe, com medo de que o verde-vómito provocasse a besta. Por fim, Elsa explicou que o cachecol era da mãe, não dela, e que a mãe tinha um mau gosto terrível, enquanto recuava devagar até à porta. O *Nosso Amigo* limitou-se a olhar para ela. Ou, pelo menos, foi o que Elsa pensou; se é que aquilo eram de facto os olhos dele. E a seguir tem quase a certeza de que ele lhe mostrou os dentes. Por seu lado, a Avozinha limitou-se a murmurar qualquer coisa como: «Miúdos, já sabes como é», revirando os olhos ao *Nosso Amigo*. Foi à procura das chaves de *Renault* e ela e Elsa foram à exposição sobre dinossauros. Elsa lembra-se de que a Avozinha deixou a porta de casa aberta; quando se sentaram em *Renault* e Elsa perguntou o que é que o *Nosso Amigo* estava a fazer no apartamento dela, a Avozinha respondeu apenas: «Uma visita.»

Quando Elsa quis saber porque é que ele estava sempre a ladrar, a Avó respondeu alegremente: «A ladrar? Oh, só faz isso quando a Britt-Marie passa.»

E quando Elsa insistiu em saber porquê, a Avozinha abriu um sorriso de orelha a orelha e rematou: «Porque é isso que ele gosta de fazer.»

Elsa indagou com quem é que o *Nosso Amigo* vivia e a Avozinha ripostou: «Nem toda a gente tem de viver com alguém, por amor de Deus! Por exemplo, eu não vivo com ninguém.»

E, embora Elsa insistisse que talvez isso estivesse relacionado com o facto de a Avozinha não ser um cão, a Avozinha não lhe deu mais explicações.

E agora aqui está Elsa, no patamar, a desembulhar os chocolates *Daim*. Atira o primeiro tão depressa para dentro da ranhura do correio que a aba bate com estrondo quando a larga. Sustém a respiração e sente o coração a bater na cabeça. Mas, depois, lembra-se de que a Avozinha disse que aquilo tinha de ser feito depressa, durante a reunião de moradores, para Britt-Marie não desconfiar. Britt-Marie odeia o *Nosso Amigo* com todas as suas forças.

Elsa tenta recordar a si própria que, apesar de tudo, é uma cavaleira de Miamas e levanta a aba da ranhura do correio com mais coragem.

Ouve a respiração do animal. Parece que tem uma avalanche de pedras dentro dos pulmões. O coração de Elsa bate com tanta força que tem a certeza de que o *Nosso Amigo*

sente as vibrações através da porta.

– A minha avozinha pediu-me para te dizer que pede desculpa por não te trazer doces há uma data de tempo! – declara, obedientemente, através da ranhura do correio, enquanto desenrola chocolates e atira os papéis para o chão.

Depois ouve-o a mexer-se do outro lado e tira a mão, sobressaltada. Silêncio durante alguns segundos. Apenas se ouve o som de o *Nosso Amigo* a esmagar os doces entre os dentes.

– A Avozinha está doente – explica Elsa enquanto ele come.

Não está preparada para o tremor que ouve nas palavras quando lhe saem da boca. Convence-se a si própria de que o *Nosso Amigo* está a respirar mais devagar. Atira mais chocolates para dentro da casa.

– Tem cancro – sussurra.

Elsa não tem amigos, por isso não sabe bem qual é o processo habitual neste tipo de coisas. Porém, imagina que, se tivesse amigos, gostaria que eles soubessem se ela tivesse cancro. Mesmo que esses amigos fossem as maiores criaturas da sua espécie.

– A Avozinha manda cumprimentos e pede desculpa – murmura na escuridão. Atira o resto dos chocolates e fecha a aba devagar.

Fica ali um momento, a olhar para a porta do *Nosso Amigo*.

E depois fita a porta do Monstro. Se um animal selvagem como este pode estar escondido atrás de uma destas portas, nem quer imaginar o que se esconderá atrás da outra.

Desce as escadas a correr até ao átrio do prédio.

George ainda está na lavandaria. Na sala de reuniões, estão todos a beber café e a discutir.

Porque é um prédio normal.

De uma maneira geral.

4

Cerveja

O quarto de hospital cheira mal e está frio, como é natural quando estão quase zero graus lá fora e alguém escondeu garrafas de cerveja debaixo da almofada, e abriu uma janela para se tentar ver livre do cheiro a tabaco. Não resultou.

A Avozinha e Elsa estão a jogar Monopólio. A Avozinha não fala sobre o cancro, para não afligir Elsa. E Elsa não fala sobre morte, para não afligir a Avozinha. Porque a Avozinha não gosta de falar sobre morte, sobretudo a sua. Assim, quando a Mamã e os médicos saem do quarto para conversar em vozes baixas e sérias no corredor, Elsa tenta não se mostrar preocupada. Também não resulta.

A Avozinha abre um sorriso misterioso.

– Já te contei sobre aquela vez em que arranjei trabalho para os dragões em Miamas? – pergunta, na língua secreta.

É bom ter uma língua secreta no hospital, onde, segundo a Avozinha, as paredes têm ouvidos. Em particular quando a chefe das paredes é a Mamã.

– Duh... Claro que sim!

A Avozinha acena, por mera cortesia, e conta a história toda outra vez, de qualquer maneira. Porque nunca ninguém ensinou à Avozinha como não contar uma história. E Elsa ouve, porque nunca ninguém a ensinou a não ouvir.

É por isso que sabe que uma das coisas que as pessoas dizem mais vezes sobre a Avozinha nas costas dela é: «Desta vez ultrapassou mesmo os limites.» Britt-Marie repete-o amiúde. Elsa presume que é por isso que a Avozinha gosta tanto do reino de Miamas: é impossível ultrapassar os limites em Miamas porque o reino não tem fim. E não é como na televisão, quando as pessoas soltam o cabelo e declaram que «vivem sem limites»; ali é mesmo ilimitado a sério, uma vez que ninguém sabe ao certo onde Miamas começa e onde acaba. Em parte, tal deve-se ao facto de, ao contrário dos outros cinco reinos na Terra-de-Quase-Acordar, que são quase todos feitos de pedra e argamassa, Miamas ser completamente feito de imaginação. É possível que seja também porque a muralha da cidade de Miamas é extraordinariamente temperamental e pode muito bem acordar um dia com a ideia de se deslocar dois ou três quilómetros para dentro da floresta por precisar de «tempo com os seus pensamentos». E mover-se duas vezes mais longe na direção oposta, no dia seguinte, porque decidiu encurralar um dragão ou um *troll* qualquer com quem, seja lá qual for o motivo, ficou zangada. (Na maioria dos casos, por o dragão ou o *troll* ter estado acordado a noite toda a beber aguardente e a fazer chichi contra a muralha, sugere a Avozinha.)

Há mais *trolls* e dragões em Miamas do que em qualquer um dos outros cinco reinos da Terra-de-Quase-Acordar; afinal de contas, a principal exportação de Miamas são os contos

de fadas. *Trolls* e dragões têm excelentes perspectivas de carreira em Miamas porque as histórias precisam de vilões.

«Claro que não foi sempre assim», observa a Avozinha, com ar sonhador. «Houve uma altura em que os dragões quase todos tinham sido esquecidos pelos contadores de histórias de Miamas, principalmente os que estavam a ficar velhotes.»

E conta a história de como os dragões andavam a causar problemas a mais em Miamas, a vaguear pelas ruas, sem trabalho, a beber aguardente, a fumar charutos e a envolver-se em confrontos violentos com a muralha da cidade. Assim, o povo de Miamas implorou à Avozinha que os ajudasse a encontrar um esquema prático para lhes arranjar empregos. E foi então que a Avozinha teve a ideia de que os dragões deviam guardar os tesouros no final das histórias.

Até esse momento, este fora na verdade um enorme problema narrativo: os heróis dos contos de fadas procuravam um tesouro e, após terem-no encontrado dentro de uma gruta profunda, só precisavam de entrar para o ir buscar. Tão simples como isso. Sem batalhas épicas, nem clímaxes dramáticos, nem nada.

«A seguir, não tinham mais nada para fazer senão jogar jogos de computador», esclarece a Avozinha com ar grave. A Avozinha sabe bem do que fala: o verão passado, Elsa ensinou-a a jogar *World of Warcraft* e a Avozinha jogou noite e dia durante várias semanas, até que a Mamã, notando que ela começava a «exibir tendências perturbadoras», a proibiu de voltar a dormir no quarto de Elsa.

Seja como for, quando os contadores de histórias ouviram a ideia da Avozinha, o problema resolveu-se numa tarde.

«E é por isso que, hoje em dia, todos os contos de fadas têm dragões no fim! Graças a mim!» A Avozinha ri-se, como faz sempre.

A Avozinha tem uma história de Miamas para todas as situações. Por exemplo, sobre Miploris, o reino onde se guarda toda a mágoa, e o tesouro mágico roubado a uma princesa por uma bruxa feia que a princesa persegue desde então. Ou sobre os dois príncipes irmãos, ambos apaixonados pela princesa de Miploris, que quase destruíram a Terra-de-Quase-Acordar na batalha furiosa pelo amor dela.

Há uma história sobre um anjo-do-mar, uma criatura vítima de uma maldição que a obrigava a percorrer incessantemente a costa da Terra-de-Quase-Acordar, para cima e para baixo, após ter perdido o seu amado. E, por fim, há uma história sobre o Eleito, o bailarino mais amado de Mimovas, que é o reino de onde vem toda a música. Neste conto de fadas, as Sombras tentaram raptar o Eleito para destruir Mimovas, mas os animais de nuvem salvaram-no e levaram-no de volta a Miamas. E, quando as Sombras o perseguiram, todos os habitantes dos seis reinos da Terra-de-Quase-Acordar – príncipes, princesas, cavaleiros, soldados, *trolls*, anjos e a bruxa – concordaram em proteger o Eleito. Foi assim que se iniciou a Guerra Sem Fim, a qual grassou durante uma eternidade de dez mil contos de fadas,

até os wurses e Coração-de-Lobo saírem da floresta e conduzirem o exército do bem numa última batalha, forçando as Sombras a retirarem através do mar.

Claro que Coração-de-Lobo é, por si só, toda uma história, porque nasceu em Miamas mas, tal como todos os soldados, cresceu em Mibatalos. Tem coração de guerreiro, alma de contador de histórias e é o combatente mais invencível alguma vez visto nos seis reinos. Viviam nas profundezas das Florestas Negras há muitas eternidades de contos de fadas, mas voltou quando a Terra-de-Quase-Acordar mais precisava dele.

Desde que Elsa se lembra que a Avozinha lhe conta estes contos de fadas. A princípio, era apenas para Elsa adormecer, para a fazer praticar a língua secreta da Avozinha e um pouco porque a Avozinha é tão doida como qualquer avó devia ser. Porém, nos últimos tempos, as histórias têm também outra dimensão. Algo que Elsa não consegue bem identificar.

- Devolve a Estação de Caminhos de Ferro da Pensilvânia – ordena Elsa em tom seco.
- Mas comprei-a... – tenta a Avozinha.
- Claro que compraste. Devolve-a.
- Isto é como jogar Monopólio com o maldito do Hitler!
- O Hitler só jogaria Risco – resmunga Elsa, porque procurou Hitler na Wikipédia depois de algumas discussões entre ela e a Avozinha sobre o uso frequente de Hitler como metáfora.
- *Touché* – murmura a Avozinha.

Jogam em silêncio durante um minuto, que costuma ser o tempo que conseguem estar chateadas uma com a outra.

- Deste o chocolate ao *Nosso Amigo*? – pergunta a Avozinha.

Elsa confirma com um aceno, sem dizer que também lhe contou sobre o cancro da Avozinha. Acha que a Avozinha ficaria aborrecida, mas é sobretudo por não quer falar sobre cancro. Procurou a palavra na Wikipédia, ontem. E a seguir pesquisou «testamento» – ficou tão zangada que não pregou olho a noite toda.

- Como é que fizeste amizade com o *Nosso Amigo*? – pergunta.

A Avozinha encolhe os ombros.

- Da forma habitual.

Elsa não sabe qual é a forma habitual, já que a Avozinha é a sua única amiga. Porém, não lho diz, pois sabe que a Avozinha ficaria triste se o ouvisse.

- Bom, seja como for, a missão está concluída – murmura.

A Avozinha acena com ar satisfeito e olha de lado para a porta, como se temesse que estivessem a ser observadas. Depois, enfia a mão debaixo da almofada. As garrafas tilintam quando tocam uma na outra e ela pragueja ao entornar um pouco de cerveja na fronha; tira de lá um envelope e coloca-o na mão de Elsa.

- Esta é a tua próxima missão, minha cavaleira Elsa. Mas só podes conhecê-la amanhã.

Elsa olha para o envelope, desconfiada.

– Nunca ouviste falar em *e-mail*?

– Não se pode enviar uma coisa tão importante como isto por *e-mail*!

Elsa sopesa o envelope e aperta a parte mais volumosa em baixo.

– O que é?

– Uma carta e uma chave – responde a Avozinha, parecendo ficar simultaneamente séria e assustada, ambas emoções muito raras nela. Estende as mãos e agarra nos dedos indicadores de Elsa. – Amanhã vou mandar-te na maior caça ao tesouro que alguma vez existiu, minha corajosa pequena cavaleira. Estás preparada?

A Avozinha sempre adorou caças ao tesouro. Em Miamas, a caça ao tesouro é considerada um desporto. Há mesmo competições, pois é um evento olímpico aprovado. Só que, em Miamas, não se chamam Jogos Olímpicos e sim Jogos Invisíveis, uma vez que todos os participantes são invisíveis. Não é propriamente um desporto vocacionado para espetadores, como Elsa observou quando a Avozinha lhe falou sobre os jogos.

Elsa também adora caças ao tesouro, embora não tanto como a Avozinha. Ninguém, em nenhum reino, na eternidade de dez mil contos de fadas, poderia gostar tanto de caças ao tesouro como ela. Consegue transformar tudo numa caça ao tesouro: se foram às compras e a Avozinha não se lembra onde estacionou *Renault*; quando quer que Elsa lhe organize a correspondência e pague as contas, tarefas que a Avozinha acha terrivelmente chatas; ou quando é dia de ginástica na escola e Elsa sabe que as crianças mais velhas lhe vão bater no duche com toalhas enroladas. A Avozinha consegue fazer uma montanha mágica de um parque de estacionamento e, de toalhas enroladas, dragões que é preciso derrotar. Elsa é sempre a heroína.

Contudo, esta parece uma caça ao tesouro diferente.

– Aquele a quem a chave está destinada saberá o que fazer com ela. Tens de proteger o castelo, Elsa.

A Avozinha sempre chamou «castelo» ao prédio onde vivem. Elsa sempre achou que ela o fazia por ser meio doida. Mas agora já não tem tanta certeza.

– Protege o castelo, Elsa. Protege a tua família. Protege os teus amigos! – repete a Avozinha em tom determinado.

– Quais amigos?

A Avozinha põe as mãos nas faces de Elsa e sorri.

– Eles virão. Amanhã vou enviar-te numa caça ao tesouro, que será um conto de fadas repleto de maravilhas e uma grande aventura e... tens de prometer que não me odiarás.

Elsa pestaneja e sente os olhos a arder.

– Porque havia de te odiar?

A Avozinha acaricia-lhe as pálpebras.

– É prerrogativa das avós nunca terem de mostrar o seu lado mau aos netos, Elsa. Como eram antes de serem avós.

– Conheço muito bem vários dos teus lados maus!

Tencionara fazer a Avozinha rir com aquilo, mas não resulta. Ao invés, a Avozinha sussurra, com voz triste:

– Será uma grande aventura e um conto de fadas repleto de maravilhas. Mas é por minha culpa que encontrarás um dragão no fim, minha querida cavaleira.

Elsa olha para ela com a testa franzida. Nunca ouviu a Avozinha falar assim. Ela reivindica sempre o crédito pelos dragões no fim. Nunca são «culpa» dela. A Avozinha está sentada à sua frente, mais pequenina e mais frágil do que Elsa se lembra de alguma vez a ter visto. Não parece nada uma super-heroína.

A Avozinha beija-lhe a testa.

– Promete que não me odiarás quando descobrires quem eu fui. Promete-me que protegerás o castelo. E os teus amigos.

Elsa não sabe o que nada disto significa, mas promete. Então, a Avozinha dá-lhe o abraço mais demorado de sempre.

– Dá a carta à quem a espera. Ele não vai querer aceitá-la, mas diz-lhe que é da minha parte. Diz-lhe que a tua avozinha manda cumprimentos e pede desculpa.

E limpa as lágrimas das faces de Elsa. Elsa corrige-a: devia ter dito «a quem a espera» e não «à quem a espera», e discutem um bocadinho sobre isso, como de costume. Depois, jogam Monopólio e comem bolos de canela, e falam sobre quem venceria uma luta entre Harry Potter e o Homem-Aranha. Uma discussão absolutamente patética, claro, considera Elsa. No entanto, a Avozinha gosta de perder tempo com estas conversas, visto ser demasiado imatura para perceber que Harry Potter destruiria o Homem-Aranha.

A Avozinha tira mais bolos de canela de grandes pacotes escondidos sob outra almofada. Não que tenha de esconder os bolos de canela da Mamã, como acontece com as cervejas, mas gosta de os manter juntos porque gosta de os comer juntos. Cerveja e bolos de canela é o lanche preferido da Avozinha. Elsa reconhece o nome no pacote; a Avozinha só come bolos de canela daquela pastelaria porque, segundo ela, mais ninguém sabe como fazer os autênticos bolos de canela tradicionais de Mirevas. Na verdade, é o prato nacional da Terra-de-Quase-Acordar. Pelo lado negativo, o prato nacional só se pode comer no feriado nacional. Porém, pelo lado positivo, na Terra-de-Quase-Acordar todos os dias são feriado nacional. Tal como a Avozinha costuma notar: «O problema acaba por desaparecer sozinho, disse a velhota que fez cocó no lavatório.» Para ser franca, Elsa espera que isto não signifique que a Avozinha vai começar a usar o lavatório da cozinha com a porta aberta.

– Vais mesmo ficar boa? – pergunta Elsa, com a relutância de uma criança de quase oito anos a fazer uma pergunta para a qual já sabe que não quer obter uma resposta.

– Claro que vou! – responde a Avozinha num tom confiante, embora dê para ver que Elsa sabe que ela está a mentir.

– Promete – insiste Elsa.

A Avozinha inclina-se e sussurra-lhe ao ouvido na língua secreta:

– Prometo, cavaleira adorada do meu coração. Prometo que as coisas vão melhorar. Prometo que vai correr tudo bem.

Porque é isso que a Avozinha diz sempre. Que as coisas vão melhorar. Que vai correr tudo bem.

– Mas continuo a achar que o Homem-Aranha faria o Harry Potter em picadinho – acrescenta, com um sorriso. E, por fim, Elsa sorri-lhe também.

Comem mais bolos de canela e jogam mais Monopólio. E isso faz com que seja muito mais difícil continuar zangada.

O sol põe-se. Está tudo silencioso. Elsa está deitada na cama estreita de hospital, muito agarrada à Avozinha. Fecham os olhos quase completamente, os animais de nuvem vêm buscá-las e voam juntas para Miamas.

E, num prédio do outro lado da cidade, todos os moradores acordam sobressaltados quando o cão no apartamento do primeiro andar, sem qualquer aviso, começa a uivar. Uiva mais alto e de forma mais lancinante do que qualquer um deles alguma vez ouviu, um som primitivo arrancado às entranhas. Como se estivesse a cantar de dor e de saudades por uma eternidade de dez mil contos de fadas. Uiva durante horas, ao longo da noite toda, até ao nascer do dia.

Quando a luz da manhã entra pelas janelas do quarto de hospital, Elsa acorda nos braços da Avozinha. A Avozinha, porém, ficou em Miamas.

Lírios

Ter uma avó é como ter um exército. É o derradeiro privilégio dos netos: saberem que têm alguém sempre do seu lado sejam quais forem as circunstâncias. Mesmo quando estão errados. Na verdade, principalmente quando estão errados.

Uma avó é, ao mesmo tempo, uma espada e um escudo. Quando na escola insinuem que Elsa é «diferente», como se isso fosse uma coisa má, ou quando chega a casa com nódoas negras e o diretor diz que ela tem de «aprender a integrar-se», é nestas alturas que a Avozinha a apoia. Nunca a deixa pedir desculpa. Recusa-se a permitir que ela assuma a culpa. A Avozinha nunca diz a Elsa que não deve mostrar-se magoada porque, assim «elas deixarão de gostar tanto de se meter contigo». Ou que ela devia «ignorar». A Avozinha não é assim.

Quanto mais sozinha Elsa se sente no mundo real, maior é o seu exército na Terra-de-Quase-Acordar. Quanto mais fortes são as chicotadas com as toalhas enroladas durante o dia, mais assombrosas são as aventuras que tem à noite. Em Miamas, ninguém lhe diz que tem de aprender a integrar-se. Foi por isso que Elsa não ficou lá muito impressionada quando o Papá a levou àquele hotel em Espanha e lhe explicou que, ali, era tudo incluído. Porque, quando temos uma avó, está sempre tudo incluído.

Os professores de Elsa afirmam que ela tem «problemas de concentração». Não é verdade. Elsa consegue recitar quase todos os livros de Harry Potter de cor. Consegue descrever com exatidão os superpoderes de todos os X-Men e sabe quais deles o Homem-Aranha conseguiria ou não vencer. Consegue até desenhar uma versão bastante aceitável do mapa que aparece no princípio de *O Senhor dos Anéis*, de olhos fechados. A menos que a Avozinha esteja ao lado dela, a puxar o papel e a queixar-se de que isso é estupidamente chato e que preferia pegar em *Renault* e ir «fazer alguma coisa». É um bocadinho impaciente, a Avozinha. Ainda assim, mostrou a Elsa cada canto de Miamas e todos os cantos dos outros cinco reinos na Terra-de-Quase-Acordar. Incluindo as ruínas de Mibatalos, que foram saqueadas pelas Sombras no fim da Guerra Sem Fim. Elsa esteve com a Avozinha em cima das rochas, na costa, onde os noventa e nove anjos-de-neve se sacrificaram; olhou para o mar, de onde um dia as Sombras voltarão. E sabe tudo sobre as Sombras, porque a Avozinha diz sempre que devemos conhecer os nossos inimigos melhor do que a nós próprios.

As Sombras eram dragões, a princípio, mas tinham uma perversidade e uma escuridão tão fortes dentro de si que se transformaram noutra coisa. Algo muito mais perigoso. Odeiam pessoas e as suas histórias; odiaram durante tanto tempo e com tal intensidade que, por fim, as trevas lhes cobriram o corpo inteiro até não ser possível perceber a sua forma. É também por isso que são tão difíceis de derrotar: conseguem desaparecer dentro das paredes, debaixo

do chão ou no ar. São ferozes e sedentas de sangue, e quando alguém é mordido por elas não morre – aguarda-o um destino muito mais grave e terrível: perde a imaginação. Esta escorre pela ferida e deixa a pessoa cinzenta e vazia, a mirrar, ano após ano, até o corpo ser apenas uma casca. Até já não se lembrar de contos de fadas.

E, sem os contos de fadas, Miamas e toda a Terra-de-Quase-Acordar morreriam uma morte sem imaginação. A morte mais repugnante de todas.

No entanto, Coração-de-Lobo derrotou as Sombras na Guerra Sem Fim. Saiu da floresta quando os contos de fadas mais precisavam dele e escorraçou as Sombras para o mar. E um dia as Sombras voltarão, e talvez seja por isso que a Avozinha lhe conta todas as histórias agora, considera Elsa. Para a preparar.

Por isso, os professores estão enganados. Elsa não tem qualquer problema de concentração. Simplesmente, concentra-se nas coisas certas.

A Avozinha acha que as pessoas que pensam devagar acusam sempre as que pensam depressa de terem problemas de concentração.

«Os idiotas não conseguem perceber que os não-idiotas já despacharam um pensamento e estão a avançar para o seguinte antes deles. É por isso que os idiotas têm sempre tanto medo e são tão agressivos. Não há nada que os assuste mais do que uma rapariga esperta.»

É o que ela costuma dizer a Elsa quando a neta teve um dia particularmente complicado ao nível da concentração na escola; quando se deitam na cama gigante da Avozinha, por baixo de todas as fotografias a preto e branco que a Avozinha colou no teto, e fecham os olhos até as pessoas das fotografias começarem a dançar. Elsa não sabe quem são e a Avozinha chama-lhes apenas as suas «estrelas», porque, quando a luz do candeeiro da rua entra pela persiana, cintilam como o céu à noite. Há homens de uniforme e outros com batas de médico, e alguns quase sem roupa. Homens altos e homens sorridentes, homens de bigode e homens corpulentos com chapéu, todos estão ao lado da Avozinha com ar de quem acabou de a ouvir contar uma piada atrevida. Nenhum olha para a câmara, porque nenhum consegue tirar os olhos dela.

A Avozinha é jovem. É bela. E imortal. Aparece ao lado de placas na estrada que Elsa não consegue ler, em frente de tendas em desertos, entre homens de espingardas na mão. Por todo o lado, nas fotografias, há crianças. Algumas têm ligaduras na cabeça e outras estão deitadas em camas de hospital com tubos enfiados no corpo, e uma delas tem só um braço e um coto onde devia estar o outro. Um dos rapazes não parece sequer estar ferido. Parece capaz de correr cem quilómetros com os pés descalços. É mais ou menos da idade de Elsa e tem o cabelo tão denso e embaraçado que se podiam perder chaves dentro dele, e há qualquer coisa nos seus olhos, como se tivesse acabado de encontrar um tesouro secreto de fogo de artifício e gelados. Os seus olhos são grandes, redondos e tão negros que a parte branca à volta é como giz num quadro. Elsa não sabe quem ele é, mas chama-lhe o Rapaz Lobisomem porque é o que ele lhe parece.

Está sempre a lembrar-se de que tem de perguntar à Avozinha quem é o Rapaz Lobisomem. No entanto, assim que esse pensamento lhe ocorre, as pálpebras começam a pesar-lhe e, quando dá por isso, está montada num animal de nuvem e a Avozinha está ao seu lado montada noutro, a sobrevoar a Terra-de-Quase-Acordar e a aterrar junto aos portões de Miamas. E Elsa planeia perguntar-lhe de manhã.

E depois, certa manhã, já não há mais manhãs.

Elsa está sentada no banco do lado de fora da montra grande. Tem tanto frio que está a bater o dente. A Mamã está lá dentro, a falar com a mulher com voz de baleia ou, pelo menos, como Elsa imagina que será a voz de uma baleia. O que é difícil de saber, tem de admitir, quando nunca se cruzou com uma.

A voz da mulher faz lembrar o gira-discos da Avozinha depois de ela o tentar transformar num robô. Não era bem claro que tipo de robô estava ela a tentar construir, mas, fosse qual fosse, não correu muito bem. Depois disso, sempre que tentavam pôr um disco, o som era como a voz de uma baleia. Nessa tarde, Elsa aprendeu tudo sobre LP e CD. Foi então que percebeu por que razão as pessoas de idade pareciam ter tanto tempo livre; nos bons velhos tempos, antes de o Spotify aparecer, deviam ter perdido imenso tempo só a mudar de faixa.

Aperta mais a gola do casaco e o cachecol dos Gryffindor à volta do queixo. A primeira neve do ano chegou de noite. Aos poucos, quase com relutância. Agora está tão alta que dá para fazer anjos de neve, algo que Elsa adora fazer.

Em Miamas há anjos-de-neve o ano todo. Como a Avozinha está sempre a recordar-lhe, os anjos-de-neve não são lá muito bem-educados. Na verdade, são bastante arrogantes e pretensiosos, e queixam-se sempre do serviço quando vão comer fora a uma das estalagens.

«Armam sempre confusão, põem-se a cheirar o vinho e esses disparates todos», desdenha a Avozinha.

Elsa estica o pé e apanha os flocos de neve com o sapato. Odeia estar sentada em bancos na rua à espera da Mamã, mas continua ali, porque a única coisa que odeia ainda mais é estar sentada *dentro* dos sítios à espera da Mamã.

Quer ir para casa. Com a Avozinha. É como se o prédio todo sentisse a falta dela. Não as pessoas que lá vivem, mas o edifício propriamente dito. As paredes rangem e gemem. E o *Nosso Amigo* há duas noites que uiva sem parar dentro do seu apartamento.

Britt-Marie obrigou Kent a tocar à campainha do apartamento do *Nosso Amigo*, mas ninguém abriu. O animal ladrou tão alto que Kent foi contra a parede. Assim, Britt-Marie chamou a polícia. Há muito tempo que detesta o *Nosso Amigo*. Há uns dois meses, andou a bater às portas com uma petição para as pessoas assinarem. Queria enviá-la para o senhorio e exigir «o despejo daquele cão horroroso».

«Não podemos ter cães no condomínio. É uma questão de segurança! É perigoso para as crianças, e *temos* de pensar nas crianças!» Britt-Marie explicou isto a toda a gente, com ar de

quem está preocupada com as crianças, embora as únicas crianças do prédio sejam Elsa e o menino da síndrome, e Elsa tem quase a certeza de que Britt-Marie não está assim tão preocupada com a sua segurança.

O menino da síndrome vive em frente do cão assustador, mas a mãe dele disse a Britt-Marie, com grande descontracção, que achava que o cão tinha mais medo do filho dela do que o contrário. A Avozinha fartou-se de rir quando soube, mas Elsa ficou com medo de que Britt-Marie decidisse proibir também crianças no prédio.

Elsa levanta-se do banco e começa aos saltinhos em cima da neve para aquecer os pés. Ao lado da montra grande onde a mulher-baleia trabalha há um supermercado com um letreiro cá fora: CARNEPICADA 49,90. Elsa tenta controlar-se, como a Mamã está sempre a pedir-lhe. Mas, por fim, tira a caneta de feltro vermelha do bolso do casaco e acrescenta um traço para mostrar que são duas palavras separadas.

Olha para o resultado e acena com a cabeça ao de leve. Depois, guarda a caneta no bolso e senta-se de novo no banco. Encosta a cabeça para trás e fecha os olhos, sentindo os pezinhos frios dos flocos de neve a aterram-lhe no rosto. Quando lhe chega às narinas o cheiro a tabaco, julga que está a imaginar coisas. A princípio, é mesmo maravilhoso sentir aquele cheiro acre no fundo da garganta, o qual – embora Elsa não perceba porquê – a faz sentir-se quente e segura. Mas depois sente outra coisa. Algo a dar um salto por trás das costelas. Como um sinal de aviso.

O homem está a alguma distância dela, à sombra de um dos prédios altos. Não o consegue ver bem; apenas o brilho vermelho do cigarro entre os dedos e o facto de ser muito magro. Como se lhe faltassem contornos. Está meio virado, como se nem sequer a tivesse visto.

Elsa não sabe por que motivo fica tão assustada, mas dá por si a apalpar o banco em busca de uma arma. É muito estranho; nunca faz isso no mundo real. No mundo real, o seu primeiro instinto é sempre fugir. Só em Miamas teria levado a mão à espada, como os cavaleiros fazem sempre que pressentem perigo. Porém, aqui não há espadas.

Quando ergue de novo o olhar, e embora Elsa pudesse jurar que se aproximou, o homem ainda está afastado do prédio, à sombra. Como se a sombra não fosse lançada pelo edifício e sim pelo próprio homem. Elsa pestaneja e, quando abre os olhos, já não lhe parece que o homem se aproximou.

Tem a certeza.

Salta do banco e recua até à grande montra, com a mão à procura da maçaneta da porta. Entra aos tropeções. Para, ofegante, aflita, a tentar acalmar-se. Só quando a porta se fecha com um *pling* amigável é que percebe porque achou o fumo do cigarro reconfortante.

O homem fuma o mesmo tabaco que a Avozinha. Elsa reconhecê-lo-ia em qualquer lado, porque a Avozinha costumava deixá-la ajudar a enrolar os cigarros; segundo ela, Elsa tinha

«dedinhos pequenos, perfeitos para estes sacanas».

Quando olha pela janela, Elsa já não sabe onde as sombras começam e onde acabam. Num momento imagina que o homem ainda ali está, parado do outro lado da rua, mas depois começa a questionar se sequer o viu.

Dá um salto como um animal assustado quando a Mamã lhe pousa a mão no ombro. Gira sobre si própria, de olhos arregalados, e as pernas fraquejam-lhe. O cansaço desliga-lhe todos os sentidos ao mesmo tempo assim que se sente nos braços da mãe. Não dorme há dois dias. A barriga da Mamã está tão grande que dava para pousar uma chávena lá em cima. George diz que é a forma de a natureza dar um descanso às grávidas.

– Vamos para casa – murmura a Mamã suavemente ao seu ouvido.

Elsa olha para ela, forçando o cansaço a recuar e libertando-se dos seus braços.

– Primeiro quero falar com a Avozinha!

A Mamã parece desolada. Elsa sabe disso porque «desolada» é uma palavra do frasco das palavras.

(Falaremos do frasco das palavras mais à frente nesta história.)

– Mas... querida... não sei se é boa ideia – murmura a Mamã.

Porém, Elsa já correu para além do balcão da receção e entrou na outra sala. Ouve a mulher-baleia a gritar e, a seguir, a voz controlada da mãe a pedir-lhe para deixar Elsa entrar.

A Avozinha está à espera dela no meio da sala. Há um aroma a lírios, a flor preferida da Mamã. A Avozinha não tem flores preferidas porque nenhuma planta vive mais do que vinte e quatro horas no apartamento dela; num raro ato de sujeição, e se calhar também graças ao encorajamento entusiástico da neta, a Avozinha decidiu que seria muito injusto para a natureza se ela tivesse flores preferidas.

Elsa para com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco e cara amuada. Num gesto de desafio, bate com os pés no chão para sacudir a neve.

– Não quero participar nesta caça ao tesouro, é idiota.

A Avozinha não responde. Nunca responde quando sabe que Elsa tem razão. Elsa bate de novo com os sapatos no chão.

– *Tu* és uma idiota – diz, em tom cortante.

A Avozinha continua sem lhe passar cartão. Elsa senta-se na cadeira ao lado dela e estende a carta.

– Podes ficar tu com esta carta idiota – sussurra.

Passaram dois dias desde que o *Nosso Amigo* começou a uivar. Dois dias desde que Elsa esteve na Terra-de-Quase-Acordar e no reino de Miamas. Ninguém está a ser franco com ela. Todos os adultos tentam enrolar o que aconteceu em lã e algodão para que não pareça perigoso, nem assustador, nem desagradável. Como se a Avozinha não tivesse estado doente. Como se tudo não passasse de um acidente. Mas Elsa sabe que estão a mentir: a Avozinha nunca se deixaria derrubar por um acidente. Regra geral, os acidentes é que eram derrubados

pela Avozinha.

Ademais, Elsa sabe o que é o cancro. Está tudo explicado na Wikipédia.

Dá um empurrãozinho ao caixão, para ver se obtém uma reação; no fundo, continua com esperança de que esta seja uma daquelas ocasiões em que a Avozinha está apenas a pregar-lhe uma partida. Como daquela vez em que a Avozinha vestiu o boneco de neve para parecer uma pessoa verdadeira que tinha caído da varanda, e Britt-Marie ficou tão furiosa quando percebeu que era uma partida que chamou a polícia. Na manhã seguinte, quando Britt-Marie espreitou pela janela, descobriu que a Avozinha fizera outro boneco de neve idêntico; ficou com «os miolos derretidos» – palavras da Avozinha – e saiu de casa a correr com uma pá para a neve. Foi então que o boneco de neve se levantou de um salto e gritou: «WAAAHHH!!!» Mais tarde, a Avozinha contou-lhe que ficara horas deitada na neve, à espera de Britt-Marie, e que pelo menos dois gatos tinham feito chichi em cima dela enquanto esperava, mas que valera bem a pena. Britt-Marie chamou outra vez a polícia, claro, mas eles declararam que não era crime pregar um susto a alguém.

Desta vez, contudo, a Avozinha não se levanta. Elsa bate com o punho no caixão, mas a Avozinha não responde; Elsa bate com mais e mais força, como se assim fosse possível corrigir todas as coisas que estão mal com esse gesto. Por fim, desce da cadeira, cai de joelhos no chão e murmura:

– Sabes que eles estão a mentir e dizem que tu «partiste» ou que te «perdemos»? Ninguém diz «morreu».

Elsa crava as unhas nas palmas das mãos e todo o seu corpo treme.

– Se estiveres morta, não sei como chegar a Miamas...

A Avozinha não lhe responde. Elsa encosta a testa à parte inferior do caixão. Sente a madeira fria na pele e lágrimas quentes nos lábios. Depois, sente os dedos suaves da Mamã no pescoço. Vira-se, agarra-se a ela e a Mamã pega-lhe ao colo e leva-a dali. Quando volta a abrir os olhos, está sentada em *Kia*, o carro da Mamã.

A Mamã está lá fora, a falar com George ao telefone. Elsa sabe que a Mamã não quer que ela a oiça a falar sobre o funeral. Não é parva nenhuma. Ainda tem a carta da Avozinha na mão. Sabe que não deve ler as cartas das outras pessoas, mas já deve ter lido esta mais de cem vezes nos últimos dois dias. A Avozinha devia saber que ela o faria, porque escreveu a carta inteira em símbolos que Elsa não compreende. Naquele estranho alfabeto que viu nos sinais de rua nas fotografias da Avozinha.

Olha para a carta, furiosa. A Avozinha sempre disse que ela e Elsa nunca teriam segredos uma da outra, apenas segredos das duas. Está furiosa com a Avozinha pela mentira, porque agora tem o maior segredo de todos na mão e não percebe porcaria nenhuma. E também por saber que se ficar chateada com a Avozinha agora, estabelecerá um recorde pessoal que nunca mais conseguirão quebrar.

A tinta parece desfocar-se no papel quando Elsa pestaneja. Embora não conheça estas

letras, acredita que a Avozinha pode ter soletrado mal várias palavras. Quando a Avozinha escreve, é como se estivesse apenas a espalhar palavras sobre a folha enquanto, mentalmente, já vai a caminho de outro lado qualquer. Não é que a Avozinha não saiba soletrar; é só que pensa tão depressa que as letras e as palavras não a conseguem acompanhar. Ao contrário de Elsa, também não vê a necessidade de soletrar de forma correta; de qualquer maneira, sempre foi melhor com ciência e com números.

«Percebeste muito bem o que quis dizer!», sussurra, irritada, quando passa a Elsa bilhetinhos secretos durante as refeições com a Mamã e George, e Elsa acrescenta letras, traços e espaços nos sítios certos com a sua caneta de feltro vermelha.

É uma das poucas coisas sobre as quais discutem a sério, a Avozinha e Elsa: por Elsa achar que as letras são algo mais do que uma forma de enviar mensagens. Algo mais importante.

Ou discutiam. *Costumavam* discutir por causa disso.

Só há uma palavra na carta toda que Elsa consegue ler. Apenas uma, escrita com letras normais, atirada quase ao acaso para o meio do texto. Está tão dissimulada que Elsa nem reparou nela na primeira vez que tentou ler a carta. Lê-a uma e outra vez, até não conseguir ver através das lágrimas. Sente-se desiludida e zangada por dezenas de milhares de razões, e talvez por mais umas dez mil de que ainda nem se lembrou. Sabe que não é uma coincidência. A Avozinha pôs ali aquela palavra para Elsa a ver.

O nome no envelope é o mesmo que está na caixa de correio do Monstro. E a única palavra que Elsa consegue ler na carta é «Miamas».

A Avozinha sempre adorou uma boa caça ao tesouro.

6

Produtos de limpeza

Tem três arranhões na cara. Como que feitos por garras. Tem a certeza de que as pessoas vão querer saber como é que tudo começou. Elsa fugiu, é a resposta mais simples. É boa a fugir. É o que acontece quando se passa a vida a ser perseguida.

Esta manhã mentiu à Mamã: informou-a de que as aulas começavam uma hora mais cedo do que o habitual. Quando a Mamã a pressionou, Elsa jogou a carta da má mãe. A carta da má mãe é como *Renault*: pode não ser bonita, mas é muitíssimo eficaz.

– Já te avisei mais de mil vezes que entro mais cedo às segundas-feiras! Até te dei um papel, mas tu não me dás atenção nenhuma!

A Mamã murmurou qualquer coisa sobre «distração de grávida» e fez um ar culpado. A maneira mais fácil de a desorientar é convencê-la de que perdeu o controlo. Antes, havia apenas duas pessoas no mundo que sabiam como fazer a Mamã perder o controlo. E agora só existe uma. É muito poder para colocar nas mãos de alguém que ainda nem fez oito anos.

À hora de almoço, Elsa apanhou o autocarro para casa porque achou que teria mais hipóteses de evitar Britt-Marie durante o dia. Parou e comprou quatro pacotes de chocolates *Daim* no supermercado. O prédio estava tão escuro e silencioso como só o prédio da Avozinha podia estar sem a sua presença, e parecia que até o edifício tinha saudades dela. Com cuidado, Elsa escondeu-se de Britt-Marie, que ia a caminho do sítio onde estão os contentores do lixo, embora nem sequer levasse os sacos do lixo para reciclar. Depois de Britt-Marie ter inspecionado o conteúdo de todos os caixotes e franzido os lábios como costuma fazer quando decide levantar alguma questão na próxima reunião de moradores, seguiu pela rua fora em direção ao supermercado, onde pode passar mais algum tempo de lábios franzidos. Elsa entrou no prédio e subiu até ao primeiro piso. Aí parou, a tremer de medo e de raiva em frente ao apartamento, com a carta ainda na mão. A raiva estava reservada para a Avozinha. O medo, para o Monstro.

Passado pouco tempo, corria através do recreio da escola, tão depressa que parecia que tinha fogo nos pés. E agora está sentada numa pequena sala, com as marcas encarnadas na cara, como que feitas por garras, à espera da Mamã, consciente de que ela exigirá saber o que aconteceu.

Faz girar o globo em cima da secretária. O diretor parece particularmente exasperado com aquele gesto. Portanto, Elsa continua a fazê-lo.

– Então? – pergunta o diretor, apontando-lhe para a cara. – Estás pronta para me contar o que aconteceu?

Elsa nem sequer se digna a responder-lhe.

Foi inteligente da parte da Avozinha, Elsa tem de o admitir. Continua terrivelmente irritada com esta estúpida caça ao tesouro, mas foi inteligente da parte da Avozinha escrever «Miamas» em letras normais no meio da carta. Elsa reunira toda a sua coragem, ali no patamar, durante pelo menos cem eternidades, antes de tocar à campainha. Se a Avozinha não soubesse que Elsa leria a carta (apesar de uma pessoa não dever ler as cartas dos outros), e se não tivesse escrito «Miamas» em letras normais, Elsa limitaria-se a atirar o envelope pela ranhura do correio na porta do Monstro e a fugir. Assim, tocou à campainha e esperou, porque tinha de exigir algumas respostas ao Monstro.

Afinal, Miamas pertence à Avozinha e a Elsa. É só delas. A fúria de Elsa ao pensar que a Avozinha lá levava um anormal qualquer é maior do que todo o seu medo de monstros.

Bom, não *muito* maior do que o medo de monstros, mas o suficiente.

O *Nosso Amigo* continuava a uivar no apartamento do lado, mas não aconteceu nada quando Elsa tocou à campainha do Monstro. Tocou outra vez e deu murros na porta até a madeira ranger, e em seguida espreitou pela ranhura do correio, embora estivesse demasiado escuro para ver fosse o que fosse. Nem um movimento. Nem um sopro. A única coisa que sentia era o cheiro intenso de produtos de limpeza, aquele tipo de cheiro que nos sobe pelas membranas nasais e começa aos pontapés à parte de trás dos olhos quando o inalamos.

Porém, nem um sinal de um monstro. Mesmo de um monstro pequeno.

Elsa tirou a mochila das costas, procurou os quatro pacotes de *Daim* e despejou-os pela ranhura do correio na porta do *Nosso Amigo*. Por breves, breves momentos, a Criatura parou de uivar. Elsa decidira chamar-lhe assim até descobrir o que realmente era; ache Britt-Marie o que achar, Elsa tem quase a certeza de que não é nenhum cão normal.

«Tens de parar de uivar. Se continuas a Britt-Marie chama a polícia, eles vêm cá e matam-te», murmurou através da ranhura.

Não sabia se a Criatura compreendia, mas pelo menos estava calado a comer o chocolate. Tal como qualquer criatura racional faria se lhe oferecessem chocolates *Daim*.

«Se vires o Monstro, avisa-o de que tenho correio para ele», pediu Elsa.

A Criatura não lhe respondeu, mas Elsa sentiu-lhe o hálito quente quando ele farejou a porta.

«Diz-lhe que a minha avozinha manda cumprimentos e pede desculpa», murmurou.

Em seguida, guardou a carta na mochila e apanhou o autocarro de regresso à escola. Quando olhou pela janela do autocarro pareceu-lhe vê-lo outra vez: o homem magro que estivera na rua ao pé da agência funerária na véspera, enquanto a Mamã falava com a mulher-baleia, agora nas sombras do outro lado da rua. Não conseguia ver-lhe o rosto por trás do fumo do cigarro, mas um terror gelado e instintivo apoderou-se de Elsa.

Depois, o homem desapareceu.

Elsa acha que talvez tenha sido por isto que não conseguiu tornar-se invisível quando chegou à escola. A invisibilidade é o tipo de superpoder que se pode treinar e aperfeiçoar –

Elsa está sempre a praticá-lo –, mas não resulta quando a pessoa está zangada ou assustada. E, quando chegou à escola, Elsa sentia-se assim. Com medo de que aparecessem homens nas sombras sem ela saber porquê, zangada com a Avozinha por ter mandado uma carta para ela entregar a um monstro, zangada com os monstros e com medo deles. Os monstros normais têm a decência de viver nas profundezas de cavernas escuras ou no fundo de lagos gelados. Os monstros normais e aterrorizadores não vivem em apartamentos e não recebem correio.

Ainda por cima, Elsa odeia as segundas-feiras. A escola é sempre pior nas segundas-feiras de manhã, porque as pessoas que gostam de a perseguir passaram um fim de semana inteiro sem ninguém para atormentar. Os bilhetinhos dentro do seu cacifo são sempre piores às segundas-feiras. Se calhar foi também por isso que a invisibilidade não resultou.

Elsa volta a fazer rodar o globo do diretor. Depois ouve a porta abrir-se e o diretor levantar-se, com ar aliviado.

– Olá! Desculpe o atraso! O trânsito! – exclama a Mamã, ofegante, e Elsa sente os dedos dela roçarem-lhe o pescoço.

Elsa não se vira. Sente também o telemóvel da Mamã no pescoço, porque a Mamã anda sempre com ele na mão. Como se fosse um ciborgue e o aparelho fizesse parte do seu tecido orgânico.

Elsa faz girar o globo com um pouco mais de força. O diretor senta-se na cadeira, inclina-se para a frente e tenta afastar o globo do alcance dela de forma discreta. Vira-se para a Mamã com ar esperançoso.

– Esperamos pelo pai da Elsa?

O diretor prefere que o Papá esteja presente neste tipo de reuniões; por algum motivo, parece achar o Papá mais razoável. A Mamã é que não fica nada satisfeita com a pergunta.

– O pai da Elsa está fora e, infelizmente, só volta amanhã.

O diretor parece desapontado.

– Claro, não temos qualquer intenção de criar o pânico. Sobretudo tendo em conta o seu estado...

Olha para a barriga da Mamã. A Mamã parece estar a fazer um grande esforço para se controlar e não lhe perguntar onde raio é que ele quer chegar com aquela conversa. O diretor pigarreja e afasta o globo ainda mais dos dedos estendidos de Elsa. Parece estar a preparar-se para recordar à Mamã que tem de pensar no bebé, algo que as pessoas tendem a fazer sempre que têm receio de que ela esteja a ficar zangada.

«Pense na criança.» Antes, quando o diziam, referiam-se a Elsa. Nos últimos tempos, porém, estão a falar do Meinho.

Elsa estica a perna e dá um pontapé no cesto dos papéis. Ouve o diretor e a Mamã a falarem, mas não escuta o que dizem. No fundo, está à espera de que a Avozinha entre por ali adentro a qualquer momento, de punhos erguidos, como num combate de boxe de um filme antigo. Da última vez que Elsa foi chamada ao diretor ele só ligou à Mamã e ao Papá, mas a

Avozinha apareceu na mesma. A Avozinha não era o tipo de pessoa a quem fosse preciso telefonar.

Dessa vez, Elsa também ficara ali sentada a girar o globo do diretor. O rapaz que lhe pusera um olho negro estava presente, com os pais. O diretor virara-se para o pai de Elsa e comentara: «Há aqui elementos de brincadeiras típicas de rapaz...»

E em seguida teve de dedicar muito tempo a explicar à Avozinha o que seria então uma brincadeira típica de rapariga, já que a Avozinha queria mesmo saber.

O diretor tentara acalmar a Avozinha ralhando ao rapaz que pusera o olho negro a Elsa e insistindo com ele que «só os cobardes batem a meninas». A Avozinha não ficou nada calma com isso.

«Não é nada cobardia bater a meninas!», rugira ao diretor. «Este miúdo não é um imbecil por bater a uma menina; é um imbecil por bater seja a quem for!»

O pai do rapaz ficara aborrecido e começara a ser mal-educado com a Avozinha por ela ter chamado «imbecil» ao filho. A Avozinha respondera que ia ensinar Elsa a dar pontapés «na caixa dos fusíveis» dos rapazes e depois veriam «se ainda é divertido andar à bulha com meninas». O diretor pedira a todos que se controlassem, e todos tinham tentado, durante algum tempo. No entanto, quando o diretor quis que o rapaz e Elsa dessem um aperto de mão e pedissem desculpa um ao outro, a Avozinha saltara da cadeira e perguntara: «Por que raio é que a Elsa tem de pedir desculpa?» O diretor respondera que Elsa tinha de assumir a sua parte da culpa, uma vez que «provocara» o rapaz e era preciso compreender que ele tivera «dificuldade em se controlar». E foi nesse instante que a Avozinha tentou atirar o globo à cabeça do diretor. Felizmente, a Mamã conseguiu segurá-la mesmo a tempo, pelo que o globo acabou por acertar no computador do diretor, partindo o ecrã. «FUI PROVOCADA!», berrara a Avozinha, enquanto a Mamã tentava arrastá-la para o corredor. «NÃO ME CONSEGUI CONTROLAR!»

É por isso que Elsa rasga sempre os bilhetinhos que encontra no cacifo. Os bilhetes que dizem que ela é feia. Que é nojenta. Que vão matá-la. Elsa rasga-os em pedacinhos tão pequeninos que quase não se veem e atira-os para diferentes caixotes do lixo pela escola. É um ato de misericórdia para quem os escreveu, porque, se a Avozinha descobrisse quem foi, espancá-los-ia até à morte.

Elsa levanta-se da cadeira e, o mais depressa que pode, estica-se sobre a secretária, rodando de novo o globo. O diretor parece à beira do desespero. Elsa recosta-se na cadeira, satisfeita.

– Meu Deus, Elsa! O que aconteceu à tua cara! – explode a Mamã, com pontos de exclamação no fim, quando vê os três arranhões encarnados.

Elsa encolhe os ombros sem responder. A Mamã vira-se para o diretor, com os olhos a chispar.

– O que aconteceu à cara dela?

O diretor contorce-se na cadeira.

– Então, então. Vamos acalmar-nos. Pense... pense na criança.

Não está a apontar para Elsa quando o diz, e sim para a Mamã. Elsa estica a perna e dá outro pontapé no cesto dos papéis. A Mamã respira fundo, fecha os olhos e, determinada, afasta o cesto dos papéis. Elsa olha para ela, ofendida, deslizando de tal maneira pela cadeira abaixo que tem de se segurar aos braços da mesma para não escorregar para o chão, e estica a perna até a ponta do pé estar quase, quase a tocar no cesto dos papéis. A Mamã suspira. Elsa suspira ainda mais alto. O diretor olha para as duas e em seguida para o globo em cima da secretária. Puxa-o para mais perto de si.

– Muito bem... – recomeça por fim, com um sorriso amarelo na direção da Mamã.

– Tem sido uma semana difícil para toda a família – interrompe-o a Mamã, parecendo que está a desculpar-se.

Elsa odeia aquele tom.

– Todos estamos solidários – responde o diretor como se soubesse o significado da palavra. Olha para o globo de maneira tensa. – Infelizmente, não é a primeira vez que a Elsa se vê envolvida em conflitos nesta escola.

– Nem será a última – murmura Elsa.

– Elsa! – ralha a Mamã.

– Mamã!!! – grita Elsa, com três pontos de exclamação.

A Mamã suspira. Elsa suspira ainda mais alto. O diretor pigarreia e, a segurar o globo com as duas mãos, continua:

– Nós, e quando digo nós, falo da escola em colaboração com o orientador dos alunos, consideramos que a Elsa podia beneficiar da ajuda de um psicólogo para canalizar a sua agressividade.

– Um psicólogo? – repete a Mamã, hesitante. – Com certeza que isso é um pouco exagerado, não acha?

O diretor ergue as mãos defensivamente, como se estivesse a pedir desculpa ou fosse começar a tocar uma pandeireta imaginária.

– Não que nos pareça que há alguma coisa *errada* nisso! De forma alguma! Muitas crianças com necessidades educativas especiais beneficiam de terapia. Não é nenhuma vergonha!

Elsa estica o pé e empurra o cesto dos papéis.

– Porque é que não vai o senhor a um psicólogo?

O diretor decide garantir a segurança do globo, colocando-o no chão ao lado da cadeira. A Mamã inclina-se para Elsa e faz um esforço incrível para não erguer a voz.

– Se nos contares, a mim e ao diretor, quem são as crianças que te estão a causar problemas, podemos ajudar a resolver os conflitos em vez de as coisas acabarem sempre assim, querida.

Com os lábios cerrados com força, Elsa ergue os olhos. Os arranhões na sua cara já não sangram, mas ainda estão vermelhos como luzes de néon.

– Os chibos morrem – declara sucintamente.

– Elsa, por favor, tenta cooperar – pede o diretor, com uma careta que Elsa presume ser a sua tentativa de sorrir.

– Coopere o senhor – responde Elsa sem tentar sorrir.

O diretor olha para a Mamã.

– Nós, isto é, os professores e eu, achamos que a Elsa podia por vezes tentar afastar-se quando sentir que há um conflito prestes a aconte...

Elsa não espera pela resposta da Mamã. Sabe que ela não a vai defender. Por isso, pega na mochila e levanta-se.

– Já podemos ir embora ou quê?

É então que o diretor indica que ela pode aguardar lá fora no corredor. Parece aliviado. Elsa sai e a Mamã fica lá dentro, a desculpar-se. Elsa odeia que ela o faça. Só quer ir para casa, para que já não seja segunda-feira.

Na última aula antes do almoço, uma das professoras presunçosas informou-os de que o trabalho de casa para as férias de Natal seria preparar uma apresentação com o tema «Um Herói Literário Que Admiro». Que tinham de se vestir como esse herói e falar sobre ele na primeira pessoa do singular. Todos tinham levantado as mãos e escolhido um herói. Elsa ia escolher Harry Potter, mas alguém o escolheu primeiro. Assim, quando chegou a sua vez, disse «Homem-Aranha» e um dos rapazes ficou chateado porque era esse que ia escolher. Rebentou uma discussão.

«Não podes escolher o Homem-Aranha!», gritou o rapaz. Elsa ripostou: «É pena, porque já escolhi!» O rapaz berrou: «É pena para TI, sim!» Ao que Elsa respondeu, em inglês: «Sure!», porque essa é a sua palavra preferida em inglês. Foi então que o rapaz clamou que Elsa não podia ser o Homem-Aranha, porque «só os rapazes podem ser o Homem-Aranha», e Elsa argumentou que ele podia ser a namorada do Homem-Aranha. Portanto, ele empurrou Elsa contra o radiador e Elsa bateu-lhe com um livro.

Elsa ainda acha que o rapaz lhe devia ter agradecido, pois é provável que nunca tivesse estado tão perto de um livro.

Mas foi nessa altura que a professora correu para eles e acabou com a luta, declarando que ninguém podia ser o Homem-Aranha dado que o Homem-Aranha só existia em filmes e que, portanto, não era uma «personagem literária». É possível que, devido a isso, Elsa tenha ficado um bocadinho enervada de mais: perguntou à professora se já tinha ouvido falar numa coisa chamada Marvel Comics, mas, como a professora não tinha, soltou um: «E DEIXA-ME ENSINAR CRIANÇAS?»

Por conseguinte, Elsa teve de ficar na sala imenso tempo depois das aulas a «conversar» com a professora, conversa essa que, na realidade, se resumiu a uma data de baboseiras por

parte da professora.

O rapaz e mais alguns miúdos estavam à espera dela quando saiu. Assim, Elsa apertou as alças da mochila até parecer que tinha um coala agarrado às costas e fugiu.

Tal como muitas crianças que são diferentes, é boa a fugir. Ouviu um dos rapazes gritar «Apanhem-na!» e o som de passos atrás de si no asfalto gelado. Ouviu as suas respirações ofegantes. Correu tão depressa que os joelhos lhe bateram na barriga e, se não fosse a mochila, teria conseguido saltar a cerca para a rua e eles nunca a teriam apanhado. Mas um dos rapazes agarrou-lhe na mochila. Bom, ela podia ter-se libertado da mochila e fugido, só que a carta da Avozinha para o Monstro estava lá dentro. Por isso, Elsa virou-se e enfrentou-os.

Como de costume, tentou proteger a cara para a Mamã não ficar aflita ao ver os estragos. Porém, não conseguia proteger ao mesmo tempo a cara e a mochila. Assim, as coisas seguiram o seu rumo. «Se puderes, debes escolher as tuas batalhas, mas se a batalha te escolher a ti, dá-lhe um pontapé na caixa dos fusíveis!» costumava a Avozinha recomendar a Elsa, e foi o que Elsa fez. Embora deteste violência, é boa lutadora porque tem muita prática. É por isso que agora, quando a perseguem, vêm sempre tantos miúdos.

A Mamã sai do gabinete do diretor depois de pelo menos dez eternidades de contos de fadas e atravessam o recreio deserto em silêncio. Elsa entra para o banco de trás de *Kia* com a mochila apertada nos braços. A Mamã parece infeliz.

– Por favor, Elsa...

– Não fui eu que comecei! Ele disse que as raparigas não podem ser o Homem-Aranha!

– Sim, eu sei, mas porque é que te metes em lutas?

– Porque sim!

– Já não és um bebé, Elsa. Estás sempre a pedir-me que te trate como uma adulta. Então, para de me responder como se fosses um bebé. Porque é que te metes em lutas?

Elsa enfia o dedo na borracha da porta.

– Porque estou farta de fugir.

A Mamã tenta esticar o braço para o banco de trás e dar-lhe uma festinha nos arranhões, mas Elsa afasta a cabeça.

– Não sei o que fazer – suspira a Mamã, tentando conter as lágrimas.

– Não tens de fazer nada – murmura Elsa.

A Mamã recua com *Kia* e sai do parque de estacionamento. A viagem decorre naquela eternidade silenciosa que só mães e filhas conseguem construir entre si.

– Se calhar devíamos mesmo ir a um psicólogo – sugere a Mamã, por fim.

Elsa encolhe os ombros.

– *Whatever*. – É a sua segunda palavra preferida em inglês.

– Eu... Elsa, querida, sei que o que aconteceu com a Avozinha foi um golpe terrível para ti. A morte é difícil para todos...

– Não sabes nada! – interrompe Elsa, puxando a borracha da porta com tanta força que, quando a larga, ela embate no vidro com um estalo.

– Também estou triste, Elsa – continua a Mamã, engolindo em seco. – Ela não era só a tua avó, era também a minha mãe.

– Tu odiava-la, por isso não digas disparates.

– Não a odiava. Era minha mãe.

– Estavam sempre a discutir! Se calhar até estás CONTENTE por ela ter morrido!!!

Elsa arrepende-se desta última parte, mas é tarde de mais. O silêncio que se segue dura todas as eternidades imagináveis: Elsa puxa a borracha até a arrancar da porta e a Mamã, embora repare, não lhe ralha. Quando para num semáforo, leva a mão aos olhos e diz, em tom resignado:

– Estou a tentar, Elsa. Sei que sou má mãe e que não estou em casa tanto quanto devia, mas estou mesmo a esforçar-me...

Elsa não responde. A Mamã massaja as têmporas.

– Devíamos falar com um psicólogo.

– Fala tu com um psicólogo.

– Sim. Se calhar devia.

– Sim. Se calhar devias!

– Porque é que estás a ser tão má?

– Porque é que TU estás a ser tão má?

– Querida, estou muito triste por a Avozinha ter morrido, mas temos de...

– Não estás nada!

É então que acontece algo que quase nunca, mesmo quase nunca acontece. A Mamã perde a compostura e grita:

– ESTOU, SIM SENHORA! TENTA COMPREENDER QUE NÃO ÉS A ÚNICA CAPAZ DE ESTAR INFELIZ E PARA DE AGIR COMO UMA MENINA MIMADA!

A Mamã e Elsa olham uma para a outra. A Mamã tapa a boca com a mão.

– Elsa... eu... queri...

Elsa abana a cabeça e arranca o resto da borracha da porta com um puxão. Sabe que venceu. Quando a Mamã perde o controlo, Elsa vence sempre.

– Para com isso. Não é bom gritares assim – murmura. E acrescenta, sem sequer olhar para a mãe: – Pensa no bebé.

Cabedal

É possível amar uma avó durante anos e anos sem saber muito sobre ela.

É terça-feira quando Elsa se encontra com o Monstro pela primeira vez. A escola corre melhor às terças-feiras. Hoje, Elsa só tem uma nódoa negra, e pode explicar as nódoas negras dizendo que as fez a jogar futebol. Está sentada em *Audi*. *Audi* é o carro do Papá. É o perfeito oposto de *Renault*. O Papá costuma ir buscá-la à escola à sexta-feira, de quinze em quinze dias, para ela passar o fim de semana com ele, Lisette e os filhos de Lisette. A Avozinha ia buscá-la todos os outros dias, e de agora em diante terá de ser a Mamã a fazê-lo. Mas como hoje a Mamã e George foram ao médico ver o Meiinho, o Papá veio buscá-la, apesar de ser terça-feira.

A Avozinha chegava sempre a horas e ficava à espera dela ao portão. O Papá chega atrasado e fica em *Audi*, no parque de estacionamento.

– O que é que fizeste ao olho? – pergunta o Papá, nervoso.

Chegou de Espanha, onde foi passear com Lisette e os filhos de Lisette, esta manhã, mas não apanhou sol nenhum porque não sabe como o fazer.

– Estivemos a jogar futebol – responde Elsa.

A Avozinha nunca engoliria a história do futebol.

Só que o Papá não é a Avozinha. Por isso, acena com a cabeça de forma hesitante e diz-lhe para se portar bem e pôr o cinto. Fá-lo muitas vezes. Isto é, acenar de forma hesitante. O Papá é uma pessoa hesitante. A Mamã é uma perfeccionista e o Papá é um pedante, e foi em parte por causa disso que o casamento deles não resultou, calcula Elsa. Uma perfeccionista e um pedante são pessoas muito diferentes. Quando a Mamã e o Papá faziam limpezas, a Mamã escrevia uma lista com as tarefas, planeadas ao minuto, mas depois o Papá distraía-se a descalcificar a máquina de café durante duas horas e meia, «e é impossível planear uma vida com uma pessoa dessas ao nosso lado», segundo a Mamã. (Os professores na escola estão sempre a dizer a Elsa que o problema dela é a sua incapacidade de se concentrar, o que é muito estranho, já que o grande problema do Papá é que não consegue parar de se concentrar.)

– Então, o que queres fazer? – pergunta o Papá, indeciso, com as mãos apoiadas no volante.

Também tem esse hábito, o de perguntar a Elsa o que quer fazer. O Papá quase nunca quer fazer seja o que for. Para mais, esta terça-feira foi muito inesperada, e ele não sabe lidar muito bem com terças-feiras inesperadas. É por isso que Elsa só fica com ele um fim de semana de quinze em quinze dias, porque depois de ter conhecido Lisette, e de Lisette e os filhos terem ido viver com ele, o Papá declarou que era muita «confusão» para Elsa. Quando

a Avozinha soube disto, telefonou-lhe e chamou-lhe nazi pelo menos dez vezes num minuto. Era um recorde de «nazis», mesmo para a Avozinha. Após desligar, virou-se para Elsa e perguntou, furiosa: «Lisette? Que raio de nome é esse?»

Elsa sabia que ela não estava a falar a sério, claro, porque toda a gente gosta de Lisette – ela tem o mesmo superpoder que George. Mas a Avozinha era o tipo de pessoa que queremos ao nosso lado quando vamos para a guerra, e isso era o que Elsa mais adorava nela.

O Papá atrasa-se sempre a ir buscar Elsa à escola. A Avozinha nunca se atrasava. Elsa tentou compreender qual o significado exato de «ironia» e tem quase a certeza de que um bom exemplo é o facto de o Papá nunca se atrasar para mais nada a não ser para a ir buscar à escola, e de a Avozinha estar sempre atrasada para tudo, exceto para isso.

O Papá tamborila com os dedos no volante.

– Então... onde queres ir hoje?

Elsa fica surpreendida, pois parece que ele quer mesmo ir a algum lado. O Papá vira-se para ela.

– Pensei que talvez quisesses... fazer alguma coisa.

Elsa sabe que ele só está a dizer aquilo para ser simpático. O Papá não é uma pessoa *fazedora*. Elsa olha para ele. O Papá olha para o volante.

– Acho que só quero ir para casa – responde ela.

O Papá acena, parecendo simultaneamente desapontado e aliviado, uma expressão facial que apenas ele, no mundo inteiro, conseguiu dominar. Porque o Papá nunca diz que não a Elsa, embora por vezes ela desejasse que ele o fizesse.

– O *Audi* é bonito – comenta, quando vão a meio caminho de casa sem que nenhum deles tivesse ainda proferido uma palavra.

Dá uma palmadinha no porta-luvas de *Audi*, como se fosse um gato. Os carros novos cheiram a cabedal macio, um cheiro que é diametralmente oposto ao cheiro a cabedal velho e gasto do apartamento da Avozinha. Elsa gosta de ambos os cheiros, embora prefira animais vivos a animais mortos e transformados em bancos de carro.

– Com um Audi sabemos sempre o que estamos a comprar – acrescenta o Papá, com um aceno. O seu carro anterior também se chamava *Audi*.

O Papá gosta de saber aquilo que está a comprar. Uma vez, o ano passado, mudaram a disposição das prateleiras no supermercado ao pé da casa do Papá e de Lisette, e Elsa teve de lhe fazer aqueles testes que costumam ensinar na televisão para se certificar de que ele não estava a ter um AVC.

Quando chegam a casa, o Papá sai de *Audi* e acompanha-a à porta do prédio. Britt-Marie está do lado de dentro, curvada sobre si própria, como um duende pálido de guarda. Elsa pensa que uma pessoa sabe sempre que nada de bom virá de um encontro com Britt-Marie. «É como uma carta das Finanças, aquela velha bruxa», observava a Avozinha. O Papá parece estar de acordo – Britt-Marie é um dos poucos temas em que ele e a Avozinha concordavam.

Britt-Marie tem uma revista de palavras-cruzadas na mão. Gosta muito de palavras-cruzadas porque há regras muito claras para as resolver. No entanto, preenche-as sempre a lápis: a Avozinha costumava comentar que Britt-Marie era o tipo de pessoa que teria de beber dois copos de vinho e estar num estado de espírito mesmo irreverente e louco para sonhar sequer em resolver palavras-cruzadas a caneta.

O Papá começa a cumprimentá-la de forma hesitante, mas Britt-Marie interrompe-o.

– Sabe de quem é isto? – pergunta, apontando para um carrinho de bebé preso ao corrimão com um cadeado, por baixo do quadro de avisos.

Elsa só agora reparou nele. É estranho que esteja ali porque não há bebés no prédio a não ser o Meinho, e ele/ela ainda anda sempre de boleia com a Mamã. Mas Britt-Marie parece incapaz de atribuir qualquer valor a esta questão filosófica mais profunda.

– Não são permitidos carrinhos de bebé no átrio do prédio! São um risco de incêndio! – declara, unindo as mãos com firmeza, de tal forma que a revista de palavras-cruzadas, enrolada entre elas, lembra uma espada bastante frágil.

– Sim. Está aqui escrito no aviso – confirma Elsa, de forma prestável, apontando para um aviso muito bem escrito mesmo por cima do carrinho de bebé, que comunica: NÃO DEIXE CARRINHOS DE BEBÉ AQUI. SÃO UM RISCO DE INCÊNDIO!

– É isso mesmo que quero dizer! – acrescenta Britt-Marie num tom um tanto elevado, embora ainda bem-intencionado.

– Não compreendo – diz o Papá, como se não compreendesse.

– Obviamente, estou a perguntar se foi o senhor que colocou este aviso! É isso que quero saber! – esclarece Britt-Marie, dando um pequeno passo em frente e, depois, um pequeno passo atrás, como se quisesse sublinhar a gravidade da situação.

– Há algum problema com o aviso? – pergunta Elsa.

– Claro que não, claro que não. Mas não é *prática comum* neste condomínio afixar avisos como calha, sem primeiro pedir autorização aos outros moradores do prédio!

– Mas não há mesmo um condomínio oficial, pois não? – questiona Elsa.

– Não, mas vai haver! Até lá, eu sou a responsável pelas informações do comité de associação. Não é prática comum afixar avisos sem notificar a responsável pelas informações do comité de associação!

É interrompida por um latido, tão forte que faz estremecer o vidro da porta.

Todos dão um salto. Ontem, Elsa ouviu a Mamã contar a George que Britt-Marie ligou para a polícia para exigir que o *Nosso Amigo* fosse abatido. Ele parece ter ouvido a voz de Britt-Marie agora e, tal como a Avozinha, o *Nosso Amigo* não consegue ficar calado quando isso acontece. Britt-Marie começa a queixar-se de que é preciso fazer alguma coisa em relação àquele cão. O Papá parece pouco à vontade.

– Talvez alguém tenha tentado falar consigo, mas não a apanhou em casa? – sugere Elsa a Britt-Marie, apontando para o aviso na parede. Resulta, pelo menos temporariamente. Britt-

Marie volta a irritar-se com o aviso e esquece-se de ficar irritada com o *Nosso Amigo*, já que a coisa mais importante para ela é nunca ficar sem motivos para se irritar. Elsa pondera por um segundo sugerir a Britt-Marie que afixe um aviso a informar os vizinhos de que, se querem afixar avisos, têm primeiro de informar os vizinhos. Através da afixação de um aviso, por exemplo.

O cão ladra outra vez no apartamento por cima do átrio. Britt-Marie franze os lábios.

– Já chamei a polícia. Chamei mesmo! Mas claro que não fazem nada. Dizem que temos de esperar até amanhã para ver se o dono aparece!

O Papá não responde e Britt-Marie interpreta logo o silêncio dele como um sinal de que adoraria saber mais acerca do que Britt-Marie pensa sobre o assunto.

– O Kent tocou à campainha daquele apartamento muitas vezes, mas nunca ninguém abriu a porta! É como se aquele animal selvagem ali morasse sozinho! Acredita?

Elsa sustém a respiração, mas não se ouvem mais latidos, como se o *Nosso Amigo* tivesse encontrado algum bom senso.

A porta do prédio abre-se atrás do Papá e a mulher da saia preta entra. Os saltos dos seus sapatos ecoam no chão enquanto fala em voz alta para o fio branco pendurado da orelha.

– Olá! – cumprimenta Elsa, para desviar a atenção de Britt-Marie de eventuais latidos.

– Olá – saúda o Papá, para ser bem-educado.

– Ora, ora. Muito boa tarde – diz Britt-Marie, como se a mulher fosse uma potencial criminosa afixadora de avisos. A mulher não responde. Fala ainda mais alto para o fio branco, lança um olhar irritado aos três e desaparece pelas escadas acima.

Depois de ela desaparecer, abate-se um silêncio longo e tenso sobre os presentes. O pai de Elsa não lida muito bem com silêncios tensos.

– Helvética – consegue dizer, enquanto pigarreia nervoso.

– Desculpe? – admira-se Britt-Marie, franzindo ainda mais os lábios.

– Helvética. A fonte. O tipo de letra, quero eu dizer – responde o Papá, em tom cada vez mais nervoso, apontando para o aviso na parede. – É uma boa fonte.

Os tipos de letra são algo que o Papá considera importante. Uma vez, quando a Mamã estava numa reunião de pais na escola de Elsa e o Papá ligara à última hora a dizer que não podia ir porque aparecera um imprevisto no trabalho, a Mamã, para o castigar, inscrevera-o como voluntário para fazer os cartazes para a venda solidária da escola. O Papá não ficou muito satisfeito quando soube. Demorou três semanas a decidir que fonte havia de usar nos cartazes. Quando os levou para a escola, a professora de Elsa não os quis afixar porque a venda já acontecera – segundo parece, o pai de Elsa não percebeu o que tinha uma coisa a ver com a outra.

É mais ou menos como Britt-Marie não compreender o que é que a fonte Helvética tem a ver com o que quer que seja, neste momento.

O Papá olha para o chão e pigarreia outra vez.

– Tens... a chave de casa? – pergunta a Elsa.

Ela faz que sim com a cabeça. Dão um abraço rápido. Aliviado, o Papá sai porta fora e Elsa corre pelas escadas acima antes que Britt-Marie tenha tempo para recomeçar a falar. Para um instante em frente ao apartamento do *Nosso Amigo*, olha para trás para se certificar de que Britt-Marie não vem aí, abre a ranhura do correio e sussurra:

– Por favor, não faças barulho!

Sabe que ele compreende. Só espera que se importe.

Elsa sobe a correr o último lanço de escadas, com as chaves na mão, mas não entra no apartamento da Mamã e de George. Em vez disso, abre a porta da Avozinha. Há caixas e um balde na cozinha; tenta não prestar atenção a essas coisas, mas não consegue. Salta para dentro do grande roupeiro. A escuridão no interior do roupeiro assenta à sua volta e ninguém sabe que ela está a chorar.

Costumava ser mágico, este roupeiro. Elsa conseguia deitar-se esticada no fundo e mal tocava com as pontas dos dedos das mãos e dos pés nas paredes. Por mais que crescesse, o roupeiro era sempre do tamanho certo. A Avozinha afirmava, claro, que isso eram «palermices, porque o roupeiro sempre foi deste tamanho», mas Elsa mediu-o. Por isso sabe.

Deita-se e estica-se o máximo que consegue. Toca em ambas as paredes. Dentro de alguns meses não precisará de se esticar. Dentro de um ano já nem sequer conseguirá deitar-se lá dentro. Porque nada voltará a ser mágico.

Ouve as vozes abafadas de Maud e Lennart no apartamento, consegue sentir o cheiro do café. Elsa sabe que *Samantha* também está lá muito antes de ouvir o som das patas da *bichon frisé* na sala de estar e, pouco depois, o seu ressonar por baixo da mesa de café da Avozinha. Maud e Lennart estão a arrumar o apartamento da Avozinha e a começar a embalar as coisas dela. A Mamã pediu-lhes ajuda e Elsa odeia a Mamã por isso. Odeia toda a gente por isso.

Pouco depois, ouve também a voz de Britt-Marie, como se ela andasse atrás de Maud e Lennart. Está muito zangada. Só quer falar sobre quem teve a ousadia de afixar aquele aviso no átrio, e quem teve a impertinência de prender o carrinho de bebé mesmo por baixo do aviso. Não parece ser claro, nem mesmo para Britt-Marie, qual das duas ocorrências a incomoda mais. Pelo menos, não voltou a mencionar o *Nosso Amigo*.

Elsa está no roupeiro há uma hora quando o menino da síndrome se junta a ela. Pela porta entreaberta, Elsa vê a mãe dele a andar de um lado para o outro, a limpar, e Maud, cuidadosa, a segui-la e a apanhar as coisas que vão caindo.

Lennart põe uma grande travessa com sonhos do lado de fora do roupeiro. Elsa puxa-os para dentro e fecha a porta para que ela e o menino da síndrome possam comer em silêncio. O menino não diz nada, porque nunca fala. É uma das coisas de que Elsa mais gosta nele.

Ouve a voz de George na cozinha. É calorosa e reconfortante; pergunta se alguém quer ovos, porque se alguém quiser ele pode fazê-los. Toda a gente gosta de George, é o seu superpoder. Elsa odeia-o por isso. Em seguida ouve a voz da mãe e, por um momento, quer

sair e atirar-se para os braços dela. Mas não o faz, porque quer que a mãe esteja preocupada. Embora Elsa saiba que já venceu, quer que a Mamã também o saiba. Só para se certificar de que ela está a sofrer tanto como Elsa com a morte da Avozinha.

O menino adormece no chão do roupeiro. Pouco depois, a mãe dele abre a porta devagar, entra de gatas e leva-o ao colo. É como se tivesse sabido que ele adormecera no preciso instante em que isso aconteceu. Talvez seja esse o seu superpoder.

Após uns instantes, Maud entra no roupeiro e, com cuidado, apanha todas as coisas que a mãe do menino deixou cair quando lhe pegou.

– Obrigada pelos bolinhos – sussurra Elsa.

Maud dá-lhe uma festa na bochecha e parece tão preocupada com Elsa que Elsa fica preocupada com Maud.

Fica no roupeiro até todos terem parado de limpar e de arrumar, e terem regressado aos seus apartamentos. Sabe que a Mamã está sentada na sala do apartamento deles, à sua espera, por isso senta-se no parapeito da grande janela das escadas durante muito tempo. Para garantir que a Mamã continua à espera. Fica ali sentada até as luzes das escadas se desligarem automaticamente.

Passado algum tempo, a bêbada sai de um apartamento mais abaixo, aos tropeções, começa a bater no corrimão com uma calçadeira e a resmungar qualquer coisa sobre as pessoas não poderem tomar banho à noite. A bêbada faz isto várias vezes por semana. Não é nada de anormal.

– Desliguem a água! – resmunga a bêbada. Elsa não responde.

Aliás, ninguém responde. Em prédios como este, as pessoas parecem achar que os bêbados são como monstros e que se fingirem que eles não existem, acabarão por desaparecer.

Elsa ouve a bêbada, na sua defesa apaixonada do racionamento de água, escorregar e cair de rabo no chão, e a calçadeira bater-lhe na cabeça. A bêbada e a calçadeira têm uma disputa bastante demorada depois disso, como dois velhos amigos a embirrar por causa de dinheiro. Por fim, silêncio. E então Elsa ouve a canção. A canção de embalar que a bêbada canta sempre. Sentada às escuras, Elsa abraça-se a si própria, como se fosse uma canção de embalar só para ela. Finalmente, até isso se silencia. Ouve a bêbada tentar acalmar a calçadeira antes de voltar a entrar no seu apartamento. Elsa semicerra os olhos. Tenta ver os animais de nuvem e os primeiros campos da Terra-de-Quase-Acordar, mas não resulta. Já não consegue lá ir. Não sem a Avozinha. Abre os olhos, absolutamente inconsolável. Os flocos de neve batem na janela como luvas molhadas.

E é então que vê o Monstro pela primeira vez.

Está uma daquelas noites de inverno em que a escuridão é tão densa que é como se toda a área tivesse sido mergulhada num balde de negrume. Sorrateiro, o Monstro sai pela porta do

prédio e atravessa o semicírculo de luz em volta do último candeeiro da rua tão depressa que, se Elsa tivesse demorado um bocadinho mais a pestanejar, julgaria que estava a imaginar coisas. Assim, sabe aquilo que viu, por isso salta do parapeito da janela e começa a descer as escadas sem hesitar.

Nunca o tinha visto, mas só pelo tamanho tem a certeza de que é ele. A silhueta desliza sobre a neve como um animal, uma besta de um dos contos de fadas da Avozinha. Elsa sabe muito bem que aquilo que está prestes a fazer é perigoso e estúpido, mas desce as escadas a correr, três degraus de cada vez. As meias escorregam-lhe no último degrau e ela derrapa pelo átrio, batendo com o queixo no puxador da porta.

Com a cara a latejar de dor, abre a porta e, ofegante, corre sobre a neve, ainda só de meias.

– Tenho correio para si! – grita na noite. Só então, como está desesperada para saber quem é esta pessoa com quem a Avozinha partilhou o segredo sobre Miamas, se apercebe de que as lágrimas se acumularam na sua garganta.

Não tem resposta. Ouve os seus passos leves na neve, surpreendentemente ágeis tendo em conta como é enorme. Está a afastar-se dela. Elsa devia estar aterrorizada, devia ter medo do que o Monstro lhe pode fazer. É grande o bastante para a desfazer com um puxão e ela sabe-o, mas sente-se zangada de mais para ter medo.

– A minha avozinha pede desculpa! – berra.

Não o consegue ver. No entanto, já não ouve o rangido dos seus passos sobre a neve. O Monstro parou.

Elsa não pensa. Precipita-se para a escuridão, agindo apenas por instinto, em direção ao sítio onde o ouviu pôr o pé no chão pela última vez. Sente o movimento do ar do casaco dele. Ele começa a correr; ela tropeça na neve e salta para a frente, agarrando-o pela perna das calças. Quando aterra na neve, de costas, vê-o a olhar para ela, iluminado pela luz do último candeeiro. Elsa tem tempo de sentir as lágrimas a congelarem-lhe no rosto.

O Monstro deve ter bem mais de um metro e oitenta. É grande como uma árvore. Tem um capuz grosso a cobrir a cabeça e o cabelo preto cai-lhe sobre os ombros. Tem quase todo o rosto escondido por uma barba densa como a pelagem de um animal e, nas sombras do capuz, Elsa vê uma cicatriz em ziguezague por cima de um olho, tão saliente que parece que a pele derreteu. Elsa sente o olhar dele gelar-lhe o sangue.

– Larga-me!

A massa escura do seu tronco inclina-se sobre Elsa enquanto sussurra esta palavra.

– A minha avozinha pede desculpa! – afirma Elsa, sem fôlego, e estende-lhe o envelope.

O Monstro não o aceita. Elsa larga-lhe a perna das calças porque tem medo de que ele lhe dê um pontapé, mas ele limita-se a recuar um passo. E o que diz a seguir é mais um grunhido do que palavras. Como se estivesse a falar sozinho e não com ela.

– Desaparece, miúda estúpida...

As palavras pulsam nos tímpanos de Elsa. Parecem erradas, por algum motivo. Elsa compreende-as, mas arranham-lhe as passagens do ouvido interno. Como se não pertencessem ali.

O Monstro vira-se com um movimento rápido e hostil. E, num instante, desapareceu. Como se tivesse entrado por uma porta na escuridão.

Elsa fica deitada na neve, a tentar recuperar o fôlego, com o frio a pisar-lhe o peito. Depois levanta-se, reúne todas as suas forças, amacha o envelope e atira-o para a escuridão onde ele desapareceu.

Não sabe quantas eternidades passaram até ouvir a porta do prédio abrir-se. Ouve os passos da Mamã, ouve-a chamá-la. Elsa corre, às cegas, para os braços dela.

– O que fazes aqui fora? – pergunta a Mamã, assustada.

Elsa não responde. Com ternura, a Mamã segura-lhe no rosto com ambas as mãos.

– Como é que arranjaste esse olho negro?

– No futebol – murmura Elsa.

– Estás a mentir – murmura a Mamã.

Elsa acena afirmativamente. A Mamã abraça-a com força. Elsa soluça com o rosto escondido na barriga dela.

– Tenho tantas saudades dela...

A Mamã baixa-se e encosta a testa à dela.

– Também eu.

Não ouvem o Monstro a voltar para trás. Não o veem apanhar o envelope. Porém, só nesse momento, em que está aninhada nos braços da mãe, Elsa percebe por que motivo as palavras dele lhe pareceram tão erradas.

O Monstro falou na língua secreta de Elsa e da Avozinha.

É possível amar uma avó durante anos e anos sem saber muito sobre ela.

Borracha

É quarta-feira. E Elsa está de novo a fugir.

Não sabe a razão concreta, desta vez. Talvez por ser um dos últimos dias de aulas antes das férias de Natal e elas saibam que não vão poder perseguir ninguém durante várias semanas, por isso têm de aproveitar agora. Ou talvez seja por outro motivo completamente diferente – não importa. As pessoas que nunca foram perseguidas parecem sempre achar que há uma causa. «Não o fariam sem razão, pois não? Deves ter feito alguma coisa para os provocar.» Como se a opressão funcionasse assim.

Mas de nada adianta tentar explicá-lo a essas pessoas; é tão inútil como tentar fazer ver a um tipo com uma pata de coelho no porta-chaves – supostamente dão sorte – que, se as patas de coelho *dessem* mesmo sorte, ainda estariam presas aos coelhos.

E, na verdade, ninguém tem culpa. Não foi por o Papá se ter atrasado um bocadinho a vir buscá-la, nem por as aulas terem acabado um pouco mais cedo. E é difícil tornar-se invisível quando a caça começa dentro do edifício da escola.

Por isso, Elsa foge.

– Apanhem-na! – grita uma rapariga algures atrás de si.

Hoje, tudo começou com o cachecol de Elsa. Pelo menos, é o que lhe parece. Já vai conhecendo quem são os perseguidores da escola e como funcionam. Alguns só perseguem crianças que se revelem fracas. Outros fazem-no apenas pela excitação da caça; nem sequer batem nas vítimas quando as apanham, só querem ver o terror nos seus olhos. E depois há alguns, como o rapaz com quem Elsa discutiu pelo direito de ser o Homem-Aranha, que lutam e perseguem as pessoas por uma questão de princípio, já que não suportam que alguém discorde deles. Sobretudo se esse alguém for uma pessoa diferente.

Com esta rapariga de hoje, a história é outra. Ela *quer* uma razão para perseguir Elsa. Uma forma de justificar a perseguição. *Quer sentir-se como uma heroína enquanto me persegue*, pensa Elsa com uma clareza impossivelmente fria enquanto corre para a cerca, com o coração a bater como um tambor e a garganta a arder como daquela vez que a Avozinha fez batidos de malagueta.

Elsa atira-se para a cerca e a mochila bate-lhe na cabeça com tanta força quando aterra no passeio do outro lado que, por uns segundos, julga que vai desmaiar. Puxa as correias com força para as apertar. Meio tonta, pestaneja e olha para a esquerda, para o parque de estacionamento onde *Audi* deve aparecer a qualquer momento. Ouve a rapariga a gritar atrás de si como uma orca insultada e esfomeada. Sabe que quando *Audi* chegar será tarde de mais; por isso, olha para a direita, para a rua que desce até à estrada principal. Camiões percorrem-na com estrondo, como um exército invasor a caminho de um castelo ainda nas mãos do

inimigo, mas pelos intervalos entre eles Elsa vê a entrada do parque do outro lado.

«Parque da Pica», é como as pessoas lhe chamam na escola, porque há lá toxicodependentes que perseguem as crianças com seringas de heroína. Pelo menos foi o que Elsa ouviu dizer, e a ideia aterroriza-a. É o tipo de local que parece nunca apanhar a luz do dia, e esta quarta-feira está um daqueles dias de inverno em que é como se o sol nem tivesse nascido.

Tinha corrido tudo bem até à hora de almoço, mas nem mesmo uma pessoa capaz de se tornar invisível o consegue completamente num refeitório. A rapariga materializou-se à frente dela tão repentinamente que Elsa se assustou e entornou molho de salada no cachecol dos Gryffindor. A rapariga apontou e berrou: «Não te disse para deixares de andar por aí com esse cachecol horroroso?»

Elsa olhou para a rapariga como qualquer pessoa olharia para alguém capaz de apontar para um cachecol dos Gryffindor e lhe chamar «horroroso». (Mais ou menos como olharia para alguém que, ao ver um cavalo, gritasse alegremente «crocodilo»!) Da primeira vez que o cachecol chamara a atenção da outra rapariga, Elsa partira do princípio de que ela era uma Slytherin. Só depois de a rapariga lhe ter batido na cara, lhe ter rasgado o cachecol e de o ter atirado para dentro da sanita, é que Elsa percebera que a rapariga não tinha lido os livros de Harry Potter. Sabia quem ele era, claro (toda a gente sabe quem é Harry Potter), mas não lera os livros. Nem sequer compreendia o simbolismo básico de um cachecol dos Gryffindor. E embora Elsa não quisesse ser elitista, como é que se podia ter uma discussão racional com uma pessoa assim? Muggles!

Portanto, hoje, quando a rapariga no refeitório estendeu a mão para lhe puxar o cachecol, Elsa decidiu baixar ao seu nível intelectual e continuar a discussão: atirou-lhe o copo de leite à cara e desatou a correr. Pelos corredores, pela escada acima até ao segundo andar, depois até ao terceiro, onde havia um espaço debaixo das escadas que os empregados usavam como armário para o material de limpeza. Elsa enrolou-se lá dentro com os braços à volta dos joelhos, tornando-se o mais invisível que conseguia, enquanto ouvia a rapariga e as suas seguidoras subirem ao quarto andar. E em seguida escondeu-se na sala de aulas o resto do dia.

O impossível é a distância entre a sala de aula e os portões da escola; nem um especialista com muita experiência consegue tornar-se invisível aí. Por isso, Elsa teve de recorrer a uma estratégia.

Primeiro, ficou ao pé da professora enquanto os colegas se amontoavam para sair da sala. Em seguida, escapuliu-se no meio do tumulto geral e desceu a correr pelo outro lanço de escadas, o que não dá para o portão principal. Claro que as suas perseguidoras sabiam que ela o faria; talvez até quisessem que ela o fizesse, dado que seria mais fácil apanhá-la nessas escadas. No entanto, como a aula acabara mais cedo, Elsa jogou com a possibilidade de as aulas no andar de baixo ainda estarem a decorrer, o que lhe daria talvez meio minuto para

descer as escadas, percorrer o corredor vazio e ganhar um pequeno avanço, enquanto as suas perseguidoras se debatiam com os alunos que, entretanto, saíam das respetivas salas.

Tinha razão. Viu a rapariga e as amigas a pouco mais de dez metros, mas não a conseguiram apanhar.

A Avozinha contara-lhe milhares de histórias de Miamas sobre perseguições e guerra. Sobre como escapar às Sombras quando nos seguem, como lhes deixar armadilhas e como as vencer com distrações. Tal como todos os caçadores, as Sombras só têm uma fraqueza significativa: concentram toda a sua atenção na presa em vez de estudarem aquilo que as rodeia. A presa, por outro lado, dedica toda a sua atenção a encontrar uma forma de escapar. Pode não ser uma grande vantagem, mas é uma vantagem. Elsa sabe, porque procurou o significado de «distração».

Assim, enfiou a mão no bolso das calças de ganga e tirou um punhado de moedas que levava sempre para emergências. No exato momento em que a multidão de crianças começava a dispersar e ela se aproximava do segundo lanço de escadas, as que levavam à entrada principal da escola, atirou as moedas para o chão e correu.

Elsa já reparara numa coisa estranha em relação às pessoas. Quase ninguém consegue ouvir o tilintar de moedas sobre um chão de pedra sem parar instintivamente e olhar para baixo. As crianças que estacaram bruscamente, de braços ávidos estendidos para o chão, travaram as suas perseguidoras e deram a Elsa mais alguns segundos para se afastar. Aproveitando o momento, Elsa acelerou.

Agora, contudo, ouve-as a saltarem a cerca, o som das botas de inverno da moda a raspar na rede de arame. Tem apenas alguns instantes antes de ser apanhada. Elsa olha para a esquerda, para o parque de estacionamento. *Audi* ainda não chegou. Olha para a direita, para o caos da estrada e o silêncio das trevas do parque. Olha de novo para a esquerda, crendo que seria a opção mais segura se o Papá chegasse a horas, para variar. Volta a olhar para a direita e sente um medo abrasivo nas entranhas ao vislumbrar o parque entre os camiões que passam com estrondo.

E então lembra-se das histórias de Miamas da Avozinha: como um dos príncipes escapou uma vez a um bando de Sombras que o perseguiam entrando na floresta mais negra da Terra-de-Quase-Acordar. As Sombras são as imundícies mais imundas que alguma vez existiram em qualquer fantasia, mas até as Sombras sentem medo, segundo a Avozinha. Até essas filhas da mãe têm medo de alguma coisa. Porque até as Sombras têm imaginação.

«Por vezes, o sítio mais seguro para fugir é aquele que parece o mais perigoso», explicou a Avozinha, e descreveu-lhe como o príncipe penetrou na floresta mais negra e as Sombras pararam, furiosas, no limiar da mesma. Pois nem mesmo elas sabiam o que poderia esconder-se lá dentro, do outro lado das árvores, e nada é mais assustador do que o desconhecido, o que só podemos conhecer através da imaginação. «Em termos de terror, a realidade não chega aos calcanhares do poder da imaginação», concluiu a Avozinha.

Assim, Elsa corre para a direita. Sente o cheiro a borracha queimada quando os carros travam na estrada gelada. *Renault* cheira quase sempre assim. Corre entre os camiões e ouve as buzinas ensurdecadoras, e as suas perseguidoras a gritarem. Chegou ao passeio quando sente a primeira agarrar-lhe na mochila. Está tão perto do parque que podia estender a mão para a sua escuridão, mas é tarde de mais. Quando a empurram para o chão, Elsa julga que os socos e pontapés cairão sobre ela mais depressa do que as suas mãos conseguirão protegê-la, mas dobra os joelhos, fecha os olhos e tenta tapar a cara para a Mamã não ficar outra vez preocupada.

Espera pelos baques surdos na nuca. Muitas vezes, não dói quando lhe batem; geralmente, só lhe dói no dia seguinte. A dor que sente enquanto está a ser espancada é uma dor de outro género.

Nada acontece.

Elsa sustém a respiração.

Nada.

Abre os olhos e há um ruído ensurdecador à sua volta. Ouve as raparigas aos gritos. Ouve-as a correr. E ouve a voz do Monstro. Algo brota de dentro dele, como uma força primitiva.

– NUNCA! MAIS! LHE! TOQUEM!

Tudo ecoa.

Os tímpanos de Elsa vibram. O Monstro não está a rugir na língua secreta de Elsa e da Avozinha e sim na língua normal. As palavras parecem estranhas na boca dele, como se a entoação de cada sílaba escorregasse e caísse mal. Como se não usasse essas palavras há muito tempo.

Elsa ergue os olhos. O Monstro fita-a através da sombra do capuz e da barba, que parece não ter fim. O seu peito sobe e desce algumas vezes. Elsa encolhe-se instintivamente, morta de medo de que ele lhe pegue com aquelas mãos enormes e a atire para o meio do trânsito, como um gigante a dar um piparote num rato com o dedo. Mas ele limita-se a ficar ali parado, ofegante, com ar zangado e confuso. Por fim, levanta a mão como se fosse uma marreta pesada e aponta para a escola.

Quando Elsa se vira, vê a rapariga que não leu *Harry Potter* e as amigas a dispersarem como pedacinhos de papel lançados ao vento.

À distância, avista *Audi* a virar para o parque de estacionamento. Elsa respira fundo e sente o ar entrar-lhe nos pulmões pelo que lhe parece ser a primeira vez em vários minutos.

Quando se vira outra vez, o Monstro desapareceu.

Sabão

Há milhares de histórias no mundo real, mas todas vêm da Terra-de-Quase-Acordar. E as melhores são as de Miamas.

Os outros cinco reinos produziram um ou outro conto de fadas ao longo do tempo, claro, mas nenhum é tão bom como os de Miamas, nem por sombras. Em Miamas, os contos de fadas ainda são produzidos dia e noite, carinhosamente feitos à mão, um a um, e só os melhores de todos são exportados. A maioria é contada apenas uma vez e esvanece-se, mas os melhores e mais belos erguem-se dos lábios dos contadores de histórias depois de as últimas palavras terem sido pronunciadas, e pairam lentamente sobre as cabeças dos ouvintes, como pequenas lanternas de papel tremeluzentes. Quando a noite cai, os enfantes vêm buscá-los. Os enfantes são criaturas muito pequenas, com chapéus modestos, montados em animais de nuvem (os enfantes, não os chapéus). Recolhem as «lanternas» com a ajuda de grandes redes douradas e, depois, os animais de nuvem viram-se e sobem em direção ao céu, tão velozmente que até o vento tem de lhes sair da frente. Se o vento não lhes sair da frente depressa, as nuvens transformam-se num animal com dedos, para os animais de nuvem poderem mostrar o dedo do meio ao vento. (A Avozinha fartava-se de rir disto; Elsa demorou algum tempo a perceber porquê.)

No pico da montanha mais alta da Terra-de-Quase-Acordar, conhecida como a Montanha da Narração, os enfantes abrem as redes e deixam as histórias voar em liberdade. E é assim que as histórias vêm parar ao mundo real.

A princípio, quando a Avozinha começou a contar-lhe histórias de Miamas, pareciam apenas contos de fadas sem qualquer relação entre si, descontextualizados, inventados por alguém que precisava de fazer um exame à cabeça. Elsa demorou anos a perceber que as histórias estavam ligadas entre si. É assim que funcionam todas as histórias que são realmente boas.

A Avozinha contou-lhe a história da lamentável maldição da mulher anjo-do-mar, e a dos dois príncipes irmãos que travaram uma guerra porque estavam ambos apaixonados pela princesa de Miploris. Falou-lhe também sobre a princesa envolvida numa contenda com a bruxa que lhe roubara o tesouro mais precioso da Terra-de-Quase-Acordar, e descreveu os guerreiros de Mibatalos, os bailarinos de Mimovas e os caçadores de sonhos de Mirevas. Contou-lhe como costumavam discutir uns com os outros por tudo e por nada, até ao dia em que o Eleito de Mimovas escorraçou as Sombras que o tinham tentado sequestrar. E explicou-lhe como os animais de nuvem levaram o Eleito para Miamas, e os habitantes da Terra-de-Quase-Acordar perceberam que havia algo mais importante por que lutar. Quando as Sombras reuniram os seus exércitos e vieram buscar o Eleito à força, todos se uniram

contra elas. Os outros reinos não capitularam, nem mesmo quando a Guerra Sem Fim parecia não poder acabar de outra forma senão com uma derrota esmagadora; nem mesmo quando o reino de Mibatalos caiu e foi arrasado. Sabiam que, se permitissem que as Sombras levassem o Eleito, isso mataria toda a música e o poder da imaginação na Terra-de-Quase-Acordar. Depois disso, não restaria nada que fosse diferente e todos os contos de fadas retiram a sua essência do facto de serem diferentes.

«Só as pessoas diferentes podem mudar o mundo», costumava observar a Avozinha. «Nunca uma pessoa normal mudou porcarias nenhuma.» E em seguida falava sobre os wurses.

Elsa devia ter percebido desde o princípio. Devia *mesmo* ter percebido *tudo* desde o princípio.

O Papá desliga o rádio mesmo antes de ela entrar em *Audi*. Elsa fica contente; o Papá fica sempre muito abatido quando ela comenta que ele ouve a pior música do mundo, e é muito difícil não o fazer quando tem de estar sentada em *Audi* a ouvir a pior música do mundo.

– Cinto? – lembra o Papá assim que ela se senta.

Elsa ainda tem o coração aos saltos no peito.

– Olá, sua hiena velha! – grita ao Papá, tal como faria se tivesse sido a Avozinha a ir buscá-la, ao que a Avozinha berraria em resposta: «Olá, olá, minha beldade!», e tudo ficaria melhor. É que é bem mais difícil continuar a sentirmo-nos assustados quando gritamos: «Olá, sua hiena velha!» a alguém, embora ainda possa acontecer.

O Papá fita-a com ar inseguro. Elsa suspira e põe o cinto, tentando abrandar a pulsação ao pensar em coisas de que não tem medo. O Papá parece ainda mais hesitante do que o costume.

– A tua mãe e o George estão outra vez no hospital...

– Eu sei – responde Elsa depressa, como se faz quando algo não conseguiu acalmar os nossos medos.

O Papá acena com a cabeça. Elsa atira para trás a mochila, que tomba em cima do banco. O Papá vira-se e endireita-a.

– Queres fazer alguma coisa? – pergunta, em tom um tanto ou quanto ansioso na última parte.

Elsa encolhe os ombros.

– Podíamos fazer alguma coisa... divertida?

Elsa sabe que ele só está a sugerir-lo para ser simpático. Primeiro, pesa-lhe a consciência por não a ver mais vezes e segundo tem pena de Elsa: a Avozinha dela morreu e esta coisa da quarta-feira é bastante súbita para ele. Elsa sabe disso porque, regra geral, o Papá nunca sugeriria que fizessem alguma coisa «divertida»; o Papá não gosta de se divertir. As coisas divertidas deixam-no nervoso. Uma vez, quando estavam de férias, era Elsa ainda pequena,

ele foi com a Mamã e com Elsa à praia e divertiram-se tanto que o Papá teve de tomar dois ibuprofenos e deitar-se a tarde toda a descansar no hotel. «Divertiu-se demasiado de uma vez só», insinuou a Mamã.

«Uma indigestão de diversão», contrapôs Elsa, e a Mamã riu-se durante muito tempo.

O mais estranho em relação ao Papá é que ninguém como ele traz ao de cima o lado divertido da Mamã. É como se a Mamã fosse sempre o polo oposto de uma pilha. Ninguém traz ao de cima a organização e a seriedade da Mamã como a Avozinha, e ninguém a torna tão desorganizada e impulsiva como o Papá. Uma vez, quando Elsa era pequena e a Mamã estava a falar ao telefone com o Papá, e Elsa não parava de perguntar: «É o Papá? É o Papá? Posso falar com o Papá? Onde é que ele está?», a Mamã virou-se para ela e declarou, com um suspiro dramático: «Não, não podes falar com o Papá porque ele agora está no Céu, Elsa!»

E quando Elsa ficou muito calada a olhar para a mãe, a Mamã sorriu-lhe e disse: «Credo, estava só a brincar, Elsa. Ele está no supermercado.»

O sorriso era tal qual o da Avozinha.

Na manhã seguinte, Elsa entrou na cozinha com os olhos molhados quando a Mamã estava a beber o seu café, com muito leite sem lactose, e quando a Mamã, preocupada, lhe perguntou porque estava tão triste, Elsa respondeu que sonhara que o Papá estava no Céu. E a Mamã, fora de si com o sentimento de culpa, abraçou Elsa com muita, muita força e pediu-lhe desculpa uma e outra vez, e Elsa esperou quase dez minutos antes de sorrir de volta e afirmar: «Credo, estava só a brincar. Sonhei que ele estava no supermercado.»

Depois disso, a Mamã e Elsa costumavam brincar com o Papá e perguntar-lhe como era o Céu.

«Faz frio no Céu? Podemos voar no Céu? Podemos falar com Deus no Céu?», perguntava a Mamã. «Têm raladores de queijo no Céu?», ajuntava Elsa. E riam-se até não se terem de pé. O Papá ficava com um ar muito hesitante quando elas faziam isso.

Elsa tem saudades desse tempo. Saudades de quando o Papá estava no Céu.

– A Avozinha está no Céu? – pergunta-lhe agora, e sorri, porque é uma piada e espera que ele se desate a rir.

Porém, o Papá não se ri. Fica com *aquele ar*, e Elsa sente-se envergonhada por ter dito algo que o deixa com *aquele ar*.

– Oh, esquece – murmura, dando uma palmadinha no porta-luvas. – Podemos ir para casa, tudo bem – acrescenta de imediato.

O Papá assente; parece aliviado e desapontado.

Veem o carro da polícia à distância, na rua, em frente ao prédio. Assim que saem de *Audi*, Elsa consegue ouvir os latidos. As escadas estão cheias de pessoas. Os uivos furiosos do *Nosso Amigo*, dentro do apartamento, fazem estremecer as paredes.

– Tens... a chave de casa? – pergunta o Papá.

Elsa faz que sim com a cabeça e dá-lhe um abraço rápido. Escadas cheias de pessoas deixam o Papá hesitante. Volta para *Audi* e Elsa entra sozinha. E, por trás do barulho ensurdecador do *Nosso Amigo*, ouve outra coisa. Vozes.

Vozes sombrias, compostas e ameaçadoras. Têm uniformes e estão do lado de fora do apartamento onde vive o menino da síndrome e a sua mãe.

Olham para a porta do *Nosso Amigo*, mas percebe-se que estão com medo de se aproximarem e, portanto, encostam-se à parede do outro lado. Um dos agentes, uma mulher, vira-se. Os seus olhos verdes cruzam-se com os de Elsa – é a mesma polícia que ela e a Avozinha conheceram na esquadra, naquela noite em que a Avozinha foi presa por atirar cocó. Ela acena com a cabeça, taciturna, como se estivesse a tentar pedir desculpa.

Elsa não retribui o aceno; passa por ela a correr.

Ouve um dos polícias a falar ao telefone, apercebe-se das palavras «Controlo Animal» e «para ser destruído». Britt-Marie está parada a meio das escadas, perto o suficiente para dar sugestões aos polícias sobre o que devem fazer, mas a uma distância segura, caso a besta consiga sair. Sorri a Elsa com ar bem-intencionado. Elsa odeia-a. Quando chega ao último andar, o *Nosso Amigo* começa a ladrar mais alto do que nunca, como um furacão de dez mil contos de fadas. Elsa espreita por cima do corrimão e vê os polícias a recuar.

Devia ter percebido tudo desde o princípio. Devia mesmo.

Há um número absolutamente inimaginável de monstros muito especiais nas florestas e montanhas de Miamas. Mas nenhum mais lendário ou mais merecedor do respeito de todas as criaturas de Miamas – até da Avozinha – do que os wurses.

Os wurses eram grandes como ursos polares, deslocavam-se com a agilidade de raposas do deserto e atacavam tão velozmente como cobras. Eram mais fortes do que bois, possuíam a resistência de garanhões selvagens e mandíbulas mais ferozes do que as dos tigres. Tinham pelo preto e lustroso, macio como uma brisa de verão, mas por baixo a sua pele era grossa como uma armadura. Nos contos de fadas mais antigos eram considerados imortais. As suas eram as histórias das eternidades mais ancestrais, quando os wurses viviam em Miploris e serviam a família real como guardas do castelo.

«Foi a princesa de Miploris que os baniu da Terra-de-Quase-Acordar», explicava a Avozinha com um estranho sentimento de culpa a pesar nos silêncios entre as suas palavras. Quando a princesa ainda era criança, quisera brincar com um dos wurses bebés enquanto este dormia. Puxara-lhe a cauda e ele acordara, em pânico, e mordera-lhe a mão. Claro que toda a gente sabia que os verdadeiros culpados eram os pais dela, que não lhe tinham ensinado que nunca, nunca se pode acordar um wurse adormecido. Mas a princesa ficou com tanto medo e os pais dela tão zangados que tinham de pôr as culpas em alguém para conseguirem viver consigo próprios. Por este motivo, a corte decidiu banir os wurses do reino para sempre. Deram permissão a um grupo particularmente implacável de *trolls* caçadores de recompensas para os caçarem com setas envenenadas e fogo.

Claro que os wurses podiam ter ripostado; nem mesmo os exércitos reunidos de toda a Terra-de-Quase-Acordar se atreveriam a enfrentá-los em combate, de tal forma eram temidos como guerreiros. Porém, em vez de lutarem, os wurses deram meia-volta e fugiram. Fugiram para tão longe e para tão alto nas montanhas que ninguém acreditou que pudessem voltar a ser encontrados. Correram até as crianças dos reinos terem crescido sem nunca ver um wurse em toda a sua vida. Fugiram durante tanto tempo que se tornaram lendários.

Só com a chegada da Guerra Sem Fim é que a princesa de Miploris compreendeu o terrível erro que cometera. As Sombras tinham matado todos os soldados do reino guerreiro de Mibatalos e arrasado a cidade, e agora avançavam com uma força terrível sobre o resto da Terra-de-Quase-Acordar. Quando toda a esperança parecia perdida, a própria princesa saiu das muralhas da cidade montada no seu cavalo branco. Cavalgou como uma tempestade até às montanhas e aí, depois de uma busca quase interminável que fez o seu cavalo sucumbir à exaustão, quase a esmagando ao cair, os wurses encontraram-na.

Quando as Sombras ouviram o trovão e sentiram o chão a estremecer, já era tarde de mais para elas. A princesa apareceu à frente dos melhores de todos os guerreiros wurse. E foi nesse momento que Coração-de-Lobo regressou da floresta. Talvez porque Miamas estava à beira da extinção e precisava dele mais do que nunca.

«Mas talvez...», costumava a Avozinha sussurrar ao ouvido de Elsa quando estavam montadas nos animais de nuvem, à noite, «...talvez, acima de tudo, porque a princesa, ao compreender como fora injusta para com os wurses, provou que todos os reinos mereciam ser salvos.»

A Guerra Sem Fim terminou nesse dia. As Sombras foram escoraçadas para o mar e Coração-de-Lobo desapareceu de novo na floresta. Mas os wurses ficaram, e continuam a prestar serviço como a guarda pessoal da princesa de Miploris até hoje. De guarda ao portão do castelo.

Elsa ouve o *Nosso Amigo* a ladrar desvairadamente lá em baixo. Lembra-se do que a Avozinha dizia sobre ele: «Diverte-se a fazer barulho.» Elsa não percebe bem o sentido de humor do *Nosso Amigo*, mas recorda-se de que a Avozinha também acrescentava que o *Nosso Amigo* não precisava de viver com ninguém. A Avozinha não vivia com ninguém, claro, e quando Elsa observara que talvez não devesse comparar-se a um cão, ela revirara os olhos. Agora Elsa compreende porquê.

Devia ter percebido logo. Devia mesmo.

Devia ter percebido que o *Nosso Amigo* não é nenhum cão.

Um dos polícias tem um molho de chaves na mão. Elsa ouve a porta do prédio a abrir-se lá em baixo e, entre os latidos do *Nosso Amigo*, ouve o menino da síndrome a dançar pelas escadas acima.

Com gentileza, a agente empurra-os, a ele e à mãe, para dentro de casa. Britt-Marie anda para trás e para a frente no seu piso, com pequenos passos. Elsa odeia-a por entre os suportes

do corredor.

O *Nosso Amigo* fica completamente silencioso durante um momento, como se tivesse feito uma ligeira retirada estratégica a fim de recuperar forças para a verdadeira batalha. O polícia agita as chaves e fala na necessidade de estarem «preparados para o caso de ele atacar». Parecem todos mais arrogantes, agora que o *Nosso Amigo* já não está a ladrar.

Elsa ouve outra porta a abrir-se e a voz tímida de Lennart a perguntar o que se passa. Os polícias explicam que vieram «recolher um cão perigoso». Lennart parece um pouco preocupado. Depois, parece não saber o que dizer. Por fim, diz o mesmo de sempre:

– Alguém quer um café? A Maud acabou de o fazer.

Britt-Marie interrompe-o, rosnando-lhe entre dentes que decerto Lennart compreende que a polícia tem coisas mais importantes a fazer do que beber café. Os agentes parecem ficar um pouco desapontados com isto. Elsa vê Lennart voltar a subir as escadas. A princípio, parece considerar a hipótese de ficar no patamar, mas apercebendo-se de que isso podia levar a uma situação em que o *seu* café arrefeceria, conclui que o que quer que se esteja a passar ali não pode, de forma alguma, compensar tal risco, pelo que desaparece dentro de casa.

O primeiro latido depois disso é curto e definido, como se o *Nosso Amigo* estivesse apenas a testar as cordas vocais. O segundo é tão alto que Elsa fica com os ouvidos a apitar durante várias eternidades. Quando o zumbido por fim se dissipa, ouve um baque terrível. Em seguida, outro. E mais um. Só então compreende o que o som significa. O *Nosso Amigo* está a lançar-se com todas as suas forças contra a porta.

Elsa ouve um dos polícias falar de novo ao telefone. Não percebe a maior parte, conquanto entenda a expressão «extremamente grande e agressivo». Espreita por cima do corredor e vê os polícias a alguns metros da porta do apartamento do *Nosso Amigo*, a sua confiança a diminuir à medida que o *Nosso Amigo* se lança contra a porta, cada vez com mais força. Apareceram mais dois agentes, repara Elsa. Um deles trouxe um pastor-alemão preso por uma trela. O pastor-alemão não parece achar lá grande ideia aproximar-se da porta por onde aquela coisa, seja lá o que for, está a tentar sair. Olha para o polícia que o segura mais ou menos como Elsa olhara para a Avozinha daquela vez em que ela tentara arranjar os fios do micro-ondas da Mamã.

– Bom, então chama o Controlo Animal – sugere, por fim, a mulher-polícia dos olhos verdes, com um suspiro desconsolado.

– Foi o que eu propus! Foi tal qual o que eu propus! – grita Britt-Marie lá de cima, prestável.

Os olhos verdes lançam um olhar a Britt-Marie que a faz calar-se de repente.

O *Nosso Amigo* ladra uma última vez, um latido aterrorizantemente alto. Depois, volta a silenciar-se. Há muito barulho nas escadas por um momento, e depois Elsa ouve a porta do prédio fechar-se. É evidente que os polícias decidiram esperar pelo Controlo Animal o mais longe possível do que quer que viva naquele apartamento. Elsa vê-os afastarem-se, pela

janela, e algo na sua linguagem corporal sugere café. Por seu lado, o pastor-alemão tem algo na sua linguagem corporal que sugere estar a considerar a reforma antecipada.

De súbito, fica tudo tão silencioso nas escadas que os passos solitários de Britt-Marie fazem eco.

Elsa fica ali, titubeante. (Sabe que «titubeante» é uma expressão para o frasco das palavras.) Ainda consegue ver os polícias pela janela e, em retrospectiva, não conseguirá explicar porque faz o que faz a seguir, exceto que nenhum verdadeiro cavaleiro de Miamas poderia ficar a ver um amigo da Avozinha ser morto sem tentar impedi-lo. Assim, desce as escadas depressa, com especial cuidado ao passar pelo apartamento de Britt-Marie e Kent, e com a precaução de parar ao fim de cada lanço de escadas, à escuta, para se certificar de que os polícias não voltaram.

Por fim, para em frente ao apartamento do *Nosso Amigo* e, com muito cuidado, abre a aba da ranhura do correio. Está tudo negro lá dentro e ouve-se a respiração ribombante do *Nosso Amigo*.

– Sou... eu – gagueja Elsa.

Não sabe como começar este tipo de conversa. O *Nosso Amigo* não responde. Por outro lado, também não se atira contra a porta. Elsa considera que isso é um sinal claro de progresso na comunicação entre eles.

– Sou eu. A miúda dos chocolates *Daim*.

O *Nosso Amigo* continua a não responder, mas Elsa consegue ouvir a respiração dele a abrandar. As palavras brotam-lhe da boca como se alguém as tivesse entornado.

– Ouve... Sei que isto pode parecer megaesquisito... mas acho que a minha avozinha gostaria que tu saíesses daqui; só não sei bem como. Percebes? Talvez tenhas uma porta das traseiras ou coisa do género? Porque senão eles vão dar-te um tiro! Talvez pareça megaesquisito, mas também é muito esquisito tu teres o teu próprio apartamento... se é que me entendes...

Só depois de as palavras se terem derramado dela é que se apercebe de que as proferiu na língua secreta. Como um teste. Porque, se do outro lado da porta estiver apenas um cão, ele não as compreenderá. Porém, se as compreender, pensa, então é algo completamente diferente. Ouve um som, feito por uma pata do tamanho de um pneu a raspar a porta.

– Espero que me percebas – murmura Elsa na língua secreta.

Não ouve a porta a abrir-se atrás de si. A única coisa de que tem tempo para se aperceber é do *Nosso Amigo* a recuar. Como que a preparar-se.

Elsa apercebe-se de alguém de pé atrás de si, como se um fantasma tivesse aparecido do nada. Ou um...

– Cuidado! – rosna a voz.

Elsa atira-se de encontro à parede quando, sem fazer ruído, o Monstro passa por ela com uma chave na mão. No momento seguinte, está presa entre o Monstro e o *Nosso Amigo*, o

raio do maior wurse e o raio do maior monstro que Elsa alguma vez viu. Sente-se como se tivesse alguém sentado em cima dos seus pulmões. Quer gritar, mas não sai nada.

Depois disso, tudo se desenrola terrivelmente depressa. Ouvem a porta abrir-se ao fundo das escadas. As vozes dos agentes. E mais alguém que, percebe Elsa, devem ser as pessoas do Controlo Animal. Olha para trás, mas não está completamente convencida de conseguir controlar os próprios movimentos. Não seria assim tão improvável que estivesse sob um feitiço qualquer, tendo em conta que, apesar de isso parecer improvável, é muito menos improvável do que dar de caras com um raio de um wurse. No entanto, quando a porta se fecha atrás de si, está de pé no vestíbulo do apartamento do Monstro.

Cheira a sabão.

10

Álcool

O som de madeira a estilhaçar-se ecoa nas escadas quando a polícia usa o pé-de-cabra na porta.

Elsa está no vestíbulo do apartamento do Monstro e vê-os pelo óculo da porta. Tecnicamente, os seus pés não estão a tocar no chão, porque o wurse se sentou no tapete e ela ficou entalada entre a traseira do enorme animal e a parte de dentro da porta. O wurse parece extremamente irritado. Como se houvesse uma vespa dentro da sua garrafa de limonada.

Elsa apercebe-se de que está mais assustada com a agente do outro lado da porta do que com as duas criaturas ali dentro com ela. Talvez não pareça muito racional, mas decidiu confiar mais nos amigos da Avozinha do que nos amigos de Britt-Marie. Com todo o cuidado, gira sobre si própria até estar virada para o wurse e murmura na língua secreta:

– Não podes ladrar agora. Por favor, porta-te bem. Senão eles matam-te!

O wurse, não parecendo muito convencido de que ficaria pior se ela abrisse a porta e o soltasse no meio dos polícias, vira-se com ar indiferente. No entanto, fica em silêncio, embora pareça estar a fazê-lo mais por Elsa do que por si próprio.

Lá fora, no patamar, a polícia já quase conseguiu abrir a porta. Elsa ouve-os a gritar palavras de ordem uns aos outros, para estarem «prontos».

Olha em volta, para o vestíbulo e para a sala de estar. É um apartamento muito pequeno, mas o mais arrumado e limpo de todos aqueles em que ela alguma vez esteve, grandes ou pequenos. Não há quase mobília nenhuma, e as poucas peças que existem estão dispostas de frente umas para as outras, com ar de quem é capaz de cometer haraquíri de mobiliário se um grão de poeira lhes pousar em cima. (Elsa sabe o que é haraquíri porque teve uma fase de interesse por samurais há cerca de um ano.)

O Monstro desaparece dentro da casa de banho. A torneira abre-se e a água corre durante muito tempo antes de ele voltar a sair. Limpa as mãos meticulosamente a uma toalha branca, que depois dobra muito bem e põe dentro de um cesto de roupa suja. Tem de baixar a cabeça para caber nas portas. Elsa, que esteve a ler sobre Ulisses há pouco tempo, sente-se como Ulisses se deve ter sentido quando esteve com o gigante Polifemo. Exceto pelo facto de Polifemo provavelmente não ser tão cuidadoso com a lavagem das mãos como o Monstro. E pelo facto de Elsa não se considerar tão ativa e arrogante como Ulisses parecia ser no livro. Obviamente. Mas, tirando isso, mais ou menos como Ulisses.

O Monstro olha para ela. Não parece zangado. Na verdade, parece mais confuso. Quase assustado. Talvez seja isso que dá coragem a Elsa para perguntar, sem preâmbulos:

– Porque é que a minha avozinha lhe mandou uma carta?

Di-lo em língua normal. Por razões que ainda não são totalmente claras para si, não quer falar com ele na língua secreta. As sobrancelhas do Monstro estão perdidas por baixo do cabelo preto, por isso é difícil ler-lhe as expressões faciais, ainda por cima com a barba e a cicatriz. Está descalço, mas tem nos pés aquelas coberturas de sapatos de plástico azul que se usam nos hospitais. As botas estão arrumadas à entrada da porta, uma ao lado da outra, alinhadas com precisão com a beira do tapete. Estende a Elsa dois saquinhos de plástico azul, mas retira a mão de forma repentina quando Elsa lhes toca, como se tivesse medo de que ela também lhe toque. Elsa baixa-se e calça os sacos de plástico por cima dos sapatos enlameados. Repara que saiu ligeiramente do tapete e deixou duas metades de pegadas de neve derretida no chão de madeira.

O Monstro baixa-se com uma agilidade surpreendente e começa a limpar o chão com outra toalha branca. Quando acaba, borrifa o local com uma pequena garrafa de um produto de limpeza que faz arder os olhos de Elsa e limpa-o com uma toalha branca nova. Endireita-se, coloca as duas toalhas no cesto da roupa e arruma o borrifador numa posição específica na prateleira.

Fica parado durante muito tempo, a olhar para o wurse, pouco à vontade. Este está deitado no chão, a ocupar quase a totalidade do vestíbulo. O Monstro parece prestes a hiperventilar. Desaparece na casa de banho e, quando volta, começa a dispor toalhas num círculo apertado à volta do wurse, com muito cuidado para não lhe tocar. De seguida, volta para a casa de banho e esfrega as mãos debaixo da torneira, com tanta força que o lavatório vibra.

Quando volta, traz um pequeno frasco de álcool gel. Elsa reconhece-o porque tinha de esfregar uma coisa do género nas mãos sempre que ia visitar a Avozinha ao hospital. Quando o Monstro levanta os braços, ela espreita para dentro da casa de banho. Há mais frascos de álcool gel ali do que, imagina ela, em todo o hospital da Mamã.

O Monstro parece muitíssimo contrariado. Pousa o frasco e espalha o gel nos dedos, como se estivessem cobertos com uma camada de pele extra. Depois levanta as mãos, com as palmas do tamanho de pratos viradas para Elsa, e acena com a cabeça com firmeza.

Elsa levanta as mãos, cujas palmas são mais do tamanho de bolas de ténis. O Monstro despeja o gel para cima delas e esforça-se para não parecer demasiado enojado. Elsa esfrega rapidamente o gel nas mãos e limpa o excesso nas calças. O Monstro está com ar de quem quer enrolar-se numa manta e desatar a chorar e a gritar. Para compensar, despeja mais gel nas próprias mãos e esfrega, esfrega, esfrega. Depois repara que Elsa desviou uma das suas botas da posição em relação à outra. Baixa-se e ajusta a bota. Mais álcool gel.

Elsa inclina a cabeça e olha para ele.

– Tem pensamentos compulsivos? – pergunta.

O Monstro não lhe responde. Continua a esfregar as mãos uma na outra, como se estivesse a tentar atear um fogo.

– Li sobre isso na Wikipédia.

O peito do Monstro sobe e desce enquanto ele respira, frustrado. Volta à casa de banho e Elsa torna a ouvir a água a correr.

– O meu pai também é compulsivo! – diz Elsa atrás dele, apressando-se a acrescentar: – Mas, céus, não como você. Você é completamente passado!

Só depois de ter falado se apercebe de que pareceu um insulto. Não era essa a sua intenção, de todo. Só não queria comparar o comportamento compulsivo amador do Papá com as obsessões obviamente profissionais do Monstro.

O Monstro regressa e vê o wurse a mordiscar a mochila dela, onde com certeza acredita que estão mais chocolates *Daim*. O Monstro parece estar a tentar escapar para um sítio feliz dentro da sua cabeça. E ali ficam, os três: um wurse, uma criança e um monstro com uma necessidade de limpeza e ordem que, como é óbvio, não se coaduna bem com a companhia de wurses e crianças.

Do outro lado da porta, a polícia e o Controlo Animal conseguiram entrar num apartamento onde há um cão mortífero, apenas para descobrir a ausência do dito cão.

Elsa olha para o wurse e, em seguida, para o Monstro.

– Porque é que tem a chave... daquele apartamento? – pergunta-lhe.

A respiração do Monstro torna-se mais pesada.

– Deixaste carta. Da Avozinha. Em envelope – responde por fim, em voz rouca.

Elsa inclina a cabeça para o outro lado.

– A Avozinha escreveu-lhe a pedir que tomasse conta dele?

O Monstro acena que sim, com relutância.

– Escreveu: «Protege o castelo.»

Elsa acena. O olhar de ambos cruza-se por um instante. O Monstro tem ar de quem queria que toda a gente fosse para casa, conspurcar os seus próprios vestíbulos. Elsa olha para o wurse.

– Porque é que ele uiva tanto à noite?

O wurse não parece estar a gostar muito de se referirem a ele na terceira pessoa do singular. Isto, claro, se é que conta como uma terceira pessoa; o wurse não parece seguro quanto às regras gramaticais a aplicar. O Monstro está a ficar farto de tantas perguntas.

– Tem desgosto – responde em voz baixa, olhando para o wurse e esfregando as mãos uma na outra, apesar de já não ter nada para espalhar.

– Desgosto porquê? – quer saber Elsa.

O Monstro tem os olhos postos nas mãos.

– Desgosto por causa da tua avó.

Elsa olha para o wurse. O wurse retribui o olhar, com os olhos pretos e tristes. (Mais tarde, quando pensa nisso, Elsa chega à conclusão de que é neste momento que começa a gostar muito, mesmo muito dele.) Olha de novo para o Monstro.

– Porque é que a minha avozinha lhe mandou uma carta?

Ele esfrega as mãos com mais força.

– Velha amiga – murmura, por trás da montanha de cabelo preto.

– O que é que dizia a carta?

– Só pedia desculpa. Só desculpa... – garante o Monstro, desaparecendo ainda mais atrás do cabelo e da barba.

– Porque é que a minha avozinha lhe pediu desculpa?

Está a começar a sentir-se muito excluída desta história, e Elsa detesta sentir-se excluída.

– Não te interessa – responde o Monstro, baixinho.

– Era a MINHA avozinha! – insiste Elsa.

– Era o meu «desculpa».

Elsa cerra os punhos.

– *Touché* – admite, por fim.

O Monstro, sem chegar a erguer os olhos, vira-se e entra na casa de banho. Mais água a correr. Mais álcool gel. Mais esfrega. O wurse, entretanto, apanhou a mochila de Elsa com os dentes e tem o focinho todo enfiado lá dentro. Rosna com desilusão quando encontra uma ausência palpável de chocolate e seus derivados.

Elsa fita o Monstro com os olhos semicerrados e indaga, num tom mais rígido e interrogativo:

– Quando lhe dei a carta, falou na língua secreta! Chamou-me «miúda estúpida»! Foi a Avozinha que lhe ensinou a língua secreta?

E então o Monstro fita-a diretamente pela primeira vez. Arregala os olhos, surpreendido. Elsa olha para ele, de boca aberta.

– Não foi ela que me ensinou. Eu... ensinei a ela – esclarece o Monstro em voz baixa, na língua secreta.

Agora é Elsa quem parece ter ficado sem ar.

– Você é... é...

Nesse preciso momento, enquanto ouve os polícias a fecharem o que resta da porta no apartamento do wurse e a saírem, seguidos pelos protestos veementes de Britt-Marie, Elsa crava o olhar no Monstro.

– Você é... o Rapaz Lobisomem.

E, com a respiração seguinte, murmura na língua secreta:

– És o Coração-de-Lobo.

Com ar triste, o Monstro acena afirmativamente.

Barras de proteínas

Os contos de fadas de Miamas que a Avozinha contava eram, regra geral, bastante dramáticos. Guerras e tempestades, perseguições, intrigas e afins, ou seja, o tipo de histórias de ação de que a Avozinha gostava. Os contos de fadas quase nunca eram sobre a vida quotidiana na Terra-de-Quase-Acordar. Por isso Elsa sabe muito pouco sobre a relação entre wurses e monstros quando não andam a conduzir exércitos e a combater Sombras.

Afinal, parece que não se dão muito bem.

Tudo começa com o wurse a perder a paciência com o Monstro: o Monstro tenta lavar o chão por baixo do wurse enquanto ele ainda lá está deitado; depois, como o Monstro está extremamente relutante em tocar no wurse, salpica-lhe um pouco de álcool gel no olho, sem querer. Elsa tem de intervir para evitar uma luta e mais tarde, quando o Monstro, muitíssimo frustrado, insiste para que Elsa coloque um daqueles sacos de plástico azuis em cada uma das patas do wurse, o wurse decide que isso já é ir longe de mais. Por fim, quando o crepúsculo começa a cair lá fora e Elsa tem a certeza de que os polícias já não estão nas escadas, obriga-os a ambos a saírem para a neve, de modo a poder ter um bocadinho de paz e sossego para refletir sobre a situação e decidir o que fazer a seguir.

Não está com medo de ser vista por Britt-Marie da varanda; são seis horas em ponto e Britt-Marie e Kent têm de jantar exatamente às seis horas, pois «só os bárbaros» jantam a qualquer outra hora. Elsa esconde o queixo no cachecol dos Gryffindor e tenta raciocinar. O wurse, ainda ofendido por causa da história dos sacos azuis, enfia-se num arbusto às arrecuas, até ter apenas o nariz a espreitar entre os ramos. Ali fica, de olhos postos em Elsa, com um ar muito contrariado. Após quase um minuto, o Monstro suspira e faz um gesto elucidativo.

– Necessidades – resmunga, e olha para o outro lado.

– Desculpa – pede Elsa, atrapalhada, ao wurse e vira-se. Estão de novo a usar a língua normal porque há qualquer coisa no estômago de Elsa que se transforma numa pedra pesada quando fala na língua secreta com outra pessoa que não a Avozinha. Seja como for, o Monstro não parece muito à vontade em língua nenhuma. Entretanto, o wurse está com o ar que qualquer pessoa teria se alguém o interrompesse enquanto trata das necessidades da natureza e demorasse algum tempo a perceber que não era apropriado ficar ali especado a olhar. Só então é que Elsa se apercebe de que ele não devia ter oportunidade de se aliviar há vários dias, a menos que o fizesse dentro de casa. Hipótese que põe logo de parte: não está a ver como teria ele conseguido usar a sanita, e com certeza que não fizera cocó no chão, porque nenhum wurse se humilharia dessa maneira. Portanto, Elsa presume que um dos superpoderes do wurse é conter-se.

Vira-se para o Monstro. Ele esfrega as mãos uma na outra e olha para as suas pegadas na neve, como se quisesse alisá-la com um ferro de engomar.

– És um soldado? – pergunta Elsa, apontando-lhe para as calças.

O Monstro abana a cabeça. Elsa continua a apontar para as calças, porque já viu roupa parecida nas notícias.

– São camufladas.

O Monstro acena afirmativamente.

– Porque tens calças camufladas se não és um soldado? – exige saber.

– Calças velhas – responde o Monstro secamente.

– Como fizeste essa cicatriz? – pergunta Elsa, apontando-lhe para a cara.

– Acidente – responde o Monstro de modo ainda mais seco.

– *No shit, Sherlock...* Não pensei que a tivesses feito de propósito.

(*No shit, Sherlock* é uma das suas expressões preferidas em inglês. O pai está sempre a dizer que não devemos usar expressões em inglês quando há substitutos perfeitamente adequados na nossa própria língua; embora, para ser franca, Elsa ache que, neste caso, tal não se aplique.)

– Desculpa, não quis ser indelicada. Só queria saber que tipo de acidente.

– Acidente normal – resmunga o Monstro, como se isso resolvesse o assunto. Em seguida, desaparece debaixo do grande capuz do casaco. – Tarde agora. Hora dormir.

Elsa compreende que ele está a falar dela, não de si próprio. Aponta para o wurse.

– Aquele ali tem de dormir contigo esta noite.

O Monstro olha para ela como se estivesse a pedir-lhe para se despir completamente, rebolar numa poça de saliva e, em seguida, correr pelo meio de uma fábrica de selos com as luzes apagadas. Bom, talvez não exatamente isso. Só mais ou menos. Abana a cabeça, fazendo o capuz ondular como uma vela.

– Não dormir lá. Não pode. Não dormir lá. Não pode. Não pode. Não pode.

Elsa cruza as mãos sobre a barriga e olha para ele.

– Então onde é que ele vai dormir?

O Monstro recolhe-se mais dentro do capuz. Aponta para Elsa.

Elsa solta uma risada.

– A Mamã nem sequer me deixa ter uma coruja! Imaginas como reagiria se eu chegasse a casa com aquela c-o-i-s-a?

O wurse sai dos arbustos de forma muito ruidosa, com ar ofendido. Elsa pigarreia e pede-lhe desculpa.

– Desculpa. Não queria dizer «aquela coisa» no mau sentido.

O wurse está com ar de quem resmungaria, se pudesse, «oh, claro que não!». O Monstro esfrega as mãos em círculos cada vez mais rápidos e parece à beira de um ataque de pânico. Olha para o chão e sussurra, em tom furioso:

– Merda no pelo. Tem merda no pelo. Merda no pelo.

Elsa revira os olhos, consciente de que, se insistir, ele se calhar tem um ataque cardíaco ali mesmo. O Monstro vira-se como se estivesse a tentar introduzir uma borracha invisível no cérebro a fim de eliminar essa imagem da memória.

– O que é que a Avozinha escreveu na carta? – pergunta-lhe.

O Monstro suspira pesadamente dentro do capuz.

– Escreveu: «Desculpa» – responde, sem se virar.

– Sim, e que mais? Era uma carta bastante longa!

Com um suspiro e a abanar a cabeça, o Monstro acena na direção da porta do prédio.

– Agora tarde. Dormir – resmunga.

– Só depois de me contares o que está escrito na carta!

O Monstro faz lembrar uma pessoa muito cansada, que não consegue dormir porque há alguém a bater-lhe a intervalos regulares, com toda a força, com uma fronha cheia de iogurte. Ou coisa parecida. Levanta a cabeça e tira as medidas a Elsa, como se estivesse a tentar calcular até onde a conseguiria atirar.

– Escreveu: «Protege o castelo» – repete.

Elsa aproxima-se um pouco, para lhe provar que não tem medo dele. Ou para o provar a si própria.

– E que *mais*?

Ele encolhe-se dentro do capuz e começa a andar sobre a neve.

– Proteger a ti. Proteger Elsa.

E desaparece na escuridão. Com o tempo, Elsa vai perceber que ele desaparece muito. Aliás, para uma pessoa tão grande, fá-lo surpreendentemente bem.

Ouve uma respiração ofegante do outro lado do pátio e vira-se. George vem a correr na direção do prédio. Sabe que é George porque ele usa os calções por cima das calças de *jogging* e tem o casaco mais verde do mundo. George não vê nem Elsa nem o wurse porque parou e está a saltar para cima e para baixo de um banco. George treina muito a correr e a saltar para cima e para baixo de coisas. Por vezes, Elsa pensa que ele vive numa audição permanente para participar no próximo jogo do Super Mário.

– Anda! – sussurra depressa ao wurse, tentando levá-lo para dentro antes que George o veja. Para sua surpresa, o poderoso animal obedece. Passa rente a ela e o pelo faz-lhe cócegas das pernas até à testa. A força do animal quase a atira ao chão.

Ri-se. O wurse olha para Elsa e parece estar também a rir.

Tirando a Avozinha, o wurse é o primeiro amigo que Elsa tem na vida.

Verifica se Britt-Marie não anda a rondar nas escadas e se George não os viu, e leva o wurse para a cave. Cada apartamento tem um espaço de arrumação na cave, e o da Avozinha está destrancado e vazio.

– Tens de ficar aqui esta noite – murmura. – Amanhã arranjam-te um esconderijo

melhor.

O wurse não parece terrivelmente bem impressionado, mas deita-se de lado e, descontraído, olha para as partes da cave mergulhadas na escuridão. Elsa tenta perceber o que está ele a ver e depois concentra-se no próprio wurse.

– A Avozinha sempre disse que havia fantasmas cá em baixo – declara, com firmeza. – Não podes assustá-los, estás a ouvir?

O wurse continua deitado no chão com ar indiferente, os incisivos do tamanho de facas a cintilar na escuridão.

– Se te portares bem, amanhã trago-te mais chocolate – promete.

O wurse parece refletir sobre o assunto. Elsa aproxima-se e dá-lhe um beijo no nariz. Depois, sobe as escadas a correr e, com cuidado, fecha a porta da cave atrás de si. Sobe o resto das escadas sem acender a luz, para minimizar o risco de alguém a ver; quando chega ao andar do apartamento de Britt-Marie e Kent, baixa-se e sobe o último lanço de escadas com grandes passadas. Tem quase a certeza de que Britt-Marie está lá dentro a espreitar pelo óculo da porta.

Na manhã seguinte, tanto o apartamento do Monstro como a arrecadação na cave estão escuros e vazios. George leva Elsa à escola. A Mamã já foi para o hospital porque, como de costume, há uma emergência qualquer e o trabalho da Mamã é resolver as emergências.

George passa o caminho todo a falar sobre as suas barras de proteínas. Comprou uma caixa delas e não as encontra em lado nenhum. George gosta de falar sobre barras de proteínas. E sobre vários artigos funcionais. Roupas funcionais e ténis de corrida funcionais, por exemplo. George adora funções. Elsa espera que ninguém invente barras de proteínas com funções, porque é provável que a cabeça de George explodisse. Não que Elsa se importasse muito, mas imagina que a Mamã ficaria triste e haveria muitas limpezas a seguir. George deixa-a no parque de estacionamento depois de lhe perguntar mais uma vez se viu as barras de proteínas desaparecidas. Ela geme de tédio e sai do carro.

As outras crianças mantêm a distância e observam-na com cautela. Os rumores sobre a intervenção do Monstro à entrada do parque espalharam-se, mas Elsa sabe que isso só durará algum tempo. Aconteceu demasiado longe da escola. As coisas que acontecem fora da escola é como se tivessem acontecido no espaço sideral. Talvez tenha uma trégua de algumas horas, mas aqueles que a perseguem continuarão a testar os limites e, assim que conseguirem reunir a coragem para tentarem de novo, bater-lhe-ão mais do que nunca.

E ela sabe que o Monstro nunca se aproximará sequer da cerca, nem mesmo por ela, porque as escolas estão cheias de crianças e as crianças estão cheias de bactérias, e não há álcool gel suficiente no mundo para o desinfetar a seguir.

Ainda assim, sabe-lhe bem esta manhã de liberdade. É o penúltimo dia antes das férias de Natal, depois de amanhã terá umas semanas para descansar de tanto fugir. Duas semanas sem bilhetinhos no cacifo a chamar-lhe feia e a ameaçá-la de morte.

No primeiro intervalo, decide arriscar sair para o recreio e caminhar um pouco junto da cerca. Aperta as alças da mochila de vez em quando, para se certificar de que não está larga. Sabe que não a vão perseguir agora, mas é um hábito difícil de perder. Uma pessoa corre mais devagar se a mochila estiver larga.

Por fim, perde-se nos seus pensamentos. Talvez seja por isso que não o vê. Está a pensar na Avozinha e em Miamas, a perguntar-se que plano teria a Avozinha em mente quando a enviou nesta caça ao tesouro, isto se é que tinha algum plano, claro. A Avozinha sempre foi o tipo de pessoa que vai fazendo planos à medida que vai andando, e agora que ela já cá não está, Elsa está a ter dificuldades em identificar o próximo passo da caça ao tesouro. Acima de tudo, não percebe o que a Avozinha quis dizer quando confessou estar preocupada, com medo de que Elsa a odiasse quando descobrisse mais a seu respeito. Até agora, Elsa só descobriu que a Avozinha tinha uns amigos bastante estranhos, e não se pode dizer que isso seja propriamente um choque.

Elsa também pressente que aquilo que a Avozinha disse, sobre a pessoa que era antes de se tornar avó, deve estar relacionado com a Mamã, mas prefere não lhe perguntar nada a menos que seja absolutamente necessário. Hoje em dia, todas as suas conversas parecem acabar em discussão. Elsa detesta que seja preciso ter de começar a discutir para conseguir saber alguma coisa.

E detesta estar sozinha, tão só como apenas uma pessoa sem uma avozinha pode estar.

Portanto, deve ter sido por isso que não reparou nele. Porque não está a mais de dois ou três metros quando por fim o vê, e essa é uma distância a que um wurse não passa despercebido. Ele está sentado junto ao portão, do outro lado da cerca. Ela ri-se, surpreendida. O wurse parece também estar a rir, mas para dentro.

– Fui à tua procura esta manhã – declara, e sai para a rua, embora tal não seja permitido nos intervalos. – Foste simpático com os fantasmas?

O wurse não está com ar de quem foi simpático, mas Elsa abraça-se ao pescoço dele na mesma, enfia as mãos no pelo preto e denso e exclama:

– Espera, tenho uma coisa para ti!

O wurse enfia o focinho na mochila com avidez, e tem uma expressão terrivelmente desapontada quando o retira.

– São barras de proteínas – esclarece Elsa, em tom apologético. – Não temos doces em casa porque a Mamã não quer que eu os coma, mas o George diz que estas barras são megassaborosas!

O wurse não gosta nada delas. Come apenas umas nove. Quando a campainha toca, Elsa abraça-o com muita, muita força uma última vez e murmura:

– Obrigada por teres vindo!

Sabe que as outras crianças no recreio a viram. Talvez os professores consigam não reparar no maior e mais preto dos wurses, aparecido do nada no intervalo da manhã, mas

nenhuma criança no universo deixaria de o ver.

Nesse dia, ninguém deixa bilhetinhos no cacifo de Elsa.

12

Menta

Elsa está sozinha na varanda do apartamento da Avozinha. Costumavam passar muito tempo ali. Foi aí que a Avozinha apontou pela primeira vez para os animais de nuvem e lhe falou sobre a Terra-de-Quase-Acordar, pouco depois de a Mamã e o Papá se divorciarem. Nessa noite, Elsa viu Miamas pela primeira vez. Olha para a escuridão, sem ver, e tem mais saudades dela do que nunca. Esteve deitada na cama da Avozinha, a olhar para as fotografias no teto e a tentar perceber do que estava a Avozinha a falar, no hospital, quando lhe pediu para não a odiar. E também sobre ser prerrogativa das avós nunca terem de mostrar aos netos como eram antes de serem avós. Elsa passou horas a tentar perceber a presente caça ao tesouro, a pensar onde há de procurar a próxima pista. Se é que existe alguma.

O wurse dorme na arrecadação na cave. No meio de tudo isto, é bom saber que está por perto. Faz com que Elsa se sinta um bocadinho menos solitária.

Espreita por cima do corrimão da varanda. Tem a sensação de que há algo a mover-se lá em baixo, no meio da escuridão. Não consegue ver nada, claro, mas sabe que o Monstro está ali. Foi assim que a Avozinha planeou o conto de fadas. O Monstro está de guarda ao castelo. A proteger Elsa.

Só está zangada com a Avozinha por nunca lhe ter explicado do que estava ele a protegê-la.

Uma voz à distância corta o silêncio.

– ... sim, sim, tenho as bebidas para a festa, só estou a chegar a casa agora! – declara a voz em tom irritado à medida que se aproxima.

É a mulher da saia preta, a falar para o fio branco. Vem carregada com quatro sacos de plástico de ar pesado, que batem uns nos outros e nas pernas dela a cada passo. A mulher pragueja, atrapalhada com as chaves.

– Oh, somos pelo menos uns vinte... e já sabes que os tipos do escritório têm mau beber. E claro que não arranjam um bocadinho para ajudar. Não é? Como se eu também não tivesse um emprego a tempo inteiro! – São as últimas palavras que Elsa ouve antes de a mulher entrar no prédio.

Elsa não sabe muito sobre a mulher da saia preta, exceto que cheira sempre a menta, que tem sempre as roupas muito bem engomadas e que parece estar sempre stressada. A Avozinha costumava dizer que era «por causa dos rapazes dela». Elsa não sabe o que é que isso significa.

Dentro do apartamento, a Mamã está sentada num banco alto na cozinha, a falar ao telefone e a dobrar e desdobrar nervosamente um dos panos da loiça da Avozinha. Nunca parece ter de ouvir durante muito tempo a pessoa que está do outro lado. Nunca ninguém

discorda da Mamã. Não que ela grite ou interrompa; simplesmente, não é o tipo de pessoa que os outros queiram contrariar. A Mamã gosta desse estado de coisas porque o conflito é mau para a eficiência e a eficiência é muito importante para ela. Às vezes George comenta, a brincar, que a Mamã dará à luz o Meinho na hora de almoço, para evitar efeitos negativos na eficiência geral do hospital. Elsa detesta George por fazer estas piadas estúpidas. Detesta-o porque ele pensa que conhece a Mamã bem o suficiente para fazer piadas sobre ela.

A Avozinha, claro, achava a eficiência um disparate e estava-se borrifando para os efeitos negativos do conflito. Certa vez, Elsa ouviu um dos médicos no hospital da Mamã declarar que a Avozinha «conseguiria armar discussão numa sala vazia», mas quando Elsa lhe contou, a Avozinha ficou chateada e ripostou: «E se fosse a sala a começar?», contando-lhe em seguida a história da rapariga que dizia não, apesar de Elsa já a ter ouvido pelo menos uma eternidade de vezes.

A Rapariga Que Dizia Não fora uma das primeiras histórias que Elsa ouvira sobre a Terra-de-Quase-Acordar. Era sobre a rainha de Miaudacas, um dos seis reinos. A princípio, a rainha era uma monarca corajosa e justa de quem todos gostavam muito, mas cresceu e tornou-se uma adulta assustada, como os adultos têm tendência a ser. Começou a adorar a eficiência e a querer evitar conflitos. Como os adultos costumam fazer.

Foi então que a rainha proibiu todo e qualquer conflito em Miaudacas. Toda a gente tinha de se dar bem, sempre. E uma vez que quase todos os conflitos começam por alguém a dizer «não», a rainha tornou a palavra ilegal. Quem violasse a lei era logo fechado numa enorme prisão de negadores. Centenas de soldados de armadura preta, conhecidos como os Afirmadores, patrulhavam as ruas para se certificarem de que não havia desacordos em lado nenhum. Não satisfeita com isto, em breve a rainha também proibiu, além da palavra «não», várias outras palavras, incluindo «talvez», «enfim» e «nem». Qualquer uma delas era suficiente para mandar a pessoa para a prisão, onde nunca mais veria a luz do dia.

Alguns anos mais tarde, palavras e expressões como «possivelmente», «se» e «espera para ver» foram também banidas. Por fim, ninguém se atrevia a dizer absolutamente nada. Foi então que a rainha achou que, assim sendo, mais valia tornar todas as conversas ilegais, dado que quase todos os conflitos começavam com alguém a dizer alguma coisa. A partir daí, o silêncio imperou no reino durante vários anos.

Até que, um dia, apareceu uma rapariga a cavalo, a cantar. E todos olharam para ela: cantar era um crime extremamente grave em Miaudacas, pois havia o risco de uma pessoa gostar da canção e outra pessoa, não. Os Afirmadores entraram em ação para deter a rapariga, mas não a conseguiram apanhar. Ela era muito boa a fugir. Assim, os Afirmadores tocaram todos os sinos e chamaram reforços. A força de elite da própria rainha, conhecida como os Cavaleiros do Parágrafo – porque montavam uns animais especiais, cruzamento de girafa e livro de regras –, tentou apanhar a rapariga. Porém, nem mesmo os Cavaleiros do Parágrafo conseguiram deitar-lhe a mão. Por fim, a rainha em pessoa saiu a correr do castelo

e ordenou à rapariga que parasse de cantar.

Então, ela virou-se para a rainha, cravou nela o olhar e respondeu-lhe: «Não.» De imediato, uma pedra caiu do muro da prisão. E quando a rapariga voltou a declarar «não», caiu mais uma pedra. Pouco tempo depois, não só a rapariga, mas todas as outras pessoas do reino, incluindo os Afirmadores e os Cavaleiros do Parágrafo, gritavam: «Não! Não! Não!», e a prisão desmoronou-se. Foi assim que as pessoas de Miaudacas aprenderam que as rainhas só se mantêm no poder enquanto os seus súbditos tiverem medo do conflito.

Pelo menos, Elsa acha que era essa a moral da história. Sabe-o, em parte, porque procurou o significado de «moral da história» na Wikipédia, e em parte porque a primeira palavra que Elsa aprendeu foi «não». O que causou *muitas* discussões entre a Mamã e a Avozinha.

As duas discutiam também sobre muitas outras coisas, claro. Uma vez, a Avozinha dissera à Mamã que ela só se tornara gestora como forma de manifestar a rebeldia da adolescência – porque a pior forma de rebelião que a Avozinha conseguia imaginar era «ser economista». Elsa nunca percebeu o que isso significava. Nessa noite, quando todos pensavam que Elsa estava a dormir, ouviu a Mamã a responder à Avozinha: «Como é que sabes? Quando eu era adolescente nunca cá estavas!»

Foi a única vez que Elsa ouviu a Mamã falar com a Avozinha quase a chorar. A Avozinha ficou muito calada e, a partir de então, nunca mais fez comentários com Elsa sobre rebeldia adolescente.

Agora, a Mamã desliga o telefone e fica de pé no meio da cozinha, com o pano da loiça na mão, como se não se conseguisse lembrar de alguma coisa. Olha para Elsa. Elsa olha para a Mamã, desconfiada. A Mamã abre um sorriso triste.

– Queres ajudar-me a arrumar as coisas da tua avozinha nas caixas?

Elsa faz que sim com a cabeça. Embora não queira. A Mamã insiste em arrumar caixas todas as noites, apesar de o médico e George terem avisado de que estava na altura de começar a ter calma. A Mamã não é muito boa em nenhuma dessas coisas – ter calma e fazer o que lhe aconselham.

– O teu pai vai buscar-te à escola amanhã – declara a Mamã de passagem, enquanto assinala as tarefas concluídas na sua folha de Excel.

– Porquê, vais trabalhar até mais tarde? – pergunta Elsa, como se não estivesse muito preocupada.

– Vou... ficar algum tempo no hospital – responde a Mamã, hesitante, porque não gosta de mentir a Elsa.

– O George não pode ir buscar-me?

– O George vai comigo para o hospital.

Elsa atira coisas ao acaso para dentro da caixa, ignorando de propósito a folha de Excel.

– O Meinho está doente?

A Mamã tenta sorrir de novo. Sem grande sucesso.

– Não te preocupes, querida.

– Essa é a maneira mais rápida de eu perceber que devo estar megapreocupada – responde Elsa.

– É complicado – suspira a Mamã.

– Tudo é complicado se ninguém o explicar.

– É só um exame de rotina.

– Não, não é. Ninguém faz tantos exames de rotina durante uma gravidez normal. Não sou assim tão estúpida.

A Mamã esfrega as têmporas e desvia o olhar.

– Por favor, Elsa, não comeces a arranjar problemas também por causa disto.

– Como assim, «também»? Que outros problemas é que eu tenho andado a arranjar? – observa Elsa em tom cortante, como faria qualquer pessoa de quase oito anos que se sente um bocadinho ultrajada.

– Não grites – pede a Mamã em voz composta.

– NÃO ESTOU A GRITAR! – grita Elsa.

E depois ambas olham para o chão durante muito tempo, cada uma à procura da sua maneira de pedir desculpa. Nenhuma delas sabe por onde começar. Elsa fecha a tampa do caixote, dirige-se intempestivamente ao quarto da Avozinha e bate com a porta.

Depois disso, durante trinta minutos, ouvir-se-ia um alfinete a cair no chão daquele apartamento. É para verem como Elsa está zangada, tão zangada que começou a medir o tempo em minutos e não em eternidades. Deita-se na cama da Avozinha e olha para as fotografias a preto e branco no teto. O Rapaz Lobisomem parece estar a acenar-lhe e a rir. Elsa não percebe como alguém capaz de rir daquela maneira pode crescer e tornar-se em algo tão incrivelmente lúgubre como o Monstro.

Ouve a campainha tocar, e um segundo toque segue-se depressa, muito mais depressa do que qualquer pessoa normal conseguiria tocar à campainha. Portanto, só pode ser Britt-Marie.

– Já vai – responde a Mamã de maneira educada. Pela sua voz, Elsa percebe que ela esteve a chorar.

As palavras jorram de Britt-Marie como se ela tivesse um mecanismo de corda e alguém tivesse rodado a chave nas suas costas.

– Toquei à tua campainha! Ninguém abriu!

A Mamã suspira.

– Pois não. Não estamos em casa. Estamos aqui.

– O carro da tua mãe está estacionado na garagem! E aquele cão do inferno continua à solta na propriedade! – Fala tão depressa que é evidente que não consegue organizar as suas várias arrelias.

Elsa senta-se na cama da Avozinha, mas demora quase um minuto a absorver as palavras de Britt-Marie. Depois salta da cama, abre a porta, e tem de recorrer a todo o seu autocontrolo para não correr pelo corredor e assim deixar a velha intrometida desconfiada.

Britt-Marie está no patamar, com uma mão inserida com firmeza dentro da outra, a sorrir à Mamã de forma bem-intencionada, a tagarelar sobre como neste condomínio não podem ter cães raivosos à solta.

– Um perigo sanitário, é o que é, um perigo sanitário!

– Se calhar o cão até já está longe, Britt-Marie. Se fosse a si não me preocupava com isso...

Britt-Marie vira-se para a Mamã e continua a sorrir de forma bem-intencionada.

– Pois não, Ulrika, claro que não te preocupavas. Claro que não. Não és o tipo de pessoa que se preocupe com a segurança dos outros, pois não? Nem mesmo a da tua própria filha. Vejo que é uma característica herdada. Pôr a carreira à frente dos filhos. Sempre foi assim na vossa família.

O rosto da Mamã está relaxado. Tem os braços caídos ao lado do corpo, aparentemente descontraídos. A única coisa que a denuncia é que começa a cerrar os punhos, devagar, muito devagar. Elsa nunca a viu fazer isso.

Britt-Marie também repara. Mais uma vez, muda a posição das mãos sobre a barriga. Parece estar a suar. O seu sorriso fica tenso.

– Não que haja algum mal nisso, Ulrika, claro. Claro que não. Cada pessoa faz as suas próprias escolhas e tem as suas prioridades, como é óbvio!

– Deseja mais alguma coisa? – pergunta a Mamã devagar; mas algo nos seus olhos mudou, o que faz Britt-Marie recuar um passinho.

– Não, não, mais nada! Absolutamente mais nada!

Elsa enfia a cabeça de fora da porta antes de Britt-Marie ter tempo de dar meia-volta e descer.

– O que é que disse sobre o carro da Avozinha?

– Está na garagem – repete ela em tom seco, evitando olhar para a Mamã. – Estacionado no *meu* lugar. Se não o tirarem dali já, vou chamar a polícia!

– Como é que lá foi parar?

– Como querem que eu saiba? – Olha de novo para a mãe de Elsa, com coragem renovada. – O carro tem de ser retirado dali e já; caso contrário, chamo a *polícia*, Ulrika!

– Não sei onde estão as chaves do carro, Britt-Marie. E, se não se importa, preciso de me ir sentar... acho que estou a ficar com uma enxaqueca.

– Talvez não tivesses tantas enxaquecas se bebestes menos café, Ulrika! – Dá meia-volta e desce as escadas tão depressa que ninguém tem tempo de lhe responder.

A Mamã fecha a porta de forma um pouco menos controlada e composta do que é habitual, e dirige-se à cozinha.

– O que é que ela quis dizer com aquilo? – pergunta Elsa.

– Acha que as grávidas não deviam beber café – responde a Mamã. O seu telemóvel começa a tocar.

– Não estava a falar disso – contrapõe Elsa. Odeia quando a Mamã se finge de estúpida. A Mamã pega no telemóvel, que está em cima do balcão da cozinha.

– Tenho de atender, querida.

– O que é que a Britt-Marie quis dizer quando notou que na nossa família pomos «a carreira à frente dos filhos»? Estava a falar da Avozinha, não era?

O telemóvel continua a tocar.

– É do hospital, tenho de atender.

– Não, não tens!

Ficam em silêncio, a olhar uma para a outra, enquanto o telemóvel toca mais duas vezes. Agora é a vez de Elsa cerrar os punhos.

A Mamã passa os dedos pelo ecrã.

– Tenho de atender, Elsa.

– Não tens *nada*!

A Mamã fecha os olhos e atende. Quando começa a falar, já Elsa se refugiou no quarto da Avozinha, batendo com a porta atrás de si.

Meia hora mais tarde, quando a Mamã abre a porta suavemente, Elsa finge estar a dormir. A Mamã entra pé ante pé e aconchega-a. Dá-lhe um beijo na face. Apaga o candeeiro.

Quando Elsa se levanta, passada uma hora, a Mamã está a dormir no sofá da sala. Elsa aproxima-se pé ante pé e aconchega a Mamã e o Meiinho. Dá-lhe um beijo na face. Apaga a luz. A Mamã ainda tem o pano da loiça da Avozinha na mão.

Elsa vai buscar uma lanterna a uma das caixas que estão no corredor e calça-se.

Agora sabe onde encontrar a próxima pista na caça ao tesouro da Avozinha.

13

Vinho

É um pouco complicado de explicar, mas algumas coisas são assim nos contos de fadas da Avozinha. Em primeiro lugar, é preciso perceber que nenhuma criatura na Terra-de-Quase-Acordar é mais triste do que o anjo-do-mar. Na verdade, só depois de Elsa se lembrar desta história é que a caça ao tesouro da Avozinha começa a fazer sentido.

O aniversário de Elsa sempre foi muitíssimo importante para a Avozinha. Talvez por Elsa fazer anos dois dias depois da noite de Natal, e a noite de Natal, que é quando a maior parte das pessoas celebra o Natal, é muito importante para toda a gente; em resultado disso, nenhuma criança que faça anos dois dias depois recebe a mesma atenção que uma criança nascida em agosto ou abril. Portanto, a Avozinha tem tendência para a compensar, de forma bastante exagerada. A Mamã proibiu-a de planejar festas surpresa depois daquela em que a Avozinha lançou foguetes dentro de uma hamburgueria e sem querer pegou fogo a uma rapariga de dezassete anos vestida de palhaço que, ao que parecia, estava ali para «entreter as crianças». Aliás, entreteve-as bastante bem, Elsa tem de admitir. Nesse dia, aprendeu algumas das melhores asneiras do seu repertório.

A questão é que, em Miamas, as pessoas não recebem presentes no aniversário. *Dão* presentes. De preferência, algo que tenham em casa e de que gostem muito, que ofereçam a uma pessoa de quem gostam ainda mais. É por isso que, em Miamas, toda a gente espera ansiosamente os aniversários dos outros, e daí a origem da expressão: «O que recebemos de alguém que tem tudo?» Quando os infantes trouxeram este conto de fadas para o mundo real, alguém deste lado conseguiu a proeza de perceber tudo ao contrário, claro, transformando-a em: «O que se DÁ a alguém que tem tudo?» Outra coisa não seria de esperar. Estamos a falar dos mesmos anormais que conseguiram interpretar mal a palavra «interpretar», que tem um significado completamente diferente em Miamas. Em Miamas, um intérprete é uma criatura que se pode descrever como uma combinação entre uma cabra e uma bolacha de chocolate. Os intérpretes são extremamente dotados a nível linguístico, além de serem excelentes para grelhar no churrasco. Pelo menos até Elsa se tornar vegetariana, e daí em diante a Avozinha foi proibida de voltar a mencioná-los.

De qualquer maneira, Elsa nasceu dois dias depois da noite de Natal, há quase oito anos, no mesmo dia em que os cientistas registaram a radiação gama do magnetar. A outra coisa que aconteceu nesse dia foi um *tsunami* no Oceano Índico. Elsa sabe que um *tsunami* é uma onda horripelantemente gigante, causada por um tremor de terra. Só que no mar. Portanto, será mais um tremor de oceano, se quiserem ser picuinhas. Elsa é bastante picuinhas.

Duzentas mil pessoas morreram na mesma altura em que Elsa começou a viver. Por vezes, quando a Mamã acha que Elsa não está a ouvi-la, comenta com George que ainda se

sente culpada – é uma angústia pensar que esse foi o dia mais feliz da sua vida.

Elsa tinha cinco anos, quase seis, quando leu sobre o sucedido *online* pela primeira vez. No seu sexto aniversário, a Avozinha contou-lhe a história do anjo-do-mar. Para lhe ensinar que nem todos os monstros começam por ser monstros, e que nem todos os monstros se parecem com monstros. Alguns trazem a sua monstruosidade por dentro.

A última coisa que as Sombras fizeram antes do fim da Guerra Sem Fim foi destruir o reino de Mibatalos, o reino onde tinham sido criados todos os guerreiros. Mas depois apareceram Coração-de-Lobo e os wurses e a situação inverteu-se; quando as Sombras fugiram da Terra-de-Quase-Acordar, vindas de todas as costas de todos os seis reinos, precipitaram-se sobre o mar com uma força terrível. A marca que deixaram na superfície da água desencadeou ondas horríveis que, uma a uma, se foram juntando até formarem uma única onda, tão alta como a eternidade de dez mil contos de fadas. Para impedir que alguém perseguisse as Sombras, a onda virou-se e precipitou-se em direção a terra.

Podia ter arrasado toda a Terra-de-Quase-Acordar. Podia ter rebentado sobre a terra e dizimado os castelos, as casas e todos os que nelas viviam, de forma muito mais terrível do que todos os exércitos das Sombras conseguiriam fazer em toda a eternidade.

Foi então que cem anjos-de-neve salvaram os cinco reinos restantes. Porque, enquanto todos os outros fugiam da onda, os anjos-de-neve correram para ela. Com as asas abertas e o poder de todas as histórias épicas no seu coração, formaram uma muralha mágica contra a água e impediram-na de passar. Nem mesmo uma onda criada pelas Sombras consegue passar por cem anjos-de-neve dispostos a morrer para que um mundo inteiro de contos de fadas possa continuar.

Apenas um virou costas à enorme parede de água.

E, embora a Avozinha dissesse sempre que aqueles anjos-de-neve eram filhos da mãe arrogantes «que cheiravam o vinho e esses disparates todos», nunca tentou minimizar o heroísmo que eles demonstraram. Pois o dia em que a Guerra Sem Fim terminou foi o dia mais feliz para todos na Terra-de-Quase-Acordar, exceto para o centésimo anjo-de-neve.

Desde então, o anjo vagueou ao longo da costa, para cima e para baixo, vítima de uma maldição que o impedia de abandonar o sítio onde tinham perdido a vida todos aqueles que amava. Fê-lo durante tanto tempo que as pessoas nas aldeias costeiras se esqueceram de quem ele fora e começaram a chamar-lhe «anjo-do-mar». À medida que os anos passavam, o anjo foi ficando cada vez mais enterrado sob uma avalanche de tristeza, até que o seu coração se partiu em dois e todo o seu corpo se estilhaçou, como um espelho partido. Quando as crianças das aldeias se esgueiravam até à costa para o tentar ver, num momento viam um rosto de tamanha beleza que lhes tirava o ar; logo a seguir, porém, viam algo tão terrível, deformado e selvagem a olhar para eles que fugiam para casa aos gritos.

Porque nem todos os monstros eram monstros, a princípio. Alguns são monstros nascidos da dor.

Segundo uma das histórias mais contadas na Terra-de-Quase-Acordar, foi uma criança de Miamas que conseguiu quebrar a maldição do anjo-do-mar, libertando-o dos demónios da memória que o mantinham cativo.

Quando a Avozinha contou essa história pela primeira vez a Elsa, no dia do seu sexto aniversário, Elsa compreendeu que já não era uma criança. Por isso, ofereceu o seu leão de peluche à Avozinha como presente. Percebeu que já não precisava dele e queria que ele protegesse antes a Avozinha. Nessa noite, a Avozinha sussurrou ao ouvido de Elsa que, se alguma vez se separassem, se a Avozinha alguma vez se perdesse, mandaria o leão dizer a Elsa onde ela estava.

Elsa demorou alguns dias a chegar lá. Só esta noite, quando Britt-Marie mencionou que *Renault* aparecera estacionado na garagem sem que ninguém soubesse como lá fora parar, é que Elsa se lembrou onde a Avozinha pusera o leão de guarda.

No porta-luvas de *Renault*. Era onde a Avozinha guardava os cigarros. E não havia nada na vida dela que mais precisasse de um leão de guarda.

Assim, Elsa senta-se no banco do passageiro de *Renault* e respira fundo. Como de costume, as portas de *Renault* não estão trancadas, porque a Avozinha nunca trancava nada, e o carro ainda cheira a fumo. Elsa sabe que é mau, mas como é o fumo da Avozinha, inala-o várias vezes.

– Tenho saudades tuas – murmura para o estofo do banco.

Depois abre o porta-luvas. Afasta o leão e tira a carta. No envelope está escrito: «Para a Cavaleira mais corajosa de Miamas, para entregar a...», seguido de um nome e de uma morada na caligrafia horrorosa da Avozinha.

Mais tarde, Elsa senta-se no primeiro degrau, do lado de fora do apartamento da Avozinha, até as luzes das escadas se apagarem. Passa o dedo sobre a letra da Avozinha no envelope, uma e outra vez, mas não o abre. Coloca-o na mochila, deita-se no chão frio e quase fecha os olhos. Tenta mais uma vez ir a Miamas. Fica ali deitada horas, sem sucesso. Fica ali deitada até ouvir a porta do prédio abrir-se e fechar-se. Fica deitada no chão, de olhos quase fechados, até sentir a noite a abraçar as janelas e ouvir a bêbada começar a fazer barulho dois pisos mais abaixo.

A mãe de Elsa não gosta que ela chame «bêbada» à bêbada.

«O que lhe hei de chamar, então?», costumava perguntar Elsa. A Mamã ficava com ar inseguro e, em tom um bocadinho afetado, tentava sugerir qualquer coisa como: «É... Quer dizer, é uma pessoa que... que está cansada.»

A Avozinha costumava intervir: «Cansada? Podes crer, claro que fica cansada depois de estar a noite inteira nos copos!»

A Mamã gritava: «Mãe!», a Avozinha levantava as mãos e questionava: «Oh, valha-me Deus, o que é que eu disse *agora*?», e Elsa era convidada a colocar os *headphones*.

– Fechem a água, já disse! Não se pode tomar banho à noite! – gagueja a bêbada lá em

baixo, sem se dirigir a ninguém em particular, batendo com a calçadeira no corrimão.

É o que a bêbada faz sempre. Berra e grita e bate com a calçadeira nas coisas. Depois, canta sempre a mesma velha canção de embalar. Claro, nunca ninguém sai de casa para a acalmar, nem mesmo Britt-Marie, porque neste prédio os bêbados são como monstros. As pessoas pensam que, se os ignorarem, eles deixarão de existir.

Elsa põe-se de cócoras e espreita entre os suportes do corrimão. Só consegue apanhar um vislumbre das meias da bêbada quando passa no patamar, cambaleante, a brandir a calçadeira como se estivesse a ceifar erva. Elsa não consegue explicar a si própria o porquê, mas desce em bicos de pés o primeiro lanço de escadas. Pura curiosidade, talvez. Ou, se calhar, está aborrecida e frustrada por já não conseguir ir a Miamas.

A porta do apartamento da bêbada está aberta. Há um candeeiro de pé tombado, que projeta uma luz fraca. Fotografias em todas as paredes. Elsa nunca viu tantas fotografias juntas – pensava que a Avozinha tinha muitas no teto, mas estas devem ser milhares. Cada uma tem uma pequena moldura de madeira branca e todas mostram dois rapazes adolescentes e um homem que deve ser o pai deles. Numa das fotografias, o homem e os rapazes estão numa praia, com um mar verde cintilante por trás deles. Ambos os rapazes estão de fato de banho. Sorriem. Estão bronzeados. Parecem felizes.

Por baixo dessa moldura vê-se um daqueles postais baratos, como os que se compram nas estações de serviço quando nos esquecemos de comprar uma prenda a sério. «Para a Mamã, dos teus rapazes», pode ler-se na frente.

Ao lado do cartão está um espelho. Partido.

As palavras ecoam no patamar e são tão súbitas e repletas de fúria que Elsa perde o equilíbrio e escorrega, deslizando pelos últimos quatro ou cinco degraus, até bater na parede. O eco precipita-se sobre ela, como que determinado a arrancar-lhe as orelhas.

– OQUEESTÁSAFAZERAQUI?

Elsa espreita entre os ferros do corrimão para a pessoa tresloucada que agita a calçadeira na sua direção, com uma expressão ao mesmo tempo incandescente e aterrorizada. Os olhos dela estremecem. A saia preta está agora amarrotada. Cheira a vinho, Elsa consegue senti-lo a um piso de distância. O cabelo dela parece um novelo de lã em que dois pássaros se enredaram durante uma luta. Tem olheiras escuras.

A mulher cambaleia. Provavelmente queria gritar, mas as palavras saem num sussurro:

– Não podem tomar banho à noite. A água... fechem a água. Vamos afogar-nos todos...

O fio branco para o qual está sempre a falar pende-lhe da orelha, mas a outra extremidade está caída ao lado da anca, desligada. Elsa apercebe-se de que nunca esteve ninguém do outro lado do fio, e isso não é algo fácil de compreender para uma menina de quase oito anos. A Avozinha contava muitos contos de fadas sobre muitas coisas, mas nunca sobre mulheres de saia preta que fingem ter conversas telefónicas enquanto sobem as escadas para que os vizinhos não pensem que compraram aquele vinho todo para si próprias.

A mulher parece confusa. Como se, de súbito, se tivesse esquecido de onde está. Desaparece e, logo a seguir, Elsa sente a Mamã a pegar-lhe de modo gentil. Sente-lhe o hálito quente no pescoço e o «chiu» no ouvido, como se tivessem deparado com um veado e se tivessem aproximado de mais.

Elsa abre a boca para falar, mas a Mamã põe-lhe o dedo nos lábios.

– Chiu – murmura outra vez, apertando-a nos braços.

Elsa aninha-se, na escuridão, e veem a mulher da saia preta a andar de um lado para o outro, como uma bandeira que se soltou numa ventania. Há sacos de plástico espalhados no chão do apartamento. Uma das caixas de vinho tombou. Gotas de tinto pingam sobre o chão de madeira. A Mamã faz um movimento suave contra a mão de Elsa. Levantam-se depressa e sobem as escadas.

Nessa noite, a mãe de Elsa fala-lhe sobre aquilo que estava na boca de todos, menos dos pais de Elsa, no dia em que Elsa nasceu. Sobre uma onda que rebentou numa praia a oito mil quilómetros dali e esmagou tudo o que encontrou à frente. Sobre dois rapazes que nadaram para ir ajudar o pai e nunca mais voltaram.

Elsa ouve a bêbada começar a cantar a canção de embalar. Porque nem todos os monstros se parecem com monstros. Há alguns que carregam a sua monstruosidade por dentro.

Tantos corações se partiram no dia em que Elsa nasceu. Partidos pela onda com tanta força que os estilhaços se espalharam por todo o mundo. As catástrofes improváveis trazem ao de cima coisas improváveis nas pessoas. Sofrimento improvável e heroísmo improvável. Houve mais morte do que os sentidos humanos conseguem abarcar. Dois rapazes que põem a mãe em segurança e voltam para ir buscar o pai. Porque uma família não deixa ninguém para trás. Contudo, no fim, foi precisamente isso que os seus rapazes lhe fizeram. Deixaram-na sozinha.

A avozinha de Elsa vivia num ritmo diferente das outras pessoas. Funcionava de forma diferente. No mundo real, em comparação com tudo o que funcionava, ela era caótica. Porém, quando o mundo real se desmorona, quando tudo se transforma em caos, as pessoas como a avozinha de Elsa podem ser as únicas que se mantêm funcionais. Esse era outro dos seus superpoderes. Quando a Avozinha partia para algum sítio distante, uma coisa era certa: tratava-se de um sítio de onde todas as outras pessoas estavam a tentar fugir. E se alguém lhe perguntava porque o fazia, ela respondia: «Sou médica, por amor de Deus, e desde que me tornei médica nunca me dei ao luxo de escolher que vidas hei de salvar.»

Não era muito boa em termos de eficiência e economia, a Avozinha, mas toda a gente lhe dava ouvidos quando havia caos. Os outros médicos fugiam dela a sete pés nos dias bons, mas quando o mundo se desfazia em pedaços seguiam-na como um exército. Porque as tragédias improváveis criam super-heróis improváveis.

Uma vez, numa noite em que iam a caminho de Miamas, Elsa perguntara à Avozinha como era estar num sítio enquanto o mundo se desmorona. Como fora estar na Terra-de-Quase-Acordar durante a Guerra Sem Fim e ver a onda a rebentar sobre os noventa e nove anjos-de-neve. A Avozinha respondera:

«É como a pior coisa que possas calcular, pensada pela criatura mais perversa que consigas conceber, e multiplicado por um número que nem consegues imaginar.»

Elsa tivera muito medo, nessa noite, e perguntara à Avozinha o que fariam se, um dia, o mundo se desmoronasse à volta delas.

A Avozinha apertara-lhe os dedos com força e respondera: «Fazemos o que toda a gente faz: tudo o que pudermos.»

Elsa subira para o colo dela e insistira: «Mas o que podemos fazer?»

A Avozinha beijara-lhe o cabelo e apertara-a com muita, muita força, murmurando: «Pegamos em todas as crianças que conseguirmos e corremos o mais depressa que formos capazes.»

«Eu sou boa a correr», sussurrara Elsa.

«Também eu», respondera a Avozinha no mesmo tom.

No dia em que Elsa nasceu, a Avozinha estava muito longe. Numa guerra. Já lá estava há vários meses, mas ia a caminho de um avião. Vinha para casa. Foi então que soube da onda noutra sítio ainda mais distante, de onde toda a gente fugia em desespero. Por isso foi, porque precisavam dela. Teve tempo para ajudar muitas crianças a fugir da morte, mas não os rapazes da mulher da saia preta. Assim, em vez disso, trouxera a mulher da saia preta para o prédio.

– Foi a última viagem da tua avó – conta-lhe agora a Mamã. – Depois disso, voltou de vez para casa.

Elsa e a Mamã estão sentadas em *Kia*. É de manhã e o trânsito está engarrafado. Flocos de neve grandes como fronthas caem no para-brisas.

Elsa não se lembra da última vez que ouviu a Mamã contar uma história tão comprida. A Mamã quase nunca conta histórias, mas esta foi tão comprida que a Mamã adormeceu a meio, ontem à noite, e teve de a retomar no carro, a caminho da escola.

– Porque é que foi a última viagem dela? – pergunta Elsa.

A Mamã sorri com uma combinação emotiva de melancolia e alegria que só ela, em todo o mundo, aprendeu a dominar.

– Arranjou um novo trabalho.

Parece então lembrar-se de algo inesperado. Como se a memória tivesse acabado de cair de uma jarra partida.

– Tu nasceste prematura. Estavam preocupados com o teu coração, por isso tivemos de ficar no hospital contigo durante várias semanas. A Avozinha chegou com ela no mesmo dia em que viemos para casa...

Elsa percebe que «ela» é a mulher da saia preta. A Mamã aperta o volante de *Kia* com força.

– Nunca falei muito com ela. Acho que ninguém no prédio quis fazer demasiadas perguntas. Deixámos a tua avó lidar com a situação. E depois...

Suspira e o pesar invade-lhe o rosto.

– ... os anos foram passando. Nós andávamos ocupados. E ela passara a ser apenas alguém que vivia no prédio. Para ser franca contigo, já nem me lembrava de que foi assim que ela veio aqui parar. Vocês as duas chegaram a casa no mesmo dia...

A Mamã vira-se para Elsa e tenta sorrir, sem grande sucesso.

– Achas que isso faz de mim uma pessoa terrível? Ter-me esquecido?

Elsa abana a cabeça. Ia acrescentar qualquer coisa sobre o Monstro e o wurse, mas cala-se porque tem medo de que a Mamã não a deixe voltar a vê-los, se souber. As mães têm por vezes uma data de regras estranhas no que diz respeito a interações sociais dos filhos com monstros e wurses. Elsa compreende que toda a gente tem medo deles, e que demorará muito tempo a fazer com que todos percebam que o Monstro e o wurse – tal como a bêbada – não

são aquilo que parecem.

– A Avozinha passava muito tempo em viagem? – pergunta.

Um carro prateado atrás delas buzina quando a mãe de Elsa deixa que o carro da frente se afaste um pouco. Ela destrava e *Kia* avança lentamente.

– Variava. Dependia de onde precisavam dela e durante quanto tempo.

– Era disso que estavas a falar daquela vez em que a Avozinha disse que só te tornaste economista para a irritar?

O carro de trás volta a buzinar.

– O quê?

Elsa enfia o dedo entre a borracha e a porta.

– Eu ouvi. Há muito tempo. A Avozinha insistiu que só eras economista por causa da rebeldia da adolescência. E tu respondeste: «Como é que sabes? Nunca cá estavas quando eu era adolescente!» Era disso que estavas a falar, não era?

– Estava zangada, Elsa. Às vezes, quando estamos zangados, é difícil controlar as nossas palavras.

– Tu não. Tu nunca te descontrolas.

A Mamã tenta sorrir de novo.

– Com a tua avó era... mais difícil.

– Quantos anos tinhas quando o avô morreu?

– Doze.

– E a Avozinha deixou-te?

– A tua avó ia para onde precisavam dela, querida.

– Mas tu não precisavas dela?

– Havia quem precisasse mais.

– É por isso que estavam sempre a discutir?

A Mamã suspira profundamente, como só uma mãe que acaba de perceber que se alargou demasiado numa história é capaz.

– Sim. Sim, por vezes essa era a razão pela qual discutíamos. Mas também divergíamos sobre outras coisas. A tua avó e eu éramos muito... diferentes.

– Não. Eram apenas diferentes de forma diferente.

– Talvez.

– Sobre o que é que discutiam mais?

O carro atrás de *Kia* buzina outra vez. A Mamã fecha os olhos e sustém a respiração. Só quando solta o travão de mão e deixa *Kia* avançar é que solta também as palavras dos lábios, como se tivessem de abrir caminho à força.

– Sobre ti. Discutíamos sempre sobre ti, querida.

– Porquê?

– Porque quando amamos muito alguém é difícil aprender a partilhá-la com outra pessoa.

- Como a Jean Grey – comenta Elsa, como se fosse totalmente óbvio.
- Quem?
- É uma super-heroína. Dos X-Men. O Wolverine e o Ciclope estavam os dois apaixonados por ela. Por isso, discutiam por causa dela; discutiam tanto que era inacreditável.
- Pensava que os X-Men eram mutantes, não super-heróis. Não foi isso que disseste da última vez que falámos sobre eles?
- É complicado – responde Elsa, embora na realidade não seja, para quem leu literatura de qualidade suficiente.
- Então qual é o superpoder dessa Jean Grey?
- Telepatia.
- É um bom superpoder.
- Espetacular. – Elsa acena com a cabeça em sinal de concordância.
- Decide não acrescentar que Jean Grey também é capaz de telecinesia, porque não quer tornar as coisas mais complicadas do que o necessário para a Mamã, neste momento. Afinal de contas, está grávida.
- Assim, em vez disso, Elsa puxa a borracha da porta. Espreita pelo intervalo. Está incrivelmente cansada, como qualquer criança de quase oito anos ficaria depois de estar acordada a noite toda, e zangada. A mãe de Elsa nunca teve uma mamã, porque a Avozinha estava sempre noutro lado qualquer, a ajudar outra pessoa qualquer. Elsa nunca pensara na Avozinha dessa maneira.
- Estás zangada comigo por a Avozinha passar tanto tempo comigo e nunca ter estado contigo? – pergunta, com cuidado.
- A Mamã abana a cabeça tão depressa e com tal veemência que Elsa percebe logo que aquilo que ela vai dizer, seja lá o que for, será uma mentira.
- Não, minha querida menina. Nunca. Nunca!
- Elsa assente com a cabeça e volta a olhar para o intervalo entre a borracha e a porta.
- Eu estou zangada com ela. Por não me ter contado a verdade.
- Toda a gente tem segredos, querida.
- Estás zangada comigo porque eu e a Avozinha tínhamos segredos? – Pensa na língua secreta, que estavam sempre a falar para a Mamã não as perceber. Pensa na Terra-de-Quase-Acordar, e pergunta-se se a Avozinha alguma vez levou lá a Mamã.
- Zangada, nunca... – murmura a Mamã, e estende a mão para ela antes de acrescentar, num murmúrio: – Com ciúmes.
- O sentimento de culpa atinge Elsa como água fria quando menos esperamos.
- Então era isso que a Avozinha queria dizer – afirma.
- O quê? – pergunta a Mamã.
- Que eu a odiaria se descobrisse quem ela era antes de eu nascer. Era a isso que se

referia. Que eu ia descobrir que ela tinha sido uma mãe de porcaria, que abandonou a própria filha...

A Mamã vira-se para ela com os olhos tão brilhantes que Elsa consegue ver o seu reflexo neles.

– Ela não me abandonou. Não quero que odeies a tua avozinha, querida.

Quando Elsa não responde, a Mamã encosta a mão à face dela e murmura:

– Todas as filhas se zangam com as mães por qualquer coisa. Mas ela foi uma boa avó, Elsa. Foi a avó mais fantástica que uma pessoa poderia imaginar.

Em jeito de desafio, Elsa puxa a borracha.

– Mas deixou-te sozinha. Todas essas vezes em que foi para longe, deixou-te sozinha, não foi?

– Tinha o teu avô, quando era pequena.

– Sim, até ele morrer!

– Quando ele morreu, tinha os vizinhos.

– Que vizinhos? – Elsa quer saber.

O carro de trás buzina. A Mamã faz um gesto apologeticamente e *Kia* avança.

– A Britt-Marie – diz a Mamã, por fim.

Elsa para de puxar a borracha.

– Como assim, a Britt-Marie?

– Ela cuidou de mim.

Elsa franze a testa.

– Então porque é que ela é tão estúpida para ti?

– Não digas isso, Elsa.

– É verdade!

A Mamã suspira pelo nariz.

– A Britt-Marie não foi sempre assim. Sente-se apenas... sozinha.

– Tem o Kent!

A Mamã pestaneja tão devagar que fica com os olhos fechados.

– Há muitas formas de estar sozinha, querida.

Elsa volta a puxar a borracha da porta.

– Seja como for, é uma idiota.

– As pessoas podem tornar-se idiotas se estiverem sozinhas demasiado tempo – concorda a Mamã.

O carro de trás volta a buzinar.

– É por isso que a Avozinha não aparece em nenhuma das fotografias antigas lá em casa? – pergunta Elsa.

– O quê?

– A Avozinha não aparece em fotografia nenhuma antes de eu nascer. Quando era

pequena, pensava que ela era um vampiro, porque os vampiros não aparecem nas fotografias e podem fumar o quanto quiserem sem ficarem com dores de garganta. Mas ela não era um vampiro, pois não? Só nunca estava em casa.

– É complicado.

– Oh, sim, é... até alguém o explicar! Mas quando perguntava à Avozinha, ela mudava sempre de assunto. E quando pergunto ao Papá, ele responde: «Ah... ah... O que queres? Gelado? Podes comer um gelado!»

A Mamã solta uma gargalhada explosiva e repentina. Elsa faz uma imitação perfeita do pai.

– O teu pai não gosta muito de conflitos – esclarece a Mamã, ainda a rir.

– A Avozinha era uma vampira?

– A tua avozinha viajava pelo mundo a salvar a vida de crianças, querida. Era uma...

A Mamã parece estar à procura da palavra certa. Quando a encontra, o rosto ilumina-se-lhe e abre um sorriso radiante.

– Uma super-heroína! A tua avozinha era uma super-heroína!

Elsa olha para a abertura na porta.

– As super-heroínas não abandonam os próprios filhos.

A Mamã não diz nada.

– Todos os super-heróis têm de fazer sacrifícios, minha querida – tenta, por fim.

Mas tanto ela como Elsa sabem que não está a ser sincera.

O carro de trás buzina outra vez. A Mamã levanta a mão num gesto apologetico e *Kia* avança alguns metros. Elsa apercebe-se de que está suspensa, com esperança de que a Mamã comece a gritar. Ou a chorar. Ou qualquer coisa. Só quer vê-la a sentir alguma coisa.

Elsa não percebe como é que alguém pode estar com tanta pressa para avançar cinco metros num engarrafamento. Olha pelo espelho retrovisor para o homem no carro atrás delas. Ele parece pensar que o engarrafamento está a ser causado pela mãe de Elsa. Elsa deseja com todas as fibras do seu ser que a Mamã faça o que fez quando estava grávida de Elsa, e saia do carro para gritar com o homem por estar farta das buzínadelas.

O pai de Elsa contou-lhe essa história. Quase nunca conta histórias, mas numa noite de verão – numa altura em que a Mamã andava cada vez mais triste, a deitar-se cada vez mais cedo, e o Papá ficava sentado à mesa da cozinha, a arrumar os ícones no ecrã do computador da Mamã e a chorar – estavam numa festa, os três. O Papá bebeu três cervejas e contou a história de como a Mamã, quase no fim da gravidez de Elsa, saiu do carro e se dirigiu a um homem numa viatura prateada e ameaçou «parir aqui mesmo em cima do seu capô se me volta a buzinar»! Todos se riram muito dessa história. O Papá não, claro, porque não gosta por aí além de se rir. Mas Elsa viu que até ele achava a história engraçada. Nessa noite de verão, dançou com a Mamã. Foi a última vez que Elsa os viu dançar juntos. O Papá dança espetacularmente mal; parece um urso muito grande que acabou de acordar e tem os pés

dormentes. Elsa tem saudades disso.

E tem saudades de alguém capaz de sair do carro e gritar a homens em carros prateados.

Mais uma vez, o homem no carro prateado atrás delas buzina. Elsa apanha a mochila do chão, tira o livro mais pesado que encontra, abre a porta e salta para o meio da estrada. Ouve a Mamã a gritar-lhe para voltar para dentro, mas, sem olhar para trás, corre para o carro prateado e bate com o livro no capô, com toda a sua força. Deixa uma grande moça. Tem as mãos a tremer.

O homem do carro prateado olha para ela como se não acreditasse no que acabou de acontecer.

– CHEGA, seu anormal!

Quando ele não responde de imediato, bate com o livro mais três vezes e aponta para ele com ar ameaçador.

– Não vê que a minha mãe está GRÁVIDA?

A princípio, o homem parece fazer menção de abrir a porta. Mas muda de ideias e, estupefacto, olha para Elsa enquanto esta bate com o livro no carro.

Elsa ouve os trincos da porta a fecharem-se.

– Mais uma buzina e a minha mãe sai do carro e tem o Meiinho aqui em cima DO MALDITO CAPÔ! – berra Elsa.

Fica parada na estrada, entre *Kia* e o carro prateado, com a respiração descontrolada, até ficar com dor de cabeça. Ouve a Mamã a gritar e vai voltar para *Kia*, vai mesmo. Não planeou nada disto. Mas depois sente uma mão no ombro e ouve uma voz a perguntar:

– Precisas de ajuda?

Quando olha, vê um polícia.

– Posso ajudar-te? – insiste em tom amável.

Parece muito jovem. Como se ser polícia fosse apenas um emprego de verão. Apesar de ser inverno.

– Ele não parava de buzinar! – responde Elsa na defensiva.

O polícia «estagiário de verão» olha para o homem do carro prateado. O homem dentro do carro está agora terrivelmente ocupado a tentar não olhar para eles. Elsa vira-se para *Kia* e não era sua intenção dizer aquilo, não era mesmo; é quase como se as palavras lhe caíssem dos lábios.

– A minha mamã está quase a dar à luz e estamos a ter um dia complicado...

– A tua mãe está em trabalho de parto? – pergunta ele, ficando visivelmente tenso.

– Quer dizer, não está... – começa Elsa.

Tarde de mais.

O polícia corre para *Kia*. A Mamã conseguiu sair com grande esforço e caminha em direção a eles com a mão em cima do Meiinho.

– Consegue conduzir? Ou?... – grita o polícia, tão alto que Elsa, irritada, enfia os dedos

nos ouvidos e se afasta para o outro lado de *Kia*.

A Mamã parece ter sido apanhada desprevenida.

– O quê? Ou o quê? Claro que consigo conduzir. Ou o quê? Passa-se alguma coi...

– Eu vou à frente! – grita o polícia sem ouvir o resto da frase. Empurra a Mamã para dentro de *Kia* e corre para o carro-patrolha.

A Mamã deixa-se cair no banco. Olha para Elsa. Elsa remexe no porta-luvas, à procura de uma razão para não ter de olhar para ela.

O carro-patrolha passa por elas a acelerar, com a sirene ligada. O polícia «estagiário de verão» acena-lhes num frenesi.

– Acho que ele quer que o sigas – murmura Elsa sem levantar a cabeça.

– O que se passa? – pergunta a Mamã enquanto *Kia* avança atrás do carro-patrolha.

– Acho que ele vai escoltar-nos até ao hospital porque pensa que estás prestes a... a dar à luz – murmura Elsa com a cabeça quase enfiada no porta-luvas.

– Porque é que lhe disseste que eu estava a dar à luz?

– Não disse! Mas ninguém me presta atenção!

– Pois! E o que achas que devo fazer agora, diz-me lá? – responde a Mamã em tom gelado e talvez um pouco menos controlado do que o habitual.

– Bom, já estamos a segui-lo há um bocado, portanto é provável que ele fique furioso se descobrir que não estás mesmo em trabalho de parto – declara Elsa num tom professoral.

– NÃO ME DIGAS! ACHAS? – grita a Mamã de forma nada pedagógica e, sobretudo, muito pouco controlada.

Elsa opta por não começar uma discussão sobre se a Mamã está a ser irónica ou sarcástica.

Param em frente à entrada das Urgências do hospital e a Mamã tenta sair do carro para confessar tudo ao polícia «estagiário de verão», mas ele não deixa e grita que vai buscar ajuda. A Mamã está muito constrangida. Afinal, aquele é o hospital dela. Ela é a chefe.

– Vai ser um pesadelo explicar isto ao pessoal – resmunga, encostando a testa ao volante, desesperada.

– Talvez possas dizer que foi uma espécie de treino? – sugere Elsa.

A Mamã não responde. Elsa pigarreia.

– A Avozinha acharia isto muito engraçado.

A Mamã sorri ao de leve e vira a cabeça, ficando com a orelha encostada ao volante. Olham uma para a outra durante muito tempo.

– Acharia mesmo engraçado como o caras – concorda a Mamã.

– Não digas asneiras – repreende-a Elsa.

– Tu estás sempre a dizer asneiras!

– Mas eu não sou uma mãe!

A Mamã sorri de novo.

– *Touché*.

Elsa abre e fecha o porta-luvas algumas vezes. Olha para a fachada do hospital. Por trás de uma daquelas janelas, dormiu na mesma cama que a Avozinha na noite em que a Avozinha partiu para Miamas pela última vez. Parece ter sido há uma eternidade. Há uma eternidade que Elsa não consegue ir a Miamas.

– Que trabalho era esse? – pergunta, sobretudo para não ter de pensar mais nisso.

– O quê? – pergunta a Mamã.

– Referiste que o *tsunami* foi a última viagem da Avozinha porque ela arranhou um trabalho novo. Que trabalho?

Os dedos da Mamã roçam suavemente nos de Elsa quando responde, num sussurro:

– Ser avó. Arranhou um trabalho de avó. Nunca mais saiu daqui.

Elsa acena devagar. A Mamã acaricia-lhe o braço. Elsa abre e fecha o porta-luvas. Depois, levanta a cabeça como se se tivesse lembrado de alguma coisa, mas sobretudo por querer mudar de assunto; neste momento não quer pensar em como está zangada com a Avozinha.

– Tu e o Papá divorciaram-se porque esgotaram o amor? – pergunta, tão depressa que se surpreende.

A Mamã recosta-se no banco, passa os dedos pelo cabelo e abana a cabeça.

– Porque perguntas?

Elsa encolhe os ombros.

– Temos de falar sobre alguma coisa enquanto esperamos que o polícia volte com as pessoas de quem tu és chefe e as coisas se tornem megaembaraçosas para ti...

A Mamã fica de novo com ar infeliz. Elsa puxa a borracha da janela do carro. Talvez seja muito cedo para começar a fazer piadas sobre o assunto.

– Não é verdade que as pessoas se casam porque estão cheias de amor e se divorciam quando o amor se esgota? – insiste baixinho.

– Aprendeste isso na escola?

– É uma teoria minha.

A Mamã ri alto, inesperadamente. Elsa sorri.

– O avô e a Avozinha também ficaram sem amor? – acrescenta, quando a Mamã acaba de rir.

A Mamã limpa os olhos.

– Eles nunca foram casados, querida.

– Porquê?

– A tua avozinha era especial, Elsa. Era difícil viver com ela.

– Como assim?

A Mamã esfrega os olhos.

– É complicado: naquele tempo não era comum uma mulher ser como ela. Ou melhor... Não era de certeza comum uma *pessoa* ser como ela, homem ou mulher. Por exemplo, não era muito habitual as mulheres serem médicas. Para mais, cirurgiãs. O mundo académico era muito diferente, por isso...

A Mamã para de falar e Elsa levanta as sobrancelhas para a incentivar a ir direta ao assunto.

– Penso que, na geração dela, se a tua avozinha fosse um homem e não uma mulher, teria sido considerada um *playboy*.

Elsa fica em silêncio durante algum tempo, e depois acena com expressão séria.

– Teve muitos namorados?

– Sim – responde a Mamã, com cautela.

– Há uma pessoa na minha escola que tem muitos namorados – comenta Elsa.

– Oh, não quero sugerir que a tua colega é uma... – começa a Mamã, tentando rapidamente remediar os estragos.

– É um rapaz – corrige Elsa.

A Mamã parece confusa.

Elsa encolhe os ombros.

– É complicado – remata, embora na verdade não seja.

A Mamã parece continuar confusa.

– O avô amava muito a tua avó. Mas nunca foram... um casal. Percebes?

– Percebo – responde Elsa, graças à *internet*.

Estende o braço, agarra nos dois indicadores da Mamã e aperta-os nas mãos.

– Tenho muita pena de que a Avozinha tenha sido uma mãe horrível, Mamã!

– Foi uma avó fantástica, Elsa. Tu foste todas as suas segundas oportunidades – contrapõe a Mamã, acariciando-lhe o cabelo enquanto continua: – Acho que a tua avó funcionava tão bem em lugares caóticos porque era, ela própria, uma pessoa caótica. Era sempre fantástica no meio de uma catástrofe. Era só com a vida quotidiana e a normalidade que ela não sabia lidar bem.

»E... o motivo para não haver fotografias antigas da Avozinha é, em parte, o facto de ela não passar muito tempo em casa. E também porque eu rasguei as poucas que havia.

– Porquê?

– Era adolescente. Estava zangada. As duas coisas costumam andar juntas. Havia sempre caos em casa. Contas por pagar, comida que se estragava no frigorífico, quando a havia, e como às vezes não havia... Céus! É difícil explicar, querida. Eu estava zangada, só isso.

Elsa cruza os braços, recosta-se no banco e olha pela janela, furiosa.

– As pessoas não deviam ter filhos se não querem cuidar deles.

A Mamã toca-lhe no ombro com as pontas dos dedos.

– A tua avozinha já era velha quando me teve. Bom, na verdade, tinha a mesma idade que

eu quando te tive a ti. Só que no tempo da Avozinha isso já era ser velha. Para mais, ela pensava que não podia ter filhos.

Elsa encosta o queixo ao peito.

– Então tu foste um erro?

– Um acidente.

– Nesse caso, eu também sou um acidente.

A Mamã cerra os lábios.

– Nunca ninguém quis tanto alguma coisa como eu e o teu pai te desejámos, minha querida. O teu nascimento não podia estar mais longe de ser um acidente.

Elsa olha para o teto de *Kia* e pestaneja para afastar as lágrimas.

– É por isso que o teu superpoder é a ordem? Porque não queres ser como a Avozinha?

A Mamã encolhe os ombros.

– Aprendi sozinha a fazer o que era preciso, mais nada. Não confiava na tua avó. Na verdade, as coisas acabavam sempre por ser piores quando ela cá estava. Eu ficava zangada quando ela estava longe, e ainda mais quando ela estava em casa.

– Também estou zangada... Estou furiosa porque ela mentiu sobre a doença e ninguém me contou, e agora, que sei a verdade, continuo a ter saudades dela e ISSO deixa-me zangada!!!

A Mamã fecha os olhos com força e encosta a testa à de Elsa.

Elsa tem o queixo a tremer.

– Estou zangada com ela por ter morrido. Estou zangada com ela por me ter morrido e me ter desaparecido – murmura.

– Eu também – murmura a Mamã.

É então que o polícia «estagiário de verão» sai a correr das portas das Urgências. Traz consigo duas enfermeiras e uma maca.

Elsa vira-se alguns centímetros para a Mamã. A Mamã vira-se alguns centímetros para ela.

– O que achas que a tua Avozinha faria agora? – pergunta a Mamã com toda a calma.

– Fugiria a sete pés – responde Elsa, ainda com a testa encostada à da Mamã.

O polícia «estagiário de verão» e as enfermeiras com a maca estão a poucos metros do carro quando a Mamã acena devagar com a cabeça. Depois, engata *Kia* e, com os pneus a derrapar na neve, acelera em direção à estrada e desaparece. É a coisa mais irresponsável que Elsa já viu a mãe a fazer.

Há de amá-la sempre por isso.

Serradura

As criaturas mais curiosas de todas as criaturas curiosas da Terra-de-Quase-Acordar, mesmo pelos padrões da Avozinha, são talvez os arrependedores. São animais selvagens que vivem em manadas, cujos terrenos de pasto ficam nas imediações de Miamas, e ninguém sabe como sobrevivem, dadas as circunstâncias. À primeira vista, os arrependedores parecem-se mais ou menos com cavalos brancos, embora sejam muito mais ambivalentes e sofram do defeito biológico de nunca se conseguirem decidir. Isto, como é óbvio, causa-lhes certos problemas práticos, porque os arrependedores são animais que vivem em grupo e há quase sempre arrependedores a chocarem uns com os outros quando começam a andar numa determinada direção e depois mudam de ideias. Por esse motivo, os arrependedores têm sempre inchaços enormes e oblongos na testa, o que, em vários contos de fadas de Miamas que vieram parar ao mundo real, fez com que as pessoas os confundissem com unicórnios. Mas em Miamas os contadores de histórias aprenderam às suas próprias custas que não vale a pena tentar poupar e contratar um arrependedor para fazer o trabalho de um unicórnio, porque, sempre que o faziam, os contos de fadas tinham a tendência de nunca chegar à sua conclusão. Além disso, ninguém, mas mesmo ninguém, se sente bem depois de estar atrás de um arrependedor na fila para o almoço.

«Portanto, não vale a pena estar sempre a mudar de ideias. O único resultado é uma dor de cabeça!», costumava concluir a Avozinha, com uma palmada na própria testa. Elsa pensa nisso agora, sentada em *Kia* à porta da escola, a olhar para a Mamã.

Pergunta-se se a Avozinha alguma vez se terá arrependido de todas as vezes que deixou a Mamã. Pergunta-se se a cabeça da Avozinha estaria cheia de galos. Espera que sim.

A Mamã está a esfregar as têmporas e a praguejar entre dentes. É evidente que se arrepende de ter fugido do hospital daquela maneira, pois a primeira coisa que tem de fazer depois de deixar Elsa na escola é voltar para lá para trabalhar. Elsa dá-lhe uma palmadinha no ombro.

– Talvez possas pôr as culpas na distração de grávida?

A Mamã fecha os olhos, resignada. Nos últimos tempos tem tido demasiadas distrações de grávida, de tal forma que nem conseguiu encontrar o cachecol dos Gryffindor de Elsa quando o procuraram esta manhã; de tal forma que está sempre a guardar o telemóvel em sítios estranhos – no frigorífico, no caixote do lixo, no cesto da roupa suja e, uma vez, dentro dos ténis de corrida de George. Esta manhã, Elsa teve de ligar para o telemóvel da Mamã três vezes, o que não é tão fácil como poderia parecer, porque o ecrã do telemóvel de Elsa ficou muito desfocado depois do encontro imediato com a torradeira. Por fim, encontraram o telemóvel da Mamã a tocar dentro da mochila de Elsa. O cachecol dos Gryffindor também lá

estava.

«Vês!», tentou a Mamã argumentar. «Nada está realmente perdido a menos que a tua mãe não o consiga encontrar!» Mas Elsa revirou os olhos e a Mamã, envergonhada, murmurou: «É a distração de grávida, desculpa.»

Agora também parece envergonhada. E muito arrependida.

– Querida, acho que não me deixam continuar como diretora do hospital se lhes disser que fui escoltada pela polícia até à porta das Urgências.

Elsa estica o braço e dá uma palmadinha na cara da Mamã.

– As coisas vão melhorar, Mamã. Vai correr tudo bem.

A Avozinha costumava dizer isso, apercebe-se Elsa de imediato. A Mamã pousa a mão em cima do Meinho e acena com falsa confiança para mudar de assunto.

– Não te esqueças de que esta tarde é o teu pai que te vem buscar. E que o George te traz à escola na segunda-feira. Tenho uma conferência e...

Com toda a paciência, Elsa faz festas na cabeça da Mamã.

– Não venho para a escola na segunda-feira, Mamã. São as férias de Natal.

A Mamã pega na mão de Elsa e inala-a profundamente, como se quisesse encher os pulmões de Elsa. Como as mães costumam fazer com as filhas que crescem demasiado depressa.

– Desculpa, querida... Esqueci-me.

– Não tem importância – assegura Elsa.

Embora tenha um bocadinho.

Abraçam-se com força e Elsa sai do carro. Espera que *Kia* desapareça para abrir a mochila. Tira o telemóvel da Mamã, procura o número do Papá na lista de contactos e manda-lhe uma mensagem: «AFINAL NÃO É PRECISO IRES BUSCAR A ELSA ESTA TARDE. EU CONSIGO!» Elsa sabe que é assim que falam sobre ela. Ela é uma coisa que é preciso «ir buscar» ou «resolver». Como tratar da roupa suja. Sabe que não o fazem por mal, mas bolas! Nenhuma criança de sete anos que já viu filmes sobre a Máfia italiana quer ser «resolvida» pela família.

O telemóvel da Mamã vibra. Vê o nome do Papá no ecrã. E, por baixo, «ENTENDIDO.» Elsa apaga a mensagem. Em seguida, apaga a que enviou ao Papá. Depois, fica parada no passeio e começa a contar para trás a partir de vinte. Quando chega ao número sete, *Kia* entra outra vez no parque de estacionamento, com os pneus a chiar, e a Mamã, um pouco ofegante, abre a janela. Elsa dá-lhe o telemóvel. A Mamã murmura: «Distração de grávida.» Elsa dá-lhe um beijo na face.

A Mamã leva a mão à garganta e pergunta a Elsa se viu o seu cachecol.

– Está no bolso direito do teu casaco – indica Elsa.

A Mamã tira o cachecol do bolso. Segura na cabeça de Elsa com as duas mãos, puxa-a para si e beija-a na testa, com força. Elsa fecha os olhos.

– Nada está realmente perdido a menos que a tua filha não o consiga encontrar – murmura ao ouvido da Mamã.

– Vais ser uma irmã mais velha fantástica – responde a Mamã num murmúrio ao ouvido dela.

Elsa não responde. Faz adeus enquanto *Kia* se afasta. Não pode responder porque não quer que a Mamã saiba que ela não deseja ser uma irmã mais velha. Não quer que ninguém saiba que é uma pessoa horrível, que odeia o meio-irmão só porque o Meinho vai ser mais amado por eles do que ela. Não quer que ninguém saiba que tem medo de que a abandonem.

Vira-se e olha para o recreio. Ainda ninguém a viu. Enfia a mão na mochila e tira a carta que encontrou em *Renault*. Não reconhece a morada, e a Avozinha sempre foi péssima a dar indicações. Elsa nem tem a certeza de que a morada exista no mundo real, até porque muitas vezes, quando a Avozinha explicava onde ficava isto ou aquilo, usava pontos de referência que já não existiam.

«Fica mesmo ao pé de onde viviam aqueles imbecis dos periquitos, a seguir ao antigo clube de ténis, onde ficava a velha fábrica de borracha ou lá o que era...», dizia; e quando as pessoas não percebiam exatamente onde era tal local, a Avozinha ficava tão frustrada que tinha de fumar dois cigarros seguidos, acendendo o segundo na beata do primeiro. Quando alguém observava que ela não podia fumar em espaços fechados, ficava tão zangada que era quase impossível arrancar-lhe mais alguma indicação decente; impossível, na verdade, arrancar-lhe outra coisa que não o dedo do meio levantado.

Na verdade, o que Elsa queria fazer era rasgar a carta em dez mil pedaços e deixar que o vento os espalhasse. Fora o que decidira na noite anterior, porque continuava zangada com a Avozinha. Mas agora, depois de a Mamã lhe ter contado a história toda e de Elsa ter visto todo aquele desgosto nos olhos dela, tomou outra decisão. Vai entregar a carta, esta e todas as outras cartas que a Avozinha deixou para si. Será uma grande aventura e um conto de fadas monstruoso, tal como a Avozinha planeou. No entanto, não o fará pela Avozinha.

Primeiro do que tudo, precisa de um computador.

Olha de novo para o recreio. E, no preciso momento em que a campainha toca e toda a gente vira costas à rua, corre junto à cerca até à paragem de autocarro. Sai algumas paragens mais à frente, entra a correr na loja, dirige-se ao balcão dos gelados e depois volta para casa, onde desce até à arrecadação e encosta o rosto ao pelo do wurse. É o seu novo sítio preferido em todo o mundo.

– Tenho gelado na mala – diz, por fim, quando levanta a cabeça.

O wurse estica o nariz, interessado.

– É *New York Super Fudge Chunk* da Ben & Jerry's... o meu preferido – descreve.

O wurse já tem metade do gelado comido quando ela chega ao fim da frase. Acaricia-lhe as orelhas.

– Preciso de usar um computador. Fica aqui e... enfim... tenta passar despercebido!

O wurse olha para ela como um wurse muito grande que acaba de receber ordens para se comportar como um wurse bastante mais pequeno.

Elsa promete encontrar-lhe um esconderijo muito melhor. Em breve.

Sobe as escadas a correr. Com cautela, verifica se Britt-Marie não está à espreita em lado nenhum e, assim que tem a certeza, toca à campainha do Monstro. Ele não abre. Toca outra vez à campainha. Está tudo silencioso. Elsa suspira, exasperada, abre a aba da caixa de correio e espreita lá para dentro. As luzes estão todas apagadas, mas isso não a detém.

– Sei que estás aí! – chama.

Ninguém responde. Elsa respira fundo.

– Se não abrires, espirro aí para dentro! E tenho uma grande constip... – começa a dizer, em tom ameaçador, antes de ser interrompida por um som sibilante vindo de trás, como alguém a tentar enxotar um gato.

Gira sobre si própria e vê o Monstro sair das sombras nas escadas. Não percebe como uma pessoa tão grande consegue estar sempre invisível. Ele esfrega as mãos até ficar com a pele vermelha nas articulações.

– Não espirres, não espirres – implora, ansioso.

– Preciso que me emprestes o teu computador porque acho que o George é capaz de estar em casa e não consigo ir à *internet* no meu telemóvel porque o ecrã está meio estragado porque a Avozinha teve um acidente com ele, relacionado com uma *Fanta* e uma torradeira...

O capuz que esconde a cabeça do Monstro move-se devagar de um lado para o outro.

– Computador não.

– Só preciso de ver onde fica uma morada! – insiste Elsa, agitando a carta da Avozinha no ar.

O Monstro abana de novo a cabeça.

– Está bem, então dá-me a password do teu *wi-fi* para eu poder ligar-me no *iPad*! – pede ela, revirando os olhos de tal maneira que lhe dá a sensação de que as pupilas ficam fora do sítio. – Não tenho 3G no *iPad* porque foi o Papá que comprou o *iPad* e a Mamã ficou zangada porque não queria que eu tivesse coisas tão caras e não gosta da Apple, por isso tive de ceder! É complicado, está bem? Só preciso do teu *wi-fi*, mais nada! Por amor de Deus!

– Computador não – repete o Monstro.

– Não... tens computador? – diz Elsa, incrédula.

O Monstro abana a cabeça.

– Não tens computador?! – volta Elsa a repetir.

O capuz abana de um lado para o outro. Elsa olha para o Monstro como se ele estivesse a pregar-lhe uma partida, ou tivesse fugido de um manicómio, ou ambas as coisas.

– Como é possível que não tenhas COMPUTADOR?

O Monstro tira um pequeno saco de plástico fechado de um dos bolsos do casaco; lá

dentro está um frasquinho de álcool gel. Com todo o cuidado, despeja um pouco do conteúdo nas mãos e começa a esfregar.

– Não preciso computador – resmunga.

Elsa respira fundo, irritada, e olha em volta. É possível que George ainda esteja em casa. Por isso, não pode entrar, pois ele quereria saber por que motivo não está na escola. Também não pode ir para a casa de Maud e Lennart, que são demasiado boas pessoas para lhes mentir; se a Mamã lhes perguntar se viram Elsa, eles contar-lhe-ão a verdade. O menino da síndrome e a mãe dele não estão em casa durante o dia. E Britt-Marie está fora de questão.

O que não lhe deixa propriamente uma abundância de possibilidades. Elsa acalma-se e tenta lembrar-se de que um cavaleiro de Miamas nunca teme uma caça ao tesouro, mesmo que seja difícil. E depois sobe as escadas.

Alf abre a porta ao sétimo toque. O apartamento dele cheira a serradura. Veste um roupão que já viu melhores dias e os cabelos que lhe restam parecem os escombros que ficam de pé depois de um furacão. Tem na mão uma grande caneca que diz «Juventus» e Elsa sente o cheiro a café, forte, como a Avozinha gostava de o beber.

«Quando o Alf faz café, uma pessoa tem de conduzir em pé o resto da manhã», costumava ela observar. Elsa não a compreendia, apesar de perceber todas as palavras.

– Sim? – grunhe Alf.

– Sabe onde é que fica esta morada? – pergunta Elsa, estendendo o envelope endereçado pela Avozinha.

– Acordaste-me para me perguntar onde fica o raio de uma morada? – responde Alf em tom muito pouco hospitaleiro, antes de beber um grande trago de café.

– Ainda estava a dormir?

Alf bebe mais café e aponta para o relógio.

– Faço o turno da noite. Para mim, isto é a hora de dormir. Por acaso eu vou a tua casa a meio da noite para te fazer perguntas sem sentido?

Elsa desvia o olhar da caneca e fita Alf.

– Se estava a dormir, porque está a beber café?

Alf, parecendo confuso, fixa a caneca e, em seguida, Elsa, que encolhe os ombros.

– Sabe onde é ou não? – insiste, apontando para o envelope.

Alf parece estar a repetir mentalmente a pergunta dela, em tom exagerado e desdenhoso. Bebe mais um gole de café.

– Sou taxista há mais de trinta anos.

– E? – diz Elsa.

– E, portanto, é claro que sei onde fica o raio da morada! É ao pé da antiga central de distribuição de água – declara, esvaziando a caneca.

– O quê?

Alf faz um ar resignado.

– Os jovens não sabem nada de história, valha-me Deus! Onde era a fábrica de borracha, antes de a mudarem de sítio outra vez. E a fábrica de tijolo.

A expressão de Elsa dá a entender que não faz a mais pequena ideia do que está ele a falar.

Alf passa os dedos pelo cabelo que lhe resta e desaparece dentro de casa. Volta com a caneca cheia de café e um mapa. Pousa a caneca com estrondo na prateleira do vestíbulo e faz um círculo a esferográfica no mapa.

– Ah, aí! É ao pé do centro comercial. Porque é que não disse logo?

Alf resmunga qualquer coisa entre dentes que Elsa não percebe, e fecha-lhe a porta na cara.

– Eu fico com o mapa! – grita Elsa alegremente pela ranhura do correio.

Alf não responde.

– Começaram as férias de Natal, caso esteja a estranhar a minha presença! É por isso que não estou na escola.

Ele continua sem lhe responder.

Quando Elsa entra na arrecadação, o wurse está deitado de lado com duas das patas confortavelmente esticadas no ar, como se tivesse percebido mal um exercício de pilates. O Monstro também lá se encontra, a esfregar as mãos. Parece muito desconfortável.

Elsa mostra-lhe o envelope.

– Vens?

O Monstro acena que sim com a cabeça. O capuz desliza alguns centímetros e, por um instante, a grande cicatriz brilha sob as luzes fluorescentes. Nem sequer pergunta onde vão. É difícil não sentir uma pontada de afeto por ele.

Elsa olha primeiro para o Monstro e em seguida fita o wurse. Sabe que a Mamã vai ficar zangada com ela por ter feito gazeta e andar sozinha sem autorização, mas quando Elsa lhe pergunta por que raio fica sempre tão preocupada com ela, a Mamã costuma responder: «Porque tenho muito medo de que te aconteça alguma coisa!» Elsa, porém, não consegue pensar em nada de mal que lhe possa suceder com um monstro e um wurse ao seu lado. Portanto, acha que, dadas as circunstâncias, não deve haver problema.

O wurse tenta lambe o Monstro ao sair da arrecadação. O Monstro dá um salto, aterrorizado, afasta a mão bruscamente e agarra numa vassoura que estava encostada à parede de outra arrecadação. O wurse, como se estivesse a meter-se com ele só pela piada, mexe a língua de um lado para o outro em movimentos lentos e provocadores.

– Para com isso! – ordena-lhe Elsa.

O Monstro segura na vassoura como se fosse uma lança e enfia as cerdas no nariz do wurse para tentar obrigá-lo a recuar.

– Já vos mandei estar quietos! – ralha Elsa com ambos.

O wurse fecha os dentes sobre a vassoura e desfá-la em pedacinhos.

– Parem com... – começa Elsa, mas, antes que consiga concluir, o Monstro já arremessou a vassoura e o wurse com todas as suas forças, fazendo o pesado animal embater na parede a vários metros.

O wurse levanta-se, flete os músculos com um movimento fluido e, antes mesmo de apoiar as quatro patas no chão, lança-se numa corrida assustadora. Tem a boca aberta, deixando ver as filas de dentes do tamanho de facas. O Monstro enfrenta-o de peito aberto, com os punhos levantados.

– JÁ DISSE PARA ESTAREM QUIETOS! – ruga Elsa, colocando o pequeno corpo entre as duas criaturas furiosas, desprotegida no meio de garras afiadas como lanças, e punhos que provavelmente têm força suficiente para lhe arrancar a cabeça do corpo. Finca os pés no chão, armada apenas com a indiferença de uma criança de quase oito anos em relação às suas insuficiências físicas. O que, na realidade, é algo com bastante poder.

O wurse para a meio do salto e aterra suavemente ao lado dela. O Monstro recua alguns passos. Muito devagar, músculos relaxam e pulmões libertam o ar. Nenhum dos dois olha para ela.

– A ideia é que vocês têm de me proteger a *mim* – lembra Elsa em voz mais calma, tentando não chorar, sem grande sucesso. – Nunca tive amigos, e agora estão a tentar matar os únicos dois amigos que já tive, mesmo quando acabei de vos encontrar!

O wurse baixa a cabeça. O Monstro esfrega as mãos, encolhe-se dentro do capuz e baloiça-se para trás e para a frente.

– Ele começou – consegue dizer.

O wurse rosna baixinho.

– Chega! – Elsa tenta soar zangada, mas sabe que parece apenas uma criancinha birrenta.

O Monstro, preocupado, move a mão para cima e para baixo ao longo das costas dela, o mais perto possível sem lhe chegar a tocar.

– Des...culpa – murmura. O wurse encosta-se ao ombro dela. Elsa apoia-lhe a testa no focinho.

– Temos uma missão importante. Por isso, têm de se deixar dessas coisas. Temos de entregar esta carta porque acho que a Avozinha quer pedir desculpa a outra pessoa. E há mais cartas. Este é o nosso conto de fadas: entregar todos os pedidos de desculpa da Avozinha.

Com o rosto escondido no pelo do wurse, respira fundo e fecha os olhos.

– Temos de o fazer pela minha Mamã. Porque tenho esperança de que o último pedido de desculpa seja para ela.

16

Pó

Acaba por ser uma aventura épica. Um conto de fadas monstruoso.

Elsa decide que devem apanhar o autocarro, como fazem os cavaleiros normais, em demandas normais ou em contos de fadas mais ou menos normais, quando não há cavalos ou animais de nuvem disponíveis. Porém, quando todas as outras pessoas na paragem de autocarro começam a olhar de lado para o Monstro e para o wurse, e a afastar-se o máximo que conseguem sem irem parar à paragem de autocarro seguinte, Elsa percebe que não será assim tão simples.

Assim que entram no autocarro, é por de mais evidente que os wurses não gostam nada de viajar de transportes públicos. Depois de farejar tudo, de pisar os pés das pessoas, de entornar sacos com a cauda e de se babar sem querer para cima de um banco, demasiado perto do Monstro para que este se sinta confortável, Elsa decide esquecer a ideia e saem os três do autocarro. Exatamente uma paragem depois.

Elsa aperta mais o cachecol dos Gryffindor à volta da cara, enfia as mãos nos bolsos e conduz os dois amigos pela neve fora. O wurse está tão contente por ter saído do autocarro que saltita à volta de Elsa e do Monstro como um cachorrinho excitado. O Monstro tem um ar enojado. Parece não estar habituado a andar na rua durante o dia, repara Elsa. Talvez seja porque Coração-de-Lobo está acostumado a viver nas florestas escuras à volta de Miamas, onde a luz do dia não ousa penetrar. Pelo menos, é aí que vive nos contos de fadas da Avozinha; portanto, se esta história tem algum tipo de ordem, essa será a explicação mais lógica.

Quem os vê no passeio reage como costumam reagir as pessoas ao encontrar uma menina, um wurse e um monstro a passear: atravessam para o lado oposto. Algumas tentam fingir que isso nada tem que ver com o facto de terem medo de monstros e de wurses, e de meninas, fingindo ostensivamente conversas telefónicas em voz bem alta com alguém que, de repente, os manda seguir na direção oposta. O pai de Elsa também costuma fazer isso quando se engana no caminho e não quer que os desconhecidos percebam. A Mamã nunca tem esse problema porque, quando se engana no caminho, continua a andar até a pessoa com quem se vai encontrar ser obrigada a ir ao seu encontro. Já a Avozinha resolvia o problema de outra forma: gritava com as placas de direção. Cada pessoa lida com a situação à sua maneira.

No entanto, as pessoas que se cruzam com o trio de aventureiros não são tão discretas, e observam Elsa do outro lado da estrada como se ela estivesse a ser raptada. Elsa acha que o Monstro provavelmente seria bom em muitas coisas, mas um raptor que podemos derrotar com um espirro não seria um raptor lá muito eficaz. É um calcanhar de Aquiles bastante

curioso para um super-herói, pensa Elsa: ranho.

A caminhada demora mais de duas horas. Elsa lembra-se de que, se fosse Halloween, podiam ter apanhado o autocarro sem assustar as pessoas normais, pois todos pensariam que estavam mascarados. É por isso que Elsa gosta dessa festa: no Halloween é normal ser diferente.

São quase horas de almoço quando encontram a morada certa. Elsa tem fome, doem-lhe os pés e está maldispota. Sabe que um cavaleiro de Miamas nunca se queixaria ou teria medo de uma grande aventura quando parte numa caça ao tesouro, mas quem disse que um cavaleiro não pode ter fome ou mau feitio?

A morada fica num prédio, mas há uma hamburgueria do outro lado da rua. Elsa pede ao wurse e ao Monstro que esperem e atravessa, embora tenha firmes objeções morais às cadeias de restaurantes de hambúrgueres, como qualquer criança de oito anos devia ter. Porém, nem mesmo as crianças de oito anos conseguem alimentar-se dos seus princípios, portanto compra, contrariada, gelado para o wurse, um hambúrguer para o Monstro e um hambúrguer vegetariano para si. Ao sair, pega na caneta de feltro encarnada e faz um traço vertical sobre o hífen a separar «Menu» e «Almoço» no letreiro do lado de fora.

Apesar do frio cortante, sentam-se num banco em frente ao prédio alto. Ou melhor, Elsa e o wurse sentam-se, porque o Monstro fica a olhar para o banco como se este quisesse lambê-lo. Recusa-se a tocar sequer no papel vegetal que embrulha o hambúrguer, pelo que o wurse acaba por o comer também. A dada altura, o wurse entorna um bocadinho de gelado no banco e lambe-o sem qualquer preocupação, e o Monstro parece prestes a morrer asfíxiado. Depois de o wurse dar uma dentada no hambúrguer de Elsa e de esta continuar a comer como se nada fosse, ela tem de ajudar o Monstro a respirar para dentro de um saco de papel.

Quando acabam de almoçar, Elsa levanta a cabeça e olha para a fachada do prédio. Deve ter uns quinze andares. Tira o envelope do bolso, levanta-se do banco e entra no edifício. O Monstro e o wurse seguem-na em silêncio, rodeados por um forte cheiro a álcool etílico. Elsa estuda rapidamente a lista de residentes afixada na parede e encontra o nome que está escrito no envelope, precedido das palavras «Psicoterapeuta Lic.». Elsa não sabe o que isso significa, mas já ouviu falar muito sobre psicopatas que matam pessoas e causam todo o tipo de problemas, por isso, um psicoterapeuta deve ser ainda pior.

Dirige-se ao elevador ao fundo do corredor. O wurse estaca quando lá chegam e recusa-se a dar mais um passo. Elsa encolhe os ombros e entra. O Monstro segue-a, após alguma hesitação, embora tenha o cuidado de não tocar nas paredes.

Elsa estuda o Monstro enquanto sobem. A barba espreita de dentro do capuz como um esquilo curioso, uma das coisas que o faz parecer cada vez menos perigoso à medida que o conhece melhor. O Monstro apercebe-se de que está a ser examinado e torce as mãos, pouco à vontade. Para sua surpresa, Elsa fica magoada com a atitude dele.

– Se te incomoda assim tanto, podias ter ficado de guarda lá em baixo com o wurse,

sabes? Com certeza que não me vai acontecer nada enquanto entrego a carta à psicopata.

Fala na língua normal porque continua a recusar-se a usar a língua secreta com ele. Os ciúmes por a língua da Avozinha nem sequer ter sido inventada por ela ainda não lhe passaram.

– De qualquer maneira, não precisas de estar mesmo em cima de mim o tempo todo para me guardares – acrescenta, em tom mais ressentido do que queria. Começara a pensar no Monstro como um amigo, mas lembra-se agora de que ele só está ali porque a Avozinha o mandou. O Monstro não lhe responde.

Quando as portas do elevador se abrem, Elsa sai à frente dele. Passam por filas de portas até encontrarem a da psicopata. Elsa bate com tanta força que se magoa nos nós dos dedos. O Monstro afasta-se na direção da parede do lado oposto do corredor estreito, como se achasse que a pessoa do outro lado da porta ia espreitar pelo óculo. Parece querer tornar-se o mais pequeno e inassustador possível. É difícil não ficar sensibilizada, pensa Elsa, mesmo que «inassustador» não seja uma palavra.

Elsa bate outra vez. Encosta o ouvido à fechadura. Bate de novo. Mais silêncio.

– Vazio – sugere o Monstro.

– *No shit, Sherlock.*

Não tem intenção de estar zangada com ele; na verdade, é com a Avozinha que está furiosa. Simplesmente, está cansada. Muito, muito cansada. Olha em volta e vê duas cadeiras de madeira.

– Devem ter saído para almoçar, temos de esperar – acrescenta, aborrecida, e deixa-se cair, desanimada, numa das cadeiras.

Para Elsa, o silêncio deixa de ser agradável para se tornar trabalhoso e, por fim, insuportável, ao fim de cerca de uma eternidade e meia. E depois de tentar entreter-se com tudo o que lhe ocorre – tamborilar com os dedos na mesinha, arrancar o estofado do assento por um burquinho no tecido, gravar o nome na madeira macia do braço da cadeira com a unha do indicador –, quebra o silêncio com uma daquelas perguntas que parecem uma acusação, embora não fosse essa a sua intenção.

– Porque usas calças camufladas se não és um soldado?

O Monstro suspira lentamente dentro do capuz.

– Calças velhas.

– Já foste soldado?

O capuz abana para cima e para baixo.

– A guerra é má e os soldados são maus. Os soldados matam pessoas!

– Não esse tipo de soldado – esclarece o Monstro.

– Só há um tipo de soldado!

O Monstro não lhe responde. Com a unha, Elsa grava uma asneira na madeira do braço da cadeira. Na realidade, não quer fazer a pergunta que ferve dentro de si, porque não quer

que o Monstro saiba o quanto está magoada. Mas não se consegue conter. É um dos grandes problemas de Elsa, segundo lhe asseguram na escola. Não se conseguir controlar.

– Foste tu que mostraste Miamas à minha avozinha, ou foi a Avozinha que te mostrou a ti?

Quase cospe as palavras. O capuz não se mexe, mas Elsa vê-o a respirar. Está prestes a repetir a pergunta quando ouve, de dentro do capuz:

– A tua avozinha. Mostrou. Era pequeno.

Di-lo como é seu costume quando fala na língua normal. Como se as palavras lhe saíssem dos lábios a discutir umas com as outras.

– Eras mais ou menos da minha idade – incentiva-o Elsa, lembrando-se das fotografias do Rapaz Lobisomem.

O capuz acena para cima e para baixo.

– Ela contava-te contos de fadas? – pergunta baixinho, desejando que ele responda que não, embora sem grande esperança.

O capuz mexe-se para cima e para baixo.

– Conheceram-se durante uma guerra? É por isso que ela te chamava Coração-de-Lobo? – Não quer mesmo fazer mais perguntas, porque sente os ciúmes a crescerem. Mas o capuz continua a acenar.

– Campo. Campo para os que fogem.

– Um campo de refugiados. A Avozinha trouxe-te para cá? Foi ela que te pôs a viver naquele apartamento?

Ouve um grande suspiro dentro do capuz.

– Vivi muitos sítios. Muitos lares.

– Lares de acolhimento? – Ele faz que sim com a cabeça. – Porque não ficaste lá?

O capuz abana de um lado para o outro, muito devagar.

– Maus lares. Perigosos. A tua avozinha foi buscar-me.

– Porque foste para soldado depois de crescer? Era para poderes ir aos mesmos sítios que a Avozinha? – Ele acena, confirmando. – Também querias ajudar as pessoas? Como ela? – Lentamente, o capuz abana para cima e para baixo. – Então porque não quiseste ser médico como a Avozinha?

O Monstro esfrega as mãos.

– Sangue. Não gosto... sangue.

– Que boa ideia ires para soldado, então. És órfão?

O capuz fica imóvel. O Monstro não diz nada. Mas Elsa repara que a barba recua mais para as profundezas sombrias do capuz. De súbito, Elsa acena com a cabeça de forma exuberante.

– Como os X-Men! – exclama, com mais entusiasmo do que está disposta a mostrar. Pigarreia e tenta controlar-se. – Os X-Men são... mutantes. E muitos dos X-Men são mais ou

menos órfãos. É muito fixe.

O capuz não se mexe. Elsa puxa um bocado do estofado da cadeira e sente-se estúpida. Ia acrescentar que Harry Potter também era órfão, e que ter alguma coisa em comum com Harry Potter é a coisa mais fixe de sempre, mas começa a perceber que o Monstro talvez não leia tanta literatura de qualidade como seria de desejar.

– Miamas é uma palavra na língua secreta? – pergunta, em vez disso. – Quero dizer, é uma palavra na tua língua? Não é parecido com nenhuma das outras palavras da língua secreta... isto é, da tua língua.

O capuz não se mexe. No entanto, quando o Monstro agora fala, é em tom mais suave. As palavras não são como as anteriores, que pareciam estar sempre na defensiva. Estas são quase sonhadoras.

– A língua da mamã. «Miamas». A língua da... minha mamã.

Elsa ergue a cabeça e fita as trevas dentro do capuz.

– Não tinham a mesma língua?

O capuz abana de um lado para o outro.

– De onde era a tua mãe? – pergunta Elsa.

– Outro sítio. Outra guerra.

– O que significa «Miamas», então?

As palavras são como um suspiro:

– «Eu amo».

– Então, era o teu reino. É por isso que se chama Miamas. Não tem nada a ver com o facto de eu dizer «mijamas» em vez de «pijamas».

Elsa puxa mais um bocadinho de estofado e enrola-o numa bola para se distrair dos ciúmes ardentes. «É mesmo coisa da parva da Avozinha, inventar Miamas para ti só para saberes que a tua mãe gostava de ti», pensa, e cala-se de repente ao perceber que o está a murmurar em voz alta.

O Monstro desloca o peso de um pé para o outro. Respira mais devagar. Esfrega as mãos.

– Miamas. Não inventado. Não fingir. Não para... pequenino. Real para... crianças.

E depois, enquanto Elsa fecha os olhos para não mostrar a sua concordância, ele continua em tom hesitante.

– Na carta. Desculpa da avó. Era desculpa por mãe – murmura ele de dentro do capuz.

Elsa abre os olhos e franze a testa.

– O quê?

O peito do Monstro sobe e desce.

– Perguntaste. Sobre carta da Avozinha. O que ela escreveu. Escreveu pedido de desculpa por mãe. Nunca encontrámos... mãe.

Os seus olhos cruzam-se a meio caminho. Um pequeno respeito mútuo cria-se entre eles, naquele momento, como dois miamasianos. Elsa percebe que ele está a partilhar o conteúdo

da carta porque sabe como é quando as pessoas nos escondem segredos só porque somos crianças. Assim, está bastante menos zangada quando pergunta:

– Procuraste a tua mãe?

O capuz abana para cima e para baixo.

– Durante quanto tempo?

– Sempre. Desde... o campo.

Elsa baixa um pouco o queixo.

– Então era por isso que a Avozinha estava sempre a partir em viagem? Porque tu andavas à procura da tua mãe?

O Monstro começa a esfregar as mãos mais depressa. Tem a respiração ofegante. O capuz baixa uma fração, depois sobe de novo, com uma lentidão imensa. Em seguida, o silêncio instala-se.

Elsa olha para o colo e, mais uma vez, a raiva cresce dentro de si de forma desproporcionada.

– A minha avozinha também era mãe de alguém, sabes? Nunca pensaste nisso?

O Monstro não lhe responde.

– Não precisas de me guardar! – dispara Elsa, e começa a gravar mais asneiras com a unha no braço da cadeira.

– Guarda não – rosna por fim o Monstro. Os seus olhos negros emergem do capuz. – Guarda não. Amigo.

E desaparece outra vez dentro do capuz. Elsa fixa os olhos no chão e raspa com os calcanhares na carpete, levantando mais pó.

– Obrigada – resmunga, contrariada. No entanto, desta vez fala na língua secreta. O Monstro não lhe responde, mas quando esfrega as mãos, já não é com tanta força nem de forma tão frenética.

– Não gostas muito de falar, pois não?

– Não... mas tu gostas. Constantemente.

E é a primeira vez que Elsa acha que ele está a sorrir. Ou quase, pelo menos.

– *Touché* – responde, também com um sorriso.

* * *

Elsa não sabe quanto tempo esperam, mas continuam à espera muito tempo depois de Elsa ter decidido desistir. Esperam até a porta do elevador se abrir com um pequeno *tlim* e a mulher da saia preta sair para o corredor. Aproxima-se do gabinete com passos largos, mas estaca com o pé no ar quando vê o enorme homem barbudo e a menina pequena que parece capaz de caber na palma das mãos dele. A menina olha para ela. A mulher da saia preta tem na mão uma caixinha de plástico com salada. A mão treme-lhe. Parece considerar a

possibilidade de dar meia-volta e fugir, ou talvez, como uma criança, acredite que se fechar os olhos se tornará invisível. No entanto, fica paralisada, como que pregada ao chão, a poucos metros deles, com as mãos a segurarem na caixa como se fosse a beira de um penhasco.

Elsa levanta-se da cadeira. Coração-de-Lobo recua e afasta-se das duas. Se Elsa estivesse a olhar para ele, teria reparado que tem no rosto uma expressão que nunca lhe viu. Uma espécie de medo que ninguém na Terra-de-Quase-Acordar julgaria possível de existir em Coração-de-Lobo. Mas Elsa não olha para ele enquanto se levanta da cadeira; está a olhar apenas para a mulher da saia preta.

– Acho que tenho uma carta para si – anuncia por fim.

A mulher continua imóvel, com os nós dos dedos a ficarem brancos à volta da caixa de plástico. Elsa estica a mão com o envelope na direção dela e insiste:

– É da minha avozinha. Acho que é para pedir desculpa de alguma coisa.

A mulher aceita a carta. Elsa enfia as mãos nos bolsos porque não sabe bem o que fazer com elas. Não percebe o que a mulher da saia preta faz aqui, mas tem a certeza de que a Avozinha tinha algum motivo para a mandar entregar-lhe a carta. Porque não há coincidências em Miamas, nem nos contos de fadas. Tudo existe por uma razão.

– Sei que não é o seu nome que está no envelope, mas só pode ser para si.

Hoje a mulher cheira a menta, não a vinho. Abre o envelope com cuidado. Tem os lábios apertados; a carta treme-lhe nas mãos.

– Este... era o meu nome, há muito, muito tempo. Mudei para o nome de solteira quando fui viver para o teu prédio, mas este era o meu nome quando... quando conheci a tua avó.

– Depois da onda – arrisca Elsa.

A mulher cerra tanto os lábios que eles desaparecem.

– Eu... tinha intenção de mudar também o nome na porta do escritório. Mas... bom, não sei. Nunca... nunca aconteceu.

A carta na mão dela começa a tremer com mais violência.

– O que é que diz? – pergunta Elsa, arrependida por não ter dado uma olhadela antes de lhe entregar. A mulher da saia preta faz todos os movimentos certos para começar a chorar, mas parece que já não tem lágrimas.

– A tua avó pede desculpa – diz, devagar.

– Porquê? – pergunta Elsa de imediato.

– Por te ter mandado aqui.

Elsa está prestes a corrigi-la, a apontar para Coração-de-Lobo e a dizer: «Por *nos* ter mandado aqui!» Porém, quando ergue os olhos, ele já lá não se encontra. Elsa não ouviu o elevador nem a porta do prédio a fechar. O Monstro limitou-se a desaparecer «como um peido por uma porta aberta», tal como observava a Avozinha sempre que algo não estava onde devia.

A mulher da saia preta dirige-se à porta onde estão gravadas as palavras «Psicoterapeuta Lic.» e o nome que teve em tempos. Enfia a chave na fechadura e faz sinal a Elsa para entrar, embora seja óbvio que não é o que mais gostaria de fazer.

Quando repara que Elsa ainda está à procura do seu amigo avantajado, a mulher da saia preta murmura com tristeza:

– Eu tinha outro escritório da última vez que a tua avozinha me veio visitar com ele. É por isso que ele não sabia que vinhas à minha procura. Não teria vindo se soubesse. Ele... ele tem medo de mim.

Bolos de canela

Num dos contos de fadas da Terra-de-Quase-Acordar, uma menina de Miamas quebrou a maldição e salvou o anjo-do-mar. Mas a Avozinha nunca explicou a Elsa como isso aconteceu.

Elsa senta-se junto da secretária da mulher da saia preta, numa cadeira que, presume, é para as visitas. A julgar pela nuvem de pó que se ergue à volta dela quando se senta, como se tivesse tropeçado sem querer numa máquina de fumo num espetáculo de magia, chega à conclusão de que a mulher da saia preta não deve ter muitas visitas. Pouco à vontade, a mulher senta-se do outro lado da secretária, a ler e a reler a carta da Avozinha, embora Elsa tenha quase a certeza de que, nesta fase, ela só está a fingir lê-la para não ter de falar com Elsa. A mulher parece ter-se arrependido de a convidar a entrar. Mais ou menos como nas séries de televisão, quando as pessoas convidam os vampiros a entrar e, assim que eles cruzam a ombreira da porta, pensam «Oh, merda!» antes de serem mordidas. Pelo menos, é o que Elsa imagina que uma pessoa pensaria nesse tipo de situação. E é também o que lhe faz lembrar a expressão da mulher da saia preta. As paredes do escritório estão cobertas de estantes. Elsa nunca viu tantos livros sem ser numa biblioteca. Pergunta-se se a mulher da saia preta já terá ouvido falar em *iPad*.

E depois, mais uma vez, os seus pensamentos vão parar à Avozinha e à Terra-de-Quase-Acordar. Pois se esta mulher é o anjo-do-mar, é basicamente a terceira criatura desse mundo, além de Coração-de-Lobo e do wurse, que vive no prédio de Elsa. Elsa não sabe se isso significa que a Avozinha foi buscar todas as suas histórias ao mundo real e as colocou em Miamas, ou se as histórias de Miamas se tornaram tão reais que as criaturas atravessaram para o mundo verdadeiro. Mas é evidente que a Terra-de-Quase-Acordar e o seu prédio se estão a sobrepor.

Elsa lembra-se de a Avozinha comentar que «as melhores histórias nunca são nem completamente realistas nem totalmente inventadas». Era isso que a Avozinha queria dizer quando se referia a «realidades alternativas». Para a Avozinha, nada era completamente uma coisa ou outra. As histórias eram inteiramente reais e, ao mesmo tempo, não eram.

Elsa gostava que a Avozinha lhe tivesse falado mais sobre a maldição do anjo-do-mar e como quebrá-la. Calcula que foi para isso que a mandou ali, e teme nunca encontrar a próxima carta se não descobrir o que tem de fazer. Se assim for, nunca chegará ao pedido de desculpa para a Mamã.

Olha para a mulher do outro lado da secretária e pigarreia ostensivamente. As pálpebras da mulher estremecem, mas continua a olhar para a carta.

– Já ouviu falar da mulher que leu até morrer? – pergunta-lhe Elsa.

Os olhos da mulher erguem-se do papel, encontram os de Elsa por um instante e regressam à carta.

– Não sei o que isso significa – afirma, em tom quase temeroso.

Elsa suspira.

– Nunca tinha visto tantos livros, é quase doentio. Nunca ouviu falar em *iPad*?

A mulher ergue de novo os olhos. Demora-os muito tempo em Elsa.

– Gosto de livros.

– E acha que eu não gosto? Mas pode guardá-los num *iPad*. Não precisa de ter um milhão de livros no escritório.

As pupilas da mulher saltitam de um lado para o outro na secretária. Tira um rebuçado de menta de uma caixinha e coloca-o na língua, com movimentos desajeitados, como se a mão e a língua pertencessem a duas pessoas diferentes.

– Gosto de livros físicos.

– Pode ter todo o tipo de livros no *iPad*.

Os dedos da mulher tremem ligeiramente. Olha de lado para Elsa, como se desse de caras com alguém à saída da casa de banho depois de se ter demorado mais do que o aceitável lá dentro.

– Não era isso que queria dizer com «físico». Refiro-me a livros no sentido de capa, páginas...

– Um livro é o texto. E pode ler o texto num *iPad*!

Os olhos da mulher abrem e fecham como persianas.

– Gosto de segurar o livro quando leio.

– Pode segurar o *iPad*.

A mulher acena com a cabeça, o aceno mais lento que Elsa já viu na vida. Elsa abre os braços.

– Mas, ei, faça o que quiser! Até pode ter um milhão de livros físicos! Só estava curiosa. Sabe que não deixa de ser um livro se o ler no *iPad*. Sopa é sopa, seja qual for a tigela.

A boca da mulher contrai-se espasmodicamente nos cantos, espalhando rugas finas na pele circundante.

– Nunca tinha ouvido esse provérbio.

– É de Miamas – explica Elsa.

A mulher olha para o colo e não responde.

Não se parece nada com um anjo, pensa Elsa. Por outro lado, naquele momento também não parece uma bêbada. Portanto, talvez as coisas se equilibrem. Talvez seja este o aspeto das criaturas intermédias.

– Porque é que a Avozinha trouxe cá o Coração-de-Lobo? – pergunta.

– Desculpa... Quem?

– Disse que a Avozinha o tinha trazido aqui e que é por isso que ele tem medo de si.

– Não sabia que lhe chamavas Coração-de-Lobo.

– É o nome dele. Porque é que tem medo de si, se nem sequer sabe quem ele é?

A mulher põe as mãos no colo e estuda-as como se estivesse a vê-las pela primeira vez e não fizesse ideia de como foram ali parar.

– A tua avó trouxe-o para falar sobre a guerra. Pensou que eu o pudesse ajudar, mas ele ficou assustado com as minhas perguntas, teve medo de... das suas memórias, acho eu – diz, por fim. – Ele viu muitas, muitas guerras. Viveu quase toda a sua vida em guerra, de uma forma ou de outra. Isso faz coisas insuportáveis a uma pessoa.

– Porque é que ele está sempre naquilo com as mãos?

– Naquilo o quê?

– Sempre a lavá-las. Como se estivesse a tentar livrar-se do cheiro de cocó ou coisa parecida.

– Às vezes, o cérebro faz coisas estranhas a uma pessoa depois de uma tragédia. Penso que talvez ele esteja a tentar lavar...

Cala-se. Baixa os olhos.

– O quê? – exige Elsa saber.

– ... o sangue – termina a mulher, em tom vazio.

– Ele matou alguém?

– Não sei.

– Ele está doente da cabeça?

– Desculpa?

– As pessoas que estão doentes da cabeça não podem ser tratadas? Se calhar é indelicado chamar-lhe doente. É? Ele tem a cabeça avariada?

– Todas as pessoas que viram guerras ficam avariadas.

Elsa encolhe os ombros.

– Nesse caso, não devia ter sido soldado. É por causa dos soldados que temos guerras.

– Acho que ele não era esse tipo de soldado. Era um soldado da paz.

– Só há um tipo de soldado – insiste Elsa em tom desdenhoso, sabendo que está a ser hipócrita. Odeia soldados e guerras, mas sabe que, se Coração-de-Lobo não tivesse combatido as Sombras na Guerra Sem Fim, toda a Terra-de-Quase-Acordar teria sido engolida por uma morte cinzenta. Pensa muito sobre isso. Sobre as alturas em que devemos lutar e aquelas em que não devemos. Elsa lembra-se de que a Avozinha dizia: «Tu tens um padrão e eu tenho um duplo padrão, por isso, ganho eu.» Mas ter agora um duplo padrão não faz com que Elsa se sinta uma vencedora.

– Talvez – admite a mulher em voz baixa, penetrando nos pensamentos de Elsa.

– Não tem muitos pacientes, pois não? – pergunta Elsa, olhando em volta.

A mulher não lhe responde. Dobra e desdobra a carta da Avozinha. Elsa suspira, impaciente.

– Que mais é que a Avozinha escreveu? Pede desculpa por não ter conseguido salvar a sua família?

Os olhos da mulher vacilam.

– Sim. Entre... entre outras coisas.

Elsa acena.

– E por me ter mandado aqui?

– Sim.

– Porquê?

– Porque sabia que tu farias muitas perguntas. Como psicóloga, suponho que estou habituada a ser eu a assumir esse papel.

– O que significa «Psicopaterapeuta Lic.»?

– *Psicoterapeuta* licenciada.

– Oh, pensei que tinha alguma coisa a ver com homicídios.

A mulher não sabe bem como responder a isso. Elsa abre os braços e continua, com uma risada defensiva:

– Bom, pode parecer estúpido agora, mas na altura parecia lógico! Tudo é evidente em retrospectiva!

A mulher faz algo com o canto da boca que Elsa pensa ser uma espécie de sorriso, mas que é mais um esgar rígido, como se os músculos não soubessem sorrir. Elsa olha de novo em redor. Não há fotografias, como no apartamento da mulher. Apenas livros.

– Tem alguma coisa boa? – pergunta, perscrutando as prateleiras.

– Não sei o que consideras bom – responde a mulher de forma cautelosa.

– Alguma coisa do Harry Potter?

– Não.

– Nem um? – insiste Elsa, incrédula.

– Não.

– Tem *estes livros todos* e nem um *único* do Harry Potter? E deixam-na arranjar as cabeças avariadas das pessoas?

A mulher não responde. Elsa encosta-se e inclina a cadeira para trás, daquela maneira que a mãe odeia. A mulher tira outro rebuçado de menta da caixa em cima da secretária. Oferece um a Elsa, mas esta abana a cabeça.

– Fuma? – pergunta Elsa.

A mulher faz um ar surpreendido. Elsa encolhe os ombros.

– A Avozinha também comia muitos doces quando não podia fumar, e como não podia fumar em espaços fechados...

– Deixei de fumar – responde a mulher.

– Deixou ou está a fazer uma pausa? Não é a mesma coisa – informa Elsa.

A mulher acena com a cabeça, estabelecendo um novo recorde de lentidão.

– Essa é uma questão muito filosófica. Portanto, mais difícil de responder.

Elsa volta a encolher os ombros.

– Onde conheceu a Avozinha? Foi depois da onda? Ou também é difícil de responder?

– É uma longa história.

– Gosto de histórias longas.

As mãos da mulher refugiam-se no seu colo.

– Eu estava de férias. Ou... nós... eu e a minha família. Estávamos de férias. E aconteceu... aconteceu um acidente.

– O *tsunami* – diz Elsa, gentil.

A mulher olha em volta e depois continua, distraidamente, como se só agora lhe estivesse a ocorrer:

– A tua avó encontrou... encontrou-me...

Chupa o rebuçado que tem na boca com tanta força que as suas bochechas parecem as da Avozinha daquela vez em que chupou um tubo de plástico para pedir gasolina «emprestada» ao *Audi* do pai de Elsa.

– Depois de o meu marido e... e os meus rapazes... – prossegue a mulher. As últimas palavras tropeçam e caem no abismo entre as outras. Como se de repente a mulher se tivesse esquecido de que estava a meio de uma frase.

– Se afogarem? – ajuda Elsa, e fica envergonhada quando se apercebe de que, se calhar, é muito desagradável usar tal palavra frente a alguém cuja família morreu dessa forma.

No entanto, a mulher limita-se a fazer que sim com a cabeça e não parece zangada. Elsa muda então para a língua secreta e pergunta:

– Também conhece a nossa língua secreta?

– Desculpa?

– Nada, nada – murmura Elsa na língua normal, baixando os olhos para os sapatos.

Era um teste. Elsa está surpreendida por o anjo-do-mar não conhecer a língua secreta, porque toda a gente na Terra-de-Quase-Acordar fala essa língua. Mas talvez seja parte da maldição, pensa.

A mulher olha para o relógio.

– Não devias estar na escola?

Elsa encolhe os ombros.

– Férias de Natal.

A mulher acena com a cabeça, desta vez a uma velocidade mais ou menos normal.

– Já estive em Miamas? – questiona Elsa.

– Isso é alguma piada?

– Se fosse uma piada, eu teria dito: «Como é que termina uma corrida de patos? Empatada.»

A mulher não responde. Elsa levanta os braços.

– Não percebeu? Uma corrida de *patos*? *Empatada*?...

A mulher fita-a nos olhos e sorri ligeiramente.

– Já percebi. Obrigada.

Elsa faz má cara.

– Se percebeu, ria-se.

A mulher suspira, um suspiro tão profundo que se atirássemos uma moeda lá para dentro nunca a ouviríamos bater no fundo.

– Foste tu que inventaste? – pergunta.

– O quê?

– A piada dos patos.

– Não, foi a Avozinha que me contou.

– Os meus rapazes costumavam... contar anedotas dessas. Perguntavam qualquer coisa estranha e, quando nós respondíamos, eles diziam qualquer coisa e riam-se. – Quando pronuncia «riam-se», levanta-se da cadeira, as pernas tão frágeis como asas de aviões de papel.

E depois, de repente, tudo muda. A sua postura. A maneira de falar. Até a forma como respira.

– Acho que devias ir – lança, junto da janela, de costas para Elsa. A voz é fraca, mas um pouco hostil.

– Porquê?

– Quero que te vás embora – insiste a mulher em voz dura.

– Mas porquê? Atravessei meia cidade a pé para lhe dar a carta da Avozinha, quase não conversámos e agora quer que me vá embora? Sabe o frio que está lá fora?

– Não... não devias ter vindo.

– Vim porque a Avozinha era sua amiga.

– Não preciso de caridade! Estou muito bem sozinha – remata a mulher em tom severo.

– Oh, sim, de facto está muito bem, sem dúvida. Mesmo! Mas não vim para fazer caridade – consegue Elsa responder.

– Bom, então desaparece, miúda mimada! Põe-te a andar! – exclama a mulher sem se virar.

A respiração de Elsa torna-se mais acelerada. A agressividade súbita assusta-a e sente-se insultada por a mulher nem sequer olhar para ela. Salta da cadeira com os punhos cerrados.

– Está bem! Então a minha mamã estava enganada quando me disse que você andava apenas cansada! E a Avozinha tinha razão! Não passa de um raio de uma...

É então que acontece o que é habitual passar-se com todos os ataques de raiva. Nunca consistem apenas de uma raiva, mas de uma longa série de raivas, acumuladas num vulcão dentro de nós, até explodir. Elsa está zangada com a mulher da saia preta porque ela não lhe disse nada que a fizesse compreender melhor este conto de fadas idiota. Está zangada com

Coração-de-Lobo por a ter abandonado com medo desta *psicopaterapeuta* idiota. Acima de tudo, está zangada com a Avozinha e com este conto de fadas idiota. Todas essas raivas juntas são de mais para ela. Sabe, muito antes de a palavra lhe sair da boca, que é errado gritá-la:

– BÊBADA! NÃO PASSA DE UMA BÊBADA!

E, no mesmo instante, arrepende-se terrivelmente. Mas é demasiado tarde. A mulher da saia preta vira-se. Tem o rosto contorcido nos mil estilhaços de um espelho partido.

– Rua!

– Não queria... – começa Elsa, recuando a toda a velocidade, de mãos estendidas num pedido de desculpa. – Desc...

– RUUUAAA! – grita a mulher, arranhando histericamente o ar, como se estivesse à procura de alguma coisa para lhe atirar.

Elsa foge.

Corre pelo corredor e pelas escadas abaixo, e pela porta para o átrio, a soluçar com tanta violência que tropeça, cambaleia às cegas e cai para a frente. Sente a mochila bater-lhe na nuca e fica à espera da dor quando a maçã do rosto bater no chão. Em vez disso, sente pelo. Um pelo preto e macio. E depois tudo explode dentro de si. Abraça o animal enorme com tanta força que o sente a esforçar-se por respirar.

– Elsa. – Ouve a voz de Alf junto à porta do prédio. Absolutamente calma. Não é uma pergunta. – Anda lá, por amor de Deus – resmunga ele. – Vamos para casa. Não podes ficar aí deitada a chorar.

Elsa quer gritar toda a história a Alf. Desde o anjo-do-mar a como a Avozinha a mandou nesta aventura idiota, na qual nem sequer sabe o que tem de fazer; que Coração-de-Lobo a abandonou quando mais precisava dele; sobre a Mamã e o pedido de desculpas que tem esperança de encontrar para ela; e sobre o Meinho, que vai chegar e mudar tudo. Explicar-lhe que está a afogar-se em solidão. Quer gritar tudo isso a Alf. Mas sabe que ele não compreenderia nada. Porque ninguém nos compreende quando temos quase oito anos.

– O que está a fazer aqui? – pergunta, entre soluços.

– Tu deste-me o raio da morada – resmunga ele. – Alguém tinha de te vir buscar. Sou taxista há trinta anos, por isso sei que nunca se deixam meninas sozinhas em lado nenhum. – Fica calado alguns segundos antes de acrescentar, de olhos postos no chão: – E a tua avó daria cabo de mim se soubesse que eu não te tinha vindo buscar.

Elsa acena e limpa a cara no pelo do wurse.

– Essa coisa também vem? – pergunta Alf, aborrecido. O wurse olha para ele com ar ainda mais aborrecido. Elsa faz que sim com a cabeça e tenta não desatar a chorar outra vez.

– Tem de ir no porta-bagagens – declara Alf com firmeza.

Obviamente, não é assim que as coisas acabam por acontecer. Elsa vai o caminho todo até casa com a cara escondida no pelo do wurse. É uma das melhores coisas em relação a

eles: são à prova de água.

A aparelhagem do carro está a tocar ópera. Pelo menos, é o que Elsa acha. Nunca ouviu ópera, mas já ouviu falar e imagina que será mais ou menos assim. A meio do caminho, Alf olha para ela pelo espelho retrovisor.

– Queres alguma coisa?

– O quê?

– Não sei. Café?

Elsa levanta a cabeça e lança-lhe um olhar furioso.

– Tenho sete anos!

– O que é que uma coisa tem a ver com a outra?

– Conhece alguma criança de sete anos que beba café?

– Não conheço muitas crianças de sete anos.

– Nota-se.

– Está bem, esquece – resmunga ele.

Elsa encosta a cara ao pelo do wurse. Alf pragueja um bocadinho no banco da frente e, passado algum tempo, estende-lhe um saco de papel. Tem o mesmo logótipo da pastelaria onde a Avozinha ia sempre.

– Tens aí um bolo de canela – indica, acrescentando: – Mas não chores para cima dele, senão não sabe bem.

Elsa chora para cima do bolo. Sabe-lhe bem na mesma.

Quando chegam a casa, Elsa sobe a correr as escadas da garagem até ao seu apartamento sem sequer agradecer a Alf ou se despedir do wurse, e sem pensar que Alf agora viu o wurse e pode muito bem chamar a polícia. Sem dizer uma palavra a George, passa pelo jantar que ele preparou na mesa da cozinha. Quando a Mamã chega a casa, finge estar a dormir.

E quando nessa noite a bêbada começa aos gritos nas escadas do prédio e a canção de embalar se faz ouvir, Elsa, pela primeira vez, faz o mesmo que todos os outros moradores.

Finge não ouvir.

Fumo

Todos os contos de fadas têm um dragão. Graças à Avozinha, claro está...

Esta noite, Elsa tem pesadelos terríveis. Sempre temeu fechar os olhos e já não conseguir chegar à Terra-de-Quase-Acordar. O pior de tudo seria um sono sem sonhos. Porém, esta noite, descobre que há algo ainda pior. Porque não consegue ir à Terra-de-Quase-Acordar, mas sonha com ela. Vê-a de cima, como se estivesse deitada de barriga para baixo no topo de uma grande cúpula de vidro. Sem conseguir sentir os cheiros, ouvir os risos ou sentir o vento no rosto quando os animais de nuvem levantam voo. É o sonho mais terrível de todas as eternidades.

Miamas está a arder.

Vê todos os príncipes e princesas, os wurses e os caçadores de sonhos, o anjo-do-mar e as pessoas inocentes da Terra-de-Quase-Acordar a fugirem para tentar salvar a vida. Atrás deles, as Sombras aproximam-se, banindo a imaginação, deixando apenas morte no seu rasto. Elsa tenta encontrar Coração-de-Lobo naquele inferno, mas ele desapareceu. Animais de nuvem, chacinados de forma cruel, jazem caídos sobre as cinzas.

Todas as histórias da Avozinha estão a arder.

Uma figura vagueia entre as Sombras. Um homem magro, envolto numa nuvem de fumo de cigarro. É o único cheiro que Elsa consegue sentir cá em cima, na cúpula: o cheiro do tabaco da Avozinha. De súbito, a silhueta levanta a cabeça e dois olhos azul-claros perfuram a neblina. Um sudário de nevoeiro escorre-lhe de entre os lábios finos. Depois, aponta para Elsa o indicador deformado como uma garra cinzenta e grita algo; no instante seguinte, centenas de Sombras elevam-se do chão e envolvem-na.

Elsa acorda quando se atira da cama abaixo e aterra de cara no chão. Ali fica, encolhida, ofegante, com as mãos na garganta. Sente-se como se tivessem passado milhões de eternidades antes de ter a certeza de que se encontra no mundo real. Não tinha pesadelos desde que a Avozinha e os animais de nuvem a levaram pela primeira vez à Terra-de-Quase-Acordar. Esquecera-se da sensação. Levanta-se, transpirada e exausta, verifica se não foi mordida por nenhuma Sombra e tenta organizar os pensamentos.

Ouve alguém a falar no corredor e tem de recorrer a todo o seu poder de concentração para dissipar a neblina do sono e conseguir compreender o que é dito.

– Estou a ver! Mas com certeza que compreendes, Ulrika, que é um pouco estranho ligarem para ti. Porque é que não ligam ao Kent? O Kent é o presidente deste condomínio e eu sou responsável pelas informações, e a prática habitual é o contabilista ligar para o presidente com esse tipo de assuntos. Não para uma pessoa qualquer!

Elsa compreende que «uma pessoa qualquer» é um insulto. A Mamã suspira tão

profundamente antes de responder que Elsa julga sentir os lençóis estremece-rem com a corrente de ar.

– Não sei porque ligaram para mim, Britt-Marie. Mas o contabilista avisou-me de que viria cá hoje para explicar tudo.

Elsa abre a porta do quarto e fica parada à entrada, de pijama. Não é só Britt-Marie que ali está; vê também Lennart e Maud, e Alf. *Samantha* dorme no patamar das escadas. A Mamã está de roupão, atado à pressa sobre a barriga saliente. Maud vê Elsa e sorri calorosamente, com uma lata de biscoitos nos braços. Lennart bebe café de uma garrafa-termo.

Alf, para variar, não parece completamente de mau humor, o que significa que está apenas com um ar irritado normal. Acena secamente a Elsa, como se ela o tivesse obrigado a guardar um segredo. Só então é que Elsa se lembra de que o deixou, a ele e ao wurse, na garagem, ontem, quando correu para casa. O pânico cresce dentro de si, mas Alf olha para ela e faz um gesto rápido como que a acalmá-la. Olha para Britt-Marie e tenta perceber se ela hoje está enervada porque encontrou o wurse, ou se é uma irritação normal por causa das coisas que por norma a enervam. Parece ser esta última hipótese, graças a Deus, ainda que tamanha enervação seja dirigida à Mamã.

– Então, agora os senhorios talvez estejam dispostos a vender-nos os apartamentos? Depois do Kent lhes escrever cartas há tantos anos! Decidiram *de repente*? Assim, sem mais nem menos? E entram em contacto contigo e não com o Kent? É curioso, não achas, Ulrika?

A Mamã aperta o cinto do roupão.

– Se calhar não conseguiram apanhar o Kent. E como eu vivo aqui há tanto tempo, talvez tenham pensado...

– Na verdade, nós é que vivemos aqui há mais tempo, Ulrika. O Kent e eu vivemos aqui há mais tempo do que qualquer outra pessoa!

– Quem vive no prédio há mais tempo é o Alf – corrige a Mamã.

– Quem viveu aqui mais tempo foi a Avozinha – murmura Elsa, mas ninguém parece ouvi-la. Muito menos Britt-Marie.

– O Kent não está fora, numa viagem de negócios? – pergunta a Mamã.

Britt-Marie hesita por um instante e faz que sim com um aceno impercetível.

– Talvez seja por isso que não conseguiram falar com ele. Foi por isso que liguei para si assim que desliguei a chamada do cont...

– Mas com certeza que é *prática habitual* contactar o presidente do condomínio! – insiste Britt-Marie, consternada.

– Ainda não é um condomínio oficial – suspira a Mamã.

– Mas vai ser!

– E é sobre isso que o contabilista dos senhorios quer vir hoje falar connosco... Diz que estão dispostos a converter os arrendamentos em contratos de propriedade. É o que tenho

estado a tentar dizer-lhe. Assim que desliguei, depois de falar com ele, entrei em contacto consigo. Você acordou o prédio todo. E aqui estamos. Que mais quer que eu faça, Britt-Marie?

– E que disparate é esse, vir aqui a um sábado? Com certeza que este tipo de reuniões não tem lugar aos sábados, pois não, Ulrika? Achas que sim? Provavelmente achas, Ulrika!

A Mamã massaja as têmporas. Britt-Marie inspira e expira furiosamente e vira-se para Lennart e Alf em busca de apoio. Maud tenta sorrir de forma encorajadora. Lennart oferece a Britt-Marie um pouco de café. Alf parece estar a aproximar-se do seu nível habitual de mau humor.

– Bom, não podemos fazer a reunião sem o Kent – declara Britt-Marie.

– Claro que não; só se o Kent conseguir chegar a tempo – concorda a Mamã em tom cansado. – Porque não tenta ligar-lhe?

– O avião dele ainda não aterrou! Ele está numa *viagem de negócios*, Ulrika!

Alf resmunga qualquer coisa atrás deles. Britt-Marie dá meia-volta. Alf enfia as mãos nos bolsos do casaco e volta a resmungar.

– Desculpe? – entoam a Mamã e Britt-Marie ao mesmo tempo, mas em tons de voz diametralmente opostos.

– Estava só a dizer que mandei uma mensagem ao Kent há vinte minutos, quando começou o alarido, e ele respondeu-me que vem a caminho – esclarece Alf, acrescentando: – O idiota não perderia isto por nada neste mundo.

Britt-Marie finge não ouvir a última parte. Sacode uma poeira invisível da saia, cruza as mãos e lança um olhar superior a Alf; sabe que é impossível Kent vir a caminho porque está numa viagem de negócios e o seu avião ainda não aterrou. Mas é nesse momento que ouvem o som da porta do prédio a bater e os passos de Kent. Sabem que é Kent porque escutam a voz dele a gritar ao telefone com sotaque alemão, como os nazis falam nos filmes americanos.

– *Ja*, Klaus! *Ja*! Falamos melhorrr sobrrre isso em Frrrankfurrrt!

Britt-Marie começa a descer as escadas ao encontro dele, para o pôr a par da insolência que teve a insolência de ter lugar na ausência dele.

George sai da cozinha atrás da Mamã, com calções de corrida, uma camisola verde e um avental ainda mais verde. Com uma frigideira fumegante na mão, lança um olhar divertido ao grupo ali reunido.

– Alguém quer tomar o pequeno-almoço? Fiz ovos. – Parece estar prestes a acrescentar que há também as novas barras de proteínas que comprou, mas muda de ideias quando se recorda de que desapareceram.

– Eu trouxe bolachas – anuncia Maud alegremente, dando a lata a Elsa com uma palmadinha terna na bochecha. – Podes ficar com essas, eu vou buscar mais – murmura, e entra no seu apartamento.

– Há café? – pergunta Lennart, nervoso, bebendo mais um gole da garrafa-termo enquanto segue a mulher.

Kent sobe as escadas e aparece à porta. Veste calças de ganga e um casaco caro. Elsa sabe-o porque Kent, regra geral, revela quanto custaram as suas roupas, como se estivesse a atribuir pontos na final do Festival da Eurovisão. Britt-Marie aparece apressada atrás dele, repetindo num murmúrio:

– A má educação, a pura *falta* de educação de não ligarem para ti, de ligarem para uma pessoa qualquer. Não é uma grande falta de educação? Não podemos deixar que as coisas continuem assim, Kent.

Kent não dá resposta à mulher, mas aponta de modo dramático para a mãe de Elsa.

– Quero saber *exatamente* o que o contabilista disse quando ligou.

Porém, antes que a Mamã tenha tempo para falar, Britt-Marie sacode uma poeira invisível do braço de Kent e murmura-lhe num tom de voz muitíssimo diferente:

– Talvez fosse melhor ires primeiro lá abaixo mudar de camisa, Kent.

– Por favor, Britt-Marie, estamos a tratar de negócios – rejeita Kent em tom condescendente, mais ou menos como Elsa quando a Mamã quer que ela vista uma roupa verde.

Britt-Marie fica abatida.

– Posso pô-la já na máquina, anda lá, Kent. Tens camisas acabadas de engomar no roupeiro. Não podes estar com uma camisa toda amarrotada quando o contabilista chegar, Kent, o que é que ele pensará de nós? Vai pensar que não sabemos engomar camisas! – Dá uma risada nervosa.

A Mamã abre a boca para tentar falar, mas Kent vê George.

– Ah! Tem ovos? – pergunta-lhe, entusiasmado.

George acena, satisfeito. Kent entra no apartamento. Britt-Marie segue-o, de testa franzida. Quando passa pela Mamã, parece incomodada e deixa escapar:

– Bom, quando uma pessoa anda tão ocupada com o trabalho como tu, Ulrika, não há tempo para limpezas, claro que não – apesar de cada centímetro do apartamento estar limpo e arrumado na perfeição.

A Mamã aperta o cinto do roupão um pouco mais e diz, com um suspiro muito controlado:

– Entrem todos. Ponham-se à vontade.

Elsa entra no quarto, despe o pijama o mais depressa que consegue e veste umas calças de ganga para poder ir lá abaixo à arrecadação ver como está o wurse, enquanto estão todos ocupados ali em cima. Na cozinha, Kent interroga a Mamã sobre o contabilista e Britt-Marie manifesta a sua concordância com um «hum-hum» após cada palavra do marido.

O único que fica no vestíbulo é Alf. Elsa enfia os polegares nos bolsos das calças e bate com a ponta do pé na ombreira da porta, evitando olhar para ele.

– Obrigado por não ter contado nada sobre o... – começa, mas cala-se antes de dizer «wurse».

Alf abana a cabeça com ar aborrecido.

– Não devias ter fugido daquela maneira. Se recolheste o animal, tens de assumir a responsabilidade por ele, apesar de seres uma criança.

– Não sou uma criança! – exclama Elsa.

– Então, para de te comportares como se fosses.

– *Touché* – murmura Elsa de olhos postos na porta.

– O animal está na arrecadação. Pus umas tábuas à frente para ninguém conseguir ver lá para dentro. Mande-o não fazer barulho. Acho que ele percebeu. Mas tens de arranjar um esconderijo melhor. Mais cedo ou mais tarde, alguém vai descobrir – avisa Alf.

Elsa compreende que Alf se está a referir a Britt-Marie. Sabe que ele tem razão. Ficou com um grande peso na consciência por ter abandonado o wurse na véspera. Alf podia ter ligado para a polícia e ele teria sido abatido. Elsa abandonara-o, tal como a Avozinha abandonara a Mamã, e isso assusta-a mais do que qualquer pesadelo.

– Do que é que eles estão a falar? – pergunta a Alf, com um aceno na direção da cozinha, para pensar noutra coisa.

Alf solta uma fungadela desdenhosa.

– Do raio dos arrendamentos.

– O que é que isso significa?

– Céus, não posso estar aqui a explicar-te tudo – resmunga ele. – A diferença entre um contrato de arrendamento e...

– Eu sei o que é um contrato de arrendamento, não sou estúpida – interrompe Elsa.

– O que é que queres saber, então? – pergunta Alf em tom defensivo.

– Quero saber o que *significa*; porque é que estão a falar sobre isso! – esclarece Elsa, naquela maneira de clarificar as coisas que não é muito elucidativa.

– O Kent anda a falar da porcaria dos arrendamentos desde que voltou a mudar-se para cá, e não se dará por satisfeito enquanto não puder limpar o rabo com o dinheiro que cagou – explica Alf, como alguém que não conhece muitas crianças de sete anos. A princípio, Elsa quer perguntar o que Alf quer dizer com aquilo de Kent se ter voltado a mudar para o prédio, mas decide que é melhor esclarecer uma coisa de cada vez.

– Mas não ganharemos todos dinheiro? Você, a Mamã e o George, e todos nós?

– Se vendermos os apartamentos e nos mudarmos, sim – resmunga Alf.

Elsa pondera a informação. O blusão de cabedal de Alf range.

– E é isso que o filho da mãe do Kent quer fazer. Sempre quis sair daqui.

É por isso que está a ter pesadelos, percebe Elsa de repente. Porque, se as criaturas da Terra-de-Quase-Acordar começaram a aparecer no prédio, é porque talvez o prédio se começou a tornar parte da Terra-de-Quase-Acordar; e, se *todos* quiserem vender os

apartamentos, então...

– Não estaremos a fugir de Miamas. Estaremos a deixá-la de nossa livre vontade – conclui, em voz alta, embora falando com os seus botões.

– O quê?

– Nada – murmura Elsa.

A porta do prédio bate, ecoando nas escadas. Ouvem-se passos discretos a subir. É o contabilista.

* * *

Na cozinha, a voz de Britt-Marie sobrepõe-se à de Kent. Até ao momento, não teve resposta dele no que diz respeito à mudança de camisa, por isso, compensa com indignação extra sobre outras coisas. Há um fornecimento abundante de tópicos que caem nesta categoria. Como é óbvio, é-lhe difícil decidir qual é mais perturbador, mas tem tempo para desfiar várias inquietações, incluindo a ameaça de chamar a polícia se a mãe de Elsa não tirar *já* o carro da Avozinha do seu lugar de estacionamento na garagem, que vai pedir à polícia para rebentar o cadeado do carrinho de bebé que continua preso ao corrimão na entrada do prédio, e que não hesitará em pressionar o senhorio para colocar câmaras nas escadas de modo a poderem pôr fim a este vaivém repreensível de pessoas que afixam avisos sem primeiro informar a responsável das informações... É interrompida pelo homem baixinho de rosto amável que está agora à porta, a bater levemente na ombreira.

– Sou o contabilista – apresenta-se de modo gentil.

Quando vê Elsa, pisca-lhe o olho. Como se partilhassem um segredo. Ou, pelo menos, é o que Elsa julga.

Kent sai da cozinha, com passo autoritário e as mãos na cintura por cima do sobretudo, e mira o contabilista de cima a baixo.

– Ora, ora! Então é a venda? – exige saber de imediato. – Que preço por metro quadrado sugerem?

De súbito, Britt-Marie sai também da cozinha e aponta para o contabilista um dedo acusador.

– Como é que entrou?

– A porta estava aberta – responde o contabilista em tom amável.

Impaciente, Kent interrompe.

– Então em relação aos apartamentos, qual é o vosso preço?

Com gestos afáveis, o contabilista aponta primeiro para a pasta e, em seguida, na direção da cozinha.

– Talvez possamos sentar-nos?

– Há café – oferece Lennart.

– E bolachas – acrescenta Maud com um aceno.
– E ovos! – grita George da cozinha.
– Por favor, não repare na desarrumação; estão todos muito ocupados com as carreiras nesta família – conclui Britt-Marie em tom bem-intencionado. A Mamã esforça-se muito para fingir que não a ouviu. Enquanto se dirigem todos para a cozinha, Britt-Marie para, vira-se para Elsa e une as mãos.

– Tens de compreender, minha querida, que nunca me passaria pela cabeça que os teus amigos e os da tua avó têm alguma ligação a drogados. Com certeza que não faço ideia se o cavalheiro que veio ontem à tua procura anda metido na droga ou não. Não é nada disso que quero insinuar.

Elsa olha para ela, confusa.

– O quê? Quais amigos? Quem é que veio à minha procura ontem?

Quase pergunta: «Era o Coração-de-Lobo?», mas contém-se, porque não está a ver como Britt-Marie saberia que Coração-de-Lobo é seu amigo.

– O homem que esteve aqui ontem à tua procura. O que eu expulsei do prédio. É proibido fumar nas escadas, podes dizer-lhe isso. Não é assim que nos comportamos neste condomínio. Compreendo que tu e a tua avó conhecem pessoas muito estranhas, mas as regras aplicam-se a toda a gente, não é? – Alisa uma ruga invisível na saia e cruza as mãos sobre o estômago antes de continuar: – Sabes de quem estou a falar. Muito magro. Ficou parado nas escadas a fumar. Andava à procura de uma criança, uma amiga da família, segundo ele, e deu a tua descrição. Parecia terrivelmente desagradável, na verdade; por isso, informei-o de que, neste condomínio, não permitimos que se fume em espaços fechados.

Elsa sente um aperto no coração que lhe consome todo o oxigénio do corpo. Tem de se agarrar à ombreira da porta para não cair. Ninguém se apercebe, nem mesmo Alf. Mas ela compreende o que vai acontecer a seguir nesta aventura.

No fim de contas, todos os contos de fadas têm um dragão.

Pão de ló instantâneo

Os contos de fadas de Miamas falam de um número infinito de maneiras para derrotar um dragão. Mas e se este dragão for uma Sombra, o tipo mais perverso de criatura que se possa imaginar e, contudo, tiver a aparência de humano? Elsa duvida que até Coração-de-Lobo pudesse derrotar alguém assim, mesmo quando era o guerreiro mais famoso da Terra-de-Quase-Acordar. E agora? Agora que tem medo de ranho e não consegue lavar a recordação de sangue das mãos?

Elsa não sabe nada sobre a Sombra. Apenas que já o viu duas vezes: a primeira na agência funerária e a segunda quando ia no autocarro a caminho da escola. Sabe que sonhou com ele e também que ele esteve no prédio à sua procura. E que não há coincidências em Miamas. Nos contos de fadas, tudo é tal qual como está destinado a ser.

Portanto, devia ser a isto que a Avozinha se referia quando lhe pedira: «Protege o castelo, protege os teus amigos.» Elsa só gostava que a Avozinha lhe tivesse dado um exército para isso.

Espera até à noite, até estar escuro o bastante para uma criança e um wurse passarem por baixo da varanda de Britt-Marie sem serem vistos, antes de descer até à cave. George saiu para correr; a Mamã ainda anda na rua, a preparar tudo para o dia seguinte. Depois da reunião com o contabilista, nessa manhã, não largou o telefone, a falar com a mulher-baleia da agência funerária, com a florista, com o vigário, depois com o hospital e de novo com o vigário. Elsa tem estado sentada no quarto a ler o *Homem-Aranha*, a esforçar-se arduamente para não pensar no dia seguinte. Sem grande sucesso.

Leva algumas das bolachas que Maud lhe deu ao wurse e, depois de o wurse lambe a lata, tem de lha tirar tão depressa que quase fica sem as pontas dos dedos. A Avozinha sempre assegurou que a saliva de wurse é muito difícil de lavar, e Elsa tenciona devolver a lata a Maud. Mas o wurse, que é em todos os aspetos um wurse típico, enfia o focinho esfomeado na mochila dela, aparentemente com dificuldade em perceber como é que ela ousou ir lá abaixo com apenas uma miserável lata de bolachas.

– Vou tentar arranjar-te mais bolachas, mas por agora tens de te contentar com isto. – Abre uma tigela. – É pão de ló instantâneo. Não sei fazê-lo muito bem – murmura em tom apologetico. – Encontrei-o no armário da cozinha e no pacote indicava que era «pão de ló instantâneo pronto a usar», mas só tinha lá dentro um pó. Por isso, juntei-lhe água. É mais uma nhanha do que um pão de ló propriamente dito.

O wurse não parece muito convencido mas, pelo sim, pelo não, lambe a nhanha toda de dentro da tigela com a língua do tamanho de uma toalha. Uma língua extraordinariamente flexível é um dos superpoderes mais conhecidos dos wurses.

– Esteve aqui um homem à minha procura – murmura Elsa ao ouvido dele, tentando ser corajosa. – Acho que ele pertence às Sombras. Temos de estar atentos.

O wurse encosta o nariz à garganta dela. Elsa abraça-o e sente os músculos tensos por baixo do pelo. Ele tenta parecer brincalhão, mas Elsa percebe que está a fazer aquilo que os wurses fazem melhor: a preparar-se para a batalha. E adora-o por isso.

– Não sei de onde ele vem. A Avozinha nunca me falou deste tipo de dragões.

O wurse volta a encostar-se a ela e fita-a com os olhos grandes e compreensivos. Parece estar a pensar que gostava de lhe poder explicar tudo. Elsa queria que Coração-de-Lobo estivesse ali. Tocou à campainha dele antes de descer, mas sem resposta. Não quis chamá-lo em voz alta, com medo de despertar as suspeitas de Britt-Marie, mas fungou o mais alto que conseguiu pela ranhura do correio, para lhe recordar que conseguia soltar um espirro capaz de cobrir tudo de tinta camuflada. Não resultou.

– O Coração-de-Lobo desapareceu – admite ao wurse.

Elsa tenta ser corajosa. Consegue-o bastante bem enquanto atravessam a arrecadação. E não é difícil enquanto sobem as escadas da cave. Mas quando param no vestíbulo, ao pé da porta do prédio, Elsa sente o cheiro a fumo de cigarro, o mesmo tabaco que a Avozinha fumava, e o medo do pesadelo paralisa-a. Os seus sapatos pesam mil toneladas. Tem a cabeça a latejar como se alguma coisa se tivesse soltado lá dentro e andasse a bater nas paredes.

É estranho como o significado de um cheiro pode mudar de repente, conforme o caminho que decide fazer através do cérebro. É estranho como o amor e o medo vivem tão perto um do outro.

Diz a si própria que é só a sua imaginação, mas nem isso ajuda. O wurse aguarda pacientemente ao lado dela, mas os sapatos de Elsa continuam pregados ao chão.

Um jornal voa do outro lado da porta de vidro. É um daqueles jornais gratuitos que nos enfiam na caixa do correio mesmo quando temos um autocolante a indicar «PUBLICIDADE NÃO ENDEREÇADA AQUI NÃO». Elsa pensa na Avozinha. Fica ali, ainda paralisada, e o jornal deixa-a zangada porque foi a Avozinha que a pôs nesta situação. A culpa é toda da Avozinha.

Elsa lembra-se daquela vez em que a Avozinha ligou para o jornal e apresentou uma reclamação irada por colocarem algo assim no correio, apesar de ela ter um papel a indicar «PUBLICIDADE AQUI NÃO, NUNCA! OBRIGADA!» em letras surpreendentemente grandes. Elsa pensara muito no porquê daquele «Obrigada!», porque a mãe de Elsa sempre dissera que, se é para agradecer sem ser sincero, mais vale não o fazer. E não lhe parecia que fosse esse o caso do agradecimento da Avozinha.

Contudo, as pessoas que atenderam o telefone no jornal comunicaram à Avozinha que o jornal deles não era publicidade, e sim «informação social», e que esta pode ser colocada nas caixas de correio das pessoas, mesmo que estas lhes agradeçam que *não* o façam. Primeiro, a

Avozinha exigira saber quem era o dono da companhia que produzia o jornal e, em seguida, dar-lhe uma palavrinha. As pessoas do outro lado da linha responderam que a Avozinha decerto compreendia que o proprietário não tinha tempo para tais disparates.

Claro que não deviam ter dito isso, porque, na realidade, havia imensas coisas que a Avozinha não «compreendia», com certeza ou sem ela. Além disso, ao contrário do proprietário da companhia que produzia o jornal gratuito, ela tinha muito tempo livre. «Nunca te metas com uma pessoa que tem mais tempo livre do que tu», costumava ela aconselhar. Algo que Elsa traduzia como: «Nunca te metas com uma pessoa que é atrevida para a idade.»

Nos dias seguintes, a Avozinha foi buscar Elsa à escola, como de costume, e a seguir patrulharam o quarteirão com sacos amarelos do IKEA, tocando a todas as campainhas. As pessoas pareciam achar aquilo um pouco estranho, sobretudo porque toda a gente sabe que os sacos amarelos do IKEA não são para trazer da loja. Se alguém fizesse demasiadas perguntas, a Avozinha respondia apenas que pertenciam a uma organização ambiental e estavam a recolher papel para reciclagem. E as pessoas não se atreviam a levantar mais problemas.

«As pessoas têm medo de organizações ambientais; acham que eles lhes vão invadir a casa e acusá-los de não separarem bem o lixo. Veem filmes a mais», explicara a Avozinha enquanto ela e Elsa enfiavam os sacos cheios de jornais em *Renault*. Elsa nunca percebera bem que tipo de filmes a Avozinha via e onde é que esse tipo de coisa poderia acontecer. Mas sabia que a Avozinha odiava organizações ambientais, às quais chamava «fascistas dos pandas».

Seja como for, aqueles sacos amarelos não são mesmo para trazer da loja. Claro que a Avozinha nunca dera importância ao assunto.

«Nunca roubo os sacos. Simplesmente, ainda não os fui devolver», murmurou, e deu a Elsa um marcador grosso para escrever. Elsa argumentou que queria pelo menos quatro caixas de gelado *New York Super Fudge Chunk* da Ben & Jerry's por aquele trabalho. A Avozinha gritou: «Uma!», e Elsa atirou com: «Três!», a Avozinha berrou: «Duas!», Elsa contrapôs com: «Três ou vou contar à Mamã!», ao que a Avozinha rugiu: «Não negoceio com terroristas!» Elsa retorquiu que, se procurasse «terrorista» na Wikipédia, havia muitas coisas na definição da palavra que se aplicavam à Avozinha, mas nem uma que se aplicasse a Elsa.

«O objetivo dos terroristas é criar o caos e a Mamã diz que isso é o que tu fazes o dia inteiro», concluiu Elsa. Por fim, a Avozinha acedera a dar-lhe as quatro caixas de gelado se ela pegasse no marcador e promettesse manter a boca fechada. Foi o que Elsa fez. À noite, depois de escurecer, ficou sentada em *Renault* do outro lado da cidade, de guarda, enquanto a Avozinha entrava e saía do prédio com os sacos amarelos do IKEA. Na manhã seguinte, o proprietário da empresa que produzia o jornal gratuito foi acordado pelos vizinhos a tocarem-

lhe à campainha muito aborrecidos porque, aparentemente, alguém enchera o elevador com centenas de exemplares do jornal gratuito. Todas as caixas de correio estavam atafalhadas de jornais gratuitos, e cada centímetro quadrado do grande vidro da entrada do prédio fora coberto por jornais colados com fita-adesiva, e à porta de cada apartamento havia montes periclitantes de jornais que desabavam e se espalhavam pelas escadas quando as pessoas abriam as portas. Todos os exemplares do jornal tinham escrito o nome do homem em marcador grosso, em letras maiúsculas, e por baixo: «INFORMAÇÃO SOCIAL GRATUITA, PARA VOSSA SATISFAÇÃO!!!»

No regresso a casa, a Avozinha e Elsa pararam numa estação de serviço para comprar o gelado. Poucos dias depois, a Avozinha ligou de novo para o jornal e, a partir daí, não voltou a receber um único exemplar.

* * *

– Entras ou sais?

A voz de Alf corta a penumbra das escadas como uma gargalhada. Elsa vira-se e, instintivamente, quer atirar-se para os braços dele, mas não o faz porque percebe que provavelmente ele ficaria quase tão desagradado com isso como Coração-de-Lobo. Alf enfia as mãos nos bolsos com um rangido do blusão de cabedal e indica a porta com um aceno seco.

– Então, entras ou sais? Há mais pessoas que querem ir dar um passeio, sabes?

Elsa e o wurse fitam-no com expressões vazias. Alf resmunga qualquer coisa, passa por eles e abre a porta. Elsa e o wurse saem e começam a caminhar ao lado dele, apesar de Alf nunca ter pedido a sua companhia. Depois de virarem a esquina do prédio e de estarem fora do alcance da varanda de Britt-Marie, o wurse recua para dentro de um arbusto e rosna-lhes de maneira educada como seria de esperar de um wurse que precisa de se concentrar no que está a fazer. Eles viram-lhe costas. Alf não parece nada satisfeito com a companhia inesperada. Elsa pigarreia e tenta pensar em algo inconsequente para dizer, de modo a que ele não se vá embora.

– Tudo a correr bem com o carro? – pergunta de repente; já ouviu o pai falar assim quando está atrapalhado.

Alf acena. Nada mais. Elsa respira fundo.

– O que disse o contabilista na reunião? – questiona a seguir, na esperança de que isto deixe Alf irritado e falador como costuma ficar nas reuniões de moradores. Elsa já reparou que é mais fácil pôr as pessoas a falar sobre aquilo de que não gostam do que sobre aquilo de que gostam. E é mais fácil não ter medo das sombras na escuridão quando alguém está a falar, seja qual for o assunto.

– O filho da mãe do contabilista comunicou-nos que os proprietários tinham decidido

vender o raio dos apartamentos aos filhos da mãe da associação de moradores e converter o prédio num condomínio, se todos os moradores estiverem de acordo.

Elsa observa-lhe os cantos da boca. Parece estar quase a sorrir.

– E isso é engraçado?

– Vives no mesmo prédio que eu? Mais depressa se resolve o conflito israelo-palestiniano do que os moradores deste prédio chegam a acordo em relação seja ao que for.

– E alguém quererá vender o apartamento se o prédio for convertido num condomínio? – pergunta Elsa.

Os cantos da boca de Alf regressam a uma posição mais típica de Alf.

– Se querem ou não, não sei; no entanto, a maior parte de nós terá de o fazer.

– Porquê?

– É uma boa zona. Os apartamentos são caros como o raio. A maioria dos moradores do prédio não terá possibilidades de ficar a pagar um empréstimo desses ao banco.

– Você terá de se mudar?

– É provável.

– E a Mamã, o George e eu?

– Como queres que saiba?

Elsa pensa.

– A Maud e o Lennart?

– Tens muitas perguntas, sua chata.

– Bom, o que estamos a fazer aqui fora se não quer falar?

Alf indica o wurse no arbusto com um rangido do blusão de cabedal.

– Eu ia só dar uma volta, raios. Ninguém vos convidou, a ti e àquela *coisa*.

– Já alguém lhe disse que pragueja muito? O meu pai acha que isso é sinal de um vocabulário pobre.

Alf lança-lhe um olhar fulminante e enfia as mãos nos bolsos.

– A Maud e o Lennart terão de se mudar. E é provável que a rapariga com o filho do primeiro andar também. A bruxa da psicóloga com quem estiveste ontem não sei; se calhar tem dinheiro como o caraças...

Cala-se e tenta conter-se um pouco.

– Essa... senhora. É provável que tenha... bastante dinheiro, essa... mulher – corrige-se.

– O que é que a minha Avozinha pensava deste negócio?

Os cantos da boca de Alf estremecem momentaneamente.

– Regra geral, o oposto absoluto do que a Britt-Marie pensasse.

Elsa desenha anjos de neve miniatura com o sapato.

– Talvez possa ser bom, não? Se houver condomínio, talvez toda a gente se possa mudar para outro sítio... melhor? – pergunta, em tom hesitante.

– Este sítio é bom. Estamos muito bem aqui. É a nossa casa, caraças.

Elsa não protesta. Também é a casa dela.

Mais um jornal gratuito esvoaça, levado pelo vento. Fica preso no pé dela por um momento, antes de se libertar e continuar a rodopiar como uma estrela-do-mar zangada. Elsa sente-se de novo furiosa. O jornal fá-la lembrar-se de como a Avozinha estava disposta a lutar para os impedir de deixarem jornais gratuitos na sua caixa de correio. Isso deixa Elsa enfurecida por ser uma coisa mesmo típica da Avozinha: fizera aquilo por causa de Elsa, tal como, aliás, acontecia sempre.

Porque a Avozinha, na verdade, gostava daqueles jornais; até os enfiava dentro dos sapatos quando chovia. Porém, certo dia, Elsa lera na *internet* quantas árvores eram precisas para fazer uma única edição de um jornal e colocou autocolantes de «PUBLICIDADE NÃO ENDEREÇADA AQUI NÃO» nas caixas de correio da Mamã e da Avozinha, porque Elsa é uma grande fã do ambiente. Os jornais continuaram a chegar e, quando Elsa ligou para a companhia, riram-se dela. E não o deviam ter feito. Porque ninguém se ri da neta da Avozinha.

A Avozinha odiava o ambiente, mas era o tipo de pessoa que queremos ao nosso lado quando vamos para a guerra. Assim, tornou-se ecoterrorista por Elsa. Elsa está furiosa com a Avozinha, na verdade, porque quer estar. Por tudo o resto: pelas mentiras, por ter abandonado a Mamã e por ter morrido. Mas é impossível continuar zangada com alguém que está disposta a tornar-se ecoterrorista por nós. E o facto de não conseguir continuar furiosa deixa Elsa enfurecida.

Nem sequer consegue estar zangada com a Avozinha de forma normal. Nem isso é normal em relação à Avozinha.

Em silêncio, ao lado de Alf, pisca os olhos até lhe doer a cabeça. Alf tenta parecer despreocupado, mas Elsa repara que ele está a perscrutar a escuridão, como se procurasse alguém. Observa o que o rodeia mais ou menos da mesma maneira que Coração-de-Lobo e o wurse costumam fazer, como se também estivesse de guarda. Elsa semicerra os olhos e tenta encaixá-lo na vida da Avozinha, como a peça de um *puzzle*. Não se lembra de ouvir a Avozinha falar muito sobre Alf, exceto para comentar que ele não sabia levantar os pés do chão e que era por isso que tinha as solas dos sapatos sempre tão gastas.

– Conhecia bem a minha Avozinha? – pergunta-lhe.

O blusão de cabedal range.

– O que queres dizer com «conhecer»? Éramos vizinhos, mais nada – responde Alf de forma evasiva.

– Então porque disse aquilo quando me foi buscar no táxi? Que a Avozinha nunca lhe perdoaria se me tivesse deixado lá?

Outro rangido.

– Não quis dizer nada, mer... nada. Só estava na zona, caraç...

Parece frustrado. Elsa acena com a cabeça, fingindo compreender, embora Alf não pareça

nada satisfeito.

– Então, porque está aqui? – pergunta ela, em tom de provocação.

– O quê?

– Porque veio comigo para a rua? Não devia estar a conduzir o táxi ou coisa parecida?

– Não tens o raio do... o direito exclusivo de passear na rua, sabes?

– Sei, sim.

– Não posso deixar que andes sozinha na rua à noite com o maldito rafeiro. A tua avó fazia-me em m...

Cala-se. Resmunga. Suspira.

– A tua avó nunca me perdoaria se te acontecesse alguma coisa.

Parece arrepender-se imediatamente de o ter dito.

– Você e a Avozinha eram amantes? – pergunta Elsa, depois de esperar um período de tempo que lhe parece adequado. Alf olha para Elsa como se ela lhe tivesse atirado uma bola de neve amarela à cara.

– Não és nova de mais para saber o que é isso?

– Há imensas coisas que sou demasiado nova para saber, mas sei. – Elsa pigarreia e continua: – Uma vez, quando eu era pequena, a Mamã explicou-me o que era o seu trabalho porque eu tinha perguntado ao Papá e ele não parecia saber. Disse-me que era economista. Eu perguntei: «O quê?», e ela esclareceu: «Vejo quanto dinheiro o hospital tem, para saber o que podemos comprar.» E eu retorqui: «Mas como? Numa loja?» E ela respondeu que sim, mais ou menos como numa loja; na verdade, não foi assim tão difícil de perceber, o Papá é que estava a ser um bocado obtuso.

Alf olha para o relógio.

– Bem, seja como for, vi uma série de televisão sobre duas pessoas que tinham uma loja. E *eles* eram amantes, ou, pelo menos, acho que sim. Portanto, agora sei mais ou menos o que significa. E pensei que fosse assim que você e a Avozinha se conheciam! Então... eram ou não eram?

– O rafeiro já está despachado ou quê? Há quem tenha de ir trabalhar – resmunga Alf, o que não é grande resposta. Vira-se para os arbustos.

Elsa perscruta-lhe o rosto, pensativa.

– Achei que você seria o tipo de homem da Avozinha. Porque é um bocadinho mais novo do que ela era. E ela namoriscava sempre com os polícias da sua idade. Demasiado velhos para serem polícias, mas que ainda eram. Quer dizer, eu sei que você não é polícia. Mas também é velho sem ser... *mesmo* velho. Percebe?

Alf não parece estar a perceber nada. E está com ar de quem de repente ficou com uma enxaqueca.

O wurse acaba o que está a fazer e voltam a entrar no prédio. Elsa segue entre os dois. Não é um grande exército, mas é um exército, pensa, e sente um bocadinho menos de medo o

do escuro. Quando se separam na cave, entre a porta da garagem e aquela outra que leva às arrecadações, Elsa raspa com o sapato no chão e pergunta a Alf:

– Que música era aquela que estava a ouvir no carro quando me foi buscar? Era ópera?

– Valha-me Deus, chega de perguntas!

– Só queria saber!

– Caraç... sim. Era um raio de uma ópera.

– Em que língua era?

– Italiano.

– Você sabe italiano?

– Sim.

– A sério?

– Que merda de outra maneira há de saber italiano?

– Mas é, tipo, fluente?

– Já te avisei que tens de arranjar outro esconderijo para essa coisa – diz ele, apontando para o wurse, obviamente para mudar de assunto. – Mais cedo ou mais tarde, alguém o vai descobrir.

– Sabe italiano ou não?

– O suficiente para compreender uma ópera. Tens mais alguma pergunta?

– Então sobre o que era a ópera no carro? – insiste ela.

Alf abre a porta da garagem.

– Sobre amor. São todas sobre amor, todinhas.

Pronuncia «amor» como outra pessoa diria «frigorífico» ou «parafuso».

– ENTÃO ESTAVA APAIXONADO PELA AVOZINHA? – grita Elsa; mas Alf já bateu com a porta atrás de si.

Elsa fica onde está, com um sorriso no rosto. O wurse também está a sorrir, tem quase a certeza. E é muito mais difícil ter medo de sombras e do escuro quando estamos a sorrir.

– Acho que o Alf agora é *nosso amigo* – murmura.

O wurse parece concordar.

– Vamos precisar de todos os amigos que conseguirmos arranjar. Porque a Avozinha não me disse o que ia acontecer neste conto de fadas.

O wurse encosta-se a ela.

– Tenho saudados do Coração-de-Lobo – sussurra Elsa com o rosto no pelo dele.

Embora com relutância, parece que o wurse também está de acordo com isso.

Loja de roupa

Hoje é o dia. E começa com uma noite terrível.

Elsa acorda com a boca aberta, mas o grito ecoa-lhe apenas na cabeça, não no quarto. Urra em silêncio e estende a mão para afastar as mantas, mas a roupa da cama já está toda no chão. Sai do quarto. O apartamento cheira a ovos. George sorri-lhe da cozinha. Elsa não devolve o sorriso. Ele fica triste. Ela não se importa.

Toma um duche tão quente que parece que a pele se vai separar do corpo como casca de tangerina. Sai da casa de banho. A Mamã já saiu de casa há horas. Foi resolver tudo; é isso que a Mamã faz.

George diz qualquer coisa atrás de Elsa, mas ela não o ouve nem lhe responde. Veste as roupas que a Mamã deixou preparadas e sai de casa. Atravessa o patamar, abre a outra porta e fecha-a atrás de si. O apartamento da Avozinha tem um cheiro estranho. Cheira a limpo. As torres de caixas lançam sombras no vestíbulo, como monumentos a tudo o que agora está ausente.

Elsa para à entrada, incapaz de avançar mais. Esteve aqui ontem à noite, mas de dia é pior. É mais difícil lembrar-se das coisas quando o sol abre caminho à força por entre as persianas. Os animais de nuvem deslizam no céu. Está uma manhã bonita, embora seja um dia terrível.

Elsa ainda sente a pele a arder devido ao duche quente. Isso fá-la lembrar-se da Avozinha: o chuveiro da Avozinha estava estragado há mais de um ano e, em vez de ligar para o senhorio para lhe pedir que resolvesse o problema, ela limitava-se a usar o chuveiro em casa da Mamã e de George. Às vezes esquecia-se de fechar o roupão quando atravessava a casa e outras vezes esquecia-se mesmo de o vestir. Uma vez, a Mamã estivera a gritar com ela uns quinze minutos por não ter qualquer respeito por George, dado que ele também vivia com a Mamã e com Elsa. Isso fora pouco depois de Elsa ter começado a ler algumas das obras de Charles Dickens. A Avozinha não tinha paciência para ler livros, por isso Elsa costumava ler para ela enquanto andavam em *Renault*, porque Elsa queria ter alguém com quem falar sobre os livros depois de os ler. Sobretudo *Um Conto de Natal*, que Elsa lhe lera várias vezes porque a Avozinha gostava de histórias de Natal.

Assim, quando a Mamã disse aquilo de a Avozinha não poder andar nua pela casa por uma questão de respeito a George, a Avozinha, ainda nua, virou-se para ele e berrou: «Que disparate é esse de respeito? Tu vives com a minha filha, por amor de Deus!» E, em seguida, fez uma vénia profunda e desnudada e acrescentou, em tom cerimonioso: «Eu sou o fantasma dos Natais futuros, George!»

A Mamã ficou muito zangada com a Avozinha, mas tentou não o mostrar, para não

perturbar Elsa. Assim, para não perturbar a Mamã, Elsa tentou não mostrar como estava orgulhosa da Avozinha por conseguir citar Charles Dickens.

Agora, Elsa entra no apartamento sem se descalçar. Tem uns sapatos daqueles que riscam o chão de madeira, que a Mamã a proibiu de usar em casa, mas na casa da Avozinha não faz mal: de qualquer das formas, o chão parece uma pista de patinagem. Em parte por ser velho e em parte porque a Avozinha andou mesmo de patins em cima dele.

Elsa abre a porta do grande roupeiro. O wurse lambe-lhe a cara. Cheira a barras de proteínas e a pão de ló instantâneo. Elsa tinha acabado de se deitar, na noite anterior, quando se lembrara de que a Mamã provavelmente mandaria George à arrecadação buscar mais cadeiras, dado que toda a gente ia lá a casa beber café *depois*. Porque hoje é o dia, e toda a gente bebe café algures em dias como este.

A arrecadação da Mamã e de George é ao lado da arrecadação da Avozinha, e é a única de onde se consegue ver o wurse, agora que Alf colocou as tábuas à frente. Assim, Elsa saiu de casa sorrateiramente durante a noite, incapaz de decidir se tinha mais medo das sombras, dos fantasmas ou de Britt-Marie, e trouxe o wurse para cima.

– Terias mais espaço para te esconderes aqui se a Avozinha não tivesse morrido – lamenta Elsa. Se a Avozinha fosse viva, o roupeiro não teria parado de crescer. – Por outro lado, se a Avozinha estivesse viva, não haveria necessidade de te esconder.

O wurse lambe-lhe a cara outra vez, enfia a cabeça pela nesga da porta e procura a mochila dela. Elsa vai buscá-la ao vestíbulo e tira três latas de bolachas e um pacote de leite.

– A Maud deixou-as com a Mamã ontem à noite – explica Elsa; no entanto, quando o wurse começa a farejar-lhe as mãos como se fosse capaz de comer as bolachas ainda dentro da lata, Elsa levanta um dedo e ralha:

»Só podes comer duas latas! A outra são munições!

O wurse ladra um bocadinho por causa disso, mas acaba por reconhecer que não está em grande vantagem para negociar e devora apenas duas latas inteiras e metade da terceira. Afinal de contas, é um wurse. E isto são bolachas.

Elsa pega no leite e vai à procura da sua bisnaga cata-sonhos. Hoje está um bocadinho lenta. Uma vez que não tinha pesadelos há anos, só agora se apercebeu de que pode precisar da arma. A primeira vez que a Sombra lhe surgira no pesadelo, tentara afastar as memórias do sonho na manhã seguinte. Como as pessoas costumam fazer. Tentara persuadir-se a si própria de que fora «apenas um pesadelo». Devia ter percebido que não seria assim tão fácil. Porque qualquer pessoa que já tenha estado na Terra-de-Quase-Acordar o saberia.

Assim, esta noite, quando teve o mesmo sonho, percebeu onde tinha de ir para combater os pesadelos. Para recuperar as suas noites das garras deles.

– Mirevas! – exclama em tom firme ao wurse, quando este sai de um dos roupeiros mais pequenos da Avozinha, seguido por uma avalanche de coisas não identificadas que a Mamã ainda não teve tempo de arrumar em caixas. – Temos de ir a Mirevas! – anuncia Elsa,

agitando a bisnaga cata-sonhos.

Mirevas, um dos reinos contíguos a Miamas, é o principado mais pequeno da Terra-de-Quase-Acordar e, por esse motivo, é quase esquecido por todos. Quando as crianças na Terra-de-Quase-Acordar estão a aprender geografia e têm de saber de cor os nomes dos reinos, é sempre de Mirevas que se esquecem. Mesmo aquelas que lá vivem. Porque os mirevasianos são criaturas incrivelmente humildes, bondosas e cautelosas, que fazem tudo para evitar ocupar espaço desnecessário ou causar o mais pequeno inconveniente. No entanto, têm uma tarefa muito importante; aliás, uma das tarefas mais importantes num reino em que a imaginação é a coisa mais importante de todas. É em Mirevas que são treinados os caçadores de pesadelos.

Só os que têm a mania que são espertos no mundo real, aqueles que não percebem nada, diriam algo tão idiota como «foi só um pesadelo». Não há «só» pesadelos – os pesadelos são criaturas vivas, pequenas nuvens escuras de insegurança e angústia que se esgueiram entre as casas quando toda a gente está a dormir, testando as portas e janelas até encontrarem um sítio por onde entrar e começar a criar confusão. E é por isso que existem caçadores de pesadelos. Mais: qualquer pessoa minimamente inteligente sabe que é preciso uma bisnaga cata-sonhos para apanhar um pesadelo. Quem não sabe, pode até confundi-la com uma grande arma de *paintball*, modificada por uma avozinha, com um pacote de leite vazio acoplado de lado e uma catapulta colada em cima. Elsa, contudo, sabe muito bem aquilo que tem nas mãos. Enche o pacote com leite e coloca uma bolacha na catapulta presa por um elástico.

Não é possível matar um pesadelo, mas é possível assustá-lo. E não há nada que os pesadelos temam mais do que leite e bolachas.

No entanto, quando começa a sentir-se mais confiante, a campainha da porta fá-la dar um salto e, para grande irritação do wurse, Elsa dispara uma boa dose de leite para cima dele, mas nenhuma bolacha. Elsa corre para a porta, estranhando, por um momento, que um pesadelo toque à campainha, mas é apenas George. Parece preocupado. Ela não se importa.

– Vou lá abaixo buscar as outras cadeiras à arrecadação – avisa George, e tenta sorrir-lhe como os padraços costumam sorrir nos dias em que têm uma sensação extraforte de serem postos de lado.

Elsa encolhe os ombros e fecha-lhe a porta na cara. O wurse reapareceu, por isso sobe para cima dele e espreita pelo óculo. Vê George ficar ali parado durante um bom minuto, com ar preocupado. Elsa odeia-o por isso. A Mamã está sempre a dizer a Elsa que George só quer que ela goste dele porque se preocupa. Como se Elsa não soubesse. Ela sabe que ele se preocupa, e é por isso que não pode gostar dele. Não porque não conseguisse, se tentasse, mas antes porque tem a certeza de que conseguiria. Porque toda a gente gosta de George. É o superpoder dele.

E sabe que, se gostar dele, vai ficar muito desapontada quando o Meinho nascer e George se esquecer dela. Portanto, mais vale nem sequer começar. Se não gostarmos das

peçoas, elas não podem magoar-nos. As crianças de quase oito anos que são muitas vezes descritas como «diferentes» aprendem-no bastante cedo.

Salta de cima do wurse. O wurse fecha a boca sobre a bisnaga cata-sonhos e, de modo gentil mas firme, tira-lha das mãos, afasta-se e coloca-a em cima de um banco, onde Elsa não possa carregar por acidente no gatilho. No entanto, evita comer a bolacha, o que, como qualquer pessoa que saiba o quanto os wurses adoram bolachas perceberia, é um grande sinal de respeito por Elsa.

Tocam outra vez à campainha. Elsa abre a porta, pronta para discutir com George, mas apercebe-se mesmo a tempo de que não é ele.

O silêncio que se segue dura meia dúzia de eternidades.

– Olá, Elsa – cumprimenta-a, com um ar perdido, a mulher da saia preta, embora hoje vista calças de ganga. Cheira a menta e parece assustada. Respira tão devagar que Elsa teme que ela pereça por falta de oxigénio.

– Eu... peço muita desculpa por ter gritado contigo no escritório – começa.

Estudam os sapatos uma da outra.

– Tudo bem – aceita Elsa, por fim.

Os cantos da boca da mulher estremecem um pouco.

– Apanhaste-me desprevenida quando apareceste no escritório. Poucas pessoas me visitam lá. Eu... eu não sou muito boa com visitas.

Elsa acena com a cabeça, sentindo-se culpada, sem tirar os olhos dos sapatos da mulher.

– Não tem importância. Desculpe por ter dito aquilo sobre... – murmura, incapaz de proferir as últimas palavras em voz alta.

A mulher acena com a mão, como que a desvalorizar.

– A culpa foi minha. É difícil para mim falar sobre a minha família. A tua avó tentou obrigar-me, mas isso só me deixou... bom... zangada.

Elsa raspa no chão com a biqueira do sapato.

– As pessoas bebem vinho para esquecer as coisas difíceis, não é?

– Ou para terem força para as recordar. Acho eu.

Elsa funga.

– Você também está avariada, não é? Como o Coração-de-Lobo?

– De outra forma, sim. É possível.

– E não consegue tratar de si própria?

– Por ser psicóloga, é isso que queres dizer?

Elsa faz que sim com a cabeça.

– Os cirurgiões não podem operar-se a si próprios. Creio que é mais ou menos a mesma coisa – responde a mulher.

Elsa volta a acenar com a cabeça. Por um instante, a mulher de calças de ganga parece prestes a estender o braço para ela, mas em vez disso coça distraidamente a palma da mão.

– Naquela carta, a tua avozinha pediu-me que olhasse por ti – murmura.

Elsa acena.

– Pelos vistos, foi o que escreveu em todas as cartas.

– Pareces zangada.

– Não me deixou nenhuma carta.

A mulher enfia a mão num saco que está no chão e tira algo.

– Eu... comprei estes livros do Harry Potter, ontem. Ainda não tive tempo de ler muito, mas...

– O que a fez mudar de ideias?

– Ah... Sei que o Harry Potter é muito importante para ti.

– O Harry Potter é importante para toda a gente!

A pele em volta da boca da mulher volta a franzir-se. Respira fundo, fita Elsa nos olhos e continua:

– Também gosto muito dele, era o que queria dizer-te. Há muito tempo que não tinha uma experiência de leitura tão fantástica. Quase nunca acontece, depois de crescermos. As coisas atingem o auge quando somos crianças e a partir daí é sempre a descer... bem... por causa do nosso cinismo, suponho. Só queria agradecer-te por me teres recordado de como as coisas eram.

Elsa nunca ouviu a mulher usar tantas palavras seguidas sem gaguejar. Ela oferece-lhe o que está no saco. Elsa aceita. É outro livro. Um conto de fadas. *Os Irmãos Lionheart* [*Bröderna Lejonhjärta*], de Astrid Lindgren. Elsa conhece-o porque é uma das suas histórias preferidas provenientes da Terra-de-Quase-Acordar. Leu-a em voz alta à Avozinha muitas vezes, enquanto andavam em *Renault*. É sobre Karl e Jonatan, que morrem e vão para Nangijala, onde têm de lutar contra o tirano Tengil e o dragão Katla.

Os olhos da mulher ficam de novo desfocados.

– Costumava lê-lo aos meus rapazes quando a avó deles morreu. Não sei se já o leste. Se calhar já.

Elsa abana a cabeça e aperta o livro com força.

– Não – mente. Porque é bem-educada o bastante para saber que, quando alguém nos dá um livro, temos a obrigação de fingir que ainda não o lemos.

A mulher das calças de ganga fica aliviada. Depois, inspira tão profundamente que Elsa teme que o seu esterno se parta.

– Sabes... perguntaste-me se nos tínhamos conhecido no hospital. A tua avozinha e eu. Depois do *tsunami*. Eu... eles... tinham posto os mortos todos no chão, numa praça. Para que os familiares e amigos pudessem procurar os seus... Foi aí que ela me encontrou. Na praça. Estava lá sentada há... nem sei. Semanas, acho eu. Ela trouxe-me para casa e disse que eu podia ficar a viver aqui até saber para... para onde queria ir.

Os seus lábios abrem e fecham, como se fossem elétricos.

– E acabei por ficar. Simplesmente... fiquei.

Desta vez, Elsa baixa os olhos para os próprios sapatos.

– Vai lá estar hoje? – pergunta.

Pelo canto do olho vê a mulher a abanar a cabeça. Como se quisesse fugir outra vez.

– Acho que eu... acho que a tua avozinha estava muito desiludida comigo.

– Talvez estivesse desiludida consigo porque você está desiludida consigo própria.

A mulher solta um som estrangulado. Elsa demora algum tempo a perceber que é um riso. Como se aquela parte da garganta não fosse usada há muito tempo e alguém tivesse encontrado a chave e ligado um velho interruptor.

– És mesmo uma criança muito diferente – diz a mulher.

– Já não sou uma criança! Tenho quase oito anos!

– Sim, desculpa. É que eras recém-nascida quando eu vim para o prédio.

– Não tem mal nenhum ser diferente. A Avozinha dizia que só as pessoas diferentes podem mudar o mundo.

– Sim. Desculpa. Tenho... tenho de ir. Só queria pedir desculpa.

– Não faz mal. Obrigada pelo livro.

A mulher hesita, mas depois crava o olhar em Elsa.

– O teu amigo voltou? O Coração de... como é que disseste que se chamava?

Elsa abana a cabeça. Há algo nos olhos da mulher que de facto parece preocupação genuína.

– Ele às vezes faz isso. Desaparece. Não fiques preocupada. Ele... tem medo das pessoas. Desaparece durante uns tempos. Mas volta sempre. Só precisa de tempo.

– Acho que ele precisa de ajuda.

– É difícil ajudar quem não se quer ajudar a si próprio.

– As pessoas que querem ajudar-se a si próprias não costumam ser as que mais precisam da ajuda dos outros – contrapõe Elsa.

A mulher acena com a cabeça sem responder.

– Tenho de ir – repete.

Elsa quer impedi-la, mas ela já vai a meio das escadas. Quase desapareceu no piso de baixo quando Elsa se debruça sobre o corrimão, reúne todas as suas forças e grita:

– Encontrou-os? Encontrou os seus rapazes na praça?

A mulher para. A sua mão aperta o corrimão com muita força.

– Sim.

Elsa morde o lábio.

– Acredita na vida depois da morte?

A mulher ergue os olhos para ela.

– É uma pergunta difícil.

– Quer dizer, acredita em Deus? – insiste Elsa.

- Às vezes é difícil acreditar em Deus – responde ela.
- Porque não percebe porque é que Deus não impediu o *tsunami*?
- Porque não percebo porque é que há *tsunamis*, sequer.

Elsa acena.

– Uma vez, num filme, vi alguém dizer: «A fé move montanhas» – continua Elsa, sem saber porquê; talvez porque não quer perder a mulher de vista antes de ter tempo de lhe perguntar aquilo que quer de facto saber.

- Já ouvi dizer – responde a mulher.

Elsa abana a cabeça.

– Mas, sabe, é mesmo verdade! Porque a expressão vem de Miamas, de uma gigante chamada Fé. Tão forte que nem imagina. E ela conseguia mesmo mover montanhas!

A mulher parece estar à procura de um motivo para desaparecer pelas escadas abaixo. Elsa respira fundo.

– Toda a gente me diz que posso sentir a falta da Avozinha agora, mas que isso vai passar. Não tenho assim tanta certeza.

A mulher ergue de novo o rosto, com olhar compreensivo.

- Porque não?

- Para si não passou.

A mulher semicerra os olhos.

- Talvez seja diferente.

- Como?

- A tua avozinha era velha.

- Para mim, não. Só a conhecia há sete anos. Quase oito.

A mulher não responde. Elsa esfrega as mãos, como Coração-de-Lobo costuma fazer.

- Devia também vir hoje! – grita Elsa, mas a mulher já desapareceu.

Elsa ouve a porta do apartamento a fechar-se e fica tudo em silêncio até que escuta a voz do Papá à porta do prédio.

Recompõe-se, limpa as lágrimas e obriga o wurse a esconder-se no roupeiro outra vez, com metade das munições da bisnaga cata-sonhos como suborno. Fecha a porta do apartamento da Avozinha sem a trancar e desce as escadas a correr, e pouco depois está deitada em *Audi*, com o banco reclinado ao máximo, a olhar pelo teto de vidro.

Os animais de nuvem voam agora mais baixo. O Papá, que também está calado, veste um fato. Parece estranho, porque o Papá quase nunca veste fato. Mas hoje é o dia.

– Acreditas em Deus, Papá? – pergunta Elsa daquela forma que o apanha sempre desprevenido, como balões de água atirados de uma varanda. Elsa sabe, porque a Avozinha adorava balões de água e o Papá aprendeu a nunca passar por baixo da varanda dela.

- Não sei – responde ele.

Elsa odeia-o por não ter uma resposta, mas também o ama um bocadinho por não lhe

mentir. *Audi* para em frente de um portão de ferro preto. Ficam algum tempo ali sentados, à espera.

– Eu sou como a Avozinha? – pergunta Elsa, sem tirar os olhos do céu.

– Em aparência física, queres tu dizer? – questiona o Papá, em tom hesitante.

– Não, tipo... como *pessoa* – suspira Elsa.

O Papá parece combater a hesitação durante algum tempo, como é normal para quem tem filhas de mais ou menos oito anos. É quase como se Elsa lhe tivesse pedido para explicar de onde vêm os bebés. Outra vez.

– Tens de parar de estar sempre a dizer «tipo». Só as pessoas com um vocabulário pobre... – começa ele, porque não se consegue conter. Porque é assim que ele é. Uma daquelas pessoas que acha muito importante falar como deve ser.

– Esquece lá isso! – interrompe Elsa, de forma muito mais veemente do que tencionara, porque hoje não está com disposição para as correções dele.

Por norma, é uma coisa só deles, o corrigirem-se um ao outro. A única coisa só deles. O Papá tem um frasco de palavras onde Elsa coloca as palavras difíceis que aprendeu, como «conciso» e «pretensioso», ou expressões complexas como «O meu frigorífico é um cemitério de molho para *tacos*». E, sempre que o frasco se enche, ela recebe um vale-oferta para descarregar um livro para o *iPad*. O frasco das palavras financiou-lhe toda a série de Harry Potter, embora saiba que o Papá é extremamente desconfiado em relação a Harry Potter, dado que o Papá não consegue compreender uma história a menos que esta seja baseada na realidade.

– Desculpa – murmura Elsa.

O Papá afunda-se no banco. Competem entre si para ver quem está mais envergonhado. Por fim ele responde de forma menos hesitante:

– Sim. És muito parecida com ela. As tuas melhores qualidades vêm todas dela e da tua mãe.

Elsa não fala, porque não sabe se era aquela a resposta que queria. O Papá também se cala, porque não sabe bem se era aquilo que devia ter dito. Elsa tem vontade de lhe pedir para passarem mais tempo juntos. Um fim de semana de quinze em quinze dias não é suficiente. Quer gritar-lhe que, quando o Meiinho nascer e for uma criança normal, George e a Mamã vão deixar de a querer em casa, porque os pais querem filhos normais, não querem filhos diferentes. E o Meiinho vai recordar a todos as diferenças entre os dois. Quer gritar que a Avozinha estava enganada, que ser diferente nem sempre é bom, porque ser diferente é uma mutação e quase ninguém nos X-Men tem família.

Quer gritar tudo isto. Mas não o faz. Sabe que o Papá nunca compreenderia, e também que ele não quer que Elsa viva com ele e com Lisette, porque Lisette também tem filhos. Filhos «não diferentes».

O Papá fica sentado em silêncio, como é normal quando uma pessoa não quer estar de

fato vestido. Porém, quando Elsa abre a porta de *Audi* para sair, vira-se para ela a custo e sussurra:

– ... mas há momentos em que espero que nem TODAS as tuas melhores características tenham vindo da Avozinha e da Mamã, Elsa.

Elsa fecha os olhos com muita força, encosta a testa ao ombro dele e enfia os dedos no bolso do casaco, fazendo rodar a tampa da caneta de feltro vermelha que o Papá lhe deu quando era pequena, para poder acrescentar os seus próprios sinais de revisão, e que continua a ser o melhor presente que ele alguma vez lhe deu. Que qualquer pessoa lhe deu.

– Tu deste-me as tuas palavras – murmura.

O pai pestaneja para tentar disfarçar o orgulho. Elsa vê. Quer confessar-lhe que lhe mentiu na sexta-feira passada. Que foi ela que enviou a mensagem do telemóvel da Mamã a informar que não precisava de a ir buscar à escola. Porém, como não o quer desiludir, cala-se. Porque raramente podemos desiludir alguém se estivermos calados. Todas as crianças de quase oito anos sabem disso.

O Papá beija-lhe o cabelo. Ela levanta a cabeça e pergunta, como se não tivesse grande interesse na resposta:

– Tu e a Lisette querem ter mais filhos?

– Acho que não – responde o Papá, como se fosse óbvio.

– Porquê?

– Temos todos os filhos de que precisamos.

Ainda que pareça que esteve quase para dizer «mais filhos do que precisamos». Pelo menos, é a sensação que Elsa tem.

– É por minha causa que não queres ter mais filhos? – pergunta, rezando para que ele negue.

– Sim – admite o Papá.

– Porque eu saí diferente? – murmura Elsa.

Ele não responde. E Elsa não espera. Porém, quando está prestes a bater com a porta de *Audi*, o Papá estica-se sobre o banco e agarra-lhe os dedos; quando olha para ele, vê-o devolver o olhar com hesitação, como sempre. Porém, ele sussurra:

– Porque tu saístes perfeita.

Elsa nunca o ouviu dizer nada em tom tão inesitante. Se lho dissesse em voz alta, ele responderia que essa palavra não existe. E Elsa ama-o por isso.

* * *

George está de pé junto ao portão, com ar triste. Também veste um fato. Elsa passa por ele a correr e a Mamã, com a cara borrada de rímel, agarra-a. Elsa encosta a cara ao Meinho. O vestido da Mamã cheira a loja de roupa. Os animais de nuvem voam baixinho.

Este é o dia em que enterram a avozinha de Elsa.

Cera de vela

Há contadores de histórias na Terra-de-Quase-Acordar que dizem que todos temos uma voz interior que nos sussurra o que devemos fazer, e que só precisamos de a ouvir. Elsa nunca acreditou realmente nisso; primeiro por não lhe agradar a ideia de ter a voz de alguém a falar dentro de si, e segundo porque a Avozinha achava que só os psicólogos e os assassinos têm «vozes interiores». A Avozinha nunca gostou de psicologia, embora tenha tentado a sério com a mulher da saia preta.

Porém, dentro de momentos, Elsa ouvirá uma voz dentro da sua cabeça, clara como água. Não falará num sussurro, e sim num grito. Gritará: «Foge!», e Elsa fugirá como se a sua vida dependesse disso. Com a Sombra atrás de si.

Claro que não sabe nada disto quando entra na igreja. O murmúrio abafado de centenas de desconhecidos ergue-se em direção ao teto, como a estática de um rádio avariado. As legiões de pessoas com a mania de que são espertas apontam para ela e falam baixinho. Os seus olhares são opressivos.

Elsa não sabe quem são e isso faz com que se sinta enganada. Não quer partilhar a Avozinha com outras pessoas. Não quer que lhe recordem que a Avozinha era a sua única amiga, enquanto a Avozinha, por seu lado, tinha centenas de outros amigos.

Concentra-se em caminhar de costas direitas no meio da multidão. Não quer que vejam que se sente como se fosse desmaiar a qualquer momento e que já nem sequer tem forças para estar perturbada. O chão da igreja suga-lhe os pés, o caixão lá à frente faz-lhe arder os olhos.

O maior poder da morte não é fazer com que as pessoas morram, mas sim conseguir que as pessoas que ficam para trás queiram deixar de viver, pensa Elsa, sem se conseguir lembrar de onde ouviu isso. Pensando melhor, decide que a ideia veio da Terra-de-Quase-Acordar, embora pareça pouco provável, se tivermos em conta aquilo que a Avozinha pensava sobre a morte. A morte era a némesis da Avozinha. Por esse motivo, nunca queria falar sobre ela. Foi também por isso que se tornou cirurgiã: para causar à morte o máximo de dificuldades que conseguisse.

No entanto, também pode vir de Miploris, considera Elsa. A Avozinha nunca queria ir a Miploris quando estavam na Terra-de-Quase-Acordar, mas às vezes iam na mesma porque Elsa não parava de a chatear. E, às vezes, Elsa ia lá sozinha enquanto a Avozinha ficava numa estalagem qualquer em Miamas a jogar póquer com um *troll* ou a discutir sobre vinho com um anjo-de-neve.

Miploris é o mais belo de todos os reinos da Terra-de-Quase-Acordar. Lá, as árvores cantam, a relva massaja-nos as solas dos pés e cheira sempre a pão acabado de fazer. As

casas são tão bonitas que, por uma questão de segurança, as pessoas têm de se sentar antes de olhar para elas. No entanto, ninguém vive nelas; são usadas apenas como armazéns. Pois Miploris é para onde todas as criaturas dos contos de fadas trazem as suas mágoas, e onde guardam todas as mágoas que sobram. De uma eternidade de todos os contos de fadas.

Quando acontece alguma coisa terrível no mundo real, as pessoas dizem sempre que a tristeza, a perda e o sofrimento do coração «diminuirão com o tempo», mas tal não é verdade. A tristeza e a perda são constantes; se tivéssemos de as carregar ao longo de toda a vida, não conseguiríamos aguentar. A tristeza deixar-nos-ia paralisados. Assim, no fim, guardamo-la em sacos e procuramos um sítio onde a deixar.

É isso que Miploris é: um reino onde viajantes solitários chegam vindos de todas as direções, arrastando malas pesadas cheias de mágoas. Um sítio onde podem pousá-las e voltar à vida. E, quando os viajantes dão meia-volta, fazem-no com passos mais leves, porque Miploris está construído de forma a que, seja qual for a direção seguida quando o deixamos, o sol está sempre à nossa frente e o vento nas nossas costas.

Os miplorisianos reúnem todas as malas, sacos e sacas de mágoas e, com todo o cuidado, anotam cada um deles em pequenos blocos, catalogando com minúcia todos os tipos de tristeza e sofrimento. Em Miploris, tudo é mantido em excelente ordem; têm um vasto sistema de regras e áreas de responsabilidade impecavelmente definidas para todos os tipos de mágoa. «Burocratas filhos da mãe» era o que a Avozinha chamava aos miplorisianos, por causa de todos os impressos que tinham de ser preenchidos por quem lá queria deixar uma mágoa. Mas segundo os miplorisianos, quando se trata de mágoas não se pode tolerar a desordem.

Miploris foi em tempos o reino mais pequeno da Terra-de-Quase-Acordar, mas depois da Guerra Sem Fim tornou-se o maior. Era por isso que a Avozinha não gostava de lá ir: muitos dos armazéns tinham o nome dela em letreiros do lado de fora. E em Miploris as pessoas falam de vozes interiores, lembra-se Elsa agora. Os miplorisianos acreditam que essas vozes interiores são as vozes dos mortos, que voltam para ajudar os seus entes queridos.

O Papá pousa suavemente a mão no ombro dela, trazendo-a de volta à realidade. Ouve a voz dele a murmurar à Mamã:

– Está tudo muito bonito, Ulrika.

Pelo canto do olho vê a Mamã sorrir, indicar com a cabeça os programas espalhados em cima dos bancos da igreja e dizer:

– Obrigada por teres tratado dos programas. Usaste uma fonte muito bonita.

Elsa senta-se na ponta do banco de madeira, à frente da capela, a olhar para o chão, até os murmúrios se silenciarem. A igreja está tão cheia que há pessoas de pé, encostadas às paredes. Muitas delas têm roupas extraordinariamente esquisitas, como se tivessem jogado à roleta da vestimenta com alguém que não sabe ler as instruções das etiquetas.

Elsa decide colocar «roleta da vestimenta» no frasco das palavras. Tenta concentrar-se

nesse pensamento. Mas ouve línguas que não compreende e o seu nome espremido em sotaques esquisitos, o que a traz de volta à realidade. Vê desconhecidos a apontarem para si, com graus variados de discrição. Percebe que todos sabem quem é e isso deixa-a zangada; portanto, quando avista um rosto familiar junto de uma das paredes, demora um bocadinho a identificá-lo. Como quando vemos uma celebridade num café e a cumprimentamos instintivamente: «Oh, olá!», antes de percebermos que o nosso cérebro teve tempo para ser bem-educado («Olha, é alguém que provavelmente conheces, cumprimenta-o»), embora não connosco («Ah, espera, é só aquele tipo da televisão!»). O nosso cérebro gosta de nos fazer passar por parvos.

O rosto dele desaparece atrás de um ombro por instantes, mas, quando reaparece, está a fixar Elsa. É o contabilista que esteve no prédio ontem para falar sobre a venda dos apartamentos. Hoje, contudo, está vestido de padre. E pisca o olho a Elsa.

Outro padre começa a falar sobre a Avozinha, depois sobre Deus, mas Elsa não o ouve. Pergunta-se se seria isto que a Avozinha queria. Acha que a Avozinha não gostava assim tanto da Igreja. A Avozinha e Elsa quase nunca falavam sobre Deus, porque a Avozinha associava Deus à morte.

E isto é tudo falso. Plástico e maquilhagem. Como se as coisas fossem ficar outra vez bem lá porque fizeram um funeral. Elsa sabe muito bem que, para ela, não vai ficar nada bem. De súbito, sente suores frios. Alguns desconhecidos de vestimentas estranhas aproximam-se do microfone e falam. Alguns fazem-no em línguas desconhecidas e têm uma senhora a traduzir num microfone ao lado. Mas nunca ninguém diz «morta». Todos dizem que a Avozinha «partiu» ou que a «perderam». Como se ela fosse uma meia que desapareceu na máquina de lavar roupa. Alguns choram, mas Elsa não acha que tenham esse direito. Porque não era a avó deles, e não têm o direito de fazer Elsa sentir que a Avozinha tinha outros países e reinos aos quais nunca a levou.

Assim, quando uma senhora gorda que parece ter penteado o cabelo com uma torradeira começa a recitar poesia, Elsa decide que já chega e abre caminho entre os bancos. Ouve a Mamã murmurar alguma coisa atrás de si, mas continua a abrir caminho sobre o chão de pedra polida e esgueira-se pelas portas da igreja antes que alguém tenha tempo de vir atrás de si.

* * *

O ar de inverno é cortante; Elsa sente-se como se estivesse a ser retirada pelos cabelos de um banho escaldante. Os animais de nuvem pairam, baixos e ameaçadores. Elsa caminha devagar e respira tão fundo o ar de dezembro que começa a ficar tonta. Pensa em Tempestade. Tempestade sempre foi uma das super-heroínas preferidas de Elsa, porque o superpoder dela é conseguir mudar o tempo. Até a Avozinha admitia que, em termos de

superpoderes, esse era bastante fixe.

Elsa gostava que Tempestade aparecesse, soprasse e arrasasse a maldita igreja. O maldito cemitério. Tudo.

Os rostos que viu lá dentro giram-lhe na cabeça como um turbilhão. Terá mesmo visto o contabilista? E Alf, estava lá? Acha que sim. Viu outro rosto que reconheceu, a mulher-polícia dos olhos verdes. Caminha mais depressa, para longe da igreja, porque não quer que nenhum deles venha atrás de si e lhe pergunte se está bem. Porque não está. Aliás, nada poderá alguma vez voltar a estar bem. Não quer ouvir os murmúrios nem ter de admitir que estão a falar sobre si. A Avozinha nunca o fazia.

Já se afastou uns cinquenta metros por entre as lápides quando sente o cheiro a fumo. Ao princípio, há no cheiro algo de familiar, quase de libertador. Algo que faz com que Elsa se queira virar, acolhê-lo, enfiar o nariz nele, como uma fronha lavada num domingo de manhã. Mas depois há algo mais.

E a sua voz interior faz-se ouvir.

Sabe onde está o homem antes mesmo de se virar. Está a poucos metros dela, entre as lápides. Segura um cigarro entre os dedos. Estão demasiado longe da igreja para alguém a ouvir gritar e, com movimentos calmos e frios, ele bloqueia-lhe o caminho de regresso.

Elsa olha por cima do ombro para o portão que dá para a estrada. Vinte metros. Quando se vira de novo para a frente, ele já deu um grande passo na direção dela.

E a voz interior de Elsa faz-se ouvir. É a voz da Avozinha. Mas não está a sussurrar. Está a gritar.

Foge.

Elsa sente uma mão áspera agarrar-lhe no braço, mas consegue escapar-se. Corre até o vento lhe arranhar os olhos como pregos num vidro gelado. Não sabe durante quanto tempo. Eternidades. E quando a memória dos olhos e do cigarro dele se cristaliza no seu cérebro, com cada inspiração a esmurrar-lhe os pulmões, apercebe-se de que ele coxeava; foi por isso que lhe escapou. Mais um segundo de hesitação e ele tê-la-ia apanhado, mas Elsa está demasiado habituada a fugir. É muito boa a fugir. Corre até não ter a certeza se é o vento ou o desgosto que a faz chorar. Corre até se aperceber de que está quase na escola.

Abranda. Olha à volta. Hesita. Depois corre para o parque escuro do outro lado da estrada, com o vestido a esvoaçar à sua volta. Aqui, até as árvores parecem inimigos. O sol parece demasiado exausto para conseguir penetrar. Ouve vozes dispersas, o vento a assobiar entre os ramos, o rugido do trânsito cada vez mais distante. Ofegante e furiosa, penetra nas profundezas do parque aos tropeções. Ouve vozes. Percebe que algumas estão a chamar por ela.

– Eh! Miúda! – gritam.

Para, exausta. Deixa-se cair num banco. Ouve a voz que lhe chamou «miúda» a aproximar-se. Compreende que é alguém que lhe quer fazer mal. O parque parece estar

escondido debaixo de uma manta. Ouve outra voz além da primeira, a engolir as palavras e a tropeçar nelas como se tivesse calçado os sapatos ao contrário. Ambas as vozes parecem estar a ganhar velocidade à medida que se aproximam. Elsa pressente o perigo, levanta-se e desata a correr. Eles seguem-na. De súbito, Elsa apercebe-se, com desespero, que o crepúsculo de inverno faz com que pareça tudo igual no parque, e já não sabe para que lado é a saída. Por amor de Deus, é uma rapariga de sete anos que vê muita televisão! Como pôde ser tão estúpida? É assim que as pessoas acabam com a cara nos pacotes de leite, ou como quer que seja que avisam sobre crianças desaparecidas nos dias que correm.

Mas é tarde de mais. Corre entre duas sebes negras e densas que formam um corredor estreito e sente o coração a bater-lhe na garganta. Não sabe porque fugiu para o parque – os toxicodependentes vão apanhá-la, como toda a gente na escola vaticinava que aconteceria. Talvez seja isso, pensa. Talvez, na realidade, queira que alguém a apanhe e a mate.

O maior poder da morte não é fazer com que as pessoas morram, mas sim fazer com que queiram deixar de viver.

Não ouve os ramos do arbusto a partir-se, nem o gelo a estalar sob os pés dele. Porém, de repente, as vozes arrastadas que a perseguiam desaparecem. Os tímpanos vibram-lhe de tal forma que só quer gritar. Depois, tudo volta a ficar silencioso. Lentamente, alguém a levanta do chão. Elsa fecha os olhos. Só volta a abri-los quando está a ser levada para fora do parque.

Coração-de-Lobo olha para ela. Elsa, aninhada nos braços dele, devolve-lhe o olhar. A sua consciência parece pairar no ar. Se não tivesse a certeza de que Coração-de-Lobo teria um ataque de pânico se adormecesse e se babasse para cima dele, teria adormecido naquele instante. Assim, luta para ficar acordada; afinal de contas, seria um pouco indelicado adormecer depois de ele a salvar. Outra vez.

– Não correr sozinha. Nunca correr sozinha – rosna Coração-de-Lobo.

Elsa ainda não tem bem a certeza se queria ou não ser salva, embora esteja contente por o ver. Mais até do que esperava, aliás. Pensava estar mais zangada com ele.

– Lugar perigoso – rosna Coração-de-Lobo a respeito do parque, e coloca-a no chão.

– Eu sei – murmura Elsa.

– Nunca mais! – ordena-lhe Coração-de-Lobo, e Elsa percebe que ele está com medo.

Põe os braços à volta do seu pescoço e murmura «obrigada» na língua secreta antes de ele conseguir endireitar o corpo enorme. Depois, vê que o está a deixar indisposto e larga-o.

– Lavei muito bem as mãos. Tomei um megaduche esta manhã! – murmura.

Coração-de-Lobo não responde, mas Elsa vê-lhe nos olhos que vai tomar banho em álcool gel assim que chegar a casa.

Elsa olha em volta. Coração-de-Lobo esfrega as mãos e abana a cabeça.

– Foram embora – explica com delicadeza.

Elsa acena com a cabeça.

– Como sabias que eu estava aqui?

Coração-de-Lobo baixa os olhos para o asfalto.

– Guardar-te. A tua avozinha mandou... guardar-te.

– Mesmo se eu não souber sempre que estás por perto?

Coração-de-Lobo faz que sim com a cabeça. Elsa sente as pernas a fraquejarem.

– Porque desapareceste? – sussurra em tom acusador. – Porque é que me deixaste com aquela *psicopaterapeuta*?

O rosto de Coração-de-Lobo desaparece dentro do capuz.

– Psicólogos querem falar. Sempre falar. Sobre guerra. Sempre. Eu... não quero.

– Mas talvez te sentisses melhor se falasses?

Coração-de-Lobo esfrega as mãos em silêncio. Olha para a estrada como se estivesse à espera de ver alguma coisa.

Elsa aperta os braços à volta do corpo e apercebe-se de que deixou o casaco e o cachecol dos Gryffindor na igreja. É a primeira vez que se esquece do cachecol dos Gryffindor.

Que tipo de pessoa abandona um cachecol dos Gryffindor?

Olha também para um lado e para o outro, à procura nem sabe bem do quê. Depois sente algo sobre os ombros e, quando se vira, percebe que Coração-de-Lobo pôs o seu casaco à volta dela. É tão grande que fica a arrastar no chão. Cheira a detergente. É a primeira vez que vê Coração-de-Lobo sem o capuz na cabeça. Estranhamente, parece ainda maior sem ele. O cabelo comprido e a barba preta ondulam ao vento.

– Disseste que «Miamas» significa «Eu amo» na língua da tua mãe, não foi? – pergunta Elsa, tentando não olhar para a cicatriz, porque percebe que ele esfrega as mãos com mais força quando ela o faz.

Ele acena que sim. Vigia a estrada.

– O que significa «Miploris»? – pergunta Elsa.

Quando ele não responde, parte do princípio de que não percebeu a pergunta, por isso esclarece:

– Um dos seis reinos na Terra-de-Quase-Acordar chama-se Miploris. É onde guardam toda a tristeza. A Avozinha nunca queria...

De forma delicada, Coração-de-Lobo interrompe-a.

– «Eu choro».

Elsa acena com a cabeça.

– E Mirevas?

– «Eu sonho».

– E Miaudacas?

– «Eu ousar».

– E Mimovas?

– Danço. «Eu danço».

Elsa deixa as palavras tocarem-lhe no coração antes de perguntar pelo último reino. Pensa

no que a Avozinha dizia sempre de Coração-de-Lobo: que era o guerreiro invencível que derrotara as Sombras e que só ele o poderia ter feito, porque tinha o coração de um guerreiro e a alma de um contador de histórias. Porque nascera em Miamas, mas crescera em Mibatalos.

– O que significa Mibatalos? – pergunta.

Ele fixa-a quando ouve a pergunta. Com aqueles grandes olhos escuros bem abertos, repletos de tudo o que é guardado em Miploris.

– Mibatalos... «Eu luto». Mibatalos... já não existe. Já não há Mibatalos.

– Eu sei! As Sombras destruíram-no na Guerra Sem Fim e todos os mibatalianos morreram menos tu, pois és o último do teu povo e... – começa Elsa a recordar; porém, Coração-de-Lobo esfrega as mãos com tanta força que ela se cala.

O cabelo de Coração-de-Lobo cai-lhe para a cara. Ele recua um passo.

– Mibatalos já não existe. Eu já não luto. Nunca mais lutar.

E Elsa compreende, como compreendemos sempre estas coisas quando as vemos nos olhos daqueles que as dizem: que ele não se escondeu nas florestas remotas da Terra-de-Quase-Acordar por ter medo das Sombras, mas sim por ter medo de si próprio. Medo do que o obrigaram a fazer em Mibatalos.

Coração-de-Lobo olha para além dela e Elsa ouve a voz de Alf. Quando se vira, *Táxi* está estacionado à beira da estrada com o motor ligado. Alf arrasta os sapatos sobre a neve. A mulher-polícia fica junto de *Táxi*, com os olhos verdes a perscrutar o parque com toda a atenção. Quando Alf pega em Elsa, ainda enrolada no casaco de Coração-de-Lobo, que é do tamanho de um saco-cama, diz com calma:

– Vamos lá para casa, está bem? Se ficares aqui vais acabar congelada como o raio!

Mas Elsa sente-lhe o medo na voz, como só uma pessoa que soubesse o que perseguira Elsa no cemitério poderia sentir, e percebe, pelo ar vigilante nos olhos verdes da mulher-polícia, que ela também sabe. Todos sabem mais do que dão a entender.

Elsa não olha em volta quando Alf a leva até *Táxi*. Coração-de-Lobo já desapareceu. Quando se atira para os braços da Mamã, na igreja, percebe que a Mamã também sabe mais do que dá a entender. Aliás, sempre o soube.

Elsa pensa na história dos irmãos Lionheart. No dragão Katla, que nenhum humano conseguia derrotar. E na terrível cobra gigante Karm, a única criatura que, no fim, conseguiu destruir Katla. Porque às vezes, nas histórias, a única coisa capaz de destruir um dragão terrível é algo ainda mais terrível do que um dragão.

Um monstro.

Elsa já foi perseguida centenas de vezes, mas nunca como naquele cemitério. E o medo que sente agora é algo completamente diferente. Porque teve tempo de ver os olhos dele antes de fugir, e pareciam tão determinados, tão frios, como se ele estivesse preparado para a matar. É muito pesado, para uma criança de quase oito anos.

Elsa tentava nunca ter medo quando a Avozinha era viva. Ou, pelo menos, tentava nunca o demonstrar. Porque a Avozinha detestava medos. Os medos são pequenas criaturas ferozes da Terra-de-Quase-Acordar, com pelo áspero, que, por mera coincidência, se parecem bastante com uma bola de algodão azul tirada do filtro de uma máquina de secar; se lhes dermos a mais pequena oportunidade, eles saltam, mordiscam-nos a pele e arranham-nos os olhos. Os medos são como o tabaco, considerava a Avozinha: o mais difícil não é deixá-los, é nem sequer começar.

Foi o Agoreen que levou os medos para a Terra-de-Quase-Acordar, noutra das histórias da Avozinha, há mais eternidades do que qualquer pessoa consegue contar. Há tanto tempo que, na altura, havia apenas cinco reinos, e não seis.

O Agoreen é um monstro pré-histórico que quer que tudo aconteça imediatamente. Sempre que uma criança diz «já vou» ou «mais logo» ou «espera aí», o Agoreen urra com uma potência furiosa: «Nãooo! TEM DE SER AGORAAA!» O Agoreen odeia crianças, porque elas se recusam a aceitar que o tempo é linear – a mentira do Agoreen. As crianças sabem que o tempo é apenas uma emoção; por isso, «agora» é uma palavra que não significa nada para elas, tal como acontecia com a Avozinha. George costumava dizer que a Avozinha não era uma otimista do tempo, e sim uma ateia do tempo, e que a única religião em que acreditava era o budismo-do-faço-mais-logo.

O Agoreen trouxe os medos para a Terra-de-Quase-Acordar para apanhar as crianças, porque quando isso acontece ele apodera-se do seu futuro, deixando a vítima impotente, forçada a enfrentar uma vida inteira de comer *agora*, dormir *agora* e arrumar *imediatamente*. Nunca mais essa criança pode adiar uma tarefa chata para *mais tarde* e fazer algo divertido no *entretanto*. Tudo o que resta é o agora. Um destino pior do que a morte, segundo a Avozinha, pelo que a história do Agoreen começava por esclarecer que ele odiava contos de fadas, uma vez que nada é melhor a fazer com que uma criança adie uma tarefa do que um conto de fadas. Assim, certa noite, o Agoreen subiu a Montanha da Narração, o pico mais alto da Terra-de-Quase-Acordar, onde causou uma avalanche gigantesca que destruiu todo o pico. Depois, escondeu-se numa gruta escura e esperou. A Montanha da Narração é aquela que os enfantes têm de escalar para libertar as histórias de modo a que estas possam deslizar até ao mundo real, e se as histórias não conseguirem deixar a Montanha da Narração, todo o

reino de Miamas sufocará e, a seguir, o resto da Terra-de-Quase-Acordar também. Pois nenhuma história pode viver sem crianças que a oiçam.

Quando o dia nasceu, todos os bravos combatentes de Mibatalos tentaram escalar a montanha e derrotar o Agoreen, mas ninguém conseguiu, porque o Agoreen estava a criar medos nas grutas. É necessário muito cuidado a lidar com os medos, porque as ameaças só os fazem crescer ainda mais. Assim, sempre que uma mãe ou pai, algures, ameaçava uma criança, isso funcionava como adubo. «Já vou», dizia uma criança, algures, e a mãe gritava: «Não é “já vou”, é *agora*! Senão...» E, *bum*, outro medo nascia numa das grutas do Agoreen.

Quando os guerreiros de Mibatalos subiram a montanha, o Agoreen libertou os medos, que de imediato se transformaram no pior pesadelo individual de cada soldado. Pois todos os seres têm um medo mortal, até os guerreiros de Mibatalos, e aos poucos o ar na Terra-de-Quase-Acordar começou a ficar rarefeito. Os contadores de histórias tinham cada vez mais dificuldade em respirar.

(Obviamente, Elsa interrompera a Avozinha nesta parte, porque esta coisa de os medos se transformarem naquilo que cada pessoa mais temia era copiada de Harry Potter – é assim que funcionam os sem-forma. E a Avozinha soltara uma fungadela desdenhosa e respondera: «Se calhar foi esse anormal do Harry Potter que me roubou a ideia!» Ao que Elsa ripostara com sobrançeria: «O Harry Potter não rouba!» Debateram o assunto durante muito tempo, até que, por fim, a Avozinha cedeu e resmungou: «Está bem, está bem! Esquece! Os medos não se transformam, só mordem e arranham os olhos! Já estás SATISFEITA ou não?» Elsa não insistiu mais e continuaram com a história.)

Foi então que apareceram os dois cavaleiros dourados. Toda a gente os tentou avisar para não subirem a montanha, mas eles não quiseram saber, claro. Os cavaleiros são terrivelmente obstinados, quando querem. Porém, quando subiram a montanha e todos os medos saíram das grutas, os cavaleiros dourados não lutaram. Não gritaram nem praguejaram como outros guerreiros fariam. Em vez disso, os cavaleiros fizeram a única coisa que se pode fazer com os medos: riram-se deles. Gargalhadas sonoras e desafiadoras. E todos os medos se transformaram em pedra, um após outro.

A Avozinha gostava de terminar os contos de fadas com coisas a transformarem-se em pedra porque não era muito boa a inventar finais. Mas Elsa nunca se queixava. Obviamente, o Agoreen foi preso e esteve na prisão por um período indeterminado de tempo, o que o deixou muitíssimo zangado. O conselho dirigente da Terra-de-Quase-Acordar decidiu nomear um pequeno grupo de habitantes de cada um dos reinos – guerreiros de Mibatalos, caçadores de sonhos de Mirevas, guardiões de mágoas de Miploris, músicos de Mimovas e contadores de histórias de Miamas – para ficarem de guarda à Montanha da Narração. As pedras dos medos foram usadas para reconstruir o pico, mais alto do que nunca, e no sopé da montanha foi fundado o sexto reino: Miaudacas. E nos campos de Miaudacas cultivaram coragem, para que nunca mais ninguém tivesse de temer os medos.

Bem... Foi o que fizeram até que, como a Avozinha contou mais tarde a Elsa, depois da colheita, pegaram em todas as plantas da coragem e fizeram com elas uma bebida especial, e quem a provava tornava-se incrivelmente corajoso. Elsa, após fazer algumas pesquisas no Google, comentou com a Avozinha que não era uma analogia muito responsável para contar a uma criança. E a Avozinha resmungou: «Pronto, está bem; digamos que eles não a bebem, simplesmente está lá. Pode ser?» E é esta a história dos dois cavaleiros dourados que derrotaram os medos. A Avozinha contava-a sempre que Elsa tinha medo de alguma coisa e, embora Elsa estivesse muitas vezes certa nas suas críticas à técnica de contar de histórias da Avozinha, a verdade era que resultava.

O único medo em que a história não funcionava era no medo da morte da Avozinha. E agora também já não resulta com Elsa. Porque nem mesmo os contos de fadas podem derrotar as Sombras.

* * *

– Tens medo? – pergunta a Mamã.

– Sim – admite Elsa.

A Mamã não diz a Elsa para não ter medo e não tenta enganá-la, fazendo-a acreditar que não tem razões para tal. Elsa adora-a por isso.

Estão na garagem, deitadas nos bancos recostados de *Renault*. O wurse passeia-se alegremente por cima de tudo e no meio delas, e a Mamã coça-lhe o pelo, despreocupadamente. Nem sequer ficou zangada quando Elsa confessou que o tem mantido escondido na arrecadação. E não teve medo quando Elsa lho apresentou. Começou logo a fazer-lhe festinhas atrás das orelhas como se ele fosse um gatinho bebé.

Elsa estende a mão para a barriga da Mamã e sente o Meiinho a mexer-se animadamente lá dentro. O Meiinho também não tem medo. Porque ele/ela é completamente da Mamã e de George enquanto Elsa é metade do Papá, e o pai de Elsa tem medo de tudo. Por isso, Elsa tem mais ou menos medo de metade de tudo.

Principalmente das Sombras.

– Sabes quem ele é? O homem que anda a perseguir-me? – pergunta.

O wurse dá-lhe uma marradinha na cabeça. A Mamã faz uma festa no rosto de Elsa.

– Sim. Nós sabemos quem ele é.

– Nós quem?

A Mamã respira fundo.

– O Lennart e a Maud. O Alf. E eu. – Parece prestes a debitar mais nomes, mas não o faz.

– O Lennart e a Maud? – repete Elsa.

A Mamã acena.

– Infelizmente, são eles que o conhecem melhor.

– Então, porque é que nunca me falaste sobre ele? – exige Elsa saber.

– Não queria assustar-te.

– Não resultou lá muito bem, pois não?

A Mamã suspira. Coça o pelo do wurse. O wurse, por sua vez, lambe a cara de Elsa. Ainda cheira a pão de ló instantâneo. Infelizmente, é muito difícil continuar zangada quando alguém a cheirar a pão de ló nos lambe a cara.

– É uma Sombra – sussurra Elsa.

– Eu sei – confirma a Mamã no mesmo tom.

– Sabes?

– A tua avó tentou contar-me as histórias, querida. Sobre a Terra-de-Quase-Acordar e as Sombras.

– E Miamas? – pergunta Elsa.

A Mamã abana a cabeça.

– Não. Sei que vocês tinham coisas que ela nunca me mostrou. Foi há muito tempo. Eu era mais ou menos da tua idade. A Terra-de-Quase-Acordar era muito pequena, nessa altura. Os reinos ainda não tinham nomes.

Elsa interrompe, impaciente:

– Eu sei! Só ganharam nomes quando a Avozinha conheceu o Coração-de-Lobo. Ela pôs-lhes nomes de coisas na língua da mãe dele. Ele ensinou-lha de modo a conseguirem comunicar, e ela transformou-a na língua secreta. Mas, nesse caso, porque é que não te levou? Porque é que a Avozinha nunca te mostrou a Terra-de-Quase-Acordar?

A Mamã morde o lábio.

– Ela quis levar-me, querida. Muitas vezes. Mas eu não queria ir.

– Porquê?

– Estava a crescer. Era uma adolescente revoltada e já não queria a minha mãe a contar-me contos de fadas ao telefone. Queria que ela estivesse aqui. Queria-a na realidade.

Elsa quase nunca a ouve dizer «a minha mãe». Por norma, usa «a tua avó».

– Não fui uma criança fácil, meu amor. Discutia muito. Dizia que não a tudo. A tua avó chamava-me «a rapariga que dizia não».

Elsa arregala os olhos. A Mamã suspira e sorri ao mesmo tempo, como se uma expressão emocional estivesse a tentar engolir a outra.

– Sim, eu era muitas personagens nas histórias da tua avó. Nessa, creio que era tanto a rapariga como a rainha. A dada altura, já não sabia onde acabava a fantasia e começava a realidade. Às vezes, acho que nem a tua avó sabia.

Elsa fica em silêncio, a olhar para o teto, com o wurse a respirar-lhe suavemente ao ouvido. Pensa em Coração-de-Lobo e no anjo-do-mar, que viviam ali há tantos anos sem que ninguém soubesse praticamente nada sobre eles. Viviam todos tão perto que, se fizessem buracos nas paredes e no chão, os vizinhos poderiam enfiar as mãos e tocar-se, e, no entanto,

não sabiam praticamente nada uns sobre os outros. E assim os anos passaram.

– Já encontraste as chaves? – pergunta Elsa, apontando para o tablier de *Renault*.

A Mamã abana a cabeça.

– Acho que a tua avó as escondeu. Talvez para irritar a Britt-Marie. Deve ser por isso que está estacionado no lugar dela...

– Mas a Britt-Marie nem sequer tem carro, pois não? – pergunta Elsa, porque, de onde se encontra, vê *BMW*, o carro ridiculamente enorme de Kent.

– Não. Mas já teve, há muitos anos. Um carro branco. E este ainda é o lugar de estacionamento dela. Creio que é uma questão de princípio. Por norma, com a Britt-Marie, é tudo uma questão de princípio – observa a Mamã com um sorriso sardónico.

Elsa não sabe bem o que isso significa. E talvez não faça qualquer diferença.

– Então como é que o *Renault* veio aqui parar? Se ninguém tem a chave? – pensa em voz alta, embora saiba que a Mamã não pode responder porque também não sabe. Assim, pede à Mamã para lhe falar sobre a Sombra. A Mamã acaricia-lhe de novo a face e endireita-se com esforço, com uma mão sobre o Meinho.

– Acho que é melhor serem a Maud e o Lennart a falar-te sobre ele, querida.

Elsa quer protestar, mas, como a Mamã já saiu de *Renault*, não pode fazer outra coisa senão segui-la. Esse é, afinal de contas, o superpoder da Mamã. A Mamã leva o casaco de Coração-de-Lobo. Diz que o vai lavar para lho devolver quando ele voltar para casa. Elsa gosta de pensar nisso. Que ele vai voltar para casa.

Põem umas mantas sobre o wurse, no banco de trás, e, com calma, a Mamã avisa-o para estar sossegado se ouvir alguém entrar na garagem. Ele acede. Elsa promete-lhe várias vezes que encontrará um esconderijo melhor, embora o wurse não veja necessidade disso. Por outro lado, parece muito satisfeito quando ela menciona que vai ver se arranja mais bolachas.

Alf está de guarda ao fundo das escadas da cave.

– Fiz café – murmura.

A Mamã aceita a caneca, agradecida. Alf dá a outra caneca a Elsa.

– Já lhe disse que não bebo café – lembra Elsa, resignada.

– Não é café, caraças, é uma daquelas bebidas de chocolate *O'boy* – responde Alf, indignado.

Elsa olha para dentro da caneca, surpreendida.

– Onde é que arranjou isto? – pergunta. A Mamã nunca compra *O'boy* porque tem demasiado açúcar.

– Em casa – resmunga Alf.

– Tem *O'boy* em casa? – pergunta Elsa, desconfiada.

– Sou capaz de ir ao raio do supermercado, não achas? – responde Alf, aborrecido.

Elsa sorri-lhe. Está a pensar em chamar-lhe o «Cavaleiro da Imprecação», porque leu sobre imprecações na Wikipédia e acha que há muito poucos cavaleiros disso. Depois, bebe

um grande gole e por um triz não cospe tudo para cima do blusão de cabedal de Alf.

– Quantas colheres de *O’boy* pôs?

– Não sei. Umas catorze ou quinze? – responde Alf, na defensiva.

– Não se pode pôr mais do que, tipo, três!

Alf parece indignado. Pelo menos é o que Elsa acha. Pôs a palavra «indignado» no frasco das palavras do Papá, uma vez, e imagina que será este o ar de uma pessoa indignada.

– Tem de saber a alguma coisa, caraças.

Elsa come o resto à colher.

– Então também sabe quem andava atrás de mim no cemitério, é? – pergunta a Alf, com metade do conteúdo da caneca nos cantos da boca e na ponta do nariz.

– Não é de ti que ele anda atrás.

– Ah... Desculpe? Ele *perseguiu-me*.

Alf abana a cabeça devagar.

– Sim. Mas não é a ti que ele quer apanhar.

Panos da loiça

Elsa tem mil perguntas sobre o que Alf acabou de lhe contar, mas não faz nenhuma porque a Mamã está tão cansada que, assim que entram em casa, ela e o Meinho têm de se ir deitar. Nos últimos tempos, a Mamã anda sempre assim cansada, como se alguém a tivesse desligado da ficha. Ao que parece, a culpa é do Meinho. George diz que, para compensar o facto de não os deixar dormir como deve ser nos próximos dezoito anos, o Meinho está a aproveitar os primeiros nove meses para fazer a Mamã adormecer a toda a hora. Elsa senta-se na beira da cama a fazer-lhe festas no cabelo; a Mamã beija-lhe as mãos e murmura:

– As coisas vão melhorar, querida. Vai correr tudo bem. – Era o que a Avozinha costumava dizer. E Elsa quer tanto acreditar nisso, tanto. A Mamã sorri, ensonada.

– A Britt-Marie ainda cá está? – pergunta, indicando a porta com um aceno de cabeça.

A voz irritante de Britt-Marie chega até elas, vinda da cozinha, pelo que a pergunta se torna imediatamente retórica. Está a exigir «uma decisão» da parte de George sobre *Renault*, que continua estacionado no lugar de Britt-Marie na garagem. («Não podemos viver sem regras, George! Até a Ulrika tem de compreender isso!») George responde em tom animado que percebe, porque George compreende sempre o ponto de vista dos outros. É uma das suas características mais irritantes e, claro está, parece enervar ainda mais Britt-Marie. George oferece-lhe ovos, oferta que ela ignora, insistindo agora para que todos os inquilinos se «sujeitem a uma investigação pormenorizada» relativamente ao carrinho de bebé, que continua preso ao corrimão ao fundo das escadas.

– Não te preocupes, querida, amanhã vamos arranjar um esconderijo melhor para o teu amigo – murmura a Mamã, meio a dormir; e acrescenta com um sorriso: – Talvez possamos escondê-lo no carrinho de bebé.

Elsa ri-se. Mas só um bocadinho. E pensa que o mistério do carrinho de bebé é como o início de um romance de Agatha Christie terrivelmente mau. Elsa sabe disso porque quase todos os livros de Agatha Christie podem agora ser lidos no *iPad*, e Agatha Christie nunca criou um vilão tão estereotipado como Britt-Marie. Mais provavelmente, ela seria a vítima; Elsa consegue imaginar um policial em que alguém mata Britt-Marie com um castiçal na biblioteca, e todas as pessoas que a conheciam seriam suspeitas porque todos teriam um motivo: «Aquela bruxa velha era um pesadelo!» E depois Elsa sente-se um bocadinho envergonhada por estar a ter estes pensamentos. Mas só um bocadinho.

– A Britt-Marie não tem más intenções, só precisa de se sentir importante – tenta a Mamã explicar.

– Não passa de uma velha intrometida e chata – resmunga Elsa.

A Mamã sorri.

Depois, instala-se nas almofadas; Elsa ajuda-a a enfiar uma debaixo das costas e a Mamã acaricia-lhe o rosto, dizendo:

– Gostava de ouvir as histórias agora, se puder ser. Quero ouvir os contos de fadas de Miamas.

Com muita calma, Elsa murmura que a Mamã tem de fechar os olhos, mas não completamente, e a Mamã obedece. Elsa tem mil perguntas, mas não faz nenhuma. Em vez disso, fala sobre os animais de nuvem, os enfantes e os arrependedores, os leões e os *trolls*, os cavaleiros e o Agoreen, Coração-de-Lobo, os anjos-de-neve e o anjo-do-mar, e sobre os caçadores de sonhos, e começa a falar sobre a princesa de Miploris e os dois príncipes que lutaram pelo amor dela, mais a bruxa que roubou o tesouro da princesa, mas nessa altura a Mamã e o Meiinho já estão a dormir.

Elsa ainda tem mil perguntas, mas não faz nenhuma. Tapa a Mamã e o Meiinho com o cobertor, dá um beijo na face da Mamã e faz um esforço para ser corajosa. Porque tem de fazer o que a Avozinha a fez prometer que faria: proteger o castelo, proteger a família, proteger os amigos.

Quando se vai levantar, a mão da Mamã procura a sua e ela murmura, meio a dormir:

– Todas as fotografias no teto do quarto da tua avó, querida. Aquelas crianças todas, nas fotografias. São as pessoas que vieram hoje ao funeral. Já são adultos. Puderam crescer porque a tua avozinha lhes salvou a vida...

E a Mamã volta a adormecer. Elsa nem tem a certeza se chegou mesmo a acordar.

– *No shit, Sherlock* – murmura enquanto apaga a luz. Porque não foi difícil perceber quem eram os desconhecidos. Perdoar-lhes é que é complicado.

A Mamã dorme com um sorriso nos lábios. Elsa fecha a porta com cuidado.

* * *

O apartamento cheira a panos da loiça e George está a arrumar as chávenas de café sujas. Os desconhecidos estiveram todos aqui, depois do funeral, a beber café. Sorriram a Elsa com ar compreensivo e Elsa odeia-os por isso. Odeia que tenham conhecido a Avozinha antes dela. Entra no apartamento da Avozinha e deita-se na cama dela. A luz do candeeiro da rua reflete-se nas fotografias do teto e, enquanto as estuda, Elsa ainda não sabe se consegue perdoar à Avozinha por ter deixado a Mamã sozinha para ir salvar outras crianças. Também não sabe se a Mamã lhe consegue perdoar. Embora pareça estar a tentar.

Sai para as escadas, com intenção de ir ter com o wurse à garagem. Porém, em vez disso, senta-se no chão, sem energia. Fica ali sentada imenso tempo. Tenta pensar, mas encontra apenas vazio e silêncio onde por norma existem pensamentos.

Ouve os passos a aproximarem-se dois pisos mais abaixo – suaves, leves, como se estivessem perdidos. Muito diferentes dos passos confiantes e enérgicos que a mulher da saia

preta tinha quando ainda cheirava a menta e falava para o fio branco. Agora usa calças de ganga e não tem o fio branco na orelha. Para dez degraus abaixo de Elsa.

– Olá – cumprimenta-a a mulher.

Parece pequena. A sua voz está cansada, mas é um cansaço diferente do habitual. Um cansaço melhor, desta vez. Não cheira a vinho nem a menta. Só a champô.

– Olá – responde Elsa.

– Fui ao cemitério, hoje – conta-lhe a mulher.

– Esteve no funeral?

Ela abana a cabeça com ar apologetico.

– Não estive lá. Desculpa. Não... não consegui. Mas... – Engole as palavras, olha para as mãos. – Fui às... às campas dos meus rapazes. Já não ia lá há imenso tempo.

– E ajudou? – perguntou Elsa.

A mulher aperta os lábios.

– Não sei.

Elsa acena. A luz da escada apaga-se. Espera que os olhos se acostumem à escuridão. Por fim, a mulher parece reunir todas as suas forças num sorriso e, agora, a pele à volta da boca já não se franze tanto.

– Como foi o funeral? – pergunta.

Elsa encolhe os ombros.

– Foi normal. Demasiadas pessoas.

– Às vezes é difícil partilharmos a nossa dor com pessoas que não conhecemos. Mas acho... que havia muitas pessoas que gostavam da tua avó.

Elsa deixa o cabelo cair para o rosto. A mulher coça o pescoço.

– Percebo que seja difícil. Saber que a tua avó deixou a sua casa para ajudar estranhos noutro lado... Estranhos como eu, por exemplo.

Elsa fica um tanto ou quanto desconfiada. É como se a mulher lhe tivesse lido os pensamentos.

– É conhecido como o «problema do trólei». Na disciplina de Ética. Para estudantes. Na universidade. É... é a discussão sobre se é moralmente certo sacrificar uma pessoa para salvar várias outras. Creio que podes ler mais sobre o assunto na Wikipédia.

Elsa não responde. A mulher fita-a com ar atrapalhado.

– Pareces zangada.

Elsa encolhe os ombros e tenta decidir o que a está a deixar mais zangada. A lista é longa.

– Não estou zangada consigo. Só com a estúpida da Britt-Marie – decide confessar, por fim.

A mulher, com ar confuso, olha para o que tem nas mãos.

– Não lutes com monstros, pois podes tornar-te um. Se fitares o abismo durante muito tempo, o abismo devolve-te o olhar.

– Do que é que está para aí a falar? – questiona Elsa, secretamente satisfeita por a mulher não estar a falar com ela como se fosse uma criança.

– Desculpa, era... Nietzsche. Foi um filósofo alemão. Ah... se calhar não estou a citá-lo como deve ser. Mas penso que significa que, quando odiamos aquele que odeia, corremos o risco de nos tornarmos como aquele que odiamos.

Elsa encolhe os ombros até às orelhas.

– A Avozinha dizia: «Não dês pontapés na merda, senão espalha-se por todo o lado!»

E pela primeira vez Elsa ouve a mulher da saia preta, que agora usa calças de ganga, soltar uma gargalhada a sério.

– Sim, sim, é uma forma muito melhor de o colocar.

É muito bonita quando ri. O riso fica-lhe bem. E depois sobe dois degraus e estica o braço para entregar a Elsa o envelope que tem na mão sem ter de se aproximar demasiado.

– Isto estava na... em cima da... da lápide dos meus rapazes. Não sei quem o deixou lá. Mas a tua avozinha... talvez ela tenha calculado que eu iria...

Elsa aceita o envelope. A mulher das calças de ganga já desapareceu nas escadas quando ela ergue os olhos do envelope. Nele, pode ler-se: «Para a Elsa! Dar ao Lennart e à Maud!»

E é assim que Elsa encontra a terceira carta da Avozinha.

Lennart tem uma caneca de café na mão quando lhe abre a porta. Maud e *Samantha* estão atrás dele, ambas com ar muito doce e simpático. Cheiram a bolachas.

– Tenho uma carta para vocês – declara Elsa.

Lennart aceita-a e abre a boca para falar, mas Elsa continua:

– É da minha avozinha! Deve ser a mandar cumprimentos e a pedir desculpa: é o que tem feito nas outras cartas todas.

Lennart acena docilmente. Maud acena com ainda mais doçura.

– Ficámos tão tristes com o que aconteceu à tua avó, Elsa querida. Mas achámos o funeral lindo, muito bonito. Ficámos contentes por termos sido convidados. Entra, come um sonho... e o Alf trouxe-nos uma caixa daquela bebida achocolatada. – Maud abre um sorriso radiante.

Samantha ladra. Até os seus latidos são amigáveis. Elsa tira um sonho da lata, que está cheia até cima. Sorri a Maud.

– Tenho um amigo que gosta muito de sonhos. E esteve sozinho o dia todo. Acham que eu podia trazê-lo para cima?

Maud e Lennart acenam com a cabeça, como se nem fosse preciso perguntar.

Sonhos

Maud já não parece tão convencida quando o wurse está sentado no tapete da cozinha dela, instantes depois. Sobretudo porque está literalmente sentado em cima de *todo* o tapete da cozinha.

– Eu bem vos disse que ele gosta de sonhos! – exclama Elsa, alegre.

Maud acena com a cabeça sem dizer nada. Lennart está sentado do outro lado da mesa, com *Samantha* ao colo; a cadelinha parece aterrorizada. O wurse come sonhos, uma dúzia de cada vez.

– Que raça é essa? – pergunta Lennart baixinho a Elsa, como se tivesse medo de ofender o wurse.

– É um wurse! – responde Elsa com satisfação.

Lennart acena como as pessoas fazem quando não imaginam o que uma coisa significa. Maud abre outra lata de sonhos e, com cuidado, empurra-a pelo chão com a ponta do pé. O wurse esvazia-a em três dentadas; depois, levanta a cabeça e olha para Maud com os olhos grandes como pratos. Maud vai buscar mais duas latas e tenta não parecer orgulhosa. Sem grande sucesso.

Elsa olha para a carta da Avozinha. Está em cima da mesa. Lennart e Maud devem tê-la lido enquanto ela foi à cave buscar o wurse. Lennart vê que ela está a olhar e pousa-lhe a mão no ombro.

– Tinhas razão, Elsa. A tua avó pede desculpa.

– Porquê?

Maud dá ao wurse alguns bolos de canela e metade de uma torta.

– Bom, é uma lista bastante grande. Não há dúvida de que a tua avó era...

– Diferente – termina Elsa.

Maud solta uma risada calorosa e dá uma palmadinha na cabeça do wurse.

Lennart aponta para a carta.

– Em primeiro lugar, pede desculpa por ralhar tantas vezes connosco. Por estar tantas vezes zangada. E por discutir e causar problemas. Não são motivos para pedir desculpa; na verdade, toda a gente faz essas coisas de vez em quando! – comenta, como se estivesse a desculpar a Avozinha por pedir desculpa.

– Vocês não – observa Elsa. Gosta deles por isso. Maud ri-se.

– E depois pede desculpa por aquela vez em que disparou contra o Lennart da varanda com uma daquelas, como é que se chamam?... armas de bombas de tinta?

De súbito fica embaraçada.

– É assim que se chamam? Armas de bombas de tinta?

Elsa faz que sim com a cabeça, apesar de não ser. Maud fica orgulhosa.

– Uma vez, a tua avó até acertou na Britt-Marie... Ela ficou com uma grande mancha cor-de-rosa no casaco florido, o casaco preferido da Britt-Marie, e a mancha não saía, nem mesmo com tira-nódoas! Imagina!

Maud ri-se e depois fica com ar culpado.

– E a Avozinha pede desculpa de que mais? – pergunta Elsa, na esperança de ouvir mais histórias sobre pessoas a dispararem armas de *paintball* contra Britt-Marie. Lennart baixa a cabeça. Olha para Maud, esta acena e Lennart, virando-se para Elsa, continua:

– A tua avozinha pede desculpa na carta por nos pedir para te contarmos toda a história. Tudo o que precisas de saber.

Elsa abre a boca para perguntar: «Que história?», mas de súbito sente a presença de alguém atrás de si. Vira-se na cadeira e vê o menino com a síndrome, o que vive no piso de baixo, à porta do quarto, com um leão de peluche nos braços.

O menino olha para Elsa, mas, quando esta lhe devolve o olhar, ele deixa cair o cabelo sobre a testa, como Elsa faz às vezes. É cerca de um ano mais novo, mas quase da mesma altura que ela, têm o mesmo penteado e a cor do cabelo é muito parecida. A única coisa que os distingue é que Elsa é só diferente e o menino tem uma síndrome, que é uma diferença especial.

O menino não diz nada, porque nunca fala. Maud beija-o na testa e murmura:

– Pesadelos? – e o menino faz que sim com a cabeça. Maud vai buscar um grande copo de leite e uma lata cheia de sonhos, pega-lhe na mão e leva-o de novo para o quarto, declarando, em tom decidido:

– Anda lá, vamos expulsá-los imediatamente!

Lennart vira-se para Elsa.

– Acho que a tua avó havia de querer que eu comesse pelo princípio.

Esse foi o dia em que Elsa ouviu a história do menino com a síndrome. Um conto de fadas como nunca escutara. Uma história tão terrível que a fez querer apertar os braços à volta do próprio corpo com toda a força. Lennart fala-lhe sobre o pai do menino, um homem com mais ódio dentro dele do que qualquer pessoa julgaria possível existir num único ser humano. O pai do menino consumia narcóticos. Lennart interrompe-se e parece preocupado com a possibilidade de assustar Elsa, mas ela endireita as costas e enfia as mãos no pelo do wurse, assegurando-lhe de que não faz mal. Lennart pergunta-lhe se sabe o que são narcóticos e ela menciona que já leu sobre o assunto na Wikipédia.

Lennart descreve como o pai do menino se tornava uma criatura diferente quando consumia drogas. Como se tornava uma pessoa de alma negra. Conta-lhe que ele batia na mãe do menino quando ela estava grávida, porque não queria ser pai de ninguém. Lennart pisca os olhos cada vez mais devagar e acrescenta que talvez o fizesse porque temia que a

criança viesse a ser como ele. Cheio de ódio e violência. Assim, quando o menino nasceu e os médicos o informaram de que o filho tinha uma síndrome, o pai do menino ficou fora de si, furioso. Não podia tolerar que o filho fosse diferente. Talvez porque odiasse tudo o que era diferente. Talvez porque, quando olhava para o menino, via tudo o que era diferente em si próprio.

Assim, bebia mais, tomava mais daquelas coisas que a Wikipédia explica e desaparecia noites inteiras, às vezes semanas seguidas, sem ninguém saber onde ele estava. Às vezes chegava a casa perfeitamente calmo e distante. Outras vezes chorava, explicando que tinha de se afastar até esgotar toda a raiva que fervilhava dentro de si. Como se tivesse algo sombrio a viver dentro dele, a tentar transformá-lo, e estivesse a lutar contra isso. Às vezes ficava calmo durante semanas. Ou meses.

Depois, uma noite, as trevas possuíram-no. Bateu no menino e na mãe, bateu-lhes até ambos deixarem de se mexer e, em seguida, fugiu.

A voz delicada de Maud quebra o silêncio que Lennart deixa na cozinha. No quarto, o menino da síndrome ressona; um dos primeiros sons que Elsa o ouve fazer. Os dedos de Maud, nervosos, percorrem o balcão da cozinha, entre as latas de bolachas vazias.

– Fomos nós que os encontramos. Há muito tempo que andávamos a tentar convencê-la a ir-se embora com o menino, mas ela tinha tanto medo. Tínhamos todos. Ele era um homem terrivelmente perigoso – sussurra.

Elsa aperta o wurse com mais força.

– E depois o que é que fizeram?

Maud deixa-se cair numa cadeira ao lado da mesa. Tem um envelope na mão, igual àquele que Elsa trazia quando chegou.

– Conhecíamos a tua avó. Do hospital. Nessa altura nós tínhamos um café onde os médicos costumavam ir, e a tua avó ia lá todos os dias. Uma dúzia de sonhos e uma dúzia de bolos de canela, todos os dias! Não sei como começou, para ser franca. Mas a tua avó era uma daquelas pessoas a quem queremos contar as coisas, percebes? Eu não sabia o que fazer em relação ao Sam. Não sabia a quem recorrer. Tínhamos tanto medo, todos nós... Mas um dia liguei para ela. Ela apareceu no seu velho carro enferrujado, a meio da noite...

– O *Renault*! – exclama Elsa, porque, se foi *Renault* que os ajudou, acha que merece ter o nome mencionado na história. Lennart pigarreia com um sorriso triste.

– O *Renault* dela, sim. Pegámos no menino e na mãe, e a tua avó trouxe-nos para aqui. Deu-nos as chaves dos apartamentos. Não faço ideia onde é que as arranjou, mas afirmou que trataria de tudo com os proprietários do prédio. E vivemos aqui desde então.

– E o pai? O que aconteceu quando ele percebeu que tinham desaparecido todos? – Elsa quer saber, embora na realidade não queira.

A mão de Lennart procura a de Maud.

– Não sabemos. Mas a tua avó veio cá a casa com o Alf, apresentou-o e disse que ele ia

buscar as coisas do menino. E voltou lá com o Alf, e o pai do menino apareceu e, nessa altura, era... todo ele era trevas. Trevas vindas das profundezas do seu ser. Atacou o Alf e deixou-o...

Lennart interrompe-se como se se tivesse lembrado de repente de que estava a falar com uma criança. Salta essa parte da história.

– Bom, claro que já tinha desaparecido quando a polícia chegou. E o Alf, céus! nem sei. Foi tratado no hospital, veio para casa de carro sozinho e nunca mais tocou no assunto. Dois dias depois, estava outra vez atrás do volante do táxi. É feito de aço, aquele homem.

– E o pai? – insiste Elsa.

– Desapareceu. Durante anos. Pensávamos que ele nunca deixaria de nos tentar encontrar, mas foi-se durante tanto tempo que tivemos esperança... – tenta esclarecer Lennart, deixando a frase a meio como se as palavras lhe pesassem demasiado na língua.

– Mas agora encontrou-nos – termina Maud por ele.

– Como? – quer Elsa saber.

Os olhos de Lennart percorrem o tampo da mesa.

– O Alf acha que ele viu o obituário da tua avó, percebes. E, através disso, descobriu a agência funerária. E aí encontrou... – começa; no entanto, parece ter-se lembrado de qualquer coisa e para.

– A mim? – Elsa engole em seco.

Lennart faz que sim com a cabeça e Maud larga-lhe a mão, corre à volta da mesa e abraça Elsa.

– Minha querida Elsa! Tens de perceber que ele não vê o menino há muitos anos. E tu és mais ou menos do mesmo tamanho e tens o mesmo cabelo. Ele pensa que tu és o nosso neto.

Elsa fecha os olhos. Dói-lhe a cabeça e, pela primeira vez na vida, usa apenas a sua força de vontade, alimentada pela raiva, para ir à Terra-de-Quase-Acordar sem estar sequer perto do sono. Com a força da imaginação mais poderosa que consegue reunir, chama os animais de nuvem e voa até Miaudacas. Pega em toda a coragem que consegue transportar. Só nessa altura abre os olhos e fita Lennart e Maud.

– Então vocês são os pais da mãe dele?

As lágrimas de Lennart caem na toalha da mesa como chuva contra uma janela.

– Não. Somos os pais do pai dele.

Elsa semicerra os olhos.

– São os pais do pai?

O peito de Maud sobe e desce, num suspiro. Dá uma palmadinha na cabeça do wurse e vai buscar um bolo de chocolate. *Samantha* olha para o wurse com cautela. Lennart vai buscar mais café. A mão treme-lhe tanto que o entorna em cima do balcão.

– Sei que parece horrível, Elsa, afastar uma criança do pai. Fazemos uma coisa dessas ao nosso próprio filho. Mas quando nos tornamos avós, somos avós acima de tudo... – murmura

ele com tristeza.

– Avós acima de tudo! Sempre! *Sempre!* – acrescenta Maud com uma confiança inabalável, e os seus olhos ardem com um fogo que Elsa nunca julgaria possível em Maud.

Depois, dá a Elsa o envelope que trouxe do quarto.

Tem a letra da Avozinha. Elsa não reconhece o nome, mas compreende que é para a mãe do menino.

– Ela mudou de nome quando viemos morar para cá – explica Maud e, em voz muito suave, acrescenta: – A tua avó deixou-nos aqui esta carta há meses. Disse que tinhas de ser tu a vir buscá-la. Ela sabia que virias.

Lennart suspira, infeliz. Os seus olhos voltam a encontrar os de Maud e explica:

– Mas, infelizmente, primeiro temos de te falar sobre o nosso filho, Elsa. Temos de te falar do Sam. E essa é uma das coisas pelas quais a tua avó nos pede desculpa na carta. Escreve que lamenta muito ter salvado a vida do Sam...

A voz de Maud falha e as suas palavras são apenas sussurros.

– E também que lamenta muito escrever a dizer que o lamenta; pede desculpa por estar arrependida de ter salvado a vida do nosso filho. Já não sabia se ele merecia continuar a viver. Embora ela fosse médica...

A noite cai sobre as ruas do outro lado da janela. A cozinha cheira a café e bolo de chocolate. E Elsa ouve a história de Sam.

Sam, o filho do casal mais bondoso do mundo, que se tornou incompreensivelmente mau. Que foi pai do menino com a síndrome que, por sua vez, tem tão pouco mal dentro de si que é quase inacreditável; o pai carregava-o todo sobre os ombros e não lhe passou nenhum. Ouve a história de como Sam foi em tempos também um menino, e como Maud e Lennart, que esperavam há tanto tempo por um filho, o amaram, como os pais amam os filhos. Como todos os pais, mesmo os piores de todos os pais do mundo, devem a dada altura ter amado os filhos. É o que Maud acha.

– Porque, se assim não fosse, não podem ser seres humanos. Não imagino que fossem seres humanos se não os amassem – murmura.

E insiste que a culpa deve ter sido sua, pois não percebe como uma criança pode nascer má. Tem a certeza de que só pode ser culpa da mãe, se um menino que em tempos foi tão pequeno e indefeso cresce e se transforma em algo tão terrível. Apesar de Elsa lhe assegurar que a Avozinha costumava afirmar que há pessoas que são mesmo uma merda, e que a culpa não é de ninguém senão dessas pessoas merdosas.

– Mas o Sam estava sempre tão zangado. Não sei de onde lhe vinha tanta raiva. Eu devia ter um lado sombrio que lhe passei, não sei como – murmura Maud, destrocada.

Fala sobre um rapaz que cresceu e que sempre se meteu em lutas, atormentou as outras crianças na escola e que perseguia aqueles que eram diferentes. Conta como, ao chegar a adulto, ele se tornou soldado e foi combater para terras distantes porque tinha fome de

guerra, e que foi lá que fez um amigo. O seu primeiro amigo verdadeiro. Toda a gente que assistiu a esse encontro dizia que isso o mudara, que trouxera ao de cima algo de bom nele. O amigo também era soldado, mas outro tipo de soldado, sem aquela fome. Tornaram-se inseparáveis. Sam dizia que o amigo era o guerreiro mais corajoso que alguma vez conhecera.

Voltaram juntos para casa e o amigo apresentou Sam a uma rapariga, e ela viu algo de bom em Sam e, por um breve momento, Lennart e Maud tiveram também um vislumbre de outra pessoa. Um Sam para além das trevas.

– Pensámos que ela o tinha salvado; tivemos todos tanta esperança de que ela o tivesse salvado, porque seria como um conto de fadas, e quando uma pessoa vive nas trevas há tanto tempo, é muito difícil não acreditar em contos de fadas – admite Maud, e Lennart aperta-lhe a mão.

– Mas depois foram aparecendo as pequenas circunstâncias da vida – suspira Lennart –, como acontece em tantos contos de fadas. E talvez não tenha sido culpa do Sam. Ou talvez tenha sido só culpa dele. Talvez caiba a pessoas muito mais sábias do que eu decidir se uma pessoa é ou não completamente responsável pelas suas ações. O Sam voltou para a guerra. E, quando regressou, vinha ainda mais dominado pelas trevas.

– Ele era um idealista – afirma Maud, abatida. – Apesar de toda aquela raiva e de todo aquele ódio, era um idealista. Foi por isso que quis ser soldado.

Nessa altura Elsa pede a Maud e a Lennart se pode usar o computador deles.

– Se tiverem computador, claro! – acrescenta, em tom apologético, lembrando-se da conversa que teve com Coração-de-Lobo quando lhe pediu o mesmo.

– Claro que temos computador – responde Lennart, surpreendido. – Quem é que não tem, hoje em dia?

Exatamente, pensa Elsa, e decide falar no assunto com Coração-de-Lobo da próxima vez que ele aparecer. Se é que volta a aparecer.

Lennart leva-a até ao pequeno escritório ao fundo do apartamento, onde lhe explica que o computador deles é muito velho, por isso Elsa tem de ter paciência. E aí, em cima de uma mesa, está o computador mais volumoso que Elsa alguma vez viu. Atrás do ecrã há uma caixa enorme, e outra caixa preta no chão.

– O que é aquilo? – pergunta Elsa, apontando para a caixa no chão.

– Aquilo é que é o computador propriamente dito – responde Lennart.

– E aquilo? – pergunta Elsa, apontando para a outra caixa.

– É o monitor – responde Lennart, e carrega num grande botão na caixa do chão, explicando: – Demora um ou dois minutos a arrancar. Tens de esperar um bocadinho.

– Um MINUTO! – exclama Elsa, incrédula, e murmura: – Uau, é mesmo velho.

Mas depois de o velho computador arrancar e de Lennart, após várias tentativas e hesitações, o ligar à *internet*, e de ela encontrar aquilo que procurava, regressa à cozinha e

senta-se em frente de Maud.

- Então é um sonhador. Um idealista. Significa «sonhador».
- Sim, sim, provavelmente pode dizer-se isso – confirma Maud com um sorriso amável.
- Não é que se possa dizer. É o que de facto significa – corrige Elsa.

Maud confirma que sim, de forma ainda mais amável, e conta a história de um idealista que se tornou cínico. Elsa sabe o que isso significa, porque um professor lhe chamou cínica uma vez, quando andava ainda no ensino pré-escolar. Houve um grande alarido quando a mãe de Elsa descobriu, mas o professor manteve-se na sua. Elsa não se lembra dos pormenores exatos, mas acha que foi daquela vez em que contou aos outros meninos do jardim de infância como eram feitas as salsichas.

Pergunta-se agora se estará a pensar nisto como uma espécie de mecanismo de defesa, dado que a história do menino da síndrome tem de facto muita realidade. Acontece com frequência, quando uma pessoa tem quase oito anos, que a realidade seja pura e simplesmente demasiada.

Maud descreve como Sam partiu para uma nova guerra. Tinha o amigo com ele e, durante várias semanas, protegeram uma aldeia dos ataques de pessoas que, por algum motivo que Maud desconhece, queriam matar todos os que lá viviam. Por fim, receberam ordens para abandonar o local, mas o amigo de Sam recusou-se a fazê-lo. Convenceu Sam e os restantes soldados a ficarem até a aldeia estar em segurança, e depois puseram nos carros o máximo de crianças feridas que conseguiram para as levar até ao hospital mais próximo, a muitos quilómetros dali, onde o amigo de Sam conhecia uma mulher que era médica e que toda a gente dizia que era a melhor cirurgiã do mundo.

Iam no caminho, através do deserto, quando pisaram a mina. A explosão foi implacável. Choveu fogo e sangue.

- E alguém morreu? – perguntou Elsa, apesar de não querer saber a resposta.
- Morreram todos – replica Lennart, apesar de não querer proferir as palavras. Todos exceto Sam e o amigo. Sam ficara inconsciente, mas o amigo arrastara-o para longe do fogo, e foi o único que teve tempo de salvar. O amigo fora atingido por estilhaços no rosto e ficara gravemente queimado, mas, quando ouviu os tiros e percebeu que tinham caído numa emboscada, agarrou na espingarda e fugiu para o deserto, só parando de disparar quando ele e Sam deixaram de estar sob fogo e caíram por terra, ofegantes e ensanguentados.

As pessoas que os estavam a atacar eram rapazes. Meras crianças, como aquelas que os soldados estavam a tentar salvar. O amigo de Sam percebeu isso quando olhou para os cadáveres, com as mãos manchadas do sangue deles. E nunca mais voltou a ser o mesmo.

Apesar de tudo, conseguiu levar Sam através do deserto e só parou quando chegou ao hospital, e a avó de Elsa saiu a correr ao encontro deles. Ela salvou a vida de Sam. Ficaria sempre ligeiramente coxo de uma perna, mas sobreviveria. Foi no hospital que Sam começou a fumar a mesma marca de cigarros da Avozinha. (A Avozinha também pedia desculpa por

isso.)

Com todo o cuidado, Maud coloca o álbum de fotografias em frente de Elsa, como se fosse uma pequena criatura com sentimentos. Aponta para uma fotografia da mãe do menino da síndrome. Ela está entre Lennart e Maud, vestida de noiva, e estão a rir, os três.

– Acho que o amigo do Sam estava apanhado por ela. Mas apresentou-a ao Sam e, como eles se apaixonaram, não me parece que tenha mencionado os seus sentimentos uma vez que fosse. Eram como irmãos, aqueles dois, imaginas? Acho que o amigo era demasiado boa pessoa, percebes?

Elsa percebe. Maud sorri.

– Sempre foi um rapaz tão doce, o amigo do Sam. Sempre achei que tinha alma de poeta. Ele e o Sam eram tão diferentes. É difícil imaginar que ele fez aquilo que fez para salvar a vida do Sam. Que o sítio onde estavam o pudesse ter tornado tão temível, um... um...

Fica em silêncio durante muito tempo, dominada pela dor.

– Um guerreiro – murmura, virando a folha do álbum de fotografias.

Elsa não precisa de ver a foto para saber de quem se trata.

É Sam. Está algures num deserto, de uniforme, apoiado em muletas. Ao lado dele, a avozinha de Elsa com um estetoscópio ao pescoço. E, entre os dois, o melhor amigo de Sam. Coração-de-Lobo.

Foram os animais de nuvem que salvaram o Eleito quando as Sombras entraram em segredo no reino de Mimovas para o raptar. Pois se Miamas é feito de fantasia, Mimovas é feito de amor. Sem amor não há música, e sem música não há Mimovas. Como o Eleito era o mais amado de todo o reino, se as Sombras o tivessem levado isso acabaria por causar a destruição da Terra-de-Quase-Acordar. Se Mimovas cai, Mirevas cai, e se Mirevas cai, Miamas cai, e se Miamas cai, Miaudacas cai, e se Miaudacas cai, Miploris cai. Porque sem música não pode haver sonhos, e sem sonhos não pode haver contos de fadas, e sem contos de fadas não pode haver coragem, e sem coragem ninguém conseguiria suportar qualquer mágoa, e sem música e sonhos e contos de fadas e coragem e mágoas só restaria um reino na Terra-de-Quase-Acordar: Mibatalos. Mas Mibatalos não pode existir sozinho porque os guerreiros seriam inúteis sem os outros reinos, pois já não teriam nada por que lutar.

(A Avozinha também roubou esta parte, sobre ter algo por que lutar, a Harry Potter. Mas Elsa perdoou-lhe porque era bastante boa. Pode-se surripiar algumas partes, desde que sejam boas.)

Foram os animais de nuvem que viram as Sombras a esgueirar-se entre as casas, em Mimovas, e que fizeram o que os animais de nuvem fazem: mergulharam como setas e ergueram-se como poderosos navios, transformaram-se em dromedários, em maçãs e em velhos pescadores com charutos, e as Sombras caíram na armadilha. Depressa deixaram de saber quem ou o que estavam a perseguir. Depois, todos de uma vez, os animais de nuvem desapareceram e um deles levou consigo o Eleito até Miamas.

Foi assim que começou a Guerra Sem Fim. Portanto, se não fossem os animais de nuvem, teria acabado tudo ali mesmo, naquele dia, e as Sombras teriam vencido.

Elsa passa a noite inteira na Terra-de-Quase-Acordar. Agora já consegue lá ir sempre que quer, como se isso nunca tivesse sido um problema. Não sabe porquê, mas presume que seja por já não ter nada a perder. A Sombra encontra-se no mundo real – Elsa sabe quem ele é, sabe quem a Avozinha era, sabe quem Coração-de-Lobo é, sabe como tudo está relacionado entre si. Já não tem medo. Sabe que a guerra chegará, que é inevitável, e o mero facto de o saber deixa-a estranhamente calma.

A Terra-de-Quase-Acordar não está a arder, como no seu sonho. Para onde quer que vá, tudo está tão belo e tranquilo como sempre. Só quando acorda é que percebe que evitou aventurar-se em Miamas. Vai a todos os outros reinos, mesmo às ruínas onde se ergueu em tempos Mibatalos, antes da Guerra Sem Fim. Mas nunca a Miamas. Porque não quer saber se a Avozinha lá está. E não quer saber se a Avozinha *não* está lá.

O Papá está à porta do seu quarto. Elsa desperta, como se alguém lhe tivesse esguichado

mentol para o nariz. (O que, já agora, funciona terrivelmente bem quando queremos acordar alguém. Também o saberiam se tivessem tido uma avozinha como a de Elsa.)

– O que se passa? A Mamã está doente? O Meiinho?

O Papá hesita, um tanto ou quanto perplexo. Elsa pestaneja para afastar o resto do sono e lembra-se de que a Mamã está numa reunião no hospital: ela tentou acordar Elsa antes de sair, mas Elsa fingiu estar a dormir. E George está na cozinha: Elsa sabe porque ele apareceu há pouco no quarto a perguntar-lhe se queria ovos, mas ela fingiu ainda estar a dormir. Olha para o pai, confusa.

– Não é o teu dia de estares comigo, pois não?

O Papá pigarreia. Faz aquele ar que os pais fazem quando lhes ocorre que algo que costumavam fazer porque era importante para as filhas se transformou agora numa daquelas coisas que as filhas fazem porque é importante para os pais. É uma linha divisória muito fina. Nem os pais nem as filhas se esquecem de quando a cruzam.

Mentalmente, Elsa faz contas aos dias, lembra-se e, de imediato, pede desculpa. Tem razão, não é o dia normal do Papá. Porém, ao mesmo tempo, estava enganada: hoje é a véspera da véspera de Natal, o que é uma coisa terrível de se esquecer. Porque na véspera da véspera de Natal é dia de ela estar com o Papá. Dia da árvore de Natal.

Tal como o nome sugere *subtilmente*, este é o dia em que Elsa e o Papá vão comprar a árvore de Natal. Uma árvore de plástico, como é óbvio, porque Elsa se recusa a comprar uma verdadeira. Porém, como o Papá gosta tanto da tradição anual, Elsa insiste para que comprem uma árvore artificial nova todos os anos. Há quem ache tal tradição um pouco estranha, mas a Avozinha costumava dizer que «todas as crianças filhas do divórcio têm o direito de ser um bocadinho excêntricas de vez em quando».

A Mamã, claro, ficou muito zangada com a Avozinha por causa da história da árvore de plástico, porque gosta do cheiro dos abetos verdadeiros e sempre achou que a árvore artificial fora uma ideia parva que a Avozinha metera na cabeça de Elsa – afinal, fora a Avozinha que falara a Elsa sobre a dança das árvores de Natal em Miamas, e nenhuma pessoa que já tenha ouvido essa história quer ter em casa um abeto que alguém amputou e vendeu como escravo. Em Miamas, os abetos são criaturas vivas e pensantes com um forte interesse – o que é curioso, tendo em conta que são árvores coníferas – por decoração de interiores.

Não vivem na floresta e sim na zona sul de Miamas, uma zona que se tornou bastante procurada nos últimos anos, costumam trabalhar na indústria publicitária e usam cachecóis dentro de casa. Uma vez por ano, pouco depois de cair o primeiro nevão, todos os abetos se reúnem na grande praça por baixo do castelo e competem pelo direito a passar o Natal em casa de alguém. São os abetos que escolhem as casas, não o contrário, e a escolha é decidida através de um concurso de dança. Nos velhos tempos, faziam duelos, mas os abetos, de uma maneira geral, têm tão má pontaria que os duelos demoravam uma eternidade. Por isso agora fazem a dança dos abetos, que é algo um pouco fora do vulgar, já que os abetos não têm pés.

Se outra criatura qualquer quisesse imitar um abeto a dançar, basta saltar para cima e para baixo. Dá bastante jeito, sobretudo quando a pista de dança está cheia.

(Elsa sabe disso porque na noite de Ano Novo, quando o Papá bebe um copo e meio de champanhe, às vezes faz a dança do abeto na cozinha com Lisette. No entanto, o Papá chama-lhe apenas «dançar».)

– Desculpa, papá, já sei que dia é! – grita Elsa, saltando da cama e enfiando as calças de ganga, a camisola e o casaco, e correndo para a porta. – Só tenho de fazer uma coisa primeiro!

A noite passada, Elsa escondeu o wurse em *Renault*. Levou-lhe um balde de bolos de canela de Maud e pediu-lhe para se esconder debaixo das mantas no banco de trás se alguém entrasse na garagem.

«Tens de fingir que és um monte de roupas, ou uma televisão, ou coisa parecida!», sugeriu Elsa, embora o wurse não parecesse lá muito convencido. Por isso, Elsa teve de ir pedir um saco de sonhos a Maud, e só então o wurse cedeu e se enfiou debaixo das mantas, embora não se parecesse lá muito com uma televisão.

Elsa deu-lhe as boas-noites, subiu de novo as escadas e parou no patamar às escuras, em frente do apartamento onde vive o menino da síndrome com a mãe. Ia tocar à campainha, mas não foi capaz. Não queria ouvir mais histórias. Não queria saber sobre Sombras e trevas. Assim, enfiou a carta pela ranhura do correio e fugiu.

Hoje, a porta deles está fechada e trancada. Tal como todas as outras portas. Todos os que já acordaram saíram de casa; os restantes ainda dormem. Elsa ouve a voz de Kent vários pisos acima, apesar de ele estar a falar baixinho, porque é assim que funciona a acústica nas escadas. Elsa sabe disso porque «acústica» é uma das palavras do frasco de palavras. Ouve Kent murmurar:

– Sim, prometo que volto esta noite.

Porém, quando ela desce o último lanço de escadas, depois dos apartamentos do wurse, de Coração-de-Lobo, e do menino da síndrome e da mãe, de súbito Kent começa a falar em voz alta, quase aos gritos:

– Sim, Klaus! Em Frankfurt! *Ja, ja, ja!*

E depois vira-se e finge que só então reparou que Elsa está atrás de si.

– O que é que estás a fazer? – pergunta Elsa, desconfiada.

Kent pede a Klaus para não desligar, tal como faria alguém que sabe não há Klaus algum do outro lado da linha. Veste uma camisola de râguebi com números e um homenzinho a cavalo no peito. Kent disse uma vez a Elsa que aquelas camisolas custavam mais de mil coroas; a Avozinha observou que, nesse caso, deviam ser camisolas muito boas, uma vez que o emblema do cavalo servia como uma espécie de aviso do fabricante de que havia fortes probabilidades de o dono da camisola ser um anormal.

– O que é que queres? – pergunta Kent com um esgar.

Elsa olha para ele. Em seguida, fita as pequenas tigelas de carne crua que ele está a espalhar pela escada.

– O que é isso?

Kent levanta as mãos tão depressa que quase atira «Klaus» contra a parede.

– Aquele cão maldito ainda anda por aí, e isso reduz o valor das propriedades!

Elsa recua, muito atenta, sem tirar os olhos das tigelas de carne. Kent parece aperceber-se de que se expressou de forma um pouco deselegante; por isso, faz nova tentativa, naquele tom de voz que os homens da idade de Kent acham que devem usar quando falam com meninas da idade de Elsa, para que elas compreendam:

– A Britt-Marie encontrou pelos de cão nas escadas, percebes, querida? Não podemos ter animais selvagens à solta no prédio... reduz o valor das propriedades, percebes? – Sorri de forma condescendente; Elsa vê-o olhar para o telemóvel com ar inseguro. – Não o vamos matar! Só pô-lo a dormir um bocadinho, está bem? Vá, agora vai para casa como uma linda menina.

Elsa não se sente muito bem. E não gosta da forma como Kent faz aspas com os dedos no ar ao dizer «pô-lo a dormir».

– Com quem é que está a falar ao telefone?

– Com o Klaus, um contacto de trabalho na Alemanha – responde Kent, tal como uma pessoa que não está a fazer nada disso.

– Claro que sim – troça Elsa.

Kent franze as sobrancelhas.

– Estás a responder-me torto?

Elsa encolhe os ombros.

– Acho que devias ir para casa, ter com a tua mãe – repete Kent, de forma um pouco mais ameaçadora.

Elsa aponta para as tigelas.

– Pôs veneno na carne?

– Ouve, miúda, os cães vadios são *parasitas*. Não podemos ter *parasitas* à solta por aqui, nem montes de ferro-velho na garagem e porcarias desse género. Isso vai baixar o valor, não percebes? Assim é melhor para todos.

Mas Elsa pressente algo sinistro na voz dele quando diz «montes de ferro-velho»; por isso, empurra-o e corre pelas escadas abaixo até à cave. Abre a porta e fica ali parada, com as mãos a tremer, o coração aos saltos e o sangue a latejar-lhe nos ouvidos. Quando volta a subir, bate com os joelhos em cada degrau.

– ONDE ESTÁ O *RENAULT*? O QUE RAIO FIZERAM AO *RENAULT*? – grita a Kent. Move-se na direção dele, mas só consegue agarrar «Klaus», que atira pelas escadas abaixo. O ecrã de vidro e a capa de plástico do telemóvel partem-se e saltitam nos degraus como uma avalanche eletrónica em miniatura, em direção às arrecadações.

– Estás maluca, merd... Perdeste o juízo, miúda estúpida? Sabes quanto custou esse telemóvel? – grita Kent, informando-a de seguida que custou oito mil coroas.

Elsa declara de que se está borrifando para quanto custou o telemóvel. E Kent, com um brilho sádico nos olhos, explica-lhe tintim por tintim o que fez a *Renault*.

Elsa corre escadas acima para ir chamar o pai, mas estaca de repente no penúltimo andar. Britt-Marie está à porta de casa. Tem as mãos cruzadas sobre o estômago e Elsa vê que ela está a suar. Da cozinha vem um cheiro a comida de Natal, e ela tem vestido o seu casaco florido com o grande broche ao peito. A mancha cor-de-rosa da arma de *paintball* já quase não se vê.

– Não deixe o Kent matá-lo – implora Elsa, de olhos arregalados. – Por favor, Britt-Marie, ele é meu amigo...

Britt-Marie olha para ela e, por uma fração de segundo, Elsa vê-lhe um vislumbre de humanidade nos olhos. Mas depois ouve-se a voz de Kent a gritar a Britt-Marie que tem de lhe trazer mais veneno e a Britt-Marie normal está de volta.

– Os filhos do Kent vêm cá amanhã. Eles têm medo de cães – explica com firmeza.

Alisa uma ruga inexistente na saia e sacode algo invisível do casaco florido.

– Vamos fazer um jantar tradicional de Natal. Com a comida tradicional de Natal. Como uma família civilizada. Não somos bárbaros, sabes.

E bate com a porta. Elsa fica onde está e apercebe-se de que o Papá não vai conseguir resolver isto, porque a hesitação não é um superpoder muito útil neste tipo de emergências. Precisa de reforços.

Já está aos murros à porta há mais de um minuto quando ouve os passos arrastados de Alf. Ele abre com uma caneca de café na mão que, pelo cheiro, parece ser tão forte que Elsa tem a certeza de que uma colher se aguentaria em pé lá dentro.

– Estou a dormir – resmunga.

– Ele vai matar o *Renault*! – soluça Elsa.

– Matar? Ninguém vai matar nada. É só o raio de um carro – declara Alf. Bebe um trago de café e boceja.

– Não é só um carro! É o *RENAULT*!

– Quem é que te disse que ia matar o *Renault*?

– O Kent!

Elsa ainda nem teve tempo de lhe explicar o que está no banco de trás de *Renault* e já Alf pousou a caneca de café, calçou os sapatos e começou a descer as escadas. Ouve Alf e Kent aos berros um com o outro, uma barulheira tão terrível que tem de tapar os ouvidos. Não percebe o que eles estão a dizer, exceto que inclui muitas asneiras, e Kent grita qualquer coisa sobre o valor dos apartamentos e que não podem ter «montes de ferro-velho» estacionados na garagem porque as pessoas vão pensar que o prédio está cheio de «socialistas». Que é a palavra que Kent usa em vez de «imbecis», apercebe-se Elsa. E depois

Alf grita: «Seu imbecil», que é a sua maneira de dizer exatamente isso, já que Alf não é pessoa de complicar muito.

Então, Alf volta a subir as escadas com passos furiosos e fogo nos olhos, a resmungar entre dentes:

– O filho da mãe mandou rebocar o carro. O teu pai está cá?

Elsa assente. Alf sobe o resto das escadas sem uma palavra e, momentos depois, Elsa e o Papá estão sentados em *Táxi*, embora o Papá o faça a contragosto.

– Não sei se quero fazer isto – diz.

– Alguém tem de conduzir o raio do *Renault* para casa – rosna Alf.

– Como é que sabemos para onde o Kent o mandou? – pergunta Elsa, ao mesmo tempo que o Papá se esforça para não parecer totalmente hesitante.

– Sou taxista há trinta anos – lança Alf à laia de explicação.

– E? – riposta Elsa.

– E, portanto, sei muito bem onde encontrar o raio de um *Renault* rebocado!

Vinte minutos mais tarde, estão num ferro-velho nos arredores da cidade, e Elsa está abraçada ao capô de *Renault* tal como se abraçasse um animal de nuvem: com o corpo todo. Vê que o volume por baixo das mantas no banco de trás se mexe, bastante ofendido por não ter sido o primeiro a ser abraçado, mas, quando uma criança tem quase oito anos e se esquece de abraçar um wurse dentro de um *Renault*, é porque está menos preocupada com o wurse do que com o pobre funcionário do ferro-velho que o encontrasse.

Alf e o homem gordo responsável pelo local discutem durante algum tempo sobre quanto custará levar *Renault* dali. Em seguida, Alf e Elsa discutem durante bastante tempo por causa de ela nunca ter mencionado que não tinha a chave de *Renault*. O homem gordo começa a andar de um lado para o outro, a resmungar entre dentes que tinha a certeza de ter deixado a motorizada ali, e onde raio é que ela estaria. Após isto, começa a negociar com Alf o preço de rebocar *Renault* de volta para casa. O Papá tem de pagar todas as despesas.

É o melhor presente que ele alguma vez deu a Elsa. Melhor até do que a caneta de feltro encarnada.

Alf certifica-se de que *Renault* fica estacionado no lugar de estacionamento da Avozinha na garagem, e não no de Britt-Marie. Quando Elsa os apresenta, o Papá olha para o wurse com a expressão de quem se está a preparar para desvitalizar um dente. O wurse devolve o olhar, um pouco cheio de si. Demasiado, considera Elsa; por isso, começa a ralhar-lhe, convencida de que ele comeu a motorizada do homem do ferro-velho. O wurse deixa de parecer cheio de si e vai deitar-se debaixo das mantas com ar de quem acha que, se as pessoas não querem que ele coma motorizadas, deviam ser mais generosas com os bolos de canela.

Para grande alívio do Papá, Elsa declara que pode ir esperar por ela em *Audi*. Elsa e Alf tiram todas as tigelas de carne crua das escadas e deitam-nas para dentro de um grande saco

de lixo preto. Kent apanha-os e, furioso, queixa-se de que o raio do veneno lhe custou seiscentas coroas. Britt-Marie fica ali parada sem abrir a boca.

Por fim, Elsa lá consegue ir comprar uma árvore de plástico com o Papá. Porque Britt-Marie está enganada. Elsa não pertence a uma família de bárbaros. De qualquer maneira, «bárbaros» é o que, em Miamas, os abetos chamam às pessoas estúpidas na vida real que cortam árvores vivas e as levam para vender como escravas.

– Dou-lhe trezentas coroas – indica Elsa ao dono da loja.

– Minha querida, nesta loja não regateamos – replica o homem no tom que seria de esperar do dono de uma loja. – Custa quatrocentas e noventa e cinco.

– Dou-lhe duzentas e cinquenta.

O homem sorri com ar trocista.

– Agora só lhe dou duzentas – informa Elsa.

O homem olha para o pai de Elsa. O Papá fixa os sapatos. Elsa encara o homem e abana a cabeça com ar muito sério.

– O meu pai não o vai ajudar. Dou-lhe duzentas.

O homem arvora uma expressão que talvez ache ser aquela com que se olha para uma criança que é engraçada, mas estúpida.

– Não é assim que isto funciona, minha querida.

Elsa encolhe os ombros.

– A que horas fecha hoje?

– Daqui a cinco minutos – suspira o homem.

– E tem um armazém grande?

– O que é que uma coisa tem a ver com a outra?

– Estou só curiosa.

– Não. Não temos armazém nenhum.

– E está aberto amanhã, na véspera de Natal?

O homem faz uma pausa.

– Não.

Elsa franze os lábios numa expressão de surpresa fingida.

– Então tem aqui uma árvore. Mas não tem armazém. E que dia é amanhã, recorde-me lá?

Elsa leva a árvore por duzentas coroas. Mais uma caixa de luzes para a varanda e uma rena de Natal enorme pelo mesmo valor.

– NÃO podes voltar lá e dar-lhe mais dinheiro! – avisa Elsa quando o pai está a guardar tudo em *Audi*. O Papá suspira.

– Só fiz isso uma vez, Elsa. Numa única ocasião. Se bem te lembras, foste exceccionalmente desagradável com o empregado.

– Temos de regatear sempre!

Foi a Avozinha que ensinou Elsa a fazê-lo. O Papá também detestava ir a lojas com ela.

Audi para em frente ao prédio. Como de costume, o Papá baixou o volume do rádio para Elsa não ter de ouvir a música dele. Alf sai para ajudar o papá a levar a caixa para cima, mas o Papá insiste em transportá-la sozinho. Porque a tradição é ser ele a levar a árvore até casa para a filha. Antes de se ir embora, Elsa quer dizer-lhe que gostaria de passar mais tempo com ele depois de o Meinho nascer. Mas, como não o quer preocupar, acaba por não dizer nada. Limita-se a murmurar:

– Obrigada pela árvore, Papá. – E ele fica contente e volta para casa, para junto de Lisette e dos filhos dela. Enquanto Elsa fica a vê-lo ir-se embora.

Porque ninguém fica preocupado se não dissermos nada. Quase todas as crianças de oito anos sabem disso.

Piza

Em Miamas, o Natal é celebrado na noite da véspera, tal como na Suécia, porque é nesse dia que se contam as histórias de Natal. Todas as histórias são consideradas tesouros, em Miamas, mas os contos de Natal são verdadeiramente especiais. Uma história normal pode ser engraçada, triste, empolgante, assustadora, dramática ou sentimental, mas uma história de Natal tem de possuir *todas* essas características. A Avozinha costumava dizer que «uma história de Natal tem de ser escrita com todas as canetas que temos». E têm de ter sempre finais felizes, embora isso seja algo que Elsa decidiu completamente sozinha.

Porque Elsa não é parva. Sabe que, quando há um dragão no princípio da história, esse dragão voltará a aparecer antes de a história acabar. Sabe que as coisas têm de se tornar mais sombrias e mais horríveis antes que tudo se resolva no fim. Porque é o que acontece sempre nas melhores histórias.

Sabe que vai ter de lutar, apesar do cansaço. Portanto, este conto de fadas tem de acabar bem.

Tem mesmo.

Quando desce as escadas, lembra-se com saudades do cheiro a piza. A Avozinha dizia que há uma lei em Miamas segundo a qual é obrigatório comer piza na noite de Natal. A Avozinha estava a inventar, claro, mas Elsa fingia acreditar, porque gosta muito de piza e a comida de Natal não é lá muito apetitosa quando uma pessoa é vegetariana.

A piza tinha ainda o bónus acrescido de espalhar pelas escadas um cheiro que deixava Britt-Marie furiosa. Britt-Marie coloca decorações de Natal na porta do apartamento onde vive com Kent, porque os filhos de Kent vêm sempre passar o Natal e Britt-Marie quer que «as escadas estejam bonitas para todos»! As decorações de Natal ficavam o ano inteiro a cheirar a piza, uma provocação para Britt-Marie, que acusava a Avozinha de não ser civilizada.

«Como se aquela bruxa velha pudesse acusar-me de tal coisa! Não há ninguém mais civilizado do que eu!», protestava a Avozinha em tom trocista todos os anos enquanto descia sorrateiramente, como era tradição, para pendurar pedacinhos de piza *calzone* nas decorações de Natal de Britt-Marie. E quando Britt-Marie aparecia à porta da Mamã, naquele estado de fúria em que repetia as frases, a Avozinha defendia-se, declarando que eram «decorações natalícias de piza» e que, na verdade, só queria «deixar tudo bonito para todos»! Certa vez, enfiou mesmo uma piza *calzone* inteira pela ranhura do correio de Britt-Marie e Kent, e Britt-Marie ficou tão zangada que nesse ano até se esqueceu de vestir o casaco florido.

Nunca ninguém conseguiu explicar como fora possível enfiar uma piza *calzone* inteira pela ranhura do correio.

Elsa respira fundo duas vezes, nas escadas, porque foi o que a Mamã lhe sugeriu que fizesse quando estivesse zangada. A Mamã faz mesmo tudo o que a Avozinha nunca fazia. Como pedir a Elsa que vá convidar Britt-Marie e Kent para a ceia de Natal com todos os outros vizinhos, por exemplo. A Avozinha nunca faria tal coisa. «Só por cima do meu cadáver!», rugiria se a Mamã ousasse sugeri-lo. Seria impossível agora, dado que ela é mesmo um cadáver, apercebe-se Elsa, mas, mesmo assim... É uma questão de princípio. Era o que a Avozinha concluiria se ali estivesse.

No entanto, Elsa não pode dizer que não à Mamã neste momento, porque a Mamã, depois de ela muito a chatear, acedeu a deixá-la esconder o wurse no apartamento da Avozinha durante o Natal. É muito difícil negar seja o que for a uma mãe que nos deixa trazer um wurse para casa, apesar de a Mamã ter suspirado perante o «exagero» de Elsa quando ela declarou que Kent o estava a tentar matar.

Por outro lado, Elsa está feliz por o wurse ter antipatizado com George. Não que Elsa ache que alguém deva odiar George, mas a verdade é que nunca conheceu alguém que o odiasse, pelo que tal mudança não deixa de ser agradável.

O menino da síndrome e a sua mãe vão mudar-se para o apartamento da Avozinha. Elsa sabe disso porque passou a tarde a brincar ao «esconde a chave» com o menino enquanto a Mamã, George, Alf, Lennart, Maud e a mãe do menino, sentados à mesa da cozinha, falavam sobre segredos. Eles negam, claro, mas Elsa conhece muito bem o tom de voz usado quando se fala de segredos. Uma criança de quase oito anos sabe essas coisas. Detesta que a Mamã guarde segredos dela. Quando sabemos que alguém está a guardar segredos de nós sentimo-nos como idiotas, e ninguém gosta de se sentir assim. A Mamã, mais do que ninguém, devia perceber isso.

Elsa apercebe-se de que estão a falar sobre o apartamento da Avozinha ser mais fácil de defender se Sam aparecer. Sabe que Sam virá, mais cedo ou mais tarde, e que a Mamã vai reunir o exército da Avozinha no último andar. Elsa estava no apartamento de Lennart e Maud, com o wurse, quando a Mamã sugeriu a Maud que levasse «apenas as coisas essenciais», tentando usar um tom descontraído, como se não fosse nada sério. Então, Maud e o wurse enfiaram todas as latas de biscoitos que encontraram em grandes sacos – quando a Mamã viu aquilo, suspirou e lembrou: «Por favor, Maud, eu disse só as coisas essenciais!»

Ao que Maud, olhando para a Mamã com ar confuso, respondeu: «As bolachas são coisas essenciais.»

O wurse rosnou alegremente ao ouvi-la e olhou para a Mamã como se estivesse mais desapontado do que zangado, enquanto empurrava ostensivamente mais uma lata de bolachas de chocolate e amendoim para dentro do saco. Em seguida, levaram tudo para o apartamento da Avozinha no último andar, e George convidou toda a gente para um copo de vinho quente

com especiarias. O wurse foi quem bebeu mais. E agora os crescidos estão todos sentados na cozinha com a Mamã e George, a falar de segredos.

Embora a porta do apartamento de Britt-Marie e Kent esteja coberta de decorações natalícias, ninguém abre quando Elsa toca à campainha. Encontra Britt-Marie lá em baixo, na entrada do prédio. Está parada, com as mãos cruzadas sobre a barriga, a olhar desconsolada para o carrinho de bebé que continua preso ao corrimão. Veste o casaco florido e tem o broche na lapela. E há um aviso novo afixado na parede.

O primeiro aviso era aquele que dizia que era proibido deixar carrinhos de bebé ali. Entretanto, alguém tirou esse aviso. E agora alguém afixou um aviso novo. Porém, o carrinho continua lá. Na verdade, não é um aviso, repara Elsa quando se aproxima. É um problema de palavras-cruzadas.

Britt-Marie assusta-se quando a vê.

– Imagino que deves achar isto muito engraçado – começa ela –, tu e a tua família. A fazer o resto dos moradores do prédio de idiotas. Mas eu hei de descobrir quem é responsável por isto, podes ter a certeza. Na verdade, é um risco de incêndio ter carrinhos de bebé nas escadas e estar sempre a afixar avisos na parede! O papel pode arder!

Limpa uma mancha invisível do broche.

– Não sou nenhuma idiota, não sou mesmo. Sei que falam pelas minhas costas neste condomínio, sei muito bem!

Elsa não compreende bem o que acontece dentro de si naquele momento, mas deve ser a combinação das frases «não sou idiota» e «pelas minhas costas». Algo muito desagradável, ácido e malcheiroso sobe-lhe pela garganta e ela demora muito tempo a tentar perceber o que é, até se ver forçada a admitir, repugnada, que, na verdade, é pena de Britt-Marie.

Ninguém gosta de se sentir um idiota.

Assim, Elsa não faz qualquer comentário sobre como talvez Britt-Marie podia tentar deixar de estar sempre a meter-se na vida de toda a gente se quer que as pessoas falem um pouco mais com ela. Nem sequer menciona que, na prática, isto não é um condomínio. Engole o orgulho e murmura:

– A Mamã e o George querem convidá-la, a si e ao Kent, para a ceia de Natal amanhã. Todos os moradores do prédio vão lá estar.

O olhar de Britt-Marie vacila por um instante. Elsa recorda-se da expressão fugaz que lhe viu nos olhos nessa manhã, a expressão humana, mas também esta passa rapidamente.

– Bem, bom, não posso responder a um convite assim, sem mais nem menos, porque o Kent, por acaso, está a trabalhar neste momento, e certas pessoas neste prédio têm *coisas* para fazer. Podes dar esse recado à tua mãe. Nem toda a gente tem *férias* no Natal. Para mais, os filhos do Kent vêm amanhã e eles não gostam de andar de um lado para o outro, nas festas das outras pessoas; gostam de ficar em casa comigo e com o Kent. Além disso, vamos comer comida tradicional de Natal, como uma família civilizada. Vamos, sim senhora. Podes dar

esse recado à tua mãe!

Britt-Marie afasta-se intempestivamente; Elsa fica onde está, a abanar a cabeça e a murmurar: «Anormal, anormal, anormal.» Olha para as palavras-cruzadas por cima do carrinho de bebé; não sabe quem as colocou lá, mas gostava de ter sido ela a lembrar-se, porque é óbvio que estão a dar com Britt-Marie em doida.

Elsa sobe as escadas e bate à porta da mulher da saia preta.

– Vamos fazer a ceia de Natal amanhã em nossa casa. Está convidada, se quiser vir – anuncia Elsa, acrescentando: – Aliás, é possível que seja bastante agradável porque a Britt-Marie e o Kent não vão!

A mulher fica imóvel.

– Eu... não tenho muito jeito para estar com pessoas.

– Oh, eu sei. Mas também não está a sair-se muito bem sozinha.

A mulher fita-a durante muito tempo e, devagarinho, passa a mão pelo cabelo. Elsa olha para ela com expressão determinada.

– Ah... Talvez passe por lá, então. Um bocadinho.

– Podemos comprar piza! Isto é, se não gostar de comida de Natal – sugere Elsa em tom esperançoso.

A mulher sorri. Elsa devolve-lhe o sorriso.

Alf sai do apartamento da Avozinha quando Elsa acaba de subir as escadas. O menino da síndrome anda de roda dele, alegre, a dançar, e Alf tem uma caixa de ferramentas enorme na mão, que tenta esconder quando vê Elsa.

– O que está a fazer? – pergunta Elsa.

– Nada – responde Alf de forma evasiva.

O menino entra no apartamento da Mamã e de George e corre para uma grande tigela com pais natais de chocolate. Alf tenta passar por Elsa, mas esta bloqueia-lhe o caminho.

– O que é isso? – pergunta, apontando para a caixa de ferramentas.

– Nada! – repete Alf, a tentar esconder a caixa atrás das costas.

Elsa repara que ele cheira a serradura.

– Nada é que não é! – exclama, aborrecida.

Tenta não se sentir como uma idiota, mas sem sucesso.

Olha para dentro da casa, para o menino. Parece feliz, como só uma criança de quase sete anos pode parecer em frente de uma tigela cheia de pais natais de chocolate. Elsa pergunta-se se ele estará à espera do Pai Natal verdadeiro, que não é feito de chocolate. Claro que Elsa não acredita no Pai Natal, mas tem muita fé nas pessoas que acreditam nele. Costumava escrever uma carta ao Pai Natal todos os anos: não apenas uma lista, mas uma carta a sério. As cartas não falavam muito sobre o Natal, e mais sobre política. Elsa estava convencida de que o Pai Natal não se andava a envolver o suficiente nas questões sociais importantes e achava que alguém tinha de o informar, no meio da avalanche de cartas pedinchonas que

sabia que ele devia receber das outras crianças todos os anos. Alguém tinha de ser um bocadinho responsável. Um ano, Elsa vira o anúncio da Coca-Cola e, dessa vez, a sua carta falara muito sobre como o Pai Natal era um «vendido sem alma». Noutro ano, vira um documentário na televisão sobre trabalho infantil e, pouco depois, algumas comédias de Natal americanas; como não sabia bem se a definição de «elfo» do Pai Natal era equivalente à dos elfos da antiga mitologia nórdica, ou àqueles que vivem nas florestas do mundo de Tolkien, ou se era aplicado meramente em sentido geral para rotular pessoas bastante baixas, decidiu exigir ao Pai Natal que lhe respondesse de imediato com uma definição mais exata. Dado que o Pai Natal não o fez, Elsa mandou outra carta, muito longa e irada.

No ano seguinte, já tinha aprendido a usar o Google, por isso sabia que o motivo pelo qual o Pai Natal nunca respondia às suas cartas era porque que não existia. Portanto, não voltou a escrever-lhe. No dia seguinte àquela pesquisa, partilhou com a Mamã e com a Avozinha a sua descoberta, e a Mamã ficou tão atrapalhada que se engasgou com o vinho quente. Quanto à Avozinha, virou-se logo para Elsa, fingiu-se ainda mais perturbada e gritou: «NÃO digas essas coisas, Elsa! Não negues as realidades alternativas!»

A Mamã não se riu, o que não incomodou a Avozinha, mas, por outro lado, Elsa riu-se bastante, o que deixou a Avozinha muitíssimo satisfeita. Nessa véspera de Natal, Elsa recebeu uma carta do Pai Natal a ralhar-lhe por andar «armada em espertinha», seguindo-se uma longa passagem, em tom severo, que começava por «sua miúda mimada e ingrata» e concluía que, como Elsa deixara de acreditar no Pai Natal, os elfos não tinham conseguido chegar a um acordo de trabalho coletivo razoável nesse ano.

«Sei muito bem que foste tu que escreveste isto», declarara Elsa à Avozinha.

«Como é que sabes?», perguntara a Avozinha exageradamente ofendida.

«Porque o Pai Natal não seria burro ao ponto de escrever “razoável” com “s”!»

Face a isto, a Avozinha, já com ar menos ofendido, pedira desculpa e, em seguida, tentara convencer Elsa a ir à loja comprar-lhe um isqueiro, enquanto a «cronometrava». Mas Elsa não caiu na esparrela.

Nesse ano, a Avozinha pegara no seu fato de Pai Natal novo e tinham ido ao hospital pediátrico onde uma amiga dela trabalhava. A Avozinha passou o dia a contar contos de fadas a crianças com doenças terríveis e Elsa acompanhou-a, fazendo a distribuição de brinquedos. Foi o melhor Natal de sempre para Elsa. Fariam daquilo uma tradição, prometeu a Avozinha; no entanto, acabou por não ser lá grande tradição, porque só tiveram tempo de o fazer dessa vez, antes de a Avozinha resolver morrer.

Elsa olha para o menino da síndrome e depois para Alf, fixando então os olhos nos dele. Quando o menino está concentrado na tigela de pais natais de chocolate, Elsa entra sorrateiramente no vestíbulo, abre a arca e tira o fato de Pai Natal. Volta a sair e coloca-o nos braços de Alf.

Alf olha para o fato como se ele estivesse a tentar fazer-lhe cócegas.

– O que é isto?

– O que lhe parece? – pergunta Elsa.

– Nem penses! – exclama Alf, indignado, empurrando o fato para os braços de Elsa.

– Nem pense em não pensar! – riposta Elsa, empurrando o fato de volta ainda com mais força.

– A tua avó contou-me que nem sequer acreditas no raio do Pai Natal – resmunga Alf.

Elsa revira os olhos.

– Eu não, mas o mundo não gira à minha volta, pois não?

Aponta para o apartamento. O menino está sentado no chão em frente da televisão. Alf olha para ele e suspira.

– Porque é que não pode ser o Lennart?

– Porque o Lennart não conseguiria esconder um segredo da Maud – responde Elsa, impaciente.

– Que raio é que isso interessa?

– Interessa, porque a Maud não consegue esconder segredos de ninguém!

Alf olha de lado para Elsa. Depois, com relutância, admite que é verdade. Maud não conseguiria guardar um segredo nem que lhe estivesse colado às mãos. Enquanto George brincava ao «esconde a chave» com Elsa e com o menino da síndrome, Maud andava atrás deles a sugerir coisas como: «Se calhar devias procurar no vaso da estante»; quando a mãe de Elsa explicou a Maud que o objetivo do jogo era a pessoa descobrir sozinha onde é que a chave estava escondida, Maud fez um ar desconsolado e argumentou: «As crianças ficam com um ar tão triste enquanto andam à procura. Não quero que estejam tristes.»

– Por isso tem de ser você o Pai Natal – conclui Elsa agora, em tom decidido.

– E o George? – tenta Alf.

– É alto de mais. Bem, de qualquer maneira, seria demasiado óbvio, porque ia acabar por vestir os calções de corrida por cima do fato de Pai Natal.

Alf não parece muito incomodado com essa ideia. Entra no vestíbulo e espreita para dentro da arca, como se esperasse encontrar uma opção melhor. Mas as únicas coisas que vê são lençóis e o fato do Homem-Aranha de Elsa.

– O que é isso? – pergunta, e toca-lhe ao de leve, como se tivesse medo de ser mordido.

– O meu fato do Homem-Aranha – resmunga Elsa, tentando fechar a tampa.

– Quando é que vestes isso? – pergunta Alf, aparentemente à espera de ouvir a data exata em que se celebrava o Dia Anual do Homem-Aranha.

– Era para o usar quando a escola recomeçasse. Temos um trabalho para as férias. – Fecha a tampa da arca com força. Alf fica ali parado, com o fato de Pai Natal nas mãos, mas não parece interessado. Nada interessado, mesmo. Elsa geme, exasperada.

– Se quer *mesmo* saber, já não vou ser o Homem-Aranha porque, ao que parece, as raparigas não podem ser o Homem-Aranha! Mas não faz mal, porque não tenho energia para

estar sempre a discutir com toda a gente!

Alf já saiu e dirige-se às escadas. Elsa engole as lágrimas para ele não as ouvir. No entanto, talvez as tenha ouvido de qualquer maneira, porque para com a mão no corrimão. Amachuca o fato de Pai Natal na mão fechada. Suspira e diz qualquer coisa que Elsa não percebe.

– O quê? – questiona ela, irritada.

Alf suspira outra vez, mais alto.

– Eu disse que a tua avó havia de querer que vestisses o raio do fato que te apetecesse – repete, bruscamente, sem se virar.

Elsa enfia as mãos nos bolsos e olha para o chão.

– Os outros miúdos da escola dizem que as raparigas não podem ser o Homem-Aranha...

Alf dá mais dois passos na direção das escadas. Para. Olha para ela.

– Não achas que houve muitos filhos da mãe a dizer isso à tua avó?

Elsa olha para ele.

– Ela também se vestiu de Homem-Aranha?

– Não.

– Então, está a falar do quê?

– Ela vestiu-se de médica.

– Disseram-lhe que não podia ser médica? Por ser rapariga?

Alf abre a caixa de ferramentas, afasta qualquer coisa para o lado e enfia lá dentro o fato de Pai Natal.

– É provável que lhe tenham dito que não podia fazer uma data de coisas, por uma série de razões. Mas ela fez o que quis na mesma. Poucos anos depois de ela nascer, ainda não deixavam as mulheres votar no raio das eleições, mas agora votam. É assim que se faz frente aos filhos da mãe que querem mandar no que podemos e não podemos fazer. Fazemos o que queremos na mesma.

Elsa olha para os sapatos. Alf fixa a caixa de ferramentas. Depois, Elsa entra em casa, tira dois pais natais de chocolate da tigela, come um e atira o outro a Alf, que o apanha com a mão livre. Ele encolhe um pouco os ombros.

– Acho que a tua avó havia de querer que vestisses o raio do fato que quisesses.

E, com estas palavras, afasta-se. A sua ópera italiana escapa-se por um instante para as escadas quando abre a porta de casa e a fecha depois de entrar. Elsa entra também em casa, pega na tigela de pais natais de chocolate, dá a mão ao menino e chama o wurse. Os três atravessam o patamar até ao apartamento da Avozinha, onde se enfiam dentro do roupeiro mágico que parou de crescer quando a Avozinha morreu. Cheira a serradura lá dentro. Afinal, como que por magia, o roupeiro cresceu para as dimensões exatas necessárias para acomodar duas crianças e um wurse.

O menino da síndrome quase fecha os olhos e Elsa leva-o à Terra-de-Quase-Acordar.

Voam sobre os seis reinos e, quando viram em direção a Mimovas, o menino reconhece onde está. Salta de cima do animal de nuvem e desata a correr. Quando chega aos portões da cidade, dos quais se derrama a música de Mimovas, começa a dançar. Dança maravilhosamente. Elsa dança com ele.

Vinho quente

O wurse acorda Elsa daí a algum tempo porque precisa de ir fazer chichi. Elsa resmungalhe, ensonada, que se calhar não devia ter bebido tanto vinho quente com especiarias, e tenta continuar a dormir. Infelizmente, o wurse começa a ficar com ar de quem está a pensar em fazer chichi no cachecol dos Gryffindor, e Elsa, pegando no cachecol, acede, com relutância, a levá-lo à rua.

Quando saem do roupeiro, a mãe de Elsa e a mãe do menino da síndrome ainda estão a fazer as camas.

– Ele tem de fazer chichi – explica Elsa, aborrecida. A Mamã assente com ar preocupado e sugere-lhe que leve Alf consigo.

Elsa aceita. A mãe do menino com a síndrome sorri-lhe.

– Pelo que me contou a Maud, deves ter sido tu que enfiaste a carta da tua avó na nossa caixa de correio, ontem à noite.

Elsa olha para as meias.

– Ia tocar à campainha, mas não quis... sabe como é... incomodar. Ou assim.

A mãe do menino volta a sorrir.

– Ela pede desculpa. A tua avó, quero eu dizer. Pede desculpa por não poder continuar a proteger-nos. E que eu posso confiar em ti. Sempre. Além disso, pede-me ainda que tente conquistar a tua confiança.

– Posso fazer-lhe uma pergunta um bocado indelicada? – arrisca Elsa, enquanto espeta um dedo na palma da própria mão.

– Com certeza.

– Como consegue viver constantemente com medo? Isto é, por saber que há alguém como o Sam à sua procura?

– Elsa, minha querida... – murmura a mãe de Elsa, sorrindo com ar apologetico à mãe do menino, que agita a mão de forma serena para indicar que não faz mal.

– A tua avó dizia que, às vezes, temos de fazer coisas que são perigosas; caso contrário, não somos realmente humanos.

– Ela surriprou isso ao livro *Os Irmãos Lionheart* – esclarece Elsa.

A mãe do menino olha para a mãe de Elsa com ar de quem quer mudar de assunto. Talvez mais para proteger Elsa do que a si própria.

– Já sabe se é menino ou menina?

A Mamã sorri com ar quase culpado e abana a cabeça.

– Queremos esperar até ao nascimento.

– Vai ser um ele/ela – informa Elsa. A Mamã parece embaraçada.

– Eu também não quis saber até ele nascer – recorda a mãe do menino, em tom afetuosos.
– No entanto, assim que nasceu, quis saber logo tudo sobre ele!

– Sim, é mesmo isso o que eu penso. Não interessa o sexo, desde que seja saudável!

O sentimento de culpa invade o rosto da Mamã assim que a última palavra lhe escapa dos lábios. Olha por cima da cabeça de Elsa para o roupeiro, onde o menino dorme.

– Desculpe. Não queria... – consegue balbuciar, mas a mãe do menino interrompe-a.

– Oh, não peça desculpa. Não tem importância. Eu sei o que as pessoas dizem. Mas ele é saudável. Simplesmente tem, poder-se-ia dizer, um bocadinho a mais de tudo.

– Eu gosto de tudo a mais! – exclama Elsa alegremente; porém, logo a seguir, fica envergonhada e murmura: – Exceto nos hambúrgueres vegetarianos. Tiro sempre o tomate.

As duas mães riem-se tanto que as suas gargalhadas fazem eco no apartamento. Parece que era mesmo daquilo que ambas estavam a precisar. Assim, embora não tivesse sido essa a sua intenção, Elsa decide ficar com os louros.

* * *

Alf está à espera dela e do wurse nas escadas. Elsa não percebe como é que ele sabia que eles iam à rua. A escuridão fora do prédio é tão compacta que, se atirassem uma bola de neve, deixariam de a ver antes de ela deixar a luva. Passam sorrateiramente por baixo da varanda de Britt-Marie para ela não se aperceber do wurse. Este recua para dentro de um arbusto e olha para os dois com ar de quem gostava de ter um jornal ou coisa parecida.

Elsa e Alf, por uma questão de respeito, viram-lhe costas. Ela pigarreia.

– Obrigada por me ajudar com o *Renault*.

Alf resmunga qualquer coisa ininteligível. Elsa enfia as mãos nos bolsos do casaco.

– O Kent é um filho da mãe. Alguém o devia envenenar a *ele*!

Alf vira a cabeça devagar.

– Não digas isso.

– O quê?

– Não fales assim, caraças.

– Porquê? Ele é um filho da mãe, não é?

– Talvez. Mas não podes tratá-lo assim à minha frente!

– Você está sempre a chamar-lhe filho da mãe!

– Pois. Eu posso. Tu não.

– Porquê?

O blusão de cabedal de Alf range.

– Porque eu posso chamar nomes ao meu irmão mais novo, e tu não.

Elsa demora uma série de eternidades diferentes a digerir aquela informação.

– Não sabia – consegue proferir, por fim. – Porque é que se tratam tão mal se são irmãos?

– Não podemos escolher a família – resmunga Alf.

Elsa não sabe como responder aquilo. Pensa no Meiinho. Uma vez que preferia não ter de o fazer, muda de assunto.

– Porque é que você não tem namorada?

– Mete-te no raio da tua vida.

– Alguma vez esteve apaixonado?

– Sou um adulto, caraças. Claro que já estive apaixonado. Todos os adultos já se apaixonaram pelo menos uma vez na vida.

– Quantos anos tinha?

– Da primeira vez?

– Sim.

– Dez.

– E da segunda?

O blusão de cabedal range. Alf olha para o relógio e começa a dirigir-se ao prédio.

– Não houve segunda vez.

Elsa abre a boca para fazer outra pergunta, mas é nesse momento que o ouvem. Ou melhor, é o wurse que o ouve. O grito. O wurse salta do arbusto e lança-se para a escuridão como uma seta preta. Então, Elsa ouve-o ladrar pela primeira vez. Achava que já o ouvira ladrar antes, mas estava enganada. Em comparação com isto eram apenas ganidos. O latido faz estremecer as fundações do prédio. É um grito de guerra.

Elsa chega lá primeiro. Corre melhor do que Alf.

Britt-Marie está parada, branca como a cal da parede, a poucos metros da porta do prédio. Há um saco de compras caído em cima da neve, do qual se derramaram chupa-chupas e livros de banda desenhada. A pouca distância está Sam.

Com uma faca na mão.

O wurse posta-se resolutamente entre eles, as patas da frente assentes na neve como pilares de betão, os dentes arreganhados. Sam não se mexe, e Elsa percebe que ele hesita. Vira-se devagar, avista-a e o seu olhar pulveriza-lhe a espinha. Elsa sente os joelhos a fraquejar; quer deixar-se cair na neve e desaparecer. A faca reluz sobre o brilho dos candeeiros da rua. A mão de Sam está suspensa no ar, o seu corpo agressivo rígido. Os olhos, frios e hostis, trespassam-na. Mas Elsa vê que a faca não está virada para ela.

Ouve Britt-Marie a soluçar. Não sabe de onde lhe vem o instinto, a coragem ou talvez a pura estupidez – a Avozinha costumava dizer que, no fundo, tanto ela como a neta eram um bocadinho doidas da cabeça e que mais cedo ou mais tarde isso acabaria por as meter em sarilhos –, mas desata a correr. Diretamente para Sam. Vê-o baixar a faca alguns centímetros, confiante, e levantar a mão livre, como uma garra, para a agarrar quando ela saltar.

Porém, não tem tempo de lá chegar. Colide com algo escuro e seco. Sente o cheiro de cabedal. Ouve o ranger do blusão de Alf.

E depois Alf está em frente de Sam, com a mesma linguagem corporal ameaçadora. Elsa vê o martelo deslizar-lhe da manga do blusão para a mão. Alf brande-o de um lado para o outro com calma. A faca de Sam não se mexe. Não tiram os olhos um do outro.

Elsa não sabe quanto tempo ficam ali parados. Durante quantas eternidades de contos de fadas. Parecem não ter fim, de tal forma longas que daria tempo para morrer. Como se o terror lhe estivesse a partir o coração.

– A polícia vem a caminho – declara por fim Alf, em voz baixa. Di-lo como se achasse que é uma pena não poderem resolver o assunto os dois, aqui, de uma vez por todas.

Os olhos de Sam desviam-se devagar de Alf e fixam o wurse. Este rosna, um som como trovões a ribombar dentro dele. Um leve sorriso distende os lábios de Sam durante um momento insuportável. Depois, recua um passo e a escuridão engole-o.

O carro da polícia derrapa na estrada, mas Sam já desapareceu há muito quando eles chegam. Elsa deixa-se cair na neve, como se de repente as suas roupas se tivessem esvaziado daquilo que as segurava em pé. Sente Alf apanhá-la e ouve a sua própria voz sussurrar ao wurse para subir depressa antes que a polícia o veja. Escuta a respiração ofegante de Britt-Marie e os passos dos agentes sobre a neve. Porém, a sua consciência já está longe dali, muito longe. Tem vergonha disso, vergonha de estar com tanto medo que fecha os olhos e foge para a sua mente. Nenhum cavaleiro de Miamas se viu alguma vez tão paralisado pelo medo. Um verdadeiro cavaleiro teria ficado em posição, de costas bem direitas; não se refugiaria no sono. Mas não consegue evitar. É realidade a mais para uma criança de quase oito anos.

Acorda na cama no quarto da Avozinha. Está calor. Sente o nariz do wurse encostado ao ombro e dá-lhe uma palmadinha na cabeça.

– És tão corajoso – murmura.

O wurse acha que merece uma bolacha, ou assim parece. Elsa desliza dos lençóis transpirados para o chão. Pela fresta da porta, vê a Mamã na sala, muito pálida. Furiosa, grita com Alf, tão zangada que até chora. Alf ouve-a em silêncio, sem se defender. Elsa corre para os braços da Mamã.

– A culpa não foi deles, estavam só a tentar proteger-me! – soluça.

A voz de Britt-Marie interrompe-a.

– Não, é claro que a culpa foi minha! Foi minha! É óbvio que tudo isto foi culpa minha, Ulrika!

Elsa vira-se para Britt-Marie e vê, ao fazê-lo, que Maud, Lennart e a mãe do menino da síndrome também ali estão. Todos olham para Britt-Marie. Ela cruza as mãos sobre a barriga.

– Ele estava do lado de fora da porta, escondido, mas eu senti o cheiro dos cigarros, senti mesmo. Por isso, avisei-o de que neste condomínio não é permitido fumar! E depois ele sacou aquela...

Britt-Marie não consegue dizer «faca» sem a voz lhe falhar. Parece ofendida, como é

normal quando uma pessoa é a última a saber um segredo.

– Todos vocês sabem quem ele é, claro! Mas, pelos vistos, ninguém achou que seria necessário avisar-me, claro que não. Apesar de eu ser a responsável pelas informações neste condomínio!

Alisa uma ruga da saia. Uma ruga verdadeira, desta vez. Tem o saco com os chupa-chupas e as bandas desenhadas aos pés. Maud tenta pousar a mão no braço de Britt-Marie, um gesto de compreensão, mas Britt-Marie enxota-a. Maud esboça um sorriso triste.

– Onde está o Kent? – pergunta, baixinho.

– Numa reunião de negócios! – responde Britt-Marie secamente.

Alf olha para ela, para o saco de compras, e de novo para ela.

– O que estava a fazer na rua tão tarde? – pergunta a Mamã.

– Os filhos do Kent recebem chupa-chupas e livros de banda desenhada quando cá vêm passar o Natal! Sempre! Portanto, fui ao supermercado!

– Desculpe, Britt-Marie. É que não sabíamos o que lhe dizer. Porque não fica aqui esta noite, pelo menos? Talvez seja mais seguro se estivermos todos juntos, não?

Britt-Marie olha em redor com ar superior.

– Vou dormir em casa. O Kent volta esta noite. Estou sempre em casa quando ele chega.

A mulher-polícia dos olhos verdes aparece ao cimo das escadas. Britt-Marie vira-se bruscamente. Os olhos verdes fixam-se nela, atentos.

– Até que enfim que aparecem! – exclama Britt-Marie. A agente dos olhos verdes não diz nada. Atrás dela vem outro polícia, e Elsa vê que ele fica desconcertado quando avista Elsa e a Mamã. Parece lembrar-se de as ter escoltado até ao hospital, de onde elas fugiram depois a toda a velocidade.

Lennart tenta convidá-los a entrar para um café, e o polícia «estagiário de verão» tem ar de quem gostaria mais de aceitar o convite do que de ir passar a área a pente fino com cães, mas após um olhar severo de Olhos Verdes, abana a cabeça e olha para o chão. Só então é que a mulher-polícia fala, naquele tom de voz que enche uma sala sem qualquer esforço.

– Vamos encontrá-lo – assegura, sem desfitar Britt-Marie. – Já agora, o cão em relação ao qual o Kent nos ligou ontem, Britt-Marie? Disse que tinham encontrado pelos nas escadas? Por acaso, viu-o esta noite?

Elsa sustém a respiração. De tal forma que se esquece de estranhar o facto de a mulher-polícia estar a tratar Kent e Britt-Marie pelo primeiro nome. Britt-Marie olha em volta, para Elsa, a Mamã, Maud, Lennart e para a mãe do menino da síndrome. Por último, fixa Alf. O rosto dele está totalmente inexpressivo. Os olhos verdes da polícia perscrutam todos os rostos. Elsa abre e fecha as mãos suadas, para as impedir de tremer. Sabe que o wurse está a dormir poucos metros atrás de si, no quarto da Avozinha. Percebe que está tudo perdido e não sabe o que fazer para o salvar. Nunca conseguirá fugir com o wurse pelo meio dos carros da polícia lá em baixo; nem mesmo um wurse o conseguiria. Eles disparariam. Acabariam

por o matar. Pergunta-se se será isso que a Sombra tem planeado desde o princípio. Porque ele não se atreveu a lutar contra o wurse. Sem o wurse e sem Coração-de-Lobo, o castelo está indefeso.

Britt-Marie franze os lábios quando vê Elsa a olhar para ela. Troca as mãos sobre a barriga e olha, com uma confiança nova e súbita, para a polícia dos olhos verdes.

– Se calhar vimos mal, eu e o Kent. Se calhar não eram pelos de cão; podia ser outro lixo qualquer. Não é de estranhar, com a quantidade de pessoas estranhas que sobem e descem estas escadas nos últimos tempos – remata, em tom meio apologético, meio acusador, e ajeita o broche no casaco florido.

Os olhos verdes viram-se para Elsa. A mulher-polícia faz um aceno seco com a cabeça, como se o assunto estivesse encerrado, e garante-lhes que o prédio ficará sob vigilância durante a noite. Antes que alguém tenha tempo de acrescentar mais alguma coisa, os dois agentes já vão a descer as escadas. A mãe de Elsa arqueja. Estende a mão para Britt-Marie, que se afasta.

– Obviamente, acham muito divertido esconder segredos de mim. É engraçado fazer-me passar por idiota, é o que vocês acham!

– Por favor, Britt-Marie – tenta Maud dizer, mas Britt-Marie abana a cabeça, pega no saco e sai intempestivamente, embora mantendo o ar bem-intencionado.

Elsa, contudo, vê a forma como Alf olha para ela quando ela sai. O wurse está parado à porta do quarto com a mesma expressão. E, de súbito, Elsa percebe quem é Britt-Marie.

A Mamã também desce as escadas, sem que Elsa compreenda porquê. Lennart põe café a fazer. George vai buscar ovos e prepara mais vinho quente com especiarias. Maud distribui bolachas. A mãe do menino da síndrome enfia-se no roupeiro à procura do filho e Elsa ouve-o a rir. É um bom superpoder que ele tem.

Alf sai para a varanda e Elsa segue-o. Fica atrás dele, hesitante, durante muito tempo, antes de se lhe juntar junto do corrimão. A polícia dos olhos verdes está lá em baixo, na neve, a falar com a mãe de Elsa. Sorri como sorriu à Avozinha daquela vez, na esquadra.

– Elas conhecem-se? – pergunta Elsa, surpreendida. Alf confirma com um aceno.

– Conheciam-se, pelo menos. Eram as melhores amigas quando tinham a tua idade.

Elsa olha para a Mamã e percebe que ela ainda está zangada. Depois olha para o martelo que Alf pousou a um canto, no chão da varanda.

– Ia matar o Sam?

Alf olha para ela com ar pesaroso, mas honesto.

– Não.

– Então porque é que a Mamã estava tão zangada consigo?

O blusão de cabedal de Alf range um pouco.

– Estava zangada por não ser ela a segurar o martelo.

Os ombros de Elsa afundam-se e aperta os braços à volta do corpo para se proteger do

frio. Alf pendura-lhe o blusão de cabedal sobre os ombros. Elsa encolhe-se dentro dele.

– Às vezes, penso que gostava que alguém matasse o Sam.

Alf não responde. Elsa olha para o martelo.

– Quer dizer... mais ou menos. Sei que não devemos desejar que as pessoas morram. É só que, às vezes, não sei se pessoas como ele merecem viver...

Alf encosta-se ao balcão da varanda.

– É humano.

– É humano desejar que alguém morra?

Alf abana a cabeça devagar.

– É humano não ter a certeza.

Elsa encolhe-se mais dentro do blusão. Tenta sentir-se corajosa.

– Tenho medo – murmura.

– Também eu – admite Alf.

E não falam mais sobre o assunto.

Depois de toda a gente estar a dormir, saem sorrateiramente com o wurse; porém, Elsa sabe que a mãe deu por isso e tem a certeza de que a mulher-polícia dos olhos verdes também. Que ela os está a guardar, algures na escuridão, como Coração-de-Lobo faria, se ali estivesse. Elsa tenta não sentir ressentimento por Coração-de-Lobo a ter desiludido depois de ter prometido protegê-la sempre. Mas não consegue.

Não fala com Alf. Ele também não diz nada. É a véspera da véspera de Natal, mas tudo em redor parece estranho.

Quando sobem as escadas, Alf para um instante à porta de Britt-Marie. Elsa vê como ele fixa a porta. Como alguém para quem houve em tempos uma primeira vez no amor, mas nunca uma segunda, nunca mais. Por sua vez, Elsa observa as decorações de Natal que, pela primeira vez desde que ela se lembra, não cheiram a piza.

– Quantos anos têm os filhos do Kent? – pergunta.

– São adultos – responde Alf com amargura.

– Então, porque é que a Britt-Marie disse que tinha de ter chupa-chupas e banda desenhada para eles?

– A Britt-Marie convida-os para o jantar de Natal todos os anos. Eles nunca aparecem. A última vez que cá vieram ainda eram crianças. Gostavam de chupa-chupas e de banda desenhada – responde Alf em tom distante.

Quando continua a subir as escadas, com os seus passos arrastados, seguido por Elsa, o wurse fica onde está. Tendo em conta que é uma miúda inteligente, Elsa demora muito tempo a perceber porquê.

A princesa de Miploris era tão amada pelos dois príncipes que eles lutaram pelo amor dela, até se odiarem um ao outro. A princesa de Miploris teve em tempos um tesouro, roubado por uma bruxa, e agora vive no reino da mágoa.

E o wurse está a guardar os portões do seu castelo. Porque é isso que os wurses fazem.

Batatas

Elsa não estava a ouvir às escondidas. Não é pessoa de escutar as conversas dos outros. Muito menos na manhã da véspera de Natal.

Por mero acaso, bem cedo na manhã seguinte, estava nas escadas, e foi então que ouviu Britt-Marie e Kent a falarem. Não foi de propósito – andava à procura do wurse e do cachecol dos Gryffindor, e a porta do apartamento de Britt-Marie e Kent estava aberta. Depois de ficar ali parada algum tempo, à escuta, percebeu que se passasse naquele momento pela porta eles a veriam e pareceria que estava nas escadas a ouvir as conversas deles *de propósito*. Portanto, ficou quieta.

– Britt-Marie! – berrou Kent de dentro de casa; a julgar pelo eco, estava na casa de banho e, a julgar pelo volume do grito, Britt-Marie devia estar muito, muito longe.

– Sim? – respondeu Britt-Marie, e, pela voz, parecia na realidade estar bastante perto.

– Aonde raio está a minha máquina de barbear? – berrou Kent sem pedir desculpa por ter gritado. Elsa ficou irritada com ele. Afinal, diz-se «onde» e não «aonde».

– Na segunda gaveta – respondeu Britt-Marie.

– Porque é que a puseste na segunda gaveta? Está sempre na primeira!

– Sempre estive na segunda gaveta.

A segunda gaveta abriu-se e Elsa ouviu o zumbido de uma máquina de barbear, mas nem o mais ligeiro som da voz de Kent a agradecer. Britt-Marie dirigiu-se ao vestíbulo e espreitou para fora do apartamento, com o fato de Kent na mão. Sacudiu uma poeira invisível do braço do casaco com gentileza. Não viu Elsa ou, pelo menos, Elsa achava que não. Porém, como não tinha a certeza, percebeu que agora tinha de ficar onde estava e fingir que era essa a sua intenção, como se tivesse saído apenas para inspecionar a qualidade dos corrimões, ou coisa do género.

Britt-Marie tornou a desaparecer dentro de casa.

– Falaste com o David e a Pernilla? – perguntou com naturalidade.

– Sim, sim.

– Então, quando é que eles chegam?

– Raios me partam se sei!

– Mas tenho de planear a refeição, Kent...

– Comemos quando eles chegarem... Às seis ou às sete, talvez – resolveu Kent, desinteressado.

– Bom, qual das duas, Kent? – perguntou Britt-Marie em tom preocupado. – Seis ou sete?

– Valha-me Deus, Britt-Marie, não faz diferença!

– Se não faz, talvez seis e meia seja boa hora?

– Pode ser. Como queiras.

– Avisaste-os de que costumamos jantar às seis?

– Comemos *sempre* às seis.

– Mas informaste o David e a Pernilla?

– Jantamos sempre às seis desde a alvorada dos tempos; provavelmente, até eles já perceberam – respondeu Kent com um suspiro.

– Estou a ver. Há algum problema com a hora a que jantamos, Kent?

– Não, não. Apontamos para as seis, então. Se eles não estiverem, não estão – disse Kent, como se tivesse quase a certeza de que os filhos não viriam, de qualquer maneira. – Preciso de ir andando. Tenho uma reunião com a Alemanha – acrescentou, saindo da casa de banho.

– Só estou a tentar preparar um Natal agradável para toda a família, Kent – lamentou-se Britt-Marie, abatida.

– Não podemos aquecer o raio da comida quando eles chegarem?!

– Se me disseres a que horas eles vêm, garanto que a comida estará quente quando chegarem – assegurou-lhe Britt-Marie.

– Se é assim tão importante, comemos quando estivermos todos e pronto.

– E quando é que estaremos cá todos?

– Raios, Britt-Marie! Não sei! Já sabes como eles são... Tanto podem aparecer às seis como às oito e meia!

Britt-Marie ficou em silêncio alguns segundos. Depois respirou fundo e tentou estabilizar a voz, como fazem as pessoas quando não querem que se perceba que estão a gritar por dentro.

– Não podemos comer o jantar de Natal às oito e meia, Kent.

– Eu sei! Por isso mesmo, os miúdos terão de comer quando chegarem, não é?

– Não é preciso falares comigo nesse tom – pediu Britt-Marie, usando ela própria um tom desagradável.

– Onde é que estão o raio dos botões de punho? – perguntou Kent, percorrendo o apartamento com a gravata por apertar a esvoaçar atrás dele.

– Na segunda gaveta da cómoda – indicou Britt-Marie.

– Não costumam estar na primeira?

– Sempre estiveram na segunda...

Elsa continua no mesmo sítio. Não a ouvir as conversas dos outros, claro. Mas há um espelho grande no vestíbulo do apartamento de Britt-Marie e Kent, logo à entrada, e, da sua posição nas escadas, Elsa vê o reflexo de Kent. Britt-Marie está a baixar-lhe o colarinho da camisa sobre a gravata e a sacudir-lhe a lapela do casaco.

– A que horas chegas a casa? – pergunta ela baixinho.

– Sei lá; já sabes como são os alemães. Não esperes por mim – responde Kent de forma evasiva, libertando-se e dirigindo-se à porta.

– Põe a camisa na máquina de lavar assim que chegares, por favor – pede-lhe Britt-Marie, e vem atrás dele para lhe sacudir qualquer coisa da perna das calças.

Kent olha para o relógio, como os homens com relógios muito caros costumam olhar para eles. Elsa sabe disso porque Kent contou à Mamã que aquele relógio custara mais do que *Kia*.

– Na máquina de lavar, Kent, por favor! Logo assim que chegares a casa! – repete Britt-Marie.

Kent sai para o patamar sem responder. Vê Elsa. Não parece pensar que ela estava ali a ouvir a conversa, mas também não fica muito satisfeito por a encontrar.

– Boas! – cumprimenta-a com um sorriso falso, no tom em que os adultos costumam saudar as crianças porque acham que é assim que elas falam.

Elsa não lhe responde. No fim de contas, não fala assim. O telemóvel de Kent começa a tocar. Elsa repara que é novo. Kent está com ar de quem vai anunciar quanto custou.

– É uma chamada da Alemanha! – diz a Elsa, parecendo lembrar-se de repente que ela esteve diretamente envolvida no incidente nas escadas da cave que resultou na perda do seu anterior telemóvel. Bem como do veneno e de quanto custou. Elsa encolhe os ombros, como que a desafiá-lo para uma luta. Kent começa aos gritos de «Sim, Klaus!» para o telemóvel novo, e desaparece pelas escadas abaixo.

Elsa dá um passo na direção dos degraus, estacando junto da porta do apartamento. Do espelho do vestíbulo, avista a casa de banho. Britt-Marie enrola o fio da máquina de barbear de Kent com cuidado e enfia-a na terceira gaveta.

Depois sai da casa de banho e dá de caras com Elsa. Cruza as mãos sobre o estômago.

– Oh, estou a ver, estou a ver... – começa.

– Não estava a ouvir a conversa! – justifica-se Elsa de imediato.

Britt-Marie endireita os casacos no cabide do vestíbulo e passa a mão pelos sobretudos e casacos de Kent com cuidado. Elsa enfia as pontas dos dedos nos bolsos das calças de ganga e murmura:

– Obrigada.

Britt-Marie vira-se, surpreendida.

– Desculpa?

Elsa revira os olhos, como qualquer criança de quase oito anos que tem de se repetir.

– Eu agradei. Por não contar nada à polícia sobre o... – cala-se antes de dizer «o wurse».

Britt-Marie percebe.

– Devias ter-me informado sobre aquela criatura horrível, minha jovem.

– Não é uma criatura horrível.

– Enquanto não morder alguém...

– Nunca morderá ninguém! E salvou-a do Sam! – exclama Elsa com maus modos.

Britt-Marie abre a boca para falar, mas decide não o fazer. Sabe que é verdade. Elsa

também abre a boca, mas acaba por não falar. Sabe que Britt-Marie, na verdade, retribuiu o favor.

Olha para o apartamento através do espelho.

– Porque é que guardou a máquina de barbear na gaveta errada? – pergunta.

Britt-Marie sacode a saia, e sacode, e sacode. Cruza as mãos.

– Não sei do que estás a falar – replica, embora Elsa perceba que está a mentir.

– O Kent disse-lhe que estava sempre na primeira gaveta. Você argumentou que estava sempre na segunda. E, depois de ele se ir embora, guardou-a na terceira – explica Elsa.

Britt-Marie parece distraída durante alguns instantes. E outra coisa. Sozinha, quem sabe. Por fim, murmura:

– Sim, sim, talvez. Talvez.

Elsa inclina a cabeça.

– Porquê?

O silêncio que se segue dura uma eternidade de silêncios de contos de fadas. Por fim, Britt-Marie murmura, como se tivesse esquecido que Elsa está ali, à frente dela:

– Porque gosto quando ele grita o meu nome.

E fecha a porta.

Elsa fica parada no patamar e tenta não gostar dela. Sem grande sucesso.

Suspiros

É preciso acreditar. A Avozinha dizia sempre isso. É preciso acreditar nalguma coisa para compreender as histórias.

«Não é importante aquilo em que acreditas, mas tens de crer em alguma coisa, caso contrário nem vale a pena.»

Talvez, no fundo, seja isso que se passa aqui.

Elsa encontra o cachecol dos Gryffindor na neve do lado de fora do prédio, onde o deixou cair quando carregou sobre Sam na noite anterior. A mulher-polícia dos olhos verdes está a poucos metros do prédio. O sol está a nascer. A neve estala como pipocas sob os seus pés.

– Olá – cumprimenta-a Elsa.

Olhos Verdes acena com a cabeça, em silêncio.

– Não é muito faladora, pois não?

Olhos Verdes sorri. Elsa enrola-se no cachecol.

– Conhecia a minha avozinha?

A mulher-polícia passa os olhos pelo edifício e a rua.

– Toda a gente conhecia a tua avó.

– E a minha mamã? – Olhos Verdes faz que sim com a cabeça. Elsa olha para ela de lado.

– O Alf contou-me que vocês as duas eram melhores amigas. – Ela assente. Elsa tenta imaginar como será ter um melhor amigo da mesma idade. Depois coloca-se em silêncio ao lado da mulher-polícia e vê o sol a subir no horizonte. Vai ser uma bonita véspera de Natal, apesar de tudo o que aconteceu. Pigarreia e dirige-se à porta do prédio, onde para com a mão no puxador.

– Esteve aqui de guarda a noite toda?

Ela volta a acenar.

– E vai matar o Sam se ele voltar?

– Espero que não.

– Porque não?

– Porque o meu trabalho não é esse.

– Qual é o seu trabalho, então?

– Proteger.

– A ele ou a nós? – questiona Elsa em tom de censura.

– Ambos.

– Ele é que é perigoso. Nós não.

Olhos Verdes sorri, sem parecer contente.

– Quando eu era pequena, a tua avó costumava dizer que os polícias não podem escolher

quem protegem. Têm de tentar proteger toda a gente.

– Ela sabia que você queria ser polícia? – pergunta Elsa.

– Foi ela que me fez querer ser polícia.

– Porquê?

Olhos Verdes sorri de novo, desta vez um sorriso genuíno.

– Porque quando eu era pequena tinha medo de tudo. E ela aconselhou-me a fazer aquilo de que tinha mais medo. Para me poder rir dos meus medos.

Elsa acena com a cabeça, como se confirmasse aquilo que já sabia.

– Foram você e a Mamã, não foram? Os cavaleiros dourados que salvaram a Montanha da Narração do Agoreen e dos medos. E que construíram Miaudacas. Foram vocês as duas.

A mulher-polícia ergue um nadinha as sobrancelhas.

– Penso que nós éramos muitas coisas nos contos de fadas da tua avó.

Elsa abre a porta, põe o pé na abertura e para.

– Conheceu primeiro a minha mamã ou a minha avozinha?

– A tua avó.

– É uma das crianças no teto do quarto dela, não é?

Olhos Verdes enfrenta-a. Sorri de novo, desta feita com o sorriso verdadeiro.

– És esperta. Ela sempre disse que eras a menina mais inteligente que alguma vez conheceria.

Elsa baixa a cabeça. A porta fecha-se atrás de si. Apesar de tudo, acaba por ser um belo dia de véspera de Natal.

Procura o wurse na arrecadação e em *Renault*, mas ambos os sítios estão vazios. Sabe que também não o encontrará no roupeiro do apartamento da Avozinha e que, decididamente, não está no apartamento da Mamã e de George, pois nenhuma criatura sã aguentaria lá estar na manhã de Natal. A Mamã é ainda mais eficiente do que o costume no Natal.

Regra geral, todos os anos a Mamã começa as compras de Natal em maio. Diz que é por ser «organizada», mas a Avozinha discordava e contra-argumentava que, na realidade, era por a Mamã ser «anal», o que em geral significava que a seguir Elsa tinha de pôr os *headphones*. Este ano, porém, a Mamã decidira ser um pouco espírito livre e louca, e esperara até ao dia um de agosto antes de perguntar a Elsa o que queria para o Natal. Ficara muito zangada quando Elsa se recusara a dizer-lhe, apesar de Elsa lhe ter perguntado se fazia ideia de quanto uma pessoa de quase oito anos pode mudar em seis meses. Assim, a Mamã fizera o que as mães organizadas fazem sempre: comprara-lhe um presente por sua própria iniciativa, o que correu, como seria de esperar, muito mal, dado que Elsa entretanto descobrira onde a Mamã escondia os presentes.

Por conseguinte, Elsa vai receber três livros sobre temas diferentes, mas que, de uma ou outra forma, estão relacionadas com várias personagens dos livros de Harry Potter. Estão embrulhados num papel de que ela gosta muito. O primeiro presente da Mamã era inútil e,

quando Elsa a informara de tal facto, em outubro, tinham passado um mês a discutir, findo o qual a Mamã desistira e lhe dera dinheiro para «comprares o que quiseses e não me aborreceres». Elsa assim fizera, embrulhando os livros num papel de que gostava muito e colocando o embrulho no sítio não muito secreto da Mamã, após o que elogiara muito a Mamã por, mais uma vez, ser tão atenta e sensível e saber exatamente o que ela queria. A Mamã respondera a esta provocação chamando-lhe «Grinch».

Era uma tradição à qual Elsa se tornara muito apegada.

Toca meia dúzia de vezes à campainha de Alf antes de ele abrir. Está de roupão, com a habitual expressão irritada e a caneca de café da Juventus na mão.

– O que foi? – resmunga ele.

– Feliz Natal! – deseja Elsa, sem responder à pergunta.

– Estou a dormir – rosna Alf.

– É véspera de Natal – informa Elsa.

– Eu sei.

– Então porque é que estás a dormir?

– Fiquei acordado até tarde ontem à noite.

– A fazer o quê?

Alf bebe um gole de café.

– O que estás a fazer aqui?

– Eu perguntei primeiro – insiste Elsa.

– Não fui eu que fui bater à tua porta a meio da noite!

– Não é meio da noite. E é *Natal*!

Alf bebe mais café. Elsa dá um pontapé irritado no tapete.

– Não encontro o wurse.

– Já sabia. – Alf acena com a cabeça com naturalidade.

– Como?

– Porque ele está aqui.

As sobrelhas de Elsa levantam-se tão depressa como se tivessem acabado de se sentar em tinta fresca.

– O wurse está aqui?

– Sim.

– Porque é que não me disse nada?

– Acabei de dizer.

– Porque é que ele está aqui?

– Porque o Kent chegou a casa às cinco da manhã e teria ligado para a polícia se descobrisse que ele ainda se encontra no prédio.

Elsa espreita para dentro do apartamento de Alf. O wurse, sentado no chão, lambe uma grande tigela de metal. Diz «Juventus». A tigela, claro está.

– Como sabe a que horas o Kent chegou a casa?
– Estava na garagem quando ele chegou no filho da mãe do BMW – responde Alf, impaciente.

– E o que estava a fazer na garagem? – pergunta Elsa, com toda a paciência.

Alf olha para ela como se aquela fosse uma pergunta absurda.

– À espera dele, ora.

– E quanto tempo esperou?

– Até às cinco; não foi o que acabei de dizer, caraças? – resmunga.

Elsa pensa em dar-lhe um abraço, mas desiste da ideia. O wurse levanta o focinho da tigela, com ar extremamente satisfeito. Um líquido escuro pinga-lhe do nariz. Elsa vira-se para Alf.

– Alf, por acaso deu-lhe... café?

– Sim – admite Alf; pela sua expressão, é evidente que não vê absolutamente nada de estranho nisso.

– É um ANIMAL! Porque é que lhe deu CAFÉ?

Alf coça a cabeça. Ajeita o roupão. Elsa repara que ele tem uma cicatriz grossa no peito. Alf nota que ela viu e fica aborrecido.

Entra no quarto, fecha a porta e quando volta a sair está vestido, com o blusão de cabedal com a insígnia do táxi, apesar de ser véspera de Natal. Têm de deixar o wurse fazer chichi na garagem porque agora há ainda mais polícias lá fora, e nem mesmo um wurse consegue aguentar-se muito tempo depois de beber uma tigela de café.

A Avozinha teria adorado. Chichi de wurse na garagem. Britt-Marie vai perder a cabeça.

Quando voltam a subir, o apartamento da Mamã e de George cheira a suspiros e a massa gratinada com molho *béarnaise*, porque a Mamã decidiu que todos os moradores do prédio vão passar o Natal juntos este ano. Ninguém discordou, em parte porque era boa ideia, e em parte porque nunca ninguém discorda da Mamã. Então, George sugeriu que toda a gente devia fazer o seu prato preferido para um *buffet* de Natal. Ele é boa pessoa nestas coisas, o que enfurece terrivelmente Elsa.

O prato preferido do menino da síndrome são suspiros, por isso foi o que a mãe dele fez. Bom, a mãe dele comprou os ingredientes, Lennart apanhou os suspiros todos do chão e Maud acabou por os voltar a fazer enquanto o menino e a mãe dançavam.

Maud e Lennart também acharam que era importante que a mulher da saia preta se sentisse envolvida, porque são boas pessoas; por isso, perguntaram-lhe se ela queria fazer alguma coisa específica. Ela ficou sentada na sua cadeira ao fundo do apartamento, muito envergonhada, e murmurou que não cozinhava há vários anos.

– Uma pessoa não cozinha muito quando vive sozinha – explicou.

Maud ficou muito aflita e pediu desculpa por ser tão insensível, e a mulher da saia preta teve tanta pena dela que fez uma travessa de massa gratinada com molho *béarnaise*, o prato

preferido dos seus rapazes. Assim, comem todos suspiros e massa gratinada com molho *béarnaise*, porque é esse tipo de Natal. Apesar de tudo.

O wurse recebe dois baldes de bolos de canela de Maud, e George vai à cave buscar a banheira de bebé de Elsa e enche-a de vinho quente com especiarias. Com este incentivo, o wurse concorda em esconder-se durante uma hora no roupeiro da Avozinha e a Mamã vai lá abaixo e convida os polícias a juntar-se-lhes. Olhos Verdes senta-se ao lado da Mamã. Riem-se. O polícia «estagiário de verão» também veio; come mais suspiros do que qualquer outra pessoa e adormece no sofá.

A mulher da saia preta senta-se no canto mais distante da mesa, em silêncio. Depois de comerem, enquanto George lava a loiça e Maud limpa as mesas, e Lennart está sentado num banco com uma caneca de café, à espera de que o café novo fique pronto e a certificar-se de que a máquina não se porta mal, o menino da síndrome atravessa o apartamento, sai para o patamar e entra no apartamento da Avozinha. Quando volta, tem migalhas de bolo de canela à volta da boca e tantos pelos de wurse na camisola que parece que alguém o convidou para um baile de máscaras e decidiu ir vestido de carpete. Vai buscar uma manta ao quarto de Elsa, dirige-se à mulher da saia preta, olha para ela durante muito tempo; depois, estica-se, em bicos de pés, e aperta-lhe o nariz. Sobressaltada, ela dá um salto e a mãe do menino solta o tipo de grito que as mães fazem quando os filhos apertam o nariz a perfeitos desconhecidos, e corre para ele. Com gentileza, Maud segura-lhe o braço para a deter e, quando o menino levanta o punho, o polegar a espreitar entre o indicador e o dedo do meio, de olhos postos na mulher da saia preta, Maud explica, em tom divertido:

– É a brincar. Ele roubou-lhe o nariz.

A mulher olha para Maud. Para o menino. Para o nariz. E então rouba o nariz dele. O menino ri-se tanto que os vidros das janelas estremecem. Adormece no colo dela, enrolado na manta. Quando a mãe, com um sorriso apologetico, tenta pegar-lhe, comentando que «ele não costuma ser tão direto», a mulher da saia preta toca-lhe na mão com os dedos trémulos e murmura:

– Se... se não fizer mal... posso ficar mais um bocadinho com ele ao colo?

A mãe do menino põe a mão sobre a da mulher da saia preta e faz que sim com a cabeça. A mulher encosta a testa ao cabelo do menino e murmura:

– Obrigada.

George faz mais vinho quente com especiarias e tudo parece quase normal e nada assustador. Depois de os polícias agradecerem pela hospitalidade e voltarem a descer, Maud olha para Elsa com ar infeliz e diz que compreende como deve ter sido assustador para uma criança ter a polícia em casa na noite de Natal. Elsa pega-lhe na mão e replica:

– Não se preocupe, Maud. É um conto de Natal. E esses têm sempre um final feliz.

E é evidente que Maud acredita.

Porque é preciso acreditar.

Perfume

Só uma pessoa sucumbe a um ataque cardíaco nesta véspera de Natal. No entanto, há dois corações que se partem. E o prédio nunca mais será o mesmo.

Tudo começa quando o menino acorda ao final da tarde com fome. O wurse e *Samantha* saem do roupeiro porque o vinho quente acabou. Elsa anda de roda de Alf a sugerir que está na hora de ele vestir o fato de Pai Natal. Elsa e o wurse seguem Alf até à garagem. Ele entra em *Táxi*. Quando Elsa abre a porta do lado do passageiro, enfia a cabeça no carro e lhe pergunta o que está ele a fazer, Alf roda a chave na ignição e resmunga:

– Se tenho de passar o resto do dia a fazer de Pai Natal, primeiro vou sair para comprar o jornal.

– Acho que a minha mãe não quer que eu vá a lado nenhum.

– Ninguém te convidou!

Elsa e o wurse ignoram-no e entram. Quando Alf começa a ralhar com ela, que não pode entrar assim nos carros das pessoas, Elsa recorda-lhe que, na verdade, aquele carro é um táxi, e que aquilo é precisamente o que se faz nos táxis. Quando Alf, com maus modos, aponta para o taxímetro e lembra que as viagens de táxi custam dinheiro, Elsa responde-lhe que gostava que esta viagem de táxi fosse o seu presente de Natal. Alf fica com má cara durante muito tempo. Por fim, arrancam para a viagem de presente de Natal de Elsa.

Alf conhece um quiosque que está aberto na véspera de Natal. Compra um jornal e Elsa, dois gelados. O wurse come o seu gelado inteiro e metade do dela. O que, sabendo como os wurses gostam de gelado, mostra bem a enorme consideração que tem por Elsa. Deixa cair um bocadinho no banco de trás, mas Alf só grita com ele durante dez minutos. O que, sabendo como Alf detesta wurses a sujarem os bancos de *Táxi* de gelado, mostra bem a enorme consideração que tem por ele.

– Posso perguntar-lhe uma coisa? – pede Elsa, apesar de saber que já está a colocar-lhe uma questão. – Porque é que a Britt-Marie não deu com a língua nos dentes sobre o wurse à polícia?

– Ela pode ser uma grande chata, às vezes. Mas não é cruel – esclarece Alf.

– Mas ela detesta cães – insiste Elsa.

– Oh, não, só tem medo deles. A tua avozinha estava sempre a trazer cães vadios para casa, quando veio viver para o prédio. A Britt-Marie, o Kent e eu éramos apenas miúdos na altura. Um dos rafeiros mordeu a Britt-Marie e a mãe dela fez um grande alarido por causa disso – explana Alf de forma tão pormenorizada, tendo em conta que se trata de Alf, que Elsa fica chocada.

Táxi sai para a rua. Elsa pensa nas histórias da Avozinha sobre a princesa de Miploris.

– Então, está apaixonado pela Britt-Marie desde que tinha dez anos? – pergunta.

– Sim – responde Alf, como se fosse evidente. Apanhada desprevenida, Elsa olha para ele e espera, porque sabe que só assim ele lhe contará toda a história. Uma criança de quase oito anos pressente esse tipo de coisas.

Espera o tempo que for preciso.

Depois de dois semáforos vermelhos, Alf solta um suspiro resignado, como fazem as pessoas que estão a preparar-se para contar uma história, apesar de não gostarem de o fazer. Partilha então com Elsa a história de Britt-Marie, que é também a sua, ainda que esta última parte possa não ser intencional. O relato inclui bastantes imprecações e Elsa tem de fazer um grande esforço para não lhe corrigir a gramática. Contudo, depois de muitos «ses», «mas» e de ainda mais «raios», Elsa consegue perceber que Alf e Kent cresceram com a mãe no apartamento onde Alf reside agora. Quando Alf tinha dez anos, outra família mudou-se para o apartamento de cima, com duas filhas da idade dele e do irmão. A mãe era uma cantora conhecida e o pai vestia fatos e estava sempre a trabalhar. A irmã mais velha, Ingrid, possuía, ao que parecia, um talento extraordinário para cantar. Ia ser uma estrela, garantiu a mãe delas à mãe de Alf e Kent. Nunca tinha nada a dizer sobre a outra filha, Britt-Marie. Alf e Kent, contudo, deram logo por ela. Era impossível não a ver.

Ninguém se lembra quando é que a jovem aluna de Medicina apareceu no prédio. Um dia estava simplesmente lá, no apartamento enorme que ocupava todo o piso de cima do prédio naquele tempo; quando a mãe de Alf e Kent lhe perguntou porque vivia sozinha num apartamento tão grande, a jovem aluna de Medicina afirmou tê-lo ganhado «num jogo de póquer». Não passava muito tempo em casa, claro, e quando lá estava era sempre acompanhada por amigos estranhos e, de vez em quando, cães vadios. Uma noite, trouxe para casa um grande rafeiro preto que, pelos vistos, também ganhara num jogo de póquer, segundo Alf. Alf, Kent e as filhas dos vizinhos só queriam brincar com ele; não perceberam que estava a dormir. Alf tinha a certeza de que o cão não tivera intenção de fazer mal a Britt-Marie e fora apenas apanhado de surpresa. Tal como a própria Britt-Marie.

Depois disso, o cão desapareceu. No entanto, a mãe de Britt-Marie passara a odiar a jovem estudante de Medicina, e nada nem ninguém conseguia fazê-la mudar de ideias. Deu-se então o acidente, mesmo em frente ao prédio. A mãe de Britt-Marie, que ia a conduzir, não viu o camião. O impacto fez estremecer todo o prédio. Ela saiu do banco da frente do carro apenas com uns arranhões, abalada e confusa, mas do banco de trás não saiu ninguém. A mãe soltou os gritos mais terríveis do mundo quando viu o sangue. A jovem estudante de Medicina saiu de casa a correr, em camisa de dormir, com a cara coberta de migalhas de bolo de canela, e viu as duas meninas no banco de trás. Não tinha carro, e só conseguia levar uma ao colo. Abriu a porta e observou que apenas uma das meninas ainda respirava. Portanto, pegou nessa e correu até ao hospital.

Alf cala-se. Elsa pergunta o que aconteceu a seguir. Alf mantém o silêncio durante três

semáforos vermelhos. Por fim continua, num tom carregado de amargura:

– É uma coisa terrível, perder um filho. Aquela família nunca mais recuperou. A culpa não foi da mãe, nem de ninguém. Foi um acidente. Ela é que se calhar nunca superou o trauma. E podes ter a certeza de que nunca perdoou à tua avó.

– Porquê?

– Achava que a tua avó tinha salvado a filha errada.

O silêncio de Elsa parece longo como cem semáforos vermelhos.

– O Kent também estava apaixonado pela Britt-Marie? – pergunta, por fim.

– Somos irmãos. Os irmãos competem entre si.

– E o Kent venceu?

Um som estranho sai da garganta de Alf; Elsa não percebe se é uma tossidela ou um riso.

– Isso é que era bom. Eu é que venci.

– Como assim?

– O Kent foi viver para outro lado. Casou-se demasiado novo, claro, com uma mulher que era um bico de obra. Teve os gémeos, o David e a Pernilla. Ele adora os filhos, mas aquela mulher de um raio fê-lo muito infeliz.

– E você e a Britt-Marie?

Um semáforo vermelho. Outro.

– Éramos jovens. As pessoas são estúpidas quando são jovens. Eu fui-me embora. Ela ficou.

– Para onde é que foi?

– Para a guerra.

Elsa olha para ele.

– Também foi soldado?

Alf passa a mão pela falta de cabelo.

– Sou velho, Elsa. Fui muitas coisas.

– Então o que aconteceu à Britt-Marie?

– Eu regresssei a casa. Ela foi-me esperar, para me fazer uma surpresa. E viu-me com outra mulher.

– Traiu-a?

– Sim.

– Porquê?

– Porque as pessoas são estúpidas quando são jovens.

Semáforo vermelho.

– E depois, o que é que fez? – quis saber Elsa.

– Fui-me embora – responde ele.

– Durante quanto tempo?

– Muito.

– E o Kent?

– Divorciou-se. Veio viver com a nossa mãe. A Britt-Marie ainda aqui estava. Sim, é verdade, ele sempre gostou dela. Assim, quando os pais dela morreram, casaram e mudaram-se para o apartamento deles. O Kent tinha ouvido dizer que talvez os proprietários quisessem vender os apartamentos aos inquilinos. Por isso, ficaram e esperaram pelo lucro. A Britt-Marie queria ter filhos, mas o Kent achava que os que já tinha eram mais do que suficientes. E agora as coisas são como são.

Elsa abre e fecha o porta-luvas de *Táxi*.

– E porque é que voltou para casa depois da guerra?

– Algumas guerras chegam ao fim. E a minha mãe adoeceu. Alguém tinha de cuidar dela.

– E o Kent não podia fazer isso?

Alf passa os dedos pela testa, como costumam fazer as pessoas quando estão a vaguear entre as memórias e a abrir portas há muito fechadas.

– O Kent cuidou da nossa mãe enquanto ela foi viva. É um idiota, mas sempre foi bom filho; ninguém pode dizer o contrário daquele desgraçado. Nunca faltou nada à nossa mãe enquanto foi viva. Por isso, eu vim tomar conta dela quando ela estava a morrer.

– E depois?

Alf coça a cabeça. Não parece conseguir encontrar a resposta certa.

– Depois... fui ficando.

Elsa fita-o com ar sério. Respira fundo e declara:

– Gosto muito de si, Alf. Mas foi um idiota de merda por se ir embora.

Alf tosse ou ri-se outra vez. Após o semáforo vermelho seguinte, murmura:

– A Britt-Marie cuidou da tua mãe depois de o teu avô morrer enquanto a tua avó viajava, e ela viajava muito. Nem sempre foi a chata irritante que é agora.

– Eu sei – admite Elsa.

– Foi a tua avó que te contou?

– De certa forma. Contou-me a história de uma princesa num reino de sofrimento, e de dois príncipes que a amavam tanto que começaram a odiar-se um ao outro. Os wurses foram exilados pelos pais da princesa, mas depois a princesa foi buscá-los quando a guerra chegou. E havia uma bruxa que roubou um tesouro à princesa.

Fica calada. Cruza os braços. Vira-se para Alf.

– O tesouro era eu, não era?

Alf suspira.

– Não gosto muito de contos de fadas.

– Podia fazer um esforço!

– A Britt-Marie dedicou a vida inteira a apoiar um homem que nunca está em casa, e a tentar fazer com que os filhos de outra mulher gostassem dela. Quando o teu avô morreu e pôde ajudar a tua mãe, talvez tenha sido a primeira vez que se sentiu...

Parece procurar a palavra certa. Elsa ajuda-o.

– Necessária.

– Sim.

– E depois a Mamã cresceu?

– Mudou-se. Foi para a universidade. O prédio ficou muito sossegado durante imenso tempo. E depois voltou, com o teu pai, grávida.

– Eu ia ser todas as segundas oportunidades da Britt-Marie – acrescenta Elsa baixinho, compreendendo.

– Foi então que a tua avó voltou para casa – concluiu Alf, parando num sinal de «Stop».

Não falam muito mais sobre o assunto, como é natural quando não há muito mais a acrescentar. Alf leva a mão ao peito, como se algo lhe estivesse a fazer comichão por baixo do casaco.

Elsa olha para o fecho.

– Fez essa cicatriz na guerra?

O olhar de Alf torna-se mais defensivo. Elsa encolhe os ombros.

– Tem uma grande cicatriz no peito. Vi-a quando estava de roupão. Por falar nisso, devia comprar um roupão novo.

– Nunca estive nesse tipo de guerra. Nunca fui alvejado.

– Então é por isso que não está avariado?

– Avariado?

– Como o Sam. E o Coração-de-Lobo.

– O Sam já estava avariado antes de se tornar soldado. E nem todos os soldados ficam assim. Mas quando uma pessoa vê as merdas que aqueles rapazes viram, precisa de ajuda quando regressa. E este país está disposto a gastar milhões em armas e aviões de combate, mas quando os soldados voltam para casa, depois de verem as merdas que viram, ninguém se dá ao trabalho de os ouvir durante cinco minutos.

Olha para Elsa, triste.

– As pessoas precisam de contar as suas histórias, Elsa, caso contrário sufocam.

– Então onde é que arranjou a cicatriz?

– É um *pacemaker*.

– Oh!

– Sabes o que é? – pergunta Alf, com ceticismo.

Elsa fica um pouco ofendida.

– Não há dúvida de que és mesmo uma miúda diferente das outras.

– É bom ser diferente.

– Eu sei.

Enquanto percorrem a autoestrada, Elsa conta a Alf que o Homem de Ferro, que é uma espécie de super-herói, também tem uma espécie de *pacemaker*. Na verdade, é um íman

eletromagnético: o Homem de Ferro tem estilhaços no coração que, sem o íman, abririam buracos nesse órgão, causando-lhe a morte. Alf não parece compreender completamente os aspetos mais subtis da história, mas ouve-a sem interromper.

– E no fim do terceiro filme operam-no e tiram-lhe o íman! – conclui Elsa, empolgada; depois pigarreja e acrescenta, um pouco envergonhada: – Peço desculpa pelos *spoilers*.

Alf não parece muito preocupado. Para dizer a verdade, não parece sequer saber o que significa *spoiler*, a menos que seja uma peça de automóvel.

Está a nevar outra vez e Elsa decide que, mesmo que as pessoas de quem gosta se tenham portado de forma merdosa no passado, tem de continuar a gostar delas. Aliás, depressa ficaríamos sem pessoas se tivéssemos de desqualificar todos os que se comportaram de forma merdosa uma vez ou outra. Elsa pensa que deve ser a moral desta história. Os contos de Natal têm sempre uma moral.

O telemóvel de Alf toca, no compartimento entre os bancos. Ele olha para o ecrã, mas não atende. O telemóvel soa outra vez.

– Não vai atender? – pergunta Elsa.

– É o Kent. Imagino que deve querer chatear-me com uma porcaria qualquer sobre o contabilista e o raio da venda dos apartamentos. Não pensa noutra coisa. Pode esperar por amanhã – resmunga Alf.

O telemóvel continua a tocar; Alf não atende. À terceira vez, Elsa pega-lhe, irritada, e atende, apesar de Alf ralhar com ela. É uma voz de mulher do outro lado da linha. Está a chorar. Elsa passa o telefone a Alf. Vê-o a tremer contra a orelha dele. Alf empalidece.

É véspera de Natal. *Táxi* faz inversão de marcha. Dirigem-se ao hospital.

Alf não para num único semáforo vermelho.

* * *

Elsa senta-se num banco no corredor a falar com a Mamã ao telefone, enquanto Alf está dentro do quarto a falar com um médico. As enfermeiras, julgando que Elsa é a neta, explicam-lhe que ele teve um ataque cardíaco, mas que vai recuperar. Kent vai sobreviver.

À porta do quarto está uma mulher ainda jovem e muito bonita a chorar. Cheira a perfume. Dirige um sorriso triste a Elsa, que ela retribui. Alf sai da sala e cumprimenta a mulher com um aceno de cabeça, sem sorrir; a mulher entra no quarto sem o fitar nos olhos.

Alf não diz uma palavra; simplesmente, dirige-se à entrada do hospital e sai para o parque de estacionamento, seguido por Elsa. E é só então que Elsa vê Britt-Marie. Está sentada num banco de jardim, absolutamente imóvel, com o casaco florido, apesar das temperaturas negativas. Esqueceu-se do broche. A mancha da arma de *paintball* ainda se vê. Britt-Marie tem os lábios azulados do frio e faz rodar a aliança de casamento no dedo. Tem uma camisa de Kent no colo; cheira a lavado e está engomada na perfeição.

– Britt-Marie? – A voz áspera de Alf ecoa na penumbra e ele para a um metro dela.

Britt-Marie não responde. As suas mãos deslizam sobre o colarinho da camisa que tem no colo. Sacode devagar algo invisível de uma dobra. Com todo o cuidado, dobra um punho e depois o outro. Endireita uma ruga inexistente.

Em seguida, levanta a cabeça. Parece velha, cada palavra a deixar uma pequena marca no seu rosto.

– Na verdade, tenho sido absolutamente espetacular a fingir, Alf – murmura em tom firme.

Alf não responde. Britt-Marie olha para a neve e gira a aliança.

– Quando o David e a Pernilla eram pequenos, estavam sempre a repetir que eu não tinha jeito nenhum para inventar histórias. Eu queria ler-lhes as histórias dos livros e eles pediam-me que inventasse uma; só que eu não percebia porque é que havia de me pôr a inventar do nada, quando havia tantos livros escritos com princípio, meio e fim. Não percebia mesmo.

A sua voz é agora mais alta. Como se tivesse de convencer alguém.

– Britt-Marie... – chama-a Alf baixinho; ela interrompe-o com frieza.

– O Kent dizia aos filhos que eu não conseguia inventar histórias porque não tinha imaginação, mas isso não é verdade. Não é mesmo. Tenho uma imaginação absolutamente fantástica. Sou muito boa a fingir. – Alf passa os dedos pela cabeça e pestaneja, permanecendo em silêncio. Britt-Marie acaricia a camisa que tem no colo como se fosse um bebé prestes a adormecer. – Levo sempre uma camisa acabada de lavar quando vou ter com ele a algum lado. Porque eu não uso perfume.

A sua voz fica abafada.

– O David e a Pernilla acabaram por não vir jantar connosco, estavam ocupados. Eu compreendo que estejam, aliás, estão ocupados há anos. Por isso, o Kent ligou e avisou-me de que ia ficar mais algumas horas no escritório. Só algumas horas, porque tinha um telefonema importante com a Alemanha. Embora, na verdade, também seja Natal na Alemanha. Mas não voltou para casa. Por isso, tentei ligar-lhe. Não atendeu. Deixei uma mensagem. Por fim, o telefone tocou; não era o Kent.

O lábio inferior treme-lhe.

– Eu não uso perfume, mas ela usa. Por isso, faço sempre questão de que ele tenha uma camisa lavada. É tudo o que peço: que ele ponha a camisa na máquina de lavar assim que chega a casa. Será pedir muito?

– Por favor, Britt-Marie...

Ela engole em seco e continua a girar a aliança.

– Foi um ataque cardíaco. Sei porque ela me ligou a contar-me, Alf. Ela ligou-me. Porque não conseguia, não conseguia... Não era capaz de estar aqui no hospital e pensar que o Kent podia morrer sem eu saber. Não conseguia simplesmente aguentar...

Põe uma mão em cima da outra, fecha os olhos e acrescenta, em voz trémula:

– Na verdade, tenho uma imaginação excelente. Muitíssimo boa. O Kent estava sempre a alegar que ia jantar com os alemães, ou que o avião estava atrasado por causa da neve, ou que ia só passar pelo escritório um bocadinho. E eu fingia acreditar. Fingia tão bem que comecei mesmo a acreditar.

Levanta-se, vira-se e pendura a camisa nas costas do banco com todo o cuidado. Como se, mesmo agora, não conseguisse descarregar os seus sentimentos numa coisa acabada de engomar.

– Sou muito boa a fingir – murmura.

– Eu sei – responde Alf, também num murmúrio.

Deixam a camisa no banco e vão para casa.

Parou de nevar. Viajam em silêncio. A Mamã vem ter com eles à porta do prédio. Abraça Elsa. Tenta abraçar Britt-Marie. Britt-Marie afasta-a. Não de forma violenta, mas determinada.

– Não a odeio, Ulrika – justifica-se.

– Eu sei – garante a Mamã, com um aceno lento.

– Não a odeio, não odeio o cão e não odeio o carro dela.

A Mamã acena de novo e pega-lhe na mão. Britt-Marie fecha os olhos.

– Não odeio nada, Ulrika. A sério que não. Só queria que tu me desses ouvidos. Será pedir muito? Só não queria que deixasses o carro no meu lugar. Na verdade, só não queria que ela ocupasse o meu lugar. – Faz girar a aliança.

A Mamã ajuda-a a subir as escadas, com a mão firme pousada com ternura sobre o casaco florido. Alf não volta ao apartamento, mas o Pai Natal aparece. Os olhos do menino da síndrome iluminam-se, como os olhos das crianças se costumam iluminar quando alguém lhes fala sobre gelados e fogo de artifício, subir às árvores e chapinhar em poças.

Maud põe mais um prato na mesa e vai buscar mais gratinado. Lennart põe café a fazer. George lava a loiça. Depois de os presentes serem distribuídos, o menino e a mulher da saia preta sentam-se no chão a ver *Cinderela* na televisão.

Britt-Marie está sentada ao lado de Elsa, no sofá, parecendo pouco à vontade. Olham de viés uma para a outra. Não falam, mas este é com certeza o cessar-fogo nas suas hostilidades. Assim, quando a mãe de Elsa observa que está na altura de ela parar de comer pais natais de chocolate antes que fique com dor de barriga, e Elsa continua a comê-los, Britt-Marie não a censura.

Quando a madrasta má aparece em *Cinderela*, Britt-Marie levanta-se discretamente, alisa uma ruga na saia e vai para o vestíbulo chorar. Elsa segue-a. Sentam-se juntas, em cima da arca, a comer pais natais de chocolate.

Porque é possível uma pessoa estar angustiada enquanto come pais natais de chocolate, mas é muito, muito, muito mais difícil.

Bolo de amendoim

A quinta carta cai, literalmente, no colo de Elsa.

Acorda na manhã seguinte no roupeiro mágico da Avozinha. O menino da síndrome dorme, rodeado pelos seus sonhos, com a bisnaga cata-sonhos nos braços. O wurse babou-se um bocadinho na camisola de Elsa e, agora que secou, a camisola parece cimento nesse sítio.

Fica deitada na escuridão muito tempo, a inspirar o cheiro a serradura. Pensa na citação de Harry Potter que a Avozinha surriprou para uma das suas histórias da Terra-de-Quase-Acordar. É de *Harry Potter e a Ordem da Fénix*, o que é irónico, obviamente (para o compreender, seria preciso uma pessoa estar bem informada sobre as diferenças entre os livros de Harry Potter e os filmes de Harry Potter, e também sobre o significado de «irónico»).

Porque *Harry Potter e a Ordem da Fénix* é o filme de Harry Potter de que Elsa menos gosta, apesar de a citação em questão ser uma das suas citações de Harry Potter preferidas. É aquela em que Harry afirma que ele e os amigos têm uma vantagem na guerra iminente com Voldemort, porque têm uma coisa que Voldemort não tem: «Algo por que vale a pena lutar.»

É irónico porque essa frase não consta do livro, do qual Elsa gosta muito mais do que do filme, embora não seja um dos seus preferidos. Agora que pensa nisso, talvez afinal não seja irónico. *Tenho de estudar isto melhor na Wikipédia*, pensa; e senta-se. É então que a carta lhe cai no colo. Estava presa com fita-cola ao teto do roupeiro. Elsa não faz ideia de há quanto tempo lá estaria. Mas este tipo de coisas é lógico nos contos de fadas.

Um minuto depois, Alf abre a porta de casa. Está a beber café, com cara de quem não pregou olho a noite toda. Olha para o envelope. Diz apenas «ALF», em letras desnecessariamente grandes.

– Encontrei-o no roupeiro. É da Avozinha. Acho que ela quer pedir-lhe desculpa de alguma coisa – informa Elsa.

Alf leva o dedo aos lábios para a silenciar e aponta para o rádio atrás de si, algo que não deixa Elsa nada satisfeita. Estão a dar as notícias do trânsito.

– Houve um acidente qualquer na autoestrada. O raio do trânsito para entrar na cidade está parado há horas – transmite-lhe, como se Elsa tivesse algum interesse nisso. Não tem; está demasiado interessada na carta. Alf só a lê depois de ela insistir muito.

– O que é que diz, então? – exige Elsa saber assim que ele acaba.

– Pede desculpa.

– Sim, mas *porquê*?

Alf suspira como, ultimamente, tem feito muitas vezes na presença de Elsa.

– A carta é minha, caraças.

– Ela pede desculpa por estar sempre a dizer que você não levanta os pés quando anda e que é por isso que tem os sapatos tão gastos?

– Que mal têm os meus sapatos? – pergunta Alf, olhando para eles. Pelos vistos, não é um dos temas da carta.

– Nada. Os seus sapatos não têm mal nenhum – murmura Elsa.

– Tenho estes sapatos há mais de cinco anos!

– São muito bonitos – mente Elsa.

Alf olha para ela, desconfiado. Em seguida, baixa os olhos para a carta.

– Eu e a tua avó tivemos uma grande discussão antes de ela morrer, está bem? Mesmo antes de ela ser internada. Ela tinha-me pedido o raio da chave de parafusos elétrica emprestada e nunca mais se lembrou de a devolver, mas afirmava que a tinha devolvido, apesar de eu saber muito bem que não voltei a pôr os olhos no raio da chave de parafusos.

Elsa suspira como, ultimamente, tem feito muitas vezes na presença de Alf.

– Já ouviu falar do tipo que praguejou tanto que morreu?

– Não – responde Alf, como se a pergunta fosse a sério.

Elsa revira os olhos.

– O que é que a Avozinha diz sobre a chave de parafusos?

– Pede desculpa por a ter perdido, só isso.

Dobra a carta e guarda-a no envelope. Elsa, obstinada, não arreda pé.

– Que mais? Sei que tem de haver mais do que isso. Não sou estúpida.

Alf põe o envelope na prateleira dos chapéus.

– Pede desculpa sobre uma data de coisas.

– É complicado?

– Não havia porcaria nenhuma na vida da tua avó que não o fosse.

Elsa enfia as mãos nos bolsos e fixa o emblema dos Gryffindor no cachecol. Mais exatamente, olha para os pontos dados pela Mamã, que o coseu depois de as raparigas da escola o terem rasgado. A Mamã ainda pensa que o cachecol se rasgou quando a Avozinha trepou a cerca no jardim zoológico.

– Acredita na vida depois da morte? – pergunta a Alf, sem olhar para ele.

– Não faço a mais pequena ideia – responde Alf, em tom nem agradável, nem desagradável, apenas muito típico de Alf.

– Quer dizer... acredita, tipo... no paraíso? – murmura Elsa.

Alf bebe o café e pensa no assunto.

– Seria complicado como o caraças. Isto é, em termos logísticos. O paraíso, para mim, não seria um sítio apinhado de gente – resmunga, por fim.

Elsa pensa nisso e reconhece a lógica. Afinal de contas, para si o paraíso seria o sítio onde a Avozinha estivesse, enquanto que, para Britt-Marie, o paraíso provavelmente dependeria da total e completa ausência da Avozinha.

– Às vezes diz coisas muito profundas – reconhece.

Alf bebe café e olha para ela como se esta fosse uma conversa pouco adequada a uma miúda de quase oito anos.

Elsa tenciona perguntar-lhe mais qualquer coisa sobre a carta, mas acaba por não ter tempo. Mais tarde, ao olhar para trás, pensará que, se tivesse feito outras escolhas, o dia não teria acabado de forma tão terrível. Contudo, nessa altura, é tarde de mais.

O Papá aparece nas escadas atrás de si. A ofegar. O que, decididamente, não parece coisa do Papá.

Elsa arregala os olhos quando o vê e depois desvia o olhar para o apartamento de Alf. Para o rádio. Não há coincidências nos contos de fadas. Houve até um dramaturgo russo que, certa vez, declarou que, se há uma pistola pendurada na parede no primeiro ato, ela tem de ser disparada antes do final do último ato. Elsa sabe isso. (Bom, quem ainda não percebeu, nesta altura, como Elsa sabe as coisas, é porque não tem estado a prestar atenção.) Portanto, Elsa compreende que a história toda da notícia na rádio e do acidente na autoestrada deve estar relacionada com o conto de fadas em que se encontram.

– É... a Mamã? – consegue articular.

O Papá acena que sim e lança um olhar nervoso a Alf. Elsa começa a tremer.

– Ela está no hospital?

– Sim, foi chamada esta manhã para uma reunião. Havia uma crise qual... – começa o Papá, mas Elsa interrompe-o.

– Ela esteve envolvida no acidente, não foi? Na autoestrada?

O Papá parece espetacularmente perplexo.

– Qual acidente?

– O acidente de automóvel! – repete Elsa, fora de si.

– Não... não! – E sorri. – Já és uma irmã mais velha. A tua mãe estava na reunião quando lhe rebentaram as águas!

Para ser franca, a informação não lhe entra logo na cabeça. Apesar de Elsa saber o que acontece quando as águas de uma grávida rebentam, comunicado assim soa-lhe a um *cliché*.

– Então e o acidente... O que é que isso tem a ver com o acidente? – murmura.

O Papá hesita.

– Nada, acho eu. Isto é... O que é que queres dizer?

Elsa olha ora para Alf, ora para o Papá. Pensa tanto que sente a tensão por trás dos olhos.

– Onde está o George? – pergunta.

– No hospital – responde o Papá.

– Como é que ele lá chegou? Disseram na rádio que o trânsito está todo parado!

– Foi a correr – diz o Papá, com aquele pequeno esgar que um pai faz quando se vê obrigado a elogiar o novo amor da ex-mulher.

E é então que Elsa sorri.

– O George é boa pessoa, nessas coisas – sussurra.

– Sim – admite o Papá.

Entretanto, Elsa decide que talvez a rádio já tenha conquistado o seu lugar no conto de fadas.

– Mas como é que nós vamos chegar ao hospital se a autoestrada está bloqueada? – pergunta, ansiosa.

– Pelo raio da estrada velha – responde Alf, impaciente. O Papá e Elsa olham para ele como se tivesse falado numa língua inventada. Alf suspira. – A estrada velha, caraças. A seguir ao antigo matadouro. Onde havia aquela fábrica que fazia recuperadores de calor antes de os filhos da mãe se mudarem para a Ásia. Podemos ir por essa estrada para o hospital. Os jovens hoje em dia, por amor de Deus... Acham que o mundo inteiro é uma autoestrada.

É nesse momento que Elsa decide que ela e o wurse irão em *Táxi*, para logo em seguida mudar de ideias e optar por ir em *Audi*, porque não quer que o Papá fique aborrecido. (Se não tivesse mudado de ideias, é possível que o dia não se tivesse tornado tão horrível e pavoroso como em breve se tornará. Quando acontecem coisas terríveis, as pessoas pensam sempre: «Se pelo menos eu não tivesse...» Bom, este será um desses momentos.)

Maud e Lennart resolvem ir também ao hospital. Maud leva bolachas e Lennart decide, quando chega à porta do prédio, levar a máquina de café, pois teme que não haja café no hospital. Bom, mesmo que haja, é uma daquelas máquinas modernas com uma data de botões, e a sua velha máquina só tem um botão. Lennart gosta muito desse botão.

O menino da síndrome e a mãe juntam-se à comitiva, mais a mulher das calças de ganga. Porque agora são todos uma espécie de equipa, algo que deixa Elsa muito contente. Na véspera, a Mamã comentou que, com tantas pessoas no apartamento da Avozinha, o prédio faz lembrar aquela casa de que Elsa tanto fala, onde vivem os X-Men. Elsa ainda vai tocar à campainha de Britt-Marie, mas ninguém abre.

Em retrospectiva, Elsa lembrar-se-á de que parou por instantes junto ao carrinho preso ao corrimão na entrada do prédio. O papel com as palavras-cruzadas ainda está afixado na parede por cima dele. Alguém as resolveu. Todos os quadradinhos estão preenchidos a lápis.

Se tivesse parado e refletido nisso mais do que um bocadinho, talvez as coisas tivessem sido diferentes. Mas não o fez. Portanto, não foram. É ainda possível que o wurse tenha hesitado um momento em frente à porta de Britt-Marie. Elsa teria compreendido se ele o fizesse, tal como imagina que os wurses hesitarão, por vezes, quando não têm bem a certeza a quem devem de facto proteger num conto de fadas. Nos contos de fadas normais, os wurses guardam as princesas e, mesmo na Terra-de-Quase-Acordar, Elsa nunca foi mais do que uma cavaleira. Contudo, se o wurse hesitou, não foi visível. Ele acompanhou Elsa. Porque é esse tipo de amigo.

Se não tivesse ido com Elsa, talvez as coisas tivessem sido diferentes.

Alf convence a polícia a dar uma volta ao quarteirão para «garantir que está tudo bem».

Elsa nunca chega a saber o que ele lhes diz, mas Alf consegue ser bastante persuasivo quando quer. Talvez tenha afirmado que viu pegadas na neve. Ou que ouviu alguém no prédio ou do outro lado da rua a dizer alguma coisa suspeita. Elsa não sabe, mas vê o polícia «estagiário de verão» entrar no carro e Olhos Verdes, após alguma deliberação, segui-lo. Os olhos dela cruzam-se com os de Elsa por um segundo; se Elsa lhe tivesse contado a verdade sobre o wurse, talvez as coisas tivessem sido diferentes. Mas não disse nada. Queria proteger o wurse. Porque é esse tipo de amiga.

Alf volta a entrar no prédio e vai à garagem buscar *Táxi*.

Quando o carro da polícia contorna a esquina ao fundo da rua, Elsa, o menino da síndrome e o wurse saem a correr da porta do prédio e entram em *Audi*, que está à espera. As crianças entram primeiro.

O wurse para de repente, com o pelo do pescoço levantado.

Passam apenas alguns segundos que, todavia, parecem uma eternidade. Mais tarde, Elsa recordará que lhe pareceu que teve tempo para um milhão de pensamentos e, ao mesmo tempo, que não teve tempo para pensar em nada.

Há um cheiro dentro de *Audi* que a faz sentir-se surpreendentemente tranquila. Não sabe porquê. Olha para o wurse através da porta aberta e, antes de se aperceber o que está prestes a acontecer, pensa que talvez ele não queira saltar para dentro do carro porque está com dores. Sabe que ele tem dores, como a Avozinha tinha dores no corpo todo, no final.

Elsa leva a mão ao bolso para tirar uma bolacha. Afinal, um verdadeiro amigo de um wurse nunca sairia de casa nos dias que correm sem pelo menos uma bolacha para emergências. Só que não tem tempo, claro, porque de repente percebe de onde vem o cheiro que sentiu em *Audi*.

Sam salta de trás do banco e Elsa sente o frio nos lábios quando ele lhe tapa a boca com a mão. Os músculos dele ficam tensos à volta da sua garganta; sente-lhe os pelos da mão a roçarem na malha do cachecol dos Gryffindor. Tem tempo para ver o breve brilho confuso nos seus olhos quando vê o menino. É nesse momento que ele percebe que tem andado a perseguir a criança errada. Elsa tem tempo para compreender que as Sombras no conto de fadas não queriam matar o Eleito. Apenas roubá-lo. Torná-lo seu. Matar quem se atravessasse no seu caminho.

E depois o wurse fecha as mandíbulas sobre o pulso livre de Sam, precisamente quando ele o estende para o menino. Sam solta um urro. Quando ele a solta, Elsa tem uma fração de segundo para reagir. Vê a faca pelo espelho retrovisor.

A seguir a isso, fica tudo escuro.

Elsa corre, a mão do menino na dela, a tentar chegar à porta do prédio, com tempo para gritar e fazer com que o Papá e Alf os oiçam. Os pés de Elsa movem-se, mas não é ela que os guia. Está a funcionar por instinto. Pensa que ela e o menino só tiveram tempo para dar meia dúzia de passos quando ouve o wurse uivar, um uivo de dor horrenda, e não sabe se é o

menino que larga a mão dela, ou se é o contrário. O seu coração bate tão depressa que o sente nos olhos. O menino escorrega e cai. Elsa ouve a porta de trás de *Audi* abrir-se e vê a faca na mão de Sam. O sangue na lâmina. Portanto, faz a única coisa que pode: pega no menino, o melhor que consegue, e corre o mais depressa que pode.

Elsa é boa a fugir. Porém, nem isso é suficiente. Ouve Sam a aproximar-se, sente o puxão no braço quando o menino lhe é arrancado; o seu coração dá um salto, fecha os olhos, e a próxima coisa de que se lembra é da dor na testa. Do grito de Maud. E das mãos do Papá. O chão duro das escadas. O mundo rodopia até pousar, de pernas para o ar, em frente dela, e Elsa pensa que deve ser assim quando uma pessoa morre. Como cair para dentro, em direção a sabe-se lá o quê.

Ouve pancadas sem compreender de onde vêm. Depois, o eco. *Eco*, tem tempo de pensar, e apercebe-se de que já não está na rua. Parece-lhe que tem areia por baixo das pálpebras. Ouve os passos ligeiros do menino a subir as escadas a correr, como só um menino que há muitos anos sabe que algo assim podia acontecer conseguiria. Ouve a voz aterrorizada da mãe do menino, a tentar manter a calma enquanto corre atrás dele, como só uma mãe habituada a que o medo seja o seu estado normal conseguiria.

A porta do prédio fecha-se atrás deles. Elsa sente as mãos do Papá a empurrá-la para trás. Não sabe porquê até ver a sombra através do vidro da porta e Sam do outro lado. Ele está de pé, parado e há algo no seu rosto tão pouco normal que, a princípio, Elsa não consegue afastar a sensação de que está a imaginar coisas.

Sam está com medo.

Num abrir e fechar de olhos, outra sombra cai sobre ele, tão enorme que engole a sombra de Sam. Os punhos pesados de Coração-de-Lobo caem com fúria, com uma violência e uma perversidade que nenhum conto de fadas conseguiria descrever. Ele não bate em Sam, ele martela-o até o enterrar na neve. Não para o dominar. Não para proteger alguém. Mas para destruir.

O pai de Elsa pega nela e corre pelas escadas acima. Tapa-lhe a cara com o casaco para ela não ver. Elsa ouve a porta abrir-se e Maud e Lennart a implorarem a Coração-de-Lobo que pare, que pare, por favor. Mas a julgar pelos sons abafados, como quando deixamos cair um pacote de leite no chão, ele não para. Nem sequer os ouve. Nas histórias, Coração-de-Lobo fugiu para as florestas sombrias muito antes da Guerra Sem Fim, porque sabia aquilo de que era capaz.

Elsa liberta-se dos braços do Papá e corre pelas escadas abaixo. Maud e Lennart param de gritar antes de ela chegar ao fundo. O punho poderoso de Coração-de-Lobo está erguido tão alto por cima de Sam que os dedos roçam nos animais de nuvem.

Coração-de-Lobo parou a meio do movimento. Entre ele e o homem ensanguentado está uma mulher que parece tão pequena e frágil que o vento passaria por ela sem a derrubar. Tem na mão uma bola de algodão azul insignificante tirada da máquina de secar, e uma marca

branca e fina no dedo, onde costumava estar uma aliança. Cada fibra do seu ser parece estar a gritar-lhe que fuja se quer viver. Porém, não se mexe, e fixa Coração-de-Lobo com a expressão resoluta de alguém que não tem nada a perder.

Fecha a bola de algodão na mão, une-a à outra mão e coloca ambas sobre a barriga; em seguida, olha com determinação para Coração-de-Lobo e declara, em tom autoritário:

– Neste condomínio não matamos pessoas à pancada.

O punho de Coração-de-Lobo vibra no ar. O seu peito sobe e desce com a respiração ofegante. Lentamente, baixa os braços.

A mulher ainda se encontra entre Coração-de-Lobo e Sam, entre o monstro e a Sombra, quando o carro da polícia trava com uma derrapagem. A mulher-polícia dos olhos verdes salta do carro antes de ele parar completamente, com a arma em punho. Coração-de-Lobo cai de joelhos.

Elsa abre a porta do prédio e corre lá para fora. Os policiais gritam com Coração-de-Lobo. Tentam deter Elsa, mas é como querer segurar água nas mãos: ela escapa-se por entre os seus dedos. Por motivos que não compreenderá durante muitos anos, Elsa tem tempo para pensar no que a mãe comentou certa vez com George quando pensava que ela estava a dormir. Que é assim, ser mãe de uma filha que começa a crescer.

O wurse jaz no chão, imóvel, entre *Audi* e a porta do prédio, em cima da neve tingida de vermelho. O wurse tentou chegar junto dela. Saiu de *Audi* e rastejou enquanto teve forças. Elsa despe o casaco, tira o cachecol dos Gryffindor e tapa-o. Aninha-se na neve ao lado dele, abraça-o com força, com muita força, sentindo o cheiro a bolo de amendoim na sua respiração, e murmura-lhe ao ouvido, uma e outra vez:

– Não tenhas medo, não tenhas medo. Não tenhas medo, não tenhas medo, o Coração-de-Lobo derrotou o dragão e nenhum conto de fadas pode acabar enquanto o dragão não for derrotado.

Quando sente as mãos do Papá a levantá-la do chão com delicadeza grita bem alto, para o wurse a ouvir mesmo que já vá a caminho da Terra-de-Quase-Acordar:

– NÃO PODES MORRER! OUVISTE? NÃO PODES MORRER PORQUE TODOS OS CONTOS DE NATAL TÊM UM FINAL FELIZ!

É difícil encontrar sentido na morte. É difícil deixar partir alguém que amamos.

A Avozinha e Elsa costumavam ver o noticiário da noite juntas. De vez em quando, Elsa perguntava à Avozinha porque é que os adultos estavam sempre a fazer coisas tão estúpidas uns aos outros. Na maioria das vezes, a Avozinha respondia que era porque os adultos são, em geral, pessoas, e as pessoas são, em geral, uma merda. Elsa contrapunha que os adultos eram também responsáveis por muitas coisas boas no meio de toda a estupidez – a exploração espacial, as Nações Unidas, as vacinas e os cortadores de queijo, por exemplo. Ao que a Avozinha retorquia que a parte mais complicada da vida era quase ninguém ser totalmente uma merda e quase ninguém ser totalmente uma não-merda. O mais difícil era tentar conservar o mais possível o lado que é uma não-merda.

Uma vez, Elsa perguntou-lhe porque tinham de morrer tantas pessoas que não eram uma merda, em todo o lado, e porque é que havia tantas pessoas que eram uma merda e não morriam. E porque é que alguém tinha de morrer, fosse uma merda ou não. A Avozinha tentou distrair Elsa com gelado e uma mudança de assunto, porque a Avozinha preferia gelados à morte. Contudo, Elsa conseguia ser uma criança surpreendentemente obstinada, pelo que a Avozinha acabou por desistir e admitiu que algumas coisas tinham de ceder o seu lugar neste mundo para que coisas novas o pudessem ocupar.

«Como quando estamos no autocarro e entram pessoas idosas?», indagou Elsa. E a Avozinha perguntou-lhe se estava disposta a aceitar mais gelado e outro tema de conversa se ela respondesse que sim. Elsa concordou com o negócio.

Os contos de fadas mais antigos de Miamas asseguram que um wurse só pode morrer de um coração partido. Tirando isso, são imortais. É por isso que passou a ser possível matá-los depois de terem sido exilados da Terra-de-Quase-Acordar por terem mordido a princesa: porque foram expulsos pelas pessoas que amavam e que tinham protegido.

«E foi por isso que os conseguiram matar na última batalha da Guerra Sem Fim», explicou a Avozinha (nessa última batalha tinham morrido centenas de wurses). «Porque, na guerra, partem-se os corações de todas as criaturas vivas.»

Elsa pensa naquilo enquanto está sentada na sala de espera do veterinário. Cheira a alpista. Britt-Marie está sentada ao lado dela, com as mãos cruzadas no colo, a observar uma catatua na sua gaiola do outro lado da sala. Britt-Marie, pelos vistos, não gosta muito de catatuas. Elsa não é muito entendida na forma como as catatuas demonstram as suas emoções, mas parece-lhe que o sentimento é mútuo.

– Não precisa de ficar aqui comigo – diz Elsa, com a voz embargada pela dor e pela raiva.

Britt-Marie sacode algumas sementes invisíveis do casaco e responde, sem tirar os olhos da catatua:

– Não dá trabalho nenhum, minha querida Elsa. Não te preocupes. Não dá trabalho nenhum.

Elsa sabe que ela não quer soar desagradável. A polícia está a interrogar o Papá e Alf sobre tudo o que aconteceu, e Britt-Marie foi a primeira a ser interrogada, por isso ofereceu-se para fazer companhia a Elsa enquanto esperam que o cirurgião veterinário saia e lhes diga alguma coisa em relação ao wurse. Por isso, Elsa compreende que não há qualquer má intenção nas palavras dela. Simplesmente é difícil para Britt-Marie não soar aborrecida.

Elsa enrola o cachecol dos Gryffindor nas mãos. Inspira profundamente.

– Foi muito corajoso da sua parte meter-se entre o Coração-de-Lobo e o Sam – diz-lhe, em voz baixa.

Britt-Marie sacode sementes e migalhas invisíveis da mesa à sua frente para a palma da mão. Fica sentada, com a mão fechada, como se estivesse à procura de um caixote do lixo invisível para as deitar.

– Tal como eu mencionei, não matamos pessoas à pancada no nosso condomínio – responde depressa, para Elsa não perceber como está emocionada.

Ficam em silêncio. O silêncio de quem faz as pazes pela segunda vez em dois dias, mas não quer fazê-lo de forma muito direta. Britt-Marie ajeita uma almofada no sofá da sala de espera.

– Eu não odiava a tua avó – afirma, sem olhar para Elsa.

– Ela também não a odiava – responde Elsa, também sem olhar.

– Na verdade, nunca quis que o prédio fosse convertido num condomínio. O Kent é que queria, e eu queria que o Kent estivesse feliz; mas a intenção dele era vender o apartamento com lucro e mudar de casa. E eu não quero mudar-me.

– Porquê?

– É a minha casa.

É difícil não gostar dela por isso.

– Porque é que você e a minha Avozinha estavam sempre a discutir? – pergunta Elsa, apesar de já saber a resposta.

– Ela achava-me uma... uma intrometida chata – declara Britt-Marie, sem revelar a verdadeira razão.

– E porque é que é assim? – insiste Elsa, pensando na princesa, na bruxa e no tesouro.

– Porque temos de nos importar com *alguma coisa*, Elsa. Assim que alguém se importava com alguma coisa neste mundo, a tua avó achava que isso era ser «chato», mas se uma pessoa não se importar com nada, não vive. Só existe...

– Sabe, Britt-Marie, isso é muito profundo.

– Obrigada. – É óbvio que tem de resistir ao impulso de sacudir qualquer coisa invisível

da manga do casaco de Elsa. Contenta-se em ajeitar de novo a almofada do sofá, apesar de há muitos anos não ter enchimento suficiente para ser considerada uma almofada digna desse nome. Elsa enrola o cachecol nos dedos.

– Há um poema sobre um velho que diz que não pode ser amado, por isso não se importa de ser, tipo, detestado. Desde que alguém o veja – menciona Elsa.

– *O Doutor Glas* – diz Britt-Marie com um aceno de reconhecimento.

– Wikipédia – corrige-a Elsa.

– Não, isso é uma citação de *O Doutor Glas* – insiste Britt-Marie.

– Isso é um *site*?

– É uma peça.

– Oh.

– O que é a Wikipédia?

– Um *site*.

Britt-Marie cruza as mãos no colo.

– Na verdade, *O Doutor Glas* é um romance, segundo sei. Não o li. Mas passaram-no para o teatro – acrescenta, hesitante.

– Oh.

– Gosto de teatro.

– Eu também.

Ambas acenam com a cabeça.

– «Doutor Glas» seria um bom nome de super-herói – comenta Elsa.

Na verdade, acha que seria um nome melhor para o arqu-inimigo de um super-herói, mas Britt-Marie não tem ar de quem lê literatura de qualidade de forma regular, por isso Elsa não quer complicar as coisas.

– «Queremos ser amados» – recita Britt-Marie. – «Se não for possível, admirados; se não for possível, temidos; se não for possível, odiados e desprezados. Queremos, a qualquer preço, despertar algum sentimento nos outros. A alma abomina o vácuo. Anseia por contacto, a qualquer preço.»

Elsa não percebe completamente o significado da citação, mas faz que sim com a cabeça.

– O que é que você quer ser?

– Às vezes, Elsa, é complicado ser adulto – responde Britt-Marie de forma evasiva.

– Também não é lá muito fácil ser criança – riposta Elsa em tom beligerante.

Britt-Marie passa as pontas dos dedos suavemente pela faixa branca na pele do dedo anelar.

– Eu costumava ir à varanda de manhã, bem cedo. Antes de o Kent acordar. A tua avó sabia; foi por isso que fez aqueles bonecos de neve. E foi por isso que eu fiquei tão zangada. Porque ela sabia o meu segredo e parecia-me que os bonecos de neve eram uma provocação.

– Que segredo?

Britt-Marie cruza as mãos com firmeza.

– Nunca fui como a tua avó. Nunca viajei. Mas, às vezes, gosto de ir à varanda de manhã, quando está vento. É uma palermice, claro, obviamente toda a gente acha que é uma palermice, eu sei. – Franze os lábios. – Mas gosto de sentir o vento no cabelo.

Elsa pensa que afinal, apesar de tudo, Britt-Marie é capaz de não ser completamente merdosa.

– Não respondeu à minha pergunta. O que é que quer ser? – insiste, passando o cachecol entre os dedos.

Os dedos de Britt-Marie deslizam com hesitação sobre a saia, como alguém que vai convidar outra pessoa para dançar. Depois, com cuidado, pronuncia as palavras:

– Quero que alguém se lembre de que eu existi. Quero que alguém saiba que estive aqui.

Infelizmente, Elsa não ouve a última parte porque o cirurgião veterinário aparece por uma porta, com uma expressão no rosto que desencadeia um turbilhão vertiginoso na sua cabeça. Antes que consiga abrir a boca, Elsa já passou por ele, a correr. Ouve-os a gritar enquanto corre pelo corredor e começa a abrir portas, uma após outra. Uma enfermeira tenta segurá-la, mas ela continua a correr, abre mais portas e só para quando ouve o wurse a uivar. Como se soubesse que ela ia a caminho e estivesse a chamá-la. Quando por fim abre a porta certa, encontra-o deitado numa mesa fria, com uma ligadura na barriga. Há sangue por todo o lado. Elsa enterra o rosto no pelo dele, o mais fundo que consegue.

Britt-Marie continua na sala de espera. Sozinha. Se saísse agora, acredita que ninguém se lembraria de que ali tinha estado. Parece ponderar nisso por um instante; depois, sacode qualquer coisa invisível da beira da mesa, alisa uma ruga da saia, levanta-se e sai.

O wurse fecha os olhos. Quase parece sorrir. Elsa não sabe se ele a consegue ouvir, se ele sente as suas lágrimas a caírem-lhe no pelo.

– Não podes morrer. Não podes morrer, porque eu já estou aqui. És meu amigo. Um amigo verdadeiro não morreria assim, percebes? Os amigos não morrem e não se deixam uns aos outros – murmura Elsa, tentando convencer-se a si própria mais do que ao wurse.

É como se ele soubesse. Tenta secar-lhe as faces com o ar quente das narinas. Elsa deita-se ao lado dele, enroscada em cima da mesa de tratamento, como se deitou na cama de hospital naquela noite em que a Avozinha não voltou com ela de Miamas.

Fica ali deitada para sempre. Com o cachecol dos Gryffindor enterrado no pelo do wurse.

Ouve a voz da mulher-polícia, à porta, entre as inspirações do wurse, à medida que a respiração dele abrande e o bater do coração por trás do pelo preto e denso se torna mais e mais espaçado. Os olhos verdes observam a menina e o animal.

– Temos de levar o teu amigo para a esquadra, Elsa.

Elsa sabe que ela está a falar de Coração-de-Lobo.

– Não podem prendê-lo! Foi legítima defesa! – grita.

– Não, Elsa, não foi. Ele não estava a defender-se a si próprio.

Afasta-se da porta. Olha para o relógio, parecendo desorientada, como se tivesse acabado de se lembrar de que tem de ir fazer algo muito importante num sítio completamente diferente; seria uma loucura se, entretanto, a pessoa que ela tem ordens rigorosas para levar para a esquadra ficasse sem vigilância por um instante, de modo a poder falar com uma criança que está prestes a perder um wurse. Uma verdadeira loucura.

E depois desaparece. Coração-de-Lobo toma o seu lugar à porta. Elsa salta da mesa e abraça-o e não quer saber se ele tem de tomar banho de álcool gel quando chegar a casa.

– O wurse não pode morrer! Diz-lhe que não pode morrer! – sussurra Elsa.

Coração-de-Lobo respira fundo. Tem os braços afastados do corpo, como se alguém lhe tivesse entornado ácido na camisola. Elsa lembra-se de que ainda tem o casaco dele em casa.

– Vou devolver-te o casaco, a Mamã lavou-o muito bem e pendurou-o no roupeiro dentro de um plástico – murmura em tom apoloético, sem o largar.

Ele está com ar de quem ficaria muito feliz se ela o largasse. Elsa não quer saber.

– Mas nunca mais podes lutar! – ordena, com a cara escondida na camisola dele. Levanta o rosto e limpa os olhos com a manga. – Não digo que ninguém possa lutar, porque ainda não decidi qual é a minha posição em relação a esse assunto. Isto é, moralmente. Mas tu és demasiado bom a lutar, por isso não podes! – soluça.

É então que Coração-de-Lobo faz uma coisa muito curiosa. Retribui o abraço.

– O wurse. Muito velho. Muito velho, Elsa – murmura, na língua secreta.

– Não aguento tanta gente a morrer – chora Elsa.

Coração-de-Lobo segura-lhe nas mãos e aperta-lhe os indicadores com delicadeza. Treme, como se estivesse a tocar em ferro em brasa, mas não a larga, como uma pessoa que compreende que há coisas mais importantes na vida do que ter medo de bactérias.

– Wurse muito velho. Muito cansado, Elsa.

E quando Elsa abana a cabeça histericamente e grita que mais ninguém lhe pode morrer agora, ele larga-lhe uma das mãos, procura no bolso das calças e tira um papel amachucado que lhe coloca na mão. É um desenho. Obviamente, foi a Avozinha que o fez, porque ela desenhava tão mal como soletrava.

– É um mapa – soluça Elsa quando o endireita; aquele soluço de alguém que já esgotou as lágrimas, mas não o choro.

Coração-de-Lobo esfrega as mãos com movimentos circulares. Elsa passa os dedos sobre a tinta.

– É um mapa do sétimo reino – percebe, falando mais consigo própria do que com ele.

Volta a deitar-se na mesa com o wurse, tão perto que sente o pelo a picar através da camisola. Sente o ar quente que sai do nariz frio. O wurse adormeceu. Pelo menos, Elsa espera que sim. Beija-lhe o nariz, deixando lágrimas quentes nos pelos. Coração-de-Lobo pigarreia baixinho.

– Estava na carta. Carta da avó – diz na língua secreta, apontando para o papel. –

Mipardonus. O sétimo reino. A tua avó e eu... íamos construí-lo.

Elsa estuda o mapa com mais atenção. Na verdade, o mapa é de toda a Terra-de-Quase-Acordar, mas com as proporções completamente erradas, porque a Avozinha nunca foi muito boa com proporções.

– Este sétimo reino fica exatamente onde estão as ruínas de Mibatalos – murmura.

Coração-de-Lobo esfrega as mãos.

– Mipardonus só pode ser construído em Mibatalos. Ideia da tua avó.

– O que significa «Mipardonus»? – pergunta Elsa, com a cara encostada à do wurse.

– «Eu perdoo».

As lágrimas no rosto dele são do tamanho de poças. A mão enorme pousa com suavidade na cabeça do wurse. O wurse abre um pouco os olhos e fita-o.

– Muito velho, Elsa. Muito, muito cansado – murmura Coração-de-Lobo.

Depois, pousa os dedos com ternura sobre a ferida que a faca de Sam abriu através do pelo denso.

É difícil deixar partir alguém que amamos. Sobre tudo quando temos quase oito anos.

Elsa aperta mais o wurse, com muita, muita, muita força. Ele consegue fitá-la uma última vez. Ela sorri e murmura:

– És o melhor amigo que já tive – e ele lambe-lhe a cara devagar. Cheira a pão de ló instantâneo. Elsa ri-se, com as lágrimas a deslizarem pelas faces.

Quando os animais de nuvem pousam na Terra-de-Quase-Acordar, Elsa abraça o wurse com todas as suas forças e murmura:

– A tua missão terminou; já não tens de proteger o castelo. Protege a Avozinha, agora. Protege todos os contos de fadas!

O wurse lambe-lhe o rosto pela última vez.

E depois desata a correr e desaparece.

Quando Elsa se vira para Coração-de-Lobo, ele tem os olhos semicerrados por causa do sol, como é natural em alguém que não ia à Terra-de-Quase-Acordar há uma eternidade de muitos contos de fadas. Elsa aponta para as ruínas de Mibatalos.

– Podemos trazer o Alf. Ele é bom a construir coisas. Pelo menos, é bom a fazer roupeiros. E vamos precisar de roupeiros no sétimo reino, não vamos? A Avozinha estará sentada num banco em Miamas quando estivermos prontos. Como o avô em *Os Irmãos Lionheart*. Há um conto com esse nome, eu li-o à Avozinha, por isso sei que ela estará à espera num banco. Ela tem a mania de surripiar coisas dessas das histórias das outras pessoas. E ela sabe que *Os Irmãos Lionheart* é um dos meus contos preferidos!

Ainda está a chorar. Coração-de-Lobo também. Mas fazem o que podem. Constroem palavras de perdão a partir das ruínas de palavras de combate.

O wurse morre no mesmo dia em que o irmão de Elsa nasce. Elsa decide que, quando o irmão for mais velho, lhe contará tudo. Falar-lhe-á sobre o seu primeiro melhor amigo.

Explicar-lhe-á que, às vezes, as coisas têm de ceder o lugar no mundo para que outras coisas possam ocupar o seu espaço. Quase como se o wurse tivesse cedido o lugar no autocarro ao Meinho.

Vai deixar bem claro ao Meinho que não pode ficar triste nem sentir peso na consciência por isso.

No fim de contas, os wurses odeiam andar de autocarro.

É difícil acabar um conto de fadas. Todas as histórias têm de ter um fim, claro. Algumas deviam terminar bem depressa. Esta, por exemplo, talvez pudesse ter sido concluída e despachada há muito tempo. O problema é esta questão de os heróis no fim dos contos de fadas terem de «viver felizes até ao fim dos seus dias». É complicado, de uma perspetiva narrativa, porque as pessoas que chegam ao fim dos seus dias têm de deixar outras que são forçadas a viver o resto dos seus dias sem elas.

E é muito, muito difícil ser a pessoa que tem de ficar e viver sem as pessoas que partem.

Quando saem do veterinário, já é de noite. Costumavam fazer anjos de neve em frente ao prédio na noite da véspera do aniversário de Elsa, uma das suas tradições favoritas. Era a única noite do ano em que a Avozinha não falava mal dos anjos. Vai com Alf, em *Táxi*. Não por não querer ir com o Papá, mas porque o Papá lhe contou que Alf estava furioso consigo próprio por estar na garagem com *Táxi* durante tudo o que acontecera com Sam. Zangado por não ter estado lá para proteger Elsa.

Alf e Elsa não falam muito durante a viagem em *Táxi*, claro; é o que acontece quando não há muito a dizer. E quando Elsa adverte que antes de ir ao hospital tem de passar por casa, Alf não pergunta porquê. Limita-se a conduzir. É boa pessoa nessas coisas, o Alf.

– Sabe fazer anjos de neve? – pergunta-lhe Elsa quando *Táxi* para em frente ao prédio.

– Tenho sessenta e quatro anos de idade – resmunga Alf.

– Isso não é resposta.

Alf desliga o motor de *Táxi*.

– Posso ter sessenta e quatro anos de idade, mas não tinha quando nasci! Claro que sei fazer anjos de neve!

Assim, fazem anjos de neve. Noventa e nove. E não falam muito acerca disso mais tarde. Porque certos tipos de amigos podem ser amigos sem grandes conversas.

A mulher das calças de ganga vê-os da varanda. Ri-se. Está a apanhar-lhe o jeito.

O Papá espera-os à porta do hospital, quando chegam. Passa por eles um médico que, por um segundo, Elsa pensa reconhecer. Depois, Elsa vê George e corre através da sala de espera, atirando-se para os braços dele. George veste calções por cima das calças de corrida e tem um copo de água gelada na mão para a Mamã.

– Obrigada por correres! – agradece-lhe Elsa, com os braços à volta dele.

O Papá olha para Elsa e vê-se que está com ciúmes, embora tente não mostrar. É boa pessoa nessas coisas. George olha para Elsa, surpreendido.

– Corro bastante bem – declara com naturalidade.

Elsa aquiesce com um aceno.

– Eu sei. É porque és diferente.

Vai com o Papá ver a Mamã, e George fica para trás tanto tempo, com o copo de água na mão, que este acaba por ficar à temperatura ambiente.

À porta do quarto da Mamã encontram uma enfermeira de ar severo que se recusa a deixar entrar Elsa porque, ao que parece, a Mamã teve um parto complicado. É o que a enfermeira diz, em tom muito firme e grave quando pronuncia o «com» de «complicado». O pai de Elsa pigarreia.

– Por acaso é nova aqui?

– O que é que isso tem a ver com o caso? – responde a enfermeira em tom autoritário. – Hoje não pode ter visitas! – afirma, com toda a certeza, antes de dar meia-volta e entrar no quarto da Mamã.

O Papá e Elsa ficam onde estão, pacientemente à espera, porque desconfiam que o problema se resolverá por si só. Pois a Mamã pode ser a Mamã, mas é também filha da Avozinha. (Lembram-se da história do homem do carro prateado, antes de Elsa nascer? Ninguém se meta com a Mamã no que envolve os filhos dela.)

Não passam mais de trinta segundos antes de a voz dela ecoar no corredor, de tal forma que os quadros na parede quase estremeçam.

– MANDE JÁ ENTRAR A MINHA FILHA ANTES QUE A ESTRANGULE COM O ESTETOSCÓPIO E NÃO DEIXE PEDRA SOBRE PEDRA DESTE HOSPITAL, ESTÁ A PERCEBER?

Trinta segundos, na verdade, foi bastante mais do que o Papá e Elsa esperavam. Porém, três ou quatro segundos depois, a Mamã acrescenta, noutro rugido ribombante:

– ESTOU-ME A BORRIFAR PARA ISSO! ARRANJO UM ESTETOSCÓPIO NOUTRO SÍTIO QUALQUER E A SEGUIR ESTRANGULO-A COM ELE!

A enfermeira sai para o corredor. Já não parece tão segura de si. O médico que Elsa pensou ter reconhecido aparece e sugere, em voz amável, que se calhar podem «abrir uma exceção desta vez». Sorri a Elsa. Elsa respira fundo e entra no quarto.

A Mamã tem tubos pelo corpo todo. Abraçam-se com toda a força que Elsa se atreve a fazer sem arrancar um dos tubos. Imagina que podia ser um cabo elétrico e que a Mamã se apagará se o desligar. A Mamã vai passando a mão pelo cabelo de Elsa.

– Lamento tanto, tanto, o que aconteceu ao teu amigo wurse – diz, carinhosamente.

Elsa fica sentada em silêncio na beira da cama durante tanto tempo que as suas faces secam e tem tempo para pensar numa forma completamente nova de medir o tempo. A história das eternidades de contos de fadas está a tornar-se pouco prática. Tem de haver algo menos complicado – pestanejar, por exemplo, ou o bater das asas de um colibri. Com certeza que alguém já deve ter pensado nisso. Vai procurar na Wikipédia quando chegar a casa.

Olha para a Mamã, que parece feliz. Elsa dá-lhe uma palmadinha na mão e a Mamã agarra a dela.

– Sei que não sou uma mãe perfeita, minha querida.

Elsa encosta a testa à da Mamã.

– Nem tudo tem de ser perfeito, Mamã.

Estão tão perto uma da outra que as lágrimas da Mamã deslizam pelo nariz de Elsa.

– Trabalho tanto, meu amor... Passei a juventude zangada com a tua avó por nunca estar em casa e agora estou a fazer-te o mesmo...

Elsa limpa os narizes de ambas com o cachecol dos Gryffindor.

– Nenhum super-herói é perfeito, Mamã. Não faz mal.

A Mamã sorri. Elsa também.

– Posso perguntar-te uma coisa?

– Claro que sim – responde a Mamã.

– Em que é que sou parecida com o teu pai?

A Mamã hesita, como as mães quando estão habituadas a adivinhar as perguntas das filhas e, de repente, são apanhadas de surpresa. Elsa encolhe os ombros.

– Sei que herdei da Avozinha esta coisa de ser diferente. E sou uma marrona como o Papá, e acabo sempre a discutir com toda a gente, o que também é da Avozinha. Então, o que tenho do teu pai? A Avozinha nunca me contou histórias sobre ele.

A Mamã não consegue responder. Elsa respira pelo nariz, nervosa. A Mamã pousa-lhe as mãos nas faces e Elsa limpa as lágrimas da Mamã com o cachecol dos Gryffindor.

– Acho que ela te falou sobre o teu avô sem tu reparares – murmura a Mamã.

– Em que é que sou parecida com ele, então?

– Tens o riso dele.

Elsa esconde as mãos dentro das mangas da camisola e abana as mangas vazias devagar.

– E ele ria-se muito?

– Sempre. Sempre, sempre, sempre. Era por isso que amava a tua avó. Porque ela o fazia rir com todas as partes do corpo. Com todas as partes da alma.

Elsa sobe para a cama de hospital, deita-se encostada à Mamã e fica ali deitada durante um milhão de batimentos de asas de um colibri.

– A Avozinha não era uma merda total. Mas também não era uma total não-merda – declara.

– Elsa! Essa linguagem! – A Mamã ri-se. Elsa também se ri. O riso do avô.

Ficam ali deitadas durante algum tempo a falar sobre super-heróis. A Mamã observa que, agora que Elsa é a irmã mais velha, não se pode esquecer de que as irmãs mais velhas são sempre vistas como ídolos pelos irmãos mais novos. E esse é um grande poder. Uma grande força.

– E, com um grande poder, vem uma grande responsabilidade – murmura a Mamã.

Elsa senta-se na cama, espantada.

– Andaste a ler o Homem-Aranha?

– Pesquisei no Google – admite a Mamã com um sorriso orgulhoso.

O sentimento de culpa invade-lhe então o rosto. Como acontece quando as mães percebem que chegou a altura de revelar um grande segredo.

– Elsa... minha querida... a primeira carta da avó... não foste tu que a recebeste. Havia outra antes da tua. A avó deu-ma a mim. No dia antes de morrer...

A Mamã parece estar à beira de uma prancha muito alta numa piscina, com toda a gente a olhar e cheia de medo de saltar.

Elsa, por seu lado, acena calmamente, encolhe os ombros e faz-lhe uma festinha na cara, como faria a uma criança que fez uma asneira porque não sabia que o era.

– Eu sei, Mamã. Eu sei.

– O quê? Sabes? Como?

Elsa suspira pacientemente.

– Bom, demorei algum tempo a perceber. Mas não é propriamente um problema de física quântica. Em primeiro lugar, nem mesmo a Avozinha seria irresponsável ao ponto de me mandar numa caça ao tesouro sem falar contigo primeiro. Em segundo lugar, só tu e eu conseguimos conduzir o *Renault* porque ele é um bocadinho diferente: eu conduzia-o às vezes enquanto a Avozinha comia *kebabs* e tu conduzas às vezes quando ela estava bêbada. Portanto, só podia ter sido uma de nós a estacionar no lugar da Britt-Marie. E não fui eu. Não sou parva. Sei contar.

A Mamã ri-se tão alto, e durante tanto tempo, que Elsa começa a ficar seriamente preocupada com o colibri.

– És a pessoa mais esperta que conheço, sabias?

Elsa pensa: *Bem, obrigada pelo elogio, mas precisas de sair e conhecer mais pessoas.*

– O que é que a Avozinha escreveu na tua carta? – pergunta.

A Mamã aperta os lábios.

– Pediu desculpa.

– Por ser uma má mãe?

– Sim.

– E perdoaste-lhe?

A Mamã sorri e Elsa limpa-lhe outra vez as faces com o cachecol dos Gryffindor.

– Acho que estou a tentar perdoar-nos a ambas. Sou como o *Renault*. Demoro um bocadinho a travar – sussurra a Mamã.

Elsa abraça-a até o colibri desistir e ir fazer outra coisa qualquer.

– A tua avó salvava crianças porque ela própria foi salva quando era pequena, querida. Eu não sabia, mas ela contou-me na carta. Ela era órfã – murmura a Mamã.

– Como os X-Men.

– Presumo que sabes aonde a próxima carta está escondida? – pergunta a Mamã com um sorriso.

– *Onde* – corrige Elsa, não se contendo.

Sabe sim, é claro. Sempre soube. Não é estúpida. E este não é o conto de fadas mais imprevisível da história.

A Mamã ri-se outra vez, até a enfermeira má entrar com má cara e declarar que tem de pôr fim àquilo antes que faça saltar algum tubo.

Elsa levanta-se. A Mamã pega-lhe na mão e beija-a.

– Já decidimos que nome vamos dar ao Meiinho. Não será Elvir. O George e eu decidimos assim que o vimos. Acho que vais gostar.

E tem razão. Elsa gosta. Mesmo muito.

Instantes depois está numa salinha, a olhar através de um vidro para o irmão deitado dentro de um pequeno caixote de plástico transparente. Ou de um *tupperware* muito grande. É difícil perceber. Tem tubos por todo o lado, os lábios azuis e cara de quem está a correr contra um vento terrivelmente forte, mas todas as enfermeiras asseguram a Elsa que não é perigoso. Tal não lhe agrada. É a forma mais óbvia de perceber quando uma coisa é de facto perigosa.

Põe as mãos em concha à volta da boca quando a encosta ao vidro, para ele a conseguir ouvir do outro lado.

– Não tenhas medo, Meiinho. Agora tens uma irmã. E as coisas vão melhorar. Vai correr tudo bem.

E depois muda para a língua secreta:

– Vou tentar não ter ciúmes de ti. Tive ciúmes de ti durante muito tempo, mas tenho um amigo chamado Alf e ele e o irmão mais novo estão zangados há uns cem anos. Não quero que estejamos zangados durante cem anos. Portanto, acho que temos de começar a esforçar-nos por gostar um do outro desde o princípio, percebes?

O Meiinho está com ar de quem percebe. Elsa encosta a testa ao vidro.

– Também tens uma avozinha. É uma super-heroína. Conto-te tudo sobre ela quando formos para casa. Infelizmente, dei a bisnaga cata-sonhos ao menino do apartamento de baixo, mas posso fazer-te outra. E levo-te à Terra-de-Quase-Acordar, onde vamos comer sonhos e dançar e rir e chorar e ser corajosos e perdoar as pessoas, e voaremos com os animais de nuvem e a Avozinha estará sentada num banco em Miamas, a fumar e à nossa espera. E um dia o avô aparecerá também por lá. Conseguiremos ouvi-lo mesmo à distância porque ele se ri com o corpo todo. Ri-se tanto que acho que teremos de construir um oitavo reino para ele. Hei de perguntar ao Coração-de-Lobo como se diz «eu rio» na língua da mãe dele. O wurse também lá está, na Terra-de-Quase-Acordar. Vais gostar do wurse. Não há amigo melhor do que um wurse!

O Meiinho olha para ela através do plástico da caixa. Elsa limpa o vidro com o cachecol dos Gryffindor.

– Tens um bom nome. O melhor. Depois conto-te tudo sobre o outro rapaz que se

chamava assim. Vais gostar dele.

Fica encostada ao vidro até se aperceber de que, se calhar, a ideia dos batimentos de asas do colibri não é muito boa, afinal. O melhor é limitar-se às eternidades de contos de fadas durante mais algum tempo. Por uma questão de simplicidade. E talvez por lhe fazer lembrar a Avozinha.

Antes de se ir embora, sussurra entre as mãos em concha ao Meiinho, na língua secreta:

– Vai ser a maior aventura de sempre ter-te como irmão, Harry. A maior de todas as aventuras!

Está a ser como a Avozinha dizia. As coisas estão a melhorar. Vai correr tudo bem.

O médico que Elsa achou reconhecer está ao pé da cama da Mamã quando ela volta ao quarto. Espera, sem se mexer, como se soubesse que ela precisa de um momento para se lembrar de onde o conhece. E, quando por fim se lembra, ele sorri como se nunca tivesse duvidado.

– Você é o contabilista! – exclama Elsa, desconfiada, e acrescenta: – E o vigário na igreja. Vi-o no funeral da Avozinha e estava vestido de vigário!

– Sou muitas coisas – responde o médico em tom jovial, com o tipo de expressão no rosto que ninguém tinha quando a Avozinha estava por perto.

– Incluindo médico? – pergunta Elsa.

– Médico acima de tudo o resto – confirma ele, estendendo a mão e apresentando-se. – Marcel. Era um grande amigo da tua avó.

– Sou a Elsa.

– Já ouvi dizer – responde Marcel, com um sorriso.

– Você era o advogado da Avozinha – acrescenta Elsa, lembrando-se dos pormenores de certos telefonemas no início do conto de fadas, por volta do segundo capítulo.

– Sou muitas coisas – repete Marcel, dando-lhe um papel.

É uma folha impressa, com as palavras soletradas de forma correta, pelo que Elsa sabe que foi Marcel, e não a Avozinha, que o escreveu. Contudo, ao fundo, vê-se algo escrito na caligrafia da Avozinha. Marcel cruza as mãos sobre a barriga, mais ou menos como Britt-Marie costuma fazer.

– A tua avó era a proprietária do prédio onde vivem. Talvez já tenhas percebido. Ela diz que o ganhou num jogo de póquer, mas não tenho a certeza.

Elsa lê o papel e franze os lábios.

– E então? Agora é meu? O prédio todo?

– A tua mãe será a administradora até tu teres dezoito anos. Mas a tua avó certificou-se de que poderás fazer o que quiseres com ele. Se quiseres, podes vender os apartamentos. E, se não quiseres, não precisas de o fazer.

– Então porque é que disse a toda a gente no prédio que podia ser transformado em condomínio se estivessem todos de acordo?

– Se tu não concordares, tecnicamente não estarão todos de acordo. A tua avó estava convencida de que tu farias o que os vizinhos quisessem, se eles estivessem todos de acordo, mas também tinha a certeza de que não farias nada com o prédio que isso pudesse prejudicar alguma das pessoas que lá vivem. Era por isso que queria ter a certeza de que conhecias todos os vizinhos antes de veres o testamento.

Pousa-lhe a mão no ombro.

– É uma grande responsabilidade, mas a tua avó proibiu-me de a dar a outra pessoa que não a ti. Disse que eras «mais inteligente do que os outros idiotas todos juntos» e que um reino é feito das pessoas que lá vivem. Disse que tu compreenderias.

Os dedos de Elsa acariciam a assinatura da Avozinha no fundo da folha.

– Compreendo.

– Podemos analisar melhor os detalhes, mas é um contrato muito complicado – diz Marcel, em tom prestável.

Elsa afasta o cabelo da cara.

– A Avozinha não era uma pessoa simples.

Marcel ri-se com gosto. É diferente de um riso normal. Muito mais barulhento. Elsa gosta de o ouvir. Seria impossível não gostar.

– Você e a Avozinha eram amantes? – pergunta de repente.

– ELSA! – interrompe a mãe, tão aflita que os tubos quase se soltam.

Ofendida, Elsa levanta os braços.

– Que mal tem PERGUNTAR? – Vira-se para Marcel e exige saber: – Eram amantes ou não?

Marcel une as mãos. Acena afirmativamente com tristeza e também com alegria. Como alguém que se regalou com um gelado enorme e agora percebe que já acabou.

– Ela foi o amor da minha vida, Elsa. O amor da vida de muitos homens. E mulheres também, na verdade.

– E você, foi o amor da vida dela?

Marcel faz uma pausa. Não parece zangado. Nem amargurado. Apenas ligeiramente enciumado.

– Não – responde. – O amor da vida dela eras tu. Sempre foste tu, querida Elsa.

Carinhosamente, estende a mão e acaricia a face de Elsa, como se estivesse a ver a pessoa que amou nos olhos da sua neta.

Elsa e a Mamã e a carta partilham o silêncio durante segundos e eternidades e batimentos de asas de colibri. Depois, a Mamã toca na mão de Elsa e tenta fazer com que a pergunta não pareça terrivelmente importante, apenas algo que lhe ocorreu:

– O que herdaste de mim?

Elsa não diz nada. A Mamã fica abatida.

– Bom, é só porque... Mencionaste que tinhas herdado certas coisas da tua avó e do teu

pai, e fiquei a pensar...

Cala-se, envergonhada, como as mães ficam quando se apercebem de que chegaram àquele ponto na vida em que querem mais das filhas do que as filhas querem delas. Elsa pousa as mãos nas faces da Mamã e responde, calmamente:

– Tudo o resto, Mamã. Herdei tudo o resto de ti.

O Papá dá boleia a Elsa até casa. Desliga a aparelhagem em *Audi* para Elsa não ter de ouvir a música dele e passa a noite no apartamento da Avozinha. Dormem no roupeiro. Cheira a serradura e é grande o bastante para o Papá se esticar e tocar nas paredes de ambos os lados com as pontas das mãos e dos pés. É extraordinário nesse aspeto, o roupeiro.

Quando o Papá adormece, Elsa desce as escadas pé ante pé. Para em frente do carrinho de bebé, que continua preso ao corrimão, à entrada do prédio. Olha para as palavras-cruzadas na parede. Alguém as resolveu a lápis. Em cada palavra há uma letra que, por sua vez, faz parte de quatro palavras maiores. E em cada uma dessas quatro palavras há uma letra escrita num quadrado mais destacado do que os outros. E-L-S-A.

Elsa olha para o cadeado que prende o carrinho ao corrimão. É de combinação, mas as quatro rodas não têm números e sim letras.

Soleta o seu nome e abre-o. Afasta o carrinho. E é aí que encontra a carta da Avozinha para Britt-Marie.

Avozinha

Na Terra-de-Quase-Acordar, nunca se diz adeus. Diz-se apenas: «Até à próxima.» Para as pessoas da Terra-de-Quase-Acordar é importante que assim seja, porque acreditam que nada morre completamente. Tudo se transforma numa história, passa por uma pequena alteração gramatical e muda de tempo verbal, de «agora» para «antes».

Um funeral pode durar semanas, porque poucos eventos na vida são uma oportunidade melhor de contar histórias. Sim, no primeiro dia são quase todas histórias de sofrimento e perda, mas, aos poucos, à medida que os dias e as noites passam, transformam-se naquelas histórias que não conseguimos contar sem desatar a rir. Histórias sobre como a falecida uma vez leu a instrução «Aplicar no rosto mas não à volta dos olhos» na embalagem de um creme para a pele e ligou para o fabricante, extremamente irritada, para dizer que é à volta dos olhos que o rosto se encontra posicionado. Ou quando contratou um dragão para caramelizar o açúcar nas taças de leite-creme, antes de uma grande festa no castelo, mas se esqueceu de verificar se o dragão não estava constipado. Ou como se punha à varanda, com o roupão aberto, a disparar contra as pessoas com uma arma de *paintball*.

Os miamasianos riem-se tão alto que as histórias se erguem, como lanternas, acima da campa, até todas as histórias serem uma e os tempos verbais serem o mesmo. Riem-se até ninguém se poder esquecer de que é isso que deixamos para trás quando partimos: os risos.

– O Meiinho afinal é um ele. E vai chamar-se Harry! – explica Elsa com orgulho enquanto raspa neve da pedra. – O Alf diz que é uma sorte ter saído menino, porque as mulheres da nossa família são «tão doidas que representam um risco de segurança». – Ri-se, fazendo aspas com os dedos no ar e arrastando os pés pela neve como Alf costuma fazer. O frio corta-lhe as faces. O Papá apanha a neve com a pá e raspa a camada superior da terra. Elsa aperta mais o cachecol dos Gryffindor ao pescoço. Espalha as cinzas do wurse sobre a campa da Avozinha e uma generosa camada de migalhas de bolo de canela por cima das cinzas.

Depois abraça a lápide com muita, muita força e murmura:

– Até à próxima!

Vai contar todas as suas histórias. Começa no caminho de regresso ao *Audi* com o Papá. O Papá ouve-a. Baixa o volume do rádio antes de Elsa entrar. Elsa olha para ele com curiosidade.

– Ficaste aborrecido quando abracei o George no hospital? – pergunta.

– Não.

– Não quero que fiques aborrecido.

– Não fiquei.

– Nem um bocadinho? – insiste Elsa, ofendida.
– Então, afinal, posso ficar aborrecido? – pergunta o Papá.
– Podes ficar um *bocadinho* aborrecido – resmunga ela.
– Está bem... estou um bocadinho aborrecido – arrisca o Papá, com ar terrivelmente aborrecido.

– Agora pareces demasiado aborrecido.
– Desculpa – pede o Papá, aflito.
– Não podes ficar aborrecido ao ponto de eu me sentir culpada. Apenas aborrecido o suficiente para eu não pensar que não ligas nenhuma! – explica Elsa.

O Papá tenta de novo.

– Agora não pareces *nada* aborrecido!
– Posso estar aborrecido por dentro, talvez?

Elsa estuda-lhe o rosto antes de ceder:

– *Deal* – concorda, em inglês.

O Papá acena com ar desconfiado e consegue conter-se para não lhe lembrar de que não há necessidade de usar palavras em inglês quando há alternativas adequadas na sua própria língua. Elsa abre e fecha o porta-luvas de *Audi* enquanto entram na autoestrada.

– Ele é boa pessoa. O George, quero eu dizer.
– Sim – concorda o Papá.
– Sei que não estás a ser sincero – protesta Elsa.
– O George é boa pessoa. – O Papá acena como se estivesse a ser sincero.
– Então porque é que nunca passamos o Natal juntos? – resmunga Elsa, irritada.
– Como assim?
– Pensava que tu e a Lisette nunca vinham passar o Natal connosco porque tu não gostavas do George.

– Não tenho absolutamente nada contra o George.
– Mas...?
– Mas?
– Mas há um «mas» à espera de sair, não há? Parece-me que vem aí um – observa Elsa, amuada.

O Papá suspira.

– Mas suponho que eu e o George somos bastante diferentes em termos de... das nossas personalidades, talvez. Ele é muito...

– Divertido?

O Papá fica aflito.

– Eu ia dizer que ele parece ser muito extrovertido.

– E tu és muito... introvertido?

Os dedos do Papá tamborilam no volante.

– Porque é que a culpa não pode ser da tua mãe? Se calhar não vos visitamos no Natal porque a tua mãe não gosta da Lisette.

– É por isso?

O Papá fica atrapalhado. É um péssimo mentiroso.

– Não. *Toda a gente* gosta da Lisette. Tenho consciência disso. – Di-lo como alguém que reconhece um traço de personalidade extremamente irritante na pessoa com quem vive.

Elsa observa-o durante muito tempo antes de perguntar:

– É por isso que a Lisette te ama? Por seres introvertido?

O Papá sorri.

– Para ser franco, não sei porque é que ela me ama.

– E tu, ama-la?

– Incrivelmente – responde ele sem hesitar.

No entanto, depressa volta ao seu estado habitual.

– Vais perguntar porque é que eu e a Mamã deixámos de nos amar um ao outro?

– Não. Ia perguntar porque é que se apaixonaram.

– O nosso casamento era assim tão terrível, na tua opinião?

Elsa encolhe os ombros.

– Vocês são muito diferentes. Ela não gosta da *Apple* e tu não gostas de *A Guerra das Estrelas*.

– Há muitas pessoas que não gostam de *A Guerra das Estrelas*.

– Papá, não há NINGUÉM que não goste de *A Guerra das Estrelas* senão tu!

O Papá não parece disposto a insistir no assunto.

– Eu e a Lisette também somos muito diferentes – recorda-lhe.

– Ela gosta de *A Guerra das Estrelas*?

– Tenho de admitir que nunca lhe perguntei.

– Como é possível que NUNCA lhe tenhas perguntado isso?!

– Somos diferentes noutros aspetos. Tenho quase a certeza.

– Então porque é que estão juntos?

– Se calhar, porque nos aceitamos um ao outro como somos.

– E tu e a Mamã tentaram mudar-se um ao outro?

Ele inclina-se e beija-a na testa.

– Às vezes, preocupa-me o quanto és perspicaz, minha querida.

Elsa pestaneja com força. Respira fundo. Reúne toda a sua energia e murmura:

– Aquela mensagem que recebeste da Mamã no último dia de aulas antes das férias de Natal... a dizer que não era preciso ires buscar-me? Fui eu que a escrevi. Menti, para poder entregar uma das cartas da Avozinha...

– Eu sei – interrompe-a o Papá.

Elsa olha para ele de lado, desconfiada. O Papá sorri.

– A gramática era demasiado perfeita. Percebi logo.

Continua a nevar. É um daqueles invernos mágicos em que a neve parece nunca acabar. Depois de *Audi* parar em frente ao prédio, Elsa vira-se para o pai com ar muito sério.

– Quero passar mais tempo contigo e com a Lisette do que só um fim de semana de quinze em quinze dias. Mesmo que tu não queiras.

– Tu... minha querida... podes ficar connosco o tempo que desejares! – gagueja o Papá, surpreendido.

– Mas só passo um fim de semana de quinze em quinze dias. E eu percebo que é porque sou diferente e isso afeta a vossa «harmonia familiar». Mas agora a Mamã tem o Meinho. Bom, na verdade, ela não pode fazer tudo porque ninguém é perfeito o tempo todo. Nem mesmo a Mamã!

– Onde é que... «harmonia familiar»... onde é que foste buscar essa ideia?

– Eu leio.

– Não queríamos afastar-te de casa – murmura ele.

– Para não ficar longe da Mamã?

– Porque nenhum de nós te queria afastar da tua avozinha.

As últimas palavras dissipam-se no ar e não deixam nada para trás. Os flocos de neve caem com tanta intensidade sobre o para-brisas de *Audi* que o mundo à frente deles parece ter desaparecido. Elsa pega na mão do Papá. O Papá aperta a dela.

– Para um pai, é difícil aceitar que não podemos proteger os filhos de tudo.

– Também é difícil de aceitar para os filhos – admite Elsa, e dá-lhe uma palmadinha no rosto. Ele não lhe larga os dedos.

– Sou uma pessoa ambivalente. Sei que isso faz de mim um mau pai. Sempre achei que a minha vida devia ser melhor antes de começares a passar períodos mais longos connosco. Pensava que estava a fazer o melhor por ti. É algo que os pais fazem muitas vezes, acho eu: convencemo-nos a nós próprios de que estamos a fazer tudo pelo bem dos nossos filhos. É demasiado penoso admitir que os filhos não param de crescer enquanto os pais andam ocupados com outras coisas...

Elsa encosta a testa à palma da mão dele e murmura:

– Não precisas de ser um pai perfeito, Papá. Mas tens de ser o meu pai. E não podes deixar a Mamã ser mais mãe do que tu és pai só porque ela é uma super-heroína.

O Papá encosta o nariz ao cabelo dela.

– Só não queríamos que fosses uma daquelas crianças que têm duas casas e se sentem como um hóspede em ambas.

– Onde é que foste buscar essa ideia? – troça Elsa.

– Eu também leio.

– Para duas pessoas tão inteligentes, tu e a Mamã conseguem ser extremamente pouco inteligentes, às vezes – comenta Elsa, com um sorriso. – Mas não te preocupes em como vai

ser quando eu estiver a viver contigo, Papá. Prometo que podemos fazer coisas bem aborrecidas!

O Papá acena e tenta não parecer perplexo quando Elsa o informa de que vão festejar o seu aniversário em casa dele, com Lisette, porque a Mamã, George e o Meinho ainda estão no hospital. E tenta não parecer stressado quando Elsa acrescenta que já telefonou para Lisette e combinou tudo. Mas parece muito mais calmo quando Elsa lhe comunica que pode fazer os cartões dos convites. Porque o Papá começa logo a pensar no tipo de letra adequado, e as fontes têm um efeito muito calmante sobre o Papá.

– Mas têm de estar prontos esta tarde! – avisa Elsa, e o Papá promete que estarão.

(Na verdade, acabarão por estar prontos em março. Mas essa é outra história.)

Antes de sair do carro, e como o Papá já parece mais hesitante e stressado do que o habitual, Elsa liga-lhe o rádio para ele poder ouvir a sua música horrorosa. Porém, não se ouve qualquer música, e Elsa demora umas duas ou três páginas a perceber o que é aquilo.

– É o último capítulo de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* – consegue por fim pronunciar.

– É um audiolivro – admite o Papá, embaraçado.

Elsa olha para o rádio. O Papá mantém as mãos no volante, concentrado. *Audi* está agora parado há já algum tempo.

– Quando eras pequenina, costumávamos ler juntos. Eu sabia sempre em que capítulo tu ias em cada livro. Mas agora lêes tão depressa que me é difícil manter a par. O Harry Potter é muito importante para ti e quero compreender tudo quanto considerares importante – esclarece, corado e de olhos baixos.

Elsa fica sentada em silêncio. O Papá pigarreia.

– Na verdade, é uma pena que estejas a dar-te tão bem com a Britt-Marie agora, porque, enquanto ouvia o livro, ocorreu-me que devia tê-la tratado por Aquela-Cujo-Nome-Não-Deve-Ser-Pronunciado numa oportunidade adequada. Tenho a sensação de que isso te faria rir...

De certa forma, é mesmo uma pena, pensa Elsa. Porque é a piada mais engraçada que o Papá alguma vez contou. Parece despertá-lo, pois, de repente, fica muito animado.

– Há um filme do Harry Potter, sabias? – pergunta, com um sorriso.

Elsa lança-lhe um olhar condescendente.

– Papá, gosto muito de ti. A sério. Mas deves viver debaixo de uma pedra.

– Já sabias? – admira-se o Papá.

– Toda a gente sabe, Papá.

– Não vejo muitos filmes – confessa o Papá. – Mas talvez pudéssemos ver este do Harry Potter qualquer dia, nós os dois? É muito grande?

– São sete livros, Papá. E oito filmes – informa Elsa, com cautela.

O Papá fica de novo com um ar muito, muito stressado.

Elsa abraça-o e sai de *Audi*. O sol reflete-se na neve.

Alf está do lado de fora da porta do prédio, a tentar não escorregar com os sapatos gastos, de pá de neve na mão. Elsa pensa na tradição da Terra-de-Quase-Acordar, de o aniversariante dar presentes no seu aniversário, e decide que, para o ano, oferecerá a Alf um par de sapatos. Este ano não, porque ele vai receber uma chave de parafusos elétrica.

A porta de Britt-Marie está aberta. Ela tem vestido o seu casaco florido. Elsa vê pelo espelho do vestíbulo que está a fazer a cama, no quarto. Há duas malas de viagem no chão, à entrada. Britt-Marie alisa uma última ruga na colcha, suspira, vira-se e sai do quarto.

Fita Elsa, que lhe devolve o olhar, mas nenhuma consegue falar, até que exclamam ambas ao mesmo tempo: «Tenho uma carta para ti!»

Elsa pergunta: «O quê?» e Britt-Marie questiona: «Desculpa?», mais uma vez em uníssono. É muito confuso.

– Tenho uma carta da Avozinha para si! Estava presa com fita adesiva no chão, por baixo do carrinho de bebé, à entrada das escadas!

– Estou a ver, estou a ver. Também tenho uma carta para ti. Estava no filtro da máquina de secar na lavandaria.

Elsa inclina a cabeça. Olha para as malas.

– Vai viajar?

Britt-Marie cruza as mãos sobre o estômago, nervosa. Parece prestes a sacudir qualquer coisa da manga do casaco de Elsa.

– Sim.

– Para onde?

– Não sei – admite Britt-Marie.

– O que foi fazer lá abaixo à lavandaria?

Britt-Marie franze os lábios.

– Não podia de forma alguma partir sem fazer as camas e limpar o filtro da máquina de secar, Elsa. Imagina que me acontecia alguma coisa? Não podia deixar que as pessoas pensassem que eu era uma bárbara qualquer!

Elsa sorri. Britt-Marie não sorri, embora Elsa tenha a sensação de que está a sorrir por dentro.

– Foi você que ensinou a bêbada a cantar aquela canção de embalar quando ela vinha aos gritos pelas escadas, não foi? Assim ela ficava calma e ia para a cama. A sua mãe era professora de canto. E não me parece que os bêbados saibam cantar canções daquelas.

Britt-Marie aperta ainda mais as mãos uma na outra. Esfrega a pele branca no sítio da aliança com gestos nervosos.

– O David e a Pernilla gostavam dessa canção quando eu a cantava para eles, quando eram pequenos. Claro que já não se lembram, mas gostavam mesmo muito.

– Você não é uma pessoa completamente merdosa, pois não, Britt-Marie? – comenta Elsa com um sorriso.

– Obrigada – responde Britt-Marie, hesitante, como se fosse uma pergunta com rasteira.

Depois trocam de cartas. No envelope da carta de Elsa pode ler-se «ELSA», e no envelope de Britt-Marie, «A BRUXA». Britt-Marie lê a dela em voz alta sem que Elsa lhe peça. É boa pessoa nessas coisas, Britt-Marie. A carta é bastante longa, claro. A Avozinha tem muito por que pedir desculpa, e poucas pessoas tiveram tantos motivos, ao longo dos anos, para merecer um pedido de desculpa mais do que Britt-Marie. Há um pedido de desculpa por causa do boneco de neve. Do cotão do cobertor no filtro da máquina de secar. Por aquela ocasião em que a Avozinha disparou a arma de *paintball* contra Britt-Marie porque acabara de a comprar e estava só a «testá-la» da varanda. Pelos vistos, acertara-lhe no traseiro, quando Britt-Marie estava com a sua melhor saia, e é impossível esconder uma mancha com um broche se essa mancha é no traseiro. Não é civilizado usar broches no traseiro. A Avozinha escreve que, agora, compreende isso.

Mas o maior pedido de desculpa está no final da carta. Quando Britt-Marie o lê, as palavras ficam-lhe presas na garganta e Elsa tem de se inclinar e ler o resto.

– «Desculpa nunca te ter dito que mereces muito melhor do que o Kent. Porque mereces. Apesar de seres uma bruxa velha!»

Britt-Marie dobra a carta com cuidado, pelos mesmos vincos, e olha para Elsa, tentando sorrir como um ser humano normal.

Elsa dá-lhe uma palmadinha no braço.

– A Avozinha sabia que você ia resolver as palavras-cruzadas nas escadas.

Britt-Marie vira e revira a carta, como se não soubesse o que fazer com ela.

– Como soubeste que tinha sido eu?

– Estavam feitas a lápis. A Avozinha costumava comentar que você é uma daquelas pessoas que deixam as camas todas feitas antes de ir de férias e que só conseguiria fazer umas palavras-cruzadas a caneta se bebesse dois copos de vinho primeiro. E eu nunca a vi beber vinho.

Aponta para o envelope na mão de Britt-Marie. Tem mais qualquer coisa lá dentro. Algo que tilinta. Britt-Marie abre o envelope e espreita com cuidado, como se receasse que a Avozinha em pessoa fosse saltar de lá com um berro.

Enfia a mão e tira as chaves do carro da Avozinha.

Elsa e Alf ajudam-na com as malas. *Renault* pega à primeira. Britt-Marie respira fundo, tão fundo como Elsa nunca viu ninguém respirar. Elsa enfia a cabeça na janela do lado do passageiro e grita por cima da barulheira do motor:

– Eu gosto de chupa-chupas e livros de banda desenhada!

Britt-Marie parece querer responder, mas deve ter algo entalado na garganta. Por isso Elsa sorri, encolhe os ombros e acrescenta:

– Só para o caso de ter alguns de sobra.

Britt-Marie limpa discretamente os olhos com a manga do casaco florido. Elsa fecha a

porta. Britt-Marie arranca. Não sabe para onde vai, mas vai ver o mundo e sentir o vento no cabelo. E fazer todas as palavras-cruzadas a caneta.

(Mas isso, como acontece com todos os contos de fadas, é outra história.)

Alf fica na garagem a olhar para a porta muito depois de Britt-Marie ter desaparecido. Passa o resto da noite e a manhã seguinte a limpar a neve da rua.

Elsa senta-se no roupeiro da Avozinha. Cheira à Avozinha. Toda a casa cheira à Avozinha. Há algo de muito especial na casa de uma avó. Mesmo que passem vinte ou trinta anos, nunca nos esquecemos do cheiro. O envelope com a última carta tem o mesmo cheiro da casa. Cheira a tabaco, a macaco, a café, a cerveja, a lírios, a produtos de limpeza, a cabedal, a borracha, a sabão, a álcool, a barras de proteínas, a menta, a vinho, a pneus, a serradura, a pó, a bolos de canela, a fumo, a pão de ló instantâneo, a loja de roupa, a cera de vela, a *O'boy*, a panos da loiça, a sonhos, a abeto, a piza, a vinho quente, a batatas, a suspiros, a perfume, a bolo de amendoim, a vidro e a bebé. Cheira à Avozinha. Cheira ao melhor de uma pessoa que era louca, da melhor forma possível.

O nome de Elsa está escrito em letras quase bem desenhadas no envelope; é evidente que a Avozinha se esforçou para soletrar todas as palavras como deve ser. Sem grande sucesso.

As primeiras palavras são: «Desculpa ter de morrer».

É nesse dia que Elsa perdoa a avó por ter morrido.

Epílogo

Para a minha Cavaleira Elsa,

Desculpa ter de morrer. Desculpa ter morrido. Desculpa ter envelhecido.

Desculpa ter-te deixado e desculpa por este maldito cancro. Desculpa ter sido, às vezes, mais merdoza do que não-merdoza.

Amo-te mais do que 10 000 eternidades de contos de fadas. Conta as histórias todas ao Meinho! E protege o castelo! Protege os teus amigos porque eles também te protegerão. O castelo agora é teu. Não há ninguém mais coragoso, mais sábio e mais forte do que tu. És a melhor de todos nós. Creche e continua a ser diferente e não deixes que ninguém te diga para não seres diferente, porque todos os super-heróis são diferentes. E se te chatearem muito, dá-lhes um pontapé na caicha dos fusíveis! Vive e ri e sonha e tras novos contos de fadas para Miamas. Eu espero por ti lá. Talvez o avô também lá esteja – macacos me mordam se sei. Mas, seja como for, será uma grande aventura.

Desculpa por ser louca.

Amo-te.

Raios, amo-te tanto.

* * *

A ortografia da Avozinha era realmente atroz.

Os epílogos nos contos de fadas também são difíceis, ainda mais do que os finais. Porque, embora não seja forçoso darem as respostas todas, podem ser um bocadinho insatisfatórios se levantarem ainda mais questões. É que depois de a história acabar, a vida pode ser ao mesmo tempo muito simples e muito complicada.

Elsa festeja o seu oitavo aniversário com o Papá e Lisette. O Papá bebe três copos de vinho quente com especiarias e faz a «dança do abeto». Lisette e Elsa veem *A Guerra das Estrelas*. Lisette sabe os diálogos todos de cor. O menino da síndrome e a mãe também lá estão, e riem-se muito, porque é assim que se derrota os medos. Maud faz bolachas, Alf está rabugento e Lennart oferece ao Papá e a Lisette uma máquina de café nova, das boas. Lennart reparou que a máquina de Lisette e do papá tem muitos botões e a de Lennart é melhor porque só tem um botão. O Papá parece apreciar esta observação.

As coisas estão a melhorar. Vai correr tudo bem.

Harry é batizado numa pequena capela, no cemitério onde estão sepultados a Avozinha e o wurse. A Mamã insiste em que as janelas estejam todas abertas, apesar de nevar lá fora, para toda a gente poder ver.

– E qual será o nome do menino? – pergunta o vigário, que é também contabilista e médico e (veio a saber-se, entretanto) faz uns biscates como bibliotecário.

– Harry – anuncia a Mamã, com um sorriso.

O vigário acena e pisca o olho a Elsa.

– E a criança tem padrinhos?

Elsa solta uma fungadela desdenhosa.

– Não precisa de padrinhos! Tem uma irmã mais velha!

Sabe que as pessoas no mundo real não compreendem essas coisas. Mas, em Miamas, um recém-nascido não tem padrinhos; em vez disso, os recém-nascidos têm um Riso. A seguir aos pais, e à avó, e a algumas outras pessoas que a avozinha de Elsa, quando lhe contara esta história, não parecera considerar muito importantes, o Riso é a pessoa mais importante na vida de uma criança em Miamas. E o Riso não é escolhido pelos pais, porque é demasiado importante para isso. É a criança que faz a escolha. Assim, quando uma criança nasce em Miamas, todos os amigos da família se aproximam do berço e contam histórias, fazem caretas, cantam, dançam e contam anedotas, e o primeiro a fazer rir a criança passa a ser o seu Riso. O Riso é o responsável direto por fazer com que a criança se ria o mais alto que conseguir, no máximo de situações possível, em especial naquelas que deixam os pais envergonhados.

Claro que Elsa sabe muito bem que toda a gente lhe dirá que Harry é pequeno de mais para compreender o que significa ter uma irmã mais velha. Mas, quando baixa os olhos para o bebé nos seus braços, ambos sabem muito bem que é a primeira vez que ele ri.

Voltam para o prédio, onde as pessoas continuam a viver as suas vidas. Semana sim, semana não, Alf pega em *Táxi* e leva Maud e Lennart a um grande edifício onde se sentam numa salinha e esperam durante muito tempo. E quando Sam entra por uma pequena porta, acompanhado por dois guardas corpulentos, Lennart apresenta-lhe a garrafa-termo de café e Maud, uma lata de bolachas. Porque as bolachas são a coisa mais importante.

Provavelmente, muitas pessoas acham que Maud e Lennart não deviam fazê-lo, e que pessoas como Sam nem deviam poder continuar a viver, quanto mais comer bolachas. Essas pessoas se calhar têm razão. E se calhar também estão erradas. Contudo, Maud responde que é em primeiro lugar uma avó, em segundo lugar uma sogra e em terceiro lugar uma mãe, e é isso que as avós, sogras e mães fazem. Lutam pelo bem. Lennart bebe café e concorda. Maud prepara bolachas e sonhos, porque quando as trevas são demasiado pesadas para suportar, e demasiadas coisas se avariaram de tantas formas que nunca poderão ser reparadas, ela não sabe que outra arma poderá usar além dos sonhos.

Por isso, é o que faz. Um dia de cada vez. Um sonho de cada vez. E pode dizer-se que está certo ou que está errado. E é provável que ambas as coisas estejam certas. Porque a vida é, ao mesmo tempo, simples e complicada.

E é por isso que temos as bolachas.

Coração-de-Lobo regressa ao prédio na véspera de Ano Novo. A polícia decidiu que agiu em legítima defesa, apesar de toda a gente saber que não era a si próprio que estava a proteger. Possivelmente, isso também pode estar certo ou errado.

Ele volta para o seu apartamento. A mulher das calças de ganga continua no seu. Ambos fazem o que podem: tentam aprender a viver consigo próprios, viver e não apenas existir. Vão a reuniões terapêuticas. Contam as suas histórias. Ninguém sabe se é assim que vão consertar tudo o que está partido dentro deles, mas pelo menos é um passo em direção a algo. Ajuda-os a respirar. Todos os domingos, jantam com Elsa, com Harry, com a Mamã e George. Eles e todos os outros moradores do prédio. Às vezes, Olhos Verdes também vem. É uma contadora de histórias muitíssimo boa. E o menino da síndrome, que continua sem falar, ensina-os a dançar maravilhosamente bem.

Certa manhã, Alf acorda com sede. Levanta-se, bebe café e prepara-se para regressar à cama quando ouve bater à porta. Abre, enquanto bebe um trago de café. Olha para o irmão durante muito tempo. Kent, apoiado numa muleta, olha também para ele.

– Tenho sido um idiota de merda – murmura.

– Sim – responde Alf no mesmo tom.

Kent aperta a muleta com mais força.

– A empresa abriu falência há mais de seis meses.

Ficam ali parados, num silêncio rabugento, com toda uma vida de conflito entre eles. Como é costume acontecer com os irmãos.

– Queres café ou quê? – resmunga Alf.

– Se estiver feito – resmunga Kent.

Bebem café. Como os irmãos fazem. Sentam-se na cozinha de Alf e comparam postais de Britt-Marie. Porque ela escreve a ambos todas as semanas. Como fazem as mulheres como Britt-Marie.

Ainda têm uma reunião de moradores todos os meses, na sala do rés do chão. Discutem todos, como sempre. Porque é um prédio normal. De uma maneira geral. E nem a Avozinha nem Elsa quereriam que fosse de outra maneira.

As férias de Natal chegam ao fim e Elsa regressa à escola. Ata muito bem os atacadores dos ténis e aperta as alças da mochila, como as crianças como Elsa fazem depois das férias de Natal. Mas esse acaba por ser o primeiro dia de aulas de Alex na turma de Elsa, e ela também é diferente. Tornam-se logo melhores amigas, como só pode acontecer quando temos oito anos acabados de fazer, e nunca mais temos de fugir. Quando são chamadas ao gabinete do diretor pela primeira vez nesse período, Elsa tem um olho negro e Alex, arranhões na cara. Quando o diretor suspira e diz à mãe de Alex que ela tem de «tentar integrar-se», a mãe de Alex tenta atirar-lhe com o globo. Porém, a mãe de Elsa chega primeiro.

Elsa sempre a amará por isso.

Passam alguns dias. Talvez semanas. Mas, depois disso, uma a uma, outras crianças diferentes começam a aproximar-se de Alex e Elsa no recreio e nos corredores. Até serem tantas que já ninguém se atreve a persegui-las. Até serem um exército. Porque, se um número suficiente de pessoas for diferente, ninguém precisa de ser normal.

No outono, o menino da síndrome começa as aulas no primeiro ano. Quando há um baile de máscaras, aparece vestido de princesa. Um grupo de rapazes mais velhos riem-se e troçam dele até o fazerem chorar. Elsa e Alex veem e levam-no para o parque de estacionamento, e Elsa telefona ao pai, que aparece com um saco.

Quando voltam a entrar, Elsa e Alex estão também vestidas de princesas. Princesas Homem-Aranha.

A partir daí, tornam-se as super-heroínas do menino.

Porque todas as crianças de sete anos merecem ter super-heróis.

E quem não concordar precisa de um exame à cabeça.

Agradecimentos

Neda. Ainda é tudo para te fazer rir. Nunca o esqueças. (Peço desculpa pelas toalhas molhadas no chão da casa de banho.) *Asheghetam*.

A minha avó materna, que não é minimamente doida, mas que sempre fez as melhores bolachas que uma criança de sete anos poderia desejar.

A minha avó paterna. Que sempre acreditou em mim, acima de tudo.

A minha irmã. Que é forte como um leão.

A minha mãe. Que me ensinou a ler.

Astrid Lindgren. Que me ensinou a adorar ler.

Todos os bibliotecários da minha infância. Que viram um menino com medo de alturas e lhe emprestaram asas.

Obrigada ainda a:

O meu Obi-Wan, Niklas Natt och Dag. O meu editor, John Häggblom.

O meu agente, Jonas Axelsson. A força de ataque da língua, Vanja Vinter. Fredrik Söderlund (por me emprestar o Agoreen).

Johan Zillén (que percebeu antes de toda a gente). Kersti Forsberg (por, em tempos, ter dado uma oportunidade a um miúdo). Nils Olsson (por duas capas fantásticas). Todos os que estiveram envolvidos neste livro e em *Um Homem Chamado Ove* em Forum, Månpocket, Bonnier Audio, Bonnier Agency, Tre Vänner e Partners in Stories. Um agradecimento extra, adiantado, aos *besserwissers* linguísticos que, sem qualquer dúvida, localizarão as falhas gramaticais nos nomes dos seis reinos (um «dá cá mais cinco» tenso).

Acima de tudo, obrigada aos leitores. Sem o seu julgamento altamente duvidoso, muito provavelmente eu teria acabado por arranjar um emprego a sério.